

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

LUIZA ZANOTTI MORO

**O RADIOJORNALISMO NO INTERIOR DO PARANÁ: AS LÓGICAS DE
PRODUÇÃO DA NOTÍCIA NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA**

PONTA GROSSA

2024

LUIZA ZANOTTI MORO

**O RADIOJORNALISMO NO INTERIOR DO PARANÁ: AS LÓGICAS DE
PRODUÇÃO DA NOTÍCIA NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa como parte dos requisitos exigidos para a obtenção título de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Engel Bronosky

PONTA GROSSA

2024

M866 Moro, Luiza Zanotti
O radiojornalismo no interior do Paraná: as lógicas de produção da notícia na Rádio CBN Ponta Grossa / Luiza Zanotti Moro. Ponta Grossa, 2024.
288 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Engel Bronosky.

1. Radiojornalismo. 2. All news. 3. Rádio CBN Ponta Grossa. 4. Produção noticiosa. I. Bronosky, Marcelo Engel. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

CDD: 070.4

LUIZA ZANOTTI MORO

“O RADIOJORNALISMO NO INTERIOR DO PARANÁ: AS LÓGICAS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA”

Dissertação entregue como requisito final para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós- Graduação em Jornalismo de Ponta Grossa, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 15 de maio de 2024.

Documento assinado digitalmente
 MARCELO ENGEL BRONOSKY
Data: 20/05/2024 14:48:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Engel Bronosky
Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Documento assinado digitalmente
 RAFAEL SCHOENHERR
Data: 20/05/2024 15:10:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Schoenherr
Doutor em Geografia (UEPG)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Documento assinado digitalmente
 LUCIANO VICTOR BARROS MALULY
Data: 21/05/2024 13:21:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
Doutor em Ciências da Comunicação (USP)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, **LUIZA ZANOTTI MORO**, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado “**O RADIOJORNALISMO NO INTERIOR DO PARANÁ: AS LÓGICAS DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA**”, e atesto que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas, com a devida indicação da fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcritos literalmente), ou somente indicados autor e data (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 15 de maio de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **LUIZA ZANOTTI MORO**
Data: 15/05/2024 10:38:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luiza Zanotti Moro
R.A 3100122008018

Dedico à minha irmã, Laura.

AGRADECIMENTOS

Há dois anos iniciei uma vida nova. Mudei para Ponta Grossa com um objetivo, defender um trabalho de dissertação. O que eu não sabia é que nesse meio tempo eu conheceria tantas pessoas incríveis que passaram a ocupar um lugar especial no meu coração. Além de, é claro, as pessoas que sempre estiveram comigo desde quando o mestrado não passava de um sonho. Os agradecimentos que aqui escrevo não podem expressar toda a minha gratidão a elas, mesmo assim, espero que recebam minhas palavras escritas com carinho.

Primeiramente, agradeço a Deus que me permitiu passar por todo o processo, guiou-me em cada passo até aqui e me levantou em cada tropeço, em cada dificuldade.

Agradeço à minha família por todo apoio, paciência e amor, que mesmo longe, sempre estiveram comigo. À minha mãe, Rosana, que sempre acreditou em mim, meu espelho, minha referência de mulher. À minha irmã, Laura, quem me faz querer ser melhor a cada dia. Ao meu pai, Gilberto, que fez o que pôde e o que não pôde para eu poder seguir meu caminho. À minha amiga de infância, Luana, que posso chamar de irmã. Obrigada por me ouvir sempre que precisei. Amo vocês.

Agradeço ao Lui e à Ika que foram fundamentais para a minha mudança, pela amizade e pelas caronas a Ponta Grossa. Agradeço à Mari por todo apoio emocional nesse processo.

Agradeço aos amigos que fiz na cidade. Petronilio, meu amigo que vou levar para a vida. Por sua causa o ano que passamos juntos foi mais leve e alegre. Obrigada por todos os momentos, cada passeio, cada almoço, cada conversa. Carina, a amizade que foi sendo fortalecida com o passar do tempo. Obrigada por compartilhar comigo tudo o que só nós duas sabemos. Catharina, minha irmã mais nova do mestrado, obrigada por todo carinho e por todos os abraços. Gabriela, obrigada pelas conversas, pelos almoços e passeios.

Agradeço ao Murilo, meu amigo e parceiro de treino. Obrigada por todas as conversas, pela companhia e compreensão nos meus melhores e piores momentos. Você fez esse tempo em Ponta Grossa ser muito melhor.

Agradeço ao Panda, por todos os ensinamentos de Muay Thai. Obrigada por me ajudar nos momentos em que precisei de escape. Todos os treinos foram fundamentais para que eu conseguisse melhorar meu controle emocional e criar coragem para enfrentar os desafios da vida, dentro e fora do mestrado.

Minha eterna gratidão à Jô, a nossa mãe do mestrado. Minha conselheira, amiga, a dona do melhor abraço. Obrigada por todo apoio, puxão de orelha e incentivo. Obrigada por fazer a sala do mestrado nossa segunda casa, com tanto amor e chacinha. Vou levar você no meu

coração para onde eu for.

Agradeço aos colegas do mestrado, aos bolsistas. Obrigada por todas as conversas e pelo companheirismo no cumprimento das tarefas.

Agradeço ao Bruno, por ter aberto a porta para que eu conseguisse acessar a Rádio CBN Ponta Grossa. Obrigada pela amizade, pela confiança e por todas as conversas que tivemos.

Agradeço à equipe da Rádio CBN Ponta Grossa. Obrigada a cada um que colaborou e fez parte deste trabalho.

Agradeço à banca que aceitou avaliar esta dissertação. Agradeço ao prof. Dr. Sérgio Gadini que fez parte da banca de qualificação, obrigada por todas as indicações. Obrigada prof. Dr. Luciano Maluly e prof. Dr. Rafael Schoenherr pelo tempo disponibilizado e por todos os ensinamentos. Gratidão por todo o conhecimento passado.

Agradeço especialmente ao prof. Dr. Marcelo Bronosky. Obrigada pela orientação nesses dois anos de mestrado, você ficará marcado para sempre em uma das etapas mais importantes da minha vida. Agradeço por tudo que me ensinou, por todas as aulas e correções. Obrigada pela paciência e compreensão nos momentos de crise. Sem você nada disso seria possível. Qualquer crescimento que eu possa ter tido nesse período devo a você. Minha eterna gratidão, Marcelo.

Agradeço à coordenadora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UEPG, prof. ^a Dr. ^a Cintia Xavier, por todo apoio ao longo dos dois anos de mestrado.

Agradeço a todos os professores do PPGJor. Obrigada por toda a dedicação ao mestrado, admiro todos vocês.

Agradeço à Universidade Estadual de Ponta Grossa pela possibilidade de entrada e permanência em um programa de qualidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Demanda Social.

A todos que participaram direta ou indiretamente deste trabalho, obrigada!

Descobrir um novo lugar é de início perder-se nele.

(Agier)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo compreender de que maneira a produção noticiosa na Rádio CBN Ponta Grossa se realiza e, dessa forma, contribuir com a compreensão da notícia em contexto regional. A pesquisa mobiliza teorias que auxiliam no percurso de fundamentação e construção metodológica, a partir de autores que investigam o radiojornalismo e suas interfaces, bem como fornecem insumos para entender as condições de trabalho atravessadas pelas novas tecnologias. A escolha do objeto empírico se deu pelo modelo *all news* do veículo e pela filiação em uma rede nacional, o que levou à problemática desta pesquisa, que envolve o tensionamento entre a produção noticiosa local e a cabeça de rede. A coleta de dados se deu pela observação orientada pela abordagem etnográfica na Rádio CBN Ponta Grossa e pela entrevista com os profissionais. O conjunto metodológico adotado permitiu acessar o ambiente de produção da notícia, identificar as ações que se repetem, ou seja, o que é rotina e as que são descontinuadas, eventuais. O interesse é significar a notícia da rádio, considerando a atuação dos jornalistas e o tensionamento com a matriz. As entrevistas auxiliaram no processo de confrontar ou esclarecer a observação. Como resultados, identificou-se que a produção noticiosa, dada a estrutura radiofônica relativamente precária, é realizada dentro do estúdio por intermédio dos dispositivos tecnológicos e dependente de assessorias de comunicação. A notícia, apesar da tentativa de aproximação com o local, acaba sendo distanciada, afastando-se da própria natureza do rádio, visto a falta de produção própria e a excessiva utilização de matérias externas. Subordinada à cabeça de rede, ao encontro da objetividade, a notícia na Rádio CBN Ponta Grossa, é veiculada, sobretudo, de forma a preencher a grade de programação, o que gera distanciamento do interesse público do município.

Palavras-chave: Radiojornalismo; *all news*; Rádio CBN Ponta Grossa; produção noticiosa.

ABSTRACT

This work aims to understand how news production is carried out at Radio CBN Ponta Grossa and, in this way, contribute to the understanding of news in a regional context. The research mobilizes theories that help in the path of methodological foundation and construction, from authors who investigate radio journalism and its interfaces, as well as providing input to understand the working conditions affected by new technologies. The choice of the empirical object was based on the model of all news from the vehicle and membership in a national network, which led to the problem of this research, which involves the tension between local news production and the network head. Data collection took place through observation guided by the ethnographic approach at Radio CBN Ponta Grossa and through interviews with professionals. The approved methodological set allowed access to the news production environment, identifying the actions that are repeated, that is, what is routine and those that are eventually discontinued. The interest is to signify the news on the radio, considering the role of journalists and the tension with the headquarters. The interviews helped in the confrontation process or clarified the observation. As a result, it is agreed that news production, given the relatively precarious radio structure, is carried out within the studio using technological devices and dependent on communication consultancy. The news, despite the attempt to get closer to the place, ends up being distanced, moving away from the very nature of radio, given the lack of its own production and the excessive use of external materials. Subordinated to the head of the network, in line with objectivity, the news on Radio CBN Ponta Grossa is broadcast, above all, to fulfill the level of programming, which creates distance from the public interest of the municipality.

Keywords: Radio journalism; all news; Radio CBN Ponta Grossa; news production.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa dos Estados brasileiros com emissoras próprias, afiliadas e sem emissoras da CBN.....	52
Figura 2 – Linha do tempo do surgimento das rádios em Ponta Grossa.....	58
Figura 3 – Representação da Rádio CBN Ponta Grossa vista de cima.....	107
Figura 4 – Organograma funcional da Rádio CBN Ponta Grossa.....	120
Figura 5 - Representação da sala de estúdio da Rádio CBN Ponta Grossa.....	154
Figura 6 – Disposição de lugares utilizados na sala de estúdio da Rádio CBN Ponta Grossa.....	198

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Painel onde ocorre enquadro de vídeo da sala de estúdio da Rádio CBN Ponta Grossa.....	151
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisas relacionadas ao impacto das TICs no radiojornalismo do interior.....	38
Quadro 2 – Estados brasileiros que possuem emissoras próprias e afiliadas da CBN.....	52
Quadro 3 - Rádios de Ponta Grossa ou que possuem alcance no município.....	59
Quadro 4 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Clube Pontagrossense (2023).....	60
Quadro 5 - Grade de programação de 2006 da Rádio Clube de Ponta Grossa.....	61
Quadro 6 – Programação da Rádio Central do Paraná em 2006.....	62
Quadro 7 – Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Massa de Ponta Grossa (2023).....	63
Quadro 8 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Mundi de Ponta Grossa (2023).....	64
Quadro 9 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Lagoa Dourada e Rádio T de Ponta Grossa (2023).....	65
Quadro 10 - Programação da Rádio CBN de Ponta Grossa em 2006.....	67
Quadro 11 - Conteúdos informativos e noticiosos da Princesa de Ponta Grossa (2023).....	68
Quadro 12 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Jovem Pan de Ponta Grossa (2023).....	69
Quadro 13 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Mix FM de Ponta Grossa (2023).....	69
Quadro 14- Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Antena Sul de Ponta Grossa (2023).....	70
Quadro 15 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Cescage de Ponta Grossa (2023).....	71
Quadro 16 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio CBN de Ponta Grossa (2023).....	76
Quadro 17 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio CBN de Ponta Grossa e CBN matriz (2023).....	77
Quadro 18 – Pesquisas que utilizam a etnografia em estudos de jornalismo.....	83
Quadro 19 – Pesquisas que utilizam a etnografia em estudos de jornalismo radiofônico.....	85
Quadro 20 – Programação matutina e vespertina local e obrigatória de segunda a sábado na Rádio CBN Ponta Grossa.....	100
Quadro 21 – Informações referentes aos profissionais da Rádio CBN de Ponta Grossa no período de observação.....	116

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM – Amplitude Modulada

AMCG – Associação dos Municípios dos Campos Gerais

CEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CBN – Central Brasileira de Notícias

COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

FM – Frequência Modulada

INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

RAF – Rede de Alto-falantes

SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPI – Universidade Federal do Piauí

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFT – Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 AS TRANSFORMAÇÕES NO AMBIENTE DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA NO RÁDIO E NO JORNALISTA ATRAVESSADAS PELAS NOVAS TECNOLOGIAS...21	
2.1 A NOTÍCIA NO RÁDIO E AS NOVAS FUNÇÕES DO JORNALISTA.....	23
2.2 A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA NO RÁDIO: A REFORMULAÇÃO DA LÓGICA ORGANIZACIONAL RADIOFÔNICA MOTIVADA PELA MEDIATIZAÇÃO.....	28
2.3 IMPACTOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO RADIOJORNALISMO DE INTERIOR NO ÂMBITO DAS PESQUISAS EM JORNALISMO NO BRASIL.....	32
2.4 MAPEAMENTO DOS TCCs DO CURSO DE JORNALISMO DA UEPG QUE MANEJAM O RÁDIO COMO OBJETO DE ESTUDO.....	45
3 O MODELO <i>ALL NEWS</i> E O PERCURSO DO RÁDIO EM PONTA GROSSA.....	51
3.1 A CENTRAL BRASILEIRA DE NOTÍCIAS E O FORMATO <i>ALL NEWS</i>	51
3.2 DESDE O AM: UM MAPEAMENTO DAS RÁDIOS EXTINTAS E ATIVAS EM PONTA GROSSA.....	56
3.3 DAS RÁDIOS.....	71
4 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E A ENTREVISTA COMO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	79
4.1 VISITA ÀS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS NO JORNALISMO BRASILEIRO: INSUMOS METODOLÓGICOS.....	80
4.2 A PESQUISA DE CAMPO E A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA.....	87
4.3 A ENTREVISTA NA PESQUISA CIENTÍFICA E A ENTREVISTA COM JORNALISTA.....	91
4.3.1 As entrevistas com os profissionais	94
5 O PROCESSO DE OBSERVAÇÃO NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA.....	97
5.1 O PERCURSO METODOLÓGICO: RELATÓRIO ANALÍTICO.....	97
5.2 ACESSANDO A RÁDIO CBN PONTA GROSSA.....	99
5.3 A PESQUISA EM CAMPO: INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O OBJETO.....	101
5.3.1 O contato inicial: primeiras impressões.....	102
5.3.2 A localização, a topografia da rádio e os dispositivos técnicos tecnológicos.....	102
5.3.3 A produção local.....	107
5.3.4 Desvio do padrão: cobertura externa.....	111
5.3.5 A relação entre a equipe.....	113

5.3.6 A relação da Rádio CBN Ponta Grossa com a cabeça de rede.....	118
5.3.7 A relação da Rádio CBN Ponta Grossa com as rádios da região.....	119
5.3.8 O tempo e o espaço da produção jornalística da Rádio CBN Ponta Grossa.....	120
5.4 A NOTÍCIA NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA.....	123
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICE A – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO TESTE DO DIA 17 DE AGOSTO DE 2023.....	147
APÊNDICE B – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO TESTE DO DIA 18 DE AGOSTO DE 2023.....	158
APÊNDICE C – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO TESTE DO DIA 19 DE AGOSTO DE 2023.....	168
APÊNDICE D – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 18 DE SETEMBRO DE 2023.....	173
APÊNDICE E – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 19 DE SETEMBRO DE 2023.....	186
APÊNDICE F – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 20 DE SETEMBRO DE 2023.....	190
APÊNDICE G – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 21 DE SETEMBRO DE 2023.....	197
APÊNDICE H – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 22 DE SETEMBRO DE 2023.....	203
APÊNDICE I – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 23 DE SETEMBRO DE 2023.....	210
APÊNDICE J – ENTREVISTA COM O DIRETOR DE JORNALISMO.....	213
APÊNDICE K - ENTREVISTA COM O REPÓRTER.....	220
APÊNDICE L – ENTREVISTA COM O COMENTARISTA ESPORTIVO.....	249
APÊNDICE M – ENTREVISTA COM O JORNALISTA-ENTREVISTADOR.....	255

APÊNDICE N – ENTREVISTA COM O TÉCNICO 1.....267

APÊNDICE O – ENTREVISTA COM O TÉCNICO 2.....282

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou compreender os modos de produção da notícia na Rádio CBN Ponta Grossa de maneira a identificar como é a notícia no contexto local diante do ordenamento da cabeça de rede.

O modelo de rádio *all news* foi implementado no Brasil pelo Grupo Globo com a Central Brasileira de Notícias no ano de 1991 (Tavares, 2006) e se espalhou pelo território nacional. Em Ponta Grossa, a Rádio CBN surgiu em 2001 com características particulares em relação às demais rádios do município. Inserida em um contexto radiofônico de concorrência com predominância na veiculação de entretenimento, mesclando com conteúdos musicais (Gadini, Adam e Sansana, 2021).

Como veremos, o rádio tem forte presença local (Comassetto, 2004) e a proximidade com os consumidores como característica de sua natureza. A Rádio CBN Ponta Grossa, por sua vez, articula o conteúdo local e nacional para atender uma demanda em rede, valorizando a notícia objetiva, o que tensiona as expectativas de consumo. Sendo assim, este trabalho se justifica pelo interesse em compreender as dinâmicas da produção noticiosa num contexto hegemônico por conteúdos de entretenimento.

As alterações provocadas pelas chamadas novas tecnologias, contribuíram para a complexificação do *modus operandi* do jornalismo (Lopez, 2010). Logo, os dispositivos tecnológicos no fazer noticioso no rádio e, portanto, na Rádio CBN Ponta Grossa participaram do processo de produção, contribuindo na definição da noticiabilidade. Modificações essas que colaboraram na reconfiguração do trabalho dos jornalistas e na adequação quanto à produção e circulação das notícias.

A Rádio CBN Ponta Grossa é a única emissora dedicada exclusivamente à notícia na cidade. Sua condição de afiliada ao Grupo Globo, exige especial atenção ao jornalismo e, neste sentido, ampara-se na oferta deste produto. Nesse contexto, a problemática se apresenta diante do tensionamento que ocorre entre a produção noticiosa local da Rádio CBN Ponta Grossa frente à grade nacional e apoia-se na seguinte questão: como o jornalismo da emissora realiza/desenvolve/aplica sua natureza noticiosa?

Parte-se da hipótese de que a filial Rádio CBN Ponta Grossa atende às normas padronizadas e princípios editoriais da CBN matriz sem deixar de desenvolver o produto noticioso com base nas demandas do município em que está instalada.

Paralela à necessidade de estudar a rotina jornalística da Rádio CBN Ponta Grossa, considerando as particularidades relacionadas à emissora, à linha editorial, aos profissionais e

à regionalidade, a atenção às alterações ocorridas no radiojornalismo e aos aspectos da CBN matriz foi relevante para situar a inserção do jornalismo no contexto radiofônico *all news*.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho visou compreender a produção noticiosa da Rádio CBN Ponta Grossa num contexto de desenfreada oferta e paulatino desinteresse de consumo informativo.

E os objetivos específicos buscaram: a) indicar os critérios editoriais do padrão CBN e contrastar com os modos de produção da notícia da Rádio CBN Ponta Grossa; b) mapear o objeto da pesquisa quanto às características e categorizar os aspectos a serem observados; e c) identificar as relações da Rádio CBN Ponta Grossa com as afiliadas da região e com a cabeça de rede.

Com a finalidade de cumprir com os objetivos à luz da problemática desta pesquisa, a inserção em campo foi necessária, bem como a realização de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas após a observação.

O ponto de partida foi a compreensão da abordagem etnográfica com base na bibliografia principalmente de Malinowski (1956), um dos principais autores do campo. Além disso, a partir de preceitos teóricos e práticos observados em pesquisas anteriores, notou-se a possibilidade de compreensão sobre o fenômeno jornalístico realizado e a relação com a cultura jornalística. Essa relação permitiu identificar os motivos pelos quais o produto noticioso é efetuado, bem como as formas e formatos pelo qual é transmitido e consumido, o que participa na compreensão dos consumidores.

Esta dissertação é composta por seis capítulos, tendo início na introdução. O segundo capítulo consiste em entender a lógica organizacional radiofônica, a produção jornalística nas rádios, as funções do jornalista e a noticiabilidade no rádio, tendo em vista a atual conjuntura tecnológica. Baseado em autores como Ferraretto (2014), Avrella (2014) e Traquina (2020), o Capítulo 2 buscou expor as mudanças nos setores citados que ocorreram principalmente por causa do progresso tecnológico. Além disso, problematizou a produção jornalística no contexto da midiaticização. No subcapítulo final, verificou-se de que maneira o campo acadêmico trata as pesquisas relacionadas ao radiojornalismo de interior no Brasil e às mídias radiofônicas na cidade de Ponta Grossa. Tais mapeamentos contribuíram para reconhecer o lugar do rádio em Ponta Grossa e estabeleceram indicadores sobre as alterações sofridas pelo meio no município ao longo dos anos.

No Capítulo 3, realizou-se uma apresentação de caráter histórico sobre a Central Brasileira de Notícias para conhecimento da consolidação do modelo *all news* no Brasil, e uma representação quantitativa referente às emissoras próprias e a afiliadas, o que demonstra a força

do veículo na Região Sul do país. Na sequência, os subcapítulos aprofundaram aspectos acerca das rádios presentes e as que foram extintas de Ponta Grossa ou que possuem antena na cidade. Ademais, expôs-se dados a respeito dos conteúdos informativos veiculados pelas rádios, sendo assim possível investigar o espaço do jornalismo na cidade. O capítulo encerrou com a caracterização histórica da Rádio CBN Ponta Grossa, a qual fundamenta o objeto da pesquisa e contrasta a grade de programação local com a cabeça de rede, a fim de apontar o espaço utilizado por elas.

O Capítulo 4 abordou os procedimentos metodológicos da pesquisa. Um conjunto definido pelas demandas do trabalho, substancial para o cumprimento dos objetivos específicos e geral. Síncrono, revelou-se as vertentes teórico-metodológicas que culminam para o embasamento, corporificação e aplicação no desenvolvimento da pesquisa, na coleta e análise dos dados. A bibliografia permitiu assimilar conceitos, cotejá-los ao fenômeno Rádio CBN Ponta Grossa e apreender a conduzir as relações com os envolvidos – atores, suportes e lugares, a relação entre as ferramentas metodológicas, as tensões e como elas se complementaram com o propósito de conduzir aos resultados da dissertação.

Ademais, realizou-se um levantamento relativo às pesquisas etnográficas brasileiras publicadas em eventos de comunicação, com o intuito de descobrir colaborações e restrições da etnografia em estudos voltados para o jornalismo radiofônico. Posterior a isso, indicou-se noções sobre a entrevista em pesquisa científica e entrevistas com jornalistas. Para situar o modelo de entrevista utilizado e os motivos que levaram a escolha, realizou-se a aproximação da técnica de coleta de dados com o objeto da pesquisa. O subcapítulo final apresentou informações relativas às entrevistas realizadas com os profissionais e encaminhou para o próximo capítulo que aborda o desenvolvimento da observação e das entrevistas.

O Capítulo 5 recuperou o percurso metodológico desde os movimentos que antecederam a entrada em campo, até os percalços durante o processo observacional. Tratou da execução da abordagem etnográfica na Rádio CBN Ponta Grossa e das entrevistas realizadas depois da observação. Apresentou informações concernentes ao objeto, identificadas em razão da presença da pesquisadora no local. Os elementos apontados integraram desde o âmbito físico e estrutural até o comportamento dos profissionais. A rotina de produção da notícia na Rádio CBN Ponta Grossa foi o principal interesse desta observação. Contudo, os atravessamentos colaboraram para uma coleta qualitativa rica e concreta mediante ao problema de pesquisa e aos objetivos. As entrevistas buscaram complementar e confrontar a ida em campo com a intenção de demonstrar e inferir a visão dos profissionais sobre o trabalho e sobre atividades e situações vistas durante o processo de observação. O capítulo finalizou com a triangulação e

análise dos dados.

Como resultados, identificou-se que a produção noticiosa da Rádio CBN Ponta Grossa é realizada por intermédio de dispositivos tecnológicos e aplicativos de comunicação como *WhatsApp* e *e-mail*. A estrutura da rádio é relativamente precária e os profissionais não possuem a cultura de produzir conteúdo próprio, o que torna a notícia dependente de assessorias, com a repetição de notícias e a atualização constante de informações de tempo e temperatura.

As notícias referentes à segurança são produzidas em formato de reportagem com a participação de fontes autorizadas, à medida em que as ocorrências são acentuadas e recorrentes. Além disso, pressionada pelo padrão CBN, a aproximação da objetividade nas notícias veiculadas na rádio gera distanciamento com o público local. Por outro lado, os programas esportivos e de entrevista, pela presença de temas locais e a forma de condução comentada e editorializada, possibilita a aproximação com o perfil local.

A título de considerações finais, o trabalho retomou os principais tópicos dos capítulos, os objetivos, a hipótese e o problema de pesquisa e se estes foram cumpridos. O avanço nas pesquisas em jornalismo fornece insumos que auxiliam na legitimação da teoria e contribuem para a prática jornalística, para o fenômeno, para o campo e para os grupos envolvidos, são eles: profissionais, produtores de informação e a própria sociedade.

2 AS TRANSFORMAÇÕES NO AMBIENTE DE PRODUÇÃO DA NOTÍCIA NO RÁDIO E NO JORNALISTA ATRAVESSADAS PELAS NOVAS TECNOLOGIAS

Os meios de comunicação se apropriam das tecnologias da informação e da comunicação conforme o progresso avança. Num esforço de transformar o objeto empírico num objeto científico, este capítulo apresenta considerações sobre a notícia no rádio, as funções dos jornalistas, as características que as definem, a produção jornalística e as particularidades das redações em rádio.

As especificidades do fazer jornalístico estão relacionadas, entre outras questões, ao ambiente produtivo. Por isto é possível afirmar por questões gerais, que a topografia, os aspectos culturais e sociais, atuam na conformação dos modos de produção da notícia. Dentre esses elementos estão, os aspectos do ordenamento, a organização e distribuição física do ambiente, o comportamento de cada profissional jornalista quando em processo de produção e o uso dos dispositivos utilizados para produzir e transmitir notícias.

A partir da década de 1980, com a revolução das tecnologias da informação que reestruturou o capitalismo aos modos do interesse desse sistema (Castells, 1999), os meios de comunicação foram sendo reconfigurados. E, de acordo com Garson (2019), nos anos de 1990, por intermédio da internet, surgiram novas maneiras de produzir conteúdo, o que também modificou a cultura, a política e as relações sociais. Para o autor, as novas mídias e as tradicionais, num processo de hibridização com os suportes tecnológicos são reconfiguradas em âmbito técnico e cultural. Em relação aos processos produtivos, Sodré (2010) defende a utilização do termo mutação tecnológica para descrever este processo, em que ocorre, entre outros fenômenos, a incorporação dos dispositivos técnicos nas rotinas de trabalho.

Salaverría, Avilés e Masip (2010) apontam que a adaptação e renovação dos meios tradicionais propiciadas pelas transformações midiáticas são necessárias para que mantenham sua sobrevivência e rentabilidade num contexto de hiperconcorrência. “Desde a criação e potencialização da internet o jornalismo tem passado por importantes adaptações tecnológicas. Isto tem interferido consideravelmente na rotina profissional dos jornalistas e na produção e difusão de notícias” (Avrella, 2014, p. 101). Tal avanço trouxe consigo definições referentes à tecnologia e à convergência dos meios, as quais promovem armadilhas que podem levar a confusões e a um entendimento baseado no senso comum, promovendo exacerbado tecnicismo e desconsiderando as relações culturais e sociais que as envolve (Garson, 2019).

Considera-se as definições de convergência tecnológica apresentada por Salaverría, Avilés e Masip (2010) a partir de concepções de Fidler (1998), que associa o conceito de convergência às transformações das indústrias tradicionais de comunicação em razão da rápida

incursão da tecnologia digital; de Masip e Mico (2009), em relação à distribuição dos conteúdos em diversas plataformas; e a partir de Brasil e Pavlik (2016) que atribui as inovações tecnológicas aos conteúdos, aos profissionais e à reconfiguração do mercado jornalístico, o qual contempla a estrutura da redação. Entretanto, compreende-se a convergência em um sentido mais amplo. Na concepção de Jenkins (2009), as alterações de âmbito tecnológico, marcadas pela colaboração entre plataformas midiáticas, de cunho mercadológico, social e cultural, que se referem ao deslocamento do público e à participação dos consumidores são compostos contribuintes da definição de convergência.

A convergência não envolve apenas materiais e serviços produzidos comercialmente, circulando por circuitos regulados e previsíveis. Não envolve apenas as reuniões entre empresas de telefonia celular e produtoras de cinema para decidirem quando e onde vamos assistir à estreia de um filme. A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias. Entretenimento não é a única coisa que flui pelas múltiplas plataformas de mídia. Nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia (Jenkins, 2009, p. 45).

Nos meios de comunicação, a convergência é, segundo Silva (2013), um processo cultural à medida em que os conteúdos são deslocados de receptores para consumidores participativos, onde o meio e a audiência comungam com determinado grau cultural nas relações. No rádio, a tecnologia altera as rotinas produtivas, a circulação e o consumo jornalístico do meio, impactando significativamente no fluxo oferta-consumo. De acordo com Bufarah Junior e Carvalho (2019), com a internet, o rádio expandiu e fortaleceu suas características, a partir da modificação da produção e da difusão dos conteúdos, distinguindo-os e obtendo maior eficiência com a digitalização do áudio.

Ao retomar o contexto histórico referente às rotinas jornalísticas, nota-se a reconfiguração da processualidade produtiva a partir do desenvolvimento tecnológico. Segundo Bufarah Junior e Carvalho (2019, p. 55), “o meio rádio garantiu sua sobrevivência alterando as características das mensagens enviadas atendendo as necessidades dos públicos de diferentes épocas”.

O desenvolvimento das rádios acontece de maneira gradual; as tecnologias se modificam e impactam no ambiente externo e interno e com o passar dos anos, foram sendo criadas novas tecnologias que obrigaram os radiojornalistas reconfigurar as rotinas de produção (Lopez, 2010). Quanto ao jornalismo, Brasil e Pavlik (2016, p. 32) apontam que:

sempre esteve em constante e intensa evolução. Superar desafios, dificuldades e crises com inovação e novas tecnologias está na natureza do negócio das notícias. Hoje em dia, empresas de jornalismo em diversas partes do mundo estão entrando em uma nova era digital.

O percurso que levou o rádio a expandir para outras plataformas foi continuado e remodelado com a midiaticização, que de acordo com Kellner (2001), alterou os modos de utilização dos aparelhos e reconformou o significado dos dispositivos, os quais deixaram de ser puramente técnicos e se tornaram poderosos instrumentos modificadores da sociedade.

2.1 A NOTÍCIA NO RÁDIO E AS NOVAS FUNÇÕES DO JORNALISTA

Este subcapítulo busca realizar um panorama do que permanece e do que foi modificado no trabalho jornalístico, inclusive em relação às funções atribuídas aos jornalistas da Rádio CBN.

A produção da notícia no rádio acontece de maneira rotineira e padronizada, inserida em um ciclo de produção elaborado de forma a contribuir com a viabilidade do processo diário (Del Bianco, 2005). Segundo a autora, com a internet os jornalistas passaram a estreitar a área de coleta de informações em jornais e agências tradicionais consideradas confiáveis e que possuem acesso *online*. Os profissionais buscam comparar as informações e utilizar as que estão em conformidade. Esse novo contexto torna as redes informatizadas com ferramentas ordenativas cruciais.

Entretanto, as informações obtidas de forma externa à rádio, ou seja, as que não são produzidas pelos profissionais da rádio, estão “em termos de qualidade, menos sujeita ao controle por parte da emissora e de seus profissionais” (Ferraretto, 2014, p. 108). Sendo assim, propensas à proteção dos clientes e condicionadas pelos posicionamentos das instituições que representam, mesmo que editada na redação (Ferraretto, 2014).

A notícia, segundo Ferraretto (2014) é a transformação de um acontecimento em mensagem jornalística e, para que o fato seja transformado em notícia o jornalista se baseia em procedimentos adquiridos na prática e por fatores cognitivos. No rádio podem ser determinados em:

Com o que é passível de agendamento prévio – por exemplo, a chegada à cidade de um político de destaque ou a cobertura de uma competição esportiva [...]; com o que ocorre por si mesmo de modo previsto ou imprevisto ou com o que depende de um esforço jornalístico ou de certo senso de oportunidade profissional – uma denúncia de corrupção com base em uma reportagem de cunho mais investigativo [...]; com os fatos geograficamente próximos ou distantes, considerando que, em tese – pelo alcance da rádio e por esta ser cabeça, integrante de rede ou estação independente –, o que é local tende a interessar mais aos ouvintes (Ferraretto, 2014, p. 106).

Além disso, segundo o autor, o jornalista de rádio verifica se a informação possui atualidade, proximidade com o público, se há proeminência e considera ainda, a linha editorial do veículo e o interesse do público (Ferraretto, 2014).

Para Neveu (2006, p. 16), “compreender o trabalho dos jornalistas é, antes de tudo, vê-lo sendo feito, dentro das salas e nas reuniões de redação, nas entrevistas, na caça às imagens, no jogo das negociações e informações de autoridades divulgadas na mídia”. Dessa maneira, é possível perceber a padronização comportamental dos integrantes de determinado grupo que envolve a relação e comunicação entre os seres-humanos, bem como o modo como os objetos são manipulados, os quais possuem uma função técnica para operacionalizar as atividades (Malinowski, 1956, *apud* Durham, 1986).

Os indivíduos inseridos dentro de um contexto, seguem regras, muitas das quais, não explícitas. De acordo com Bourdieu (2004, p. 84), “há, naturalmente, o *habitus*, essa disposição regrada para gerar condutas regradas e regulares, à margem de qualquer referência a regras”. O *habitus* é construído no processo de socialização, considerando os aspectos econômicos e culturais que podem ser contribuintes na ação modeladora dos indivíduos. Entretanto, as atividades incorporadas pelo *habitus* sofreram ajustamentos à luz do processo de midiaticização acelerada e intensa que os modos de produção jornalístico e seus atores atuam estrategicamente sobre regras que reconformam a identidade jornalística.

Atribui-se à profissionalização jornalística critérios da noção de profissão que segundo Neveu (2006, p. 36), “detém um monopólio sobre a atividade que rege [...] dispõe de uma cultura e de uma ética [...], ela forma, enfim, uma comunidade real: seus membros atribuem a ela o essencial de sua energia social”. De acordo com o autor, ser jornalista envolve descrever acontecimentos nos locais em que ocorrem, estabelecer uma lista de contatos e endereços e desenvolver habilidades relacionadas a realizar anotações, a checar informações e controlar o andamento de entrevistas.

Para Travancas (1993), a mescla das variadas esferas da vida social constituem a identidade de um jornalista, umas dessas áreas é a convivência com colegas da profissão e o cotidiano do ofício. A busca por *status*, reconhecimento, ascensão social e consolidação da carreira, são motivos que fazem parte da escolha pela profissão. Contudo, uma importante função do jornalista diz respeito à constituição da cidadania, porque cabe a ele transmitir informações e colaborar com a democracia (Travancas, 1993). A esse respeito, considera-se que o contexto em que a autora se referia, ano de (1993), ainda não sofria com os efeitos das novas tecnologias.

Traquina (2020a) posiciona o jornalista como parte de uma comunidade cultural composta por valores, significados, crenças e utopias que envolvem a produção noticiosa, onde “a cobertura noticiosa em países diferentes revela semelhanças significativas” Traquina (2020a, p. 24).

A aparição de um grupo de “profissionais” implica a aparição de um campo específico e diferenciado de relações competitivas. À medida que o tempo passa, o grupo especializa-se e os seus membros tornam-se verdadeiros “profissionais” que têm que dominar uma linguagem específica. A sua competência implica a incompetência dos “não profissionais”. A constituição de uma categoria socialmente distinta de “profissionais” significa autonomia porque a especialização significa autoridade (Traquina, 2020a, p. 15, grifos do autor).

Para o jornalista, segundo Travancas (1993, p. 23), o motivo da existência de um jornal é “a produção da informação. Pois se a notícia se encontra na rua, sua elaboração é feita na redação”. E este espaço onde o jornalista atua é subordinado a diretrizes particulares. A produção diária ocorre num espaço que interessa entender sob quais interesses o produto é constituído, tanto pela vertente capitalista, como a busca pelo aumento da audiência (Neveu, 2004), quanto cultural.

O jornalista de rádio, atesta Travancas (1993), possui especificidade que o denomina como tal, como por exemplo, a realização matéria no próprio local do acontecimento, as entradas ao vivo de maneira simples e rápida, as falas gravadas e a maneira descritiva quando a transmissão é realizada apenas por áudio, além do olhar interessado e a curiosidade em tudo o que nota, além da vontade transformar em informação o que considera competente e estar abdicado de preconceitos.

As funções dos profissionais radiojornalistas expostas por Ferraretto (2014), chefe de reportagem, pauteiro, redatores, editores, repórteres e âncoras, são cargos que estão sendo cada vez mais acumulados em um menor número de profissionais e atribuições que se modificam de acordo com a emissora de rádio e com o local em que está inserida. Hoje, de acordo com Javorski (2017), a operação pode ser realizada por apenas uma pessoa com a utilização de recursos técnicos acessíveis como microfone, transmissor e um telefone.

No caso da Rádio CBN, Barbeiro (2007, p. 20) afirma que “a nova organização industrial das redações, que alicerça o conceito de multifunção e as necessidades de se respeitar os orçamentos de gastos, obriga todos os jornalistas de rádio a falar”, o que exige a habilitação de todos os profissionais, desde a apuração até a transmissão da notícia no ar. Tavares (2006, p. 51) aponta que “o bom texto é indispensável na produção de conteúdo editorial de qualidade, ainda mais se levarmos em conta que o futuro do rádio passa pela sinergia com outros veículos [...]. O profissional tem que ser completo, multimídia”.

A Rádio CBN enfrentou o desafio de desconstruir a imagem opinativa exacerbada e formador de opinião que se tinha até então do âncora. “O âncora era antes e tudo um repórter, apurador, entrevistador, editor, apresentador, enfim, participava de todo o processo de busca,

verificação e divulgação das notícias” (Barbeiro, 2006, p. 32).

Segundo Tavares (2006, p. 46-47), no ano de 2006, a CBN era integrada por aproximadamente duzentos profissionais entre jornalistas, comentaristas e âncoras. “Na verdade, o jornalismo da CBN praticamente se confunde com o de todo o Sistema Globo de Rádio, uma vez que o conteúdo editorial produzido por repórteres e redatores é utilizado em todas as emissoras do grupo”.

Inseridos em uma lógica cultural empresarial que são, ao mesmo tempo, impactados pela cultura típica regional, a qual acontece fora do ambiente de trabalho, os jornalistas carregam aspectos que transitam com eles interior e exterior ao ambiente profissional. “Cada lugar, estabelecimento ou comunidade rural possui uma individualidade, uma qualidade que lhe é própria. Ela se exprime por sua localização, dado crucial para o geógrafo” (Ortiz, 1999, p. 52).

Nos anos iniciais da CBN, Barbeiro (2006, p. 38) explica as funções dos jornalistas. “O jornalismo interpretativo desenvolvido pelos âncoras amarra, explica e conduz o desenvolvimento do assunto [...]. A função de opinar cabe aos comentaristas, que mantêm colunas que vão da política ao esporte, da economia ao mercado musical”. E o locutor-apresentador tinha a função de “divulgador de serviços, como hora, temperatura, notas etc” (Barbeiro, 2006, p. 38).

No ano de 2006, o então chefe de reportagem da cidade de São Paulo, Leonardo Stamillo, descreveu como eram realizadas as reuniões de pauta na Rádio CBN.

Os chefes de reportagem do período da manhã de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, ao lado de seus coordenadores regionais, participam todas as segundas-feiras de uma reunião, via teleconferência, com a direção de jornalismo da CBN [...]. As demais afiliadas [...] enviam suas sugestões por *e-mail* (Stamillo, 2006, p. 113).

Segundo Stamillo (2006), havia um cargo chamado de escuta ou apuradores, que eram responsáveis por checar periodicamente as notícias, eram considerados o braço direito do chefe de reportagem.

A inter-relação entre as estruturas internas de uma organização e externas a ela “oferecem sinalizadores ideais para descobrirmos que tipo de relação existe definitivamente entre micro e macro” (Latour, 2012, p. 255). O tempo e o espaço social, para o autor, devem ser reformulados quando as estruturas forem reestabelecidas em suas “condições locais de produção”. E o ambiente em que a rádio está inserida é um dos indicativos pelos quais um acontecimento se torna notícia, estabelecida pela história e cultura do local (Alsina, 2009).

Malinowski (1956 *apud* Durham, 1986) afirma que os objetos físicos que compõem o

mobiliário da organização possuem determinadas funções, os quais compõem variados momentos das estruturações tecnológicas e os influenciam no comportamento social e de cooperação. Para Verón (1999, p. 145, tradução nossa¹), “todo suporte tecnológico se traduz, socialmente, em diferentes meios de comunicação [...] um meio é, portanto, mais do que um suporte tecnológico; é um suporte tecnológico inserido em uma sociedade, associado a determinadas práticas de produção e apropriação”, contudo, os recursos técnicos podem ser utilizados de forma anômala, conforme o propósito do produto.

O processo produtivo de notícias em rádio é composto e distinguido não apenas pelo emprego de dispositivos técnicos tecnológicos relativos ao meio. A área geográfica em que a rádio está situada, os vínculos sociais, as tradições e os costumes integram e impactam nas relações interpessoais entre os profissionais e consumidores e na própria noticiabilidade. Na cultura profissional, incube-se a unificação de uma cultura, segundo Malinowski (1956 *apud* Durham, 1986), que compartilha de uma mesma linguagem, se estabelece em um conjunto de indivíduos que dividem uma única tradição, participam dos mesmos costumes e possuem técnicas similares de organização e representatividade.

Quanto às necessidades das organizações profissionais, os grupos se estabelecem de maneira que haja cooperação e divisão de funções, participam de um sistema hierárquico e contam com uma liderança e regras de conduta, portanto são recompensados de acordo com as divisões estabelecidas e funções inerentes (Malinowski, 1956 *apud* Durham, 1986).

A atualidade, a importância, o interesse e a novidade dos acontecimentos enquanto critérios de noticiabilidade no radiojornalismo tem base de referência a internet (Del Bianco, 2005). Contudo, a homogeneização dos produtos radiofônicos, segundo Del Bianco (2005, p. 161) “leva a questionar se observação e percepção do repórter no local do acontecimento já não são mais suficientes, sendo necessário recorrer à mediação da tecnologia para apreender o real”.

A reconfiguração das atividades jornalísticas motivada pelas novas tecnologias leva à dificuldade em compreender qual é o papel do jornalista. As funções antes estabelecidas, repórter, redator, fotógrafo, diagramador, subeditor, editor, chefe de reportagem, pauteiro, editor-chefe e editorialista (Travancas, 1993), hoje foram redefinidas pelo processo de transformação que o jornalismo passa, incluindo aspectos que emanam de outras áreas como a publicidade, artes, política, informática, entre outros, com a necessidade do profissional multitarefas atuar em todo o processo de realização e circulação da notícia em diversas

¹ *Todo soporte tecnológico se traduce, socialmente, en diferentes medios de comunicación [...] Un medio es pues más que un soporte tecnológico; es un soporte tecnológico inserto en una sociedad, asociado a prácticas determinadas de producción y de apropiación* (Verón, 1999, p. 145).

plataformas.

As considerações de Travancas (1993), permanecem válidas, porém tensionadas pelas transformações no mundo do trabalho do jornalista, que reestabelecem o lugar do jornalismo, do jornalista e da notícia. Tais transformações, reveladas nos próximos subcapítulos, buscam indicar as condições tecnológicas de uma rádio de interior integrante de um grupo nacional de modelo *all news*.

As informações expostas buscaram auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa no que diz respeito às novas formas de organização e estruturação produtiva jornalística, a qual está interessada em compreender a “construção da identidade profissional [...] condições de trabalho, precarização e fragilização dos vínculos empregatícios” (Meneses; Mastrella; Costa, 2022, p. 148) na Rádio CBN Ponta Grossa.

2.2 A INFORMAÇÃO JORNALÍSTICA NO RÁDIO: A REFORMULAÇÃO DA LÓGICA ORGANIZACIONAL RADIOFÔNICA MOTIVADA PELA MUDIATIZAÇÃO

A finalidade neste subcapítulo é refletir e problematizar os modos de produção do jornalismo em rádio e como se constituem no contexto da midiática. Para isso é necessário lembrar parte do percurso do rádio considerando características inerentes ao meio, equipamentos e dispositivos que estruturam os modos de produzir, transmitir e consumir conteúdos jornalísticos, os quais são articulados com a interface tecnológica. O sentido de tecnologia se refere “não só o quê, mas também o como e o porquê da máquina e seus usos, são objetos e práticas simbólicas e materiais, estéticas e funcionais” (Livingstone, 2011, p. 50).

Ao retomar o contexto histórico referente às rotinas jornalísticas, nota-se a reconfiguração da processualidade produtiva a partir do desenvolvimento tecnológico, mas a transformação da informação em notícia permaneceu como escopo do fazer jornalístico (Lopez, 2010). Ou seja, os fundamentos do que é jornalismo e, portanto, do que é notícia, imperam sobre as alterações na seleção, produção e oferta jornalística.

Silverstone (2002) preocupava-se com uma cultura midiática em que a quantidade sobressaía à qualidade. Em 1999, a internet ganhava força como ferramenta de acesso às informações sendo um dos motivos de modificação de padrões de comportamento de consumo. Preocupação essa que ainda persiste, visto que o jornalista necessita cumprir determinada demanda, dentro de um período estabelecido, em que a verificação e a técnica noticiosa se tornam secundárias à estética e à reformatação do conteúdo para multiplataformas em diferentes dispositivos.

Os dispositivos tecnológicos passaram a ocupar um lugar de destaque na sociedade,

inclusive no consumo de informação, não como meros suportes, e sim, como parte integral e modificadora da cultura social. O conceito de cultura da mídia advindo de Kellner (2001, p. 10), “é um modo de tecnocultura que mescla cultura e tecnologia em novas formas e configurações, produzindo novos tipos de sociedade em que mídia e tecnologia se tornam princípios organizadores”. No qual os dispositivos deixaram de ser estáticos, ou seja, os aparelhos passaram a ser moldados de acordo com as necessidades dos indivíduos e integrantes ao cotidiano. No rádio, a midiática tem o potencial de proporcionar à sociedade diferentes maneiras de consumir informação e alcançar maior número de consumidores.

O consumo da notícia no rádio ligado diretamente com a economia do veículo, logo com a produção noticiosa. Usufrui da onipresença e dependência midiática, devido à inclinação à realocação das relações pessoais para o ambiente virtual, manifestado nas operações institucionais e de certas diretrizes de comportamento com as tecnologias da comunicação (Sodré, 2010). Hjarvard (2012) sustenta que a mídia está interligada à cultura e à sociedade.

Se tornou uma parte integral do funcionamento de outras instituições, embora também tenha alcançado um grau de autodeterminação e autoridade que obriga essas instituições, em maior ou menor grau, a submeterem-se a sua lógica. A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua (Hjarvard, 2012, p. 54-55).

Para Sodré (2010), a midiática consiste numa sucessão de interações e comunicações sociais dependentes de organizações empresariais e com um modo específico de mediação, designada de tecointeração, “caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível, denominada de *médium*” (Sodré, 2010, p. 21).

O relacionamento entre o indivíduo e a mídia variam de acordo com as particularidades de cada um e de cada grupo social. Neste caso, a compreensão macrosociológica “que se referem ao contexto institucional e à lógica de produção dos meios” Bechelloni (1986 apud Alsina, 2009, p. 208) da sociedade em que ele se encontra, torna-se essencial para o entendimento do micro, das relações interpessoais e do modo de funcionamento do veículo de comunicação, da atuação profissional, do produto realizado e do consumo midiático, o qual envolve um processo de mediação.

Toda cultura, para se tornar um produto social, portanto “cultura”, serve de mediadora da comunicação e é por esta mediação, sendo portanto comunicacional por natureza. No entanto, a “comunicação”, por sua vez, é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada (Kellner, 2001, p. 53).

O termo mediação, segundo Sodré (2010), é produzido em todas as culturas e tem como

nível de operação a interação que possuem significados e se constituem de acordo com a experiência dos agentes (Silverstone, 2002). Na mídia, o conceito de mediação, segundo Livingstone (2011, p. 3), é “usado como um termo acadêmico para a negociação de significados de mídia entre produtores e consumidores”.

A negociação pode ser observada na atuação do jornalismo como mediador da sociedade ao utilizar a mídia como instrumento. Com isso preceitos, valores e ideologias políticas e econômicas são manifestados, e os consumidores, por sua vez, participam da interação de forma ativa. Esse conjunto torna a mídia produtora, tradutora e atribuidora de valor aos significados relacionando com a experiência, mas também extensora dos seres-humanos pela sua ubiquidade (Silverstone, 2002).

Sob o mesmo prisma, Dines (2007) aponta que se rádio como mídia é experiência individual, o rádio como dispositivo, tornou-se extensão do ser humano conforme foi sendo favorecido pelo desenvolvimento de aparelhos com dimensões reduzidas e pela portabilidade propiciado pela tecnologia. Enquanto a midiatização avança e atinge o rádio, as rotinas jornalísticas são reconfiguradas e dinamizadas para que acomodem novas estruturas tecnológicas (Lewis e Westlund, 2015).

Contudo, o rádio carrega características que perduram desde o seu surgimento, tais como, a proximidade, considerada por Traquina (2020a, p.73) como “valor-notícia fundamental da cultura jornalística [...] sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais”, a interação entre emissor e consumidor (Dines, 2007), a possibilidade de ouvir em dispositivos diversos como no carro, por meio do celular e do computador, além do aparelho tradicional ao mesmo tempo em que se pode realizar outras atividades. A emoção envolvendo o rádio e o ao vivo (Katz, 1993) demarcaram o meio.

Sob a mesma ótica, Jung (2004) afirma que o jornalismo de rádio contém um perfil próprio em seu formato de produção e transmissão de notícias. O imediatismo, a possibilidade de inserções de características que dialogam com o ambiente geográfico em que o rádio se encontra e a proximidade com o público, são exemplos de especificidades do meio. Entretanto, ocorreram transformações que o coloca em constante convergência, algumas permanecem, outras se modificam. Fidler (1998, p. 57, tradução nossa²) adotou o conceito de midiamorfose.

Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que os novos meios não surgem espontaneamente nem independente. Aparecem gradualmente pela

² *Al estudiar el sistema de comunicación como un todo, veremos que los nuevos medios no surgen por generación espontánea ni independientemente. Aparecen gradualmente, por la metamorfosis de los medios antiguos. Y cuando emergen nuevas formas de medios de comunicación, las formas antiguas generalmente no mueren, sino que continúan evolucionando y adaptándose* (Fidler, 1998, p. 57).

metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas de meios de comunicação, as formas antigas geralmente não morrem, mas continuam evoluindo e se adaptando (Fidler, 1998, p. 57).

O seguimento de determinada lógica de produção noticiosa inserida em uma organização que possui regras e valores ideológicos (Alsina, 2009) se realiza independente do impacto tecnológico vigente, porque diz respeito às técnicas que conformam o fazer jornalístico. O autor afirma que o trabalho jornalístico necessita de determinada organização e processualidade que se dá em uma instituição que possui regulamentos de produção próprios. Alsina (2009) ainda se apropria de Rositi (1981) para apresentar algumas etapas que conformam o fazer jornalístico, como a seleção da notícia, a hierarquização dos acontecimentos e o respeito à política editorial do veículo.

O conceito de rádio expandido é um exemplo de produção que não está mais restrita ao áudio. Imagens, textos, a transmissão em multiplataformas são aspectos que fazem parte de uma reconfiguração do rádio, os quais alteram as lógicas jornalísticas produtivas, como expõe Chagas (2017, p. 36), “a presença em diferentes canais, a interação, mediada ou não, com os ouvintes e novos suportes tecnológicos reorganizam o trabalho jornalístico ao lado de outras variáveis contextuais características desse rádio expandido”.

A introdução da tecnologia na mídia para Silverstone (2002, p. 47) surge a partir de “complexos processos de projeto e desenvolvimento que estão, eles mesmos, incrustados nas atividades de instituições e indivíduos coagidos e capacitados pela sociedade e pela história”. Além disso, o seu emprego e institucionalização não são evidentes e nem são óbvias as suas implicações e consequências na sociedade, na economia e na política. Ainda segundo o autor, mesmo com o desenvolvimento tecnológico rápido e cumulativo, os resultados só poderão ser avaliados com a experiência que é refletida não de maneira solitária, mas inserida numa ordem e num contexto.

As primeiras informações difundidas no rádio, em meados de 1925, eram recortadas de jornais e lidas pelo locutor. O progresso tecnológico possibilitou a implementação de computadores nas rádios, logo, essa prática denominada de *gilete-press* foi substituída pelo *ctrl-c ctrl-v* do computador (Jung, 2004).

Ferraretto (2015, p. 230) percebeu características do rádio comercial que foram reafirmadas com a tecnologia no âmbito de produção com “[...] a necessidade de incorporar práticas – como as relativas às redes sociais – não diminui a importância da produção de conteúdo radiofônico adequado, mas aumenta a responsabilidade inerente à veiculação de quaisquer programações”. No âmbito de consumo, “[...] por sua portabilidade, os suportes

utilizados na escuta reforçam a ideia do meio como amigo, ganhando mais proximidade do ouvinte com o uso das redes sociais, relacionado à internet”.

No rádio, os vídeos, textos e imagens são tipos de mídia anômalas ao meio tradicional, bem como a utilização de plataformas, como *sites* e redes sociais, além da personalização dos conteúdos. “Há vários desafios para os produtores de conteúdo na escolha da melhor plataforma, ou na busca da convergência entre as mídias, mas as respostas têm sido sempre surpreendentes, transformando o jornalismo numa profissão que muda veloz e constante” (Leitão, 2006, p. 98).

O progresso contribui para a adaptabilidade do meio nas diversas plataformas e mídia o que auxilia na competitividade com a concorrência, ampliando o público consumidor e reduzindo o risco de fechamento das rádios. Segundo Meditsch (2007), as novas tecnologias possibilitam a melhoria do rádio, aumentando a competitividade com a concorrência, porém também a favorece. Para Kellner (2001) os efeitos das novas tecnologias midiáticas e informáticas oferecem uma multiplicidade de escolhas e troca de ideias e culturas, contudo, são originadas maneiras de monitoramento, controle da sociedade por meio da introdução de ideais de difícil percepção.

A partir dos autores, pode-se inferir que com a midiaticização e a mutabilidade radiofônica, as transformações tecnológicas, a inter-relação entre os agentes produtores e consumidores e as formas de selecionar, verificar, produzir e transmitir jornalismo atingem um espectro que interage com a esfera social-cultural.

Uma das metas no capítulo em que apresenta a observação em campo, é identificar como a Rádio CBN de Ponta Grossa se manifesta em relação aos dispositivos técnicos e tecnológicos, se há a apropriação deles para a ênfase nas notícias transmitidas, de que maneiras e se a rádio usufrui dos instrumentos de modo a gerar aproximação com o público.

2.3 IMPACTOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO RADIOJORNALISMO DE INTERIOR NO ÂMBITO DAS PESQUISAS EM JORNALISMO NO BRASIL

Este subcapítulo busca compreender como o radiojornalismo de interior é definido e como atua mediante ao impacto tecnológico estabelecido. Isso possibilitará que adiante seja verificado se a Rádio CBN de Ponta Grossa, localizada no interior do Estado do Paraná, e que atua mediante a um padrão nacional, apresenta uma produção noticiosa baseada nos termos do radiojornalismo de interior. Verificar-se-á também as implicações para a produção noticiosa da rádio, considerando o impacto das novas tecnologias na realização jornalística.

Para isso, buscar-se-á teorias que discutem a respeito do assunto, preocupadas em definir

e localizar o jornalismo e o interesse de produção regional/local. Em seguida, com o objetivo de observar como o radiojornalismo de interior é definido e como atua mediante ao impacto tecnológico estabelecido, realizar-se-á um mapeamento dos estudos de jornalismo em rádios do interior com foco na tecnologia. A busca será realizada em repositórios dos programas de pós-graduação acadêmica em jornalismo do Brasil, no Programa de Pós-Graduação profissionalizante em jornalismo, em programas de comunicação que apresentam linhas de pesquisa que possuem interface com o jornalismo. E para caráter de conferência, considerando que existe um *delay* entre a data defesa e a data de publicação, no repositório de teses e dissertações da CAPES entre os anos de 1995 e 2022.

A definição de interior como algo que está afastado do centro exige, ainda mais sob a ótica jornalística, a compreensão do social e do cultural no qual os meios de comunicação se estabelecem. No jornalismo, a proximidade orienta a escolha das notícias de acontecimentos que ocorrem na região de interesse do público que pode ser a mesma em que o veículo está situado ou em uma área que mantém alguma relação econômica, política ou cultural (Aguiar, 2016).

No rádio, a relação com o local é inerente ao meio e o interesse informativo está voltado principalmente para os assuntos associados ao entorno. Por meio da exposição de problemáticas emergentes, o jornalismo radiofônico cumpre com demandas de interesses que fazem parte do cotidiano do público (Comasseto, 2006).

A conceitualização desse entorno gera confusão na compreensão de significados que se parecem. Os sentidos de jornalismo de interior, local e regional devem ser definidos e contextualizados de acordo com cada objeto de pesquisa.

Tradicionalmente menosprezadas, as escalas local-regional de atuação jornalística tiveram seu campo negligenciado nas pesquisas e na própria ação concreta de grandes corporações midiáticas, como aparece nitidamente nas estratégias de expansão (e cooptação) do Grupo Globo (Haesbaert, 2016, p. 10).

A diferenciação entre jornalismo de interior, local e regional se torna basilar para a compreensão e análise dos textos encontrados. O debate recupera sentidos geográficos, territoriais, culturais, sociais e políticos. Contudo, segundo Ortiz (1999, p. 51) “existe nas Ciências Sociais uma forte tradição de se pensar o espaço na sua relação imediata com o meio físico”.

A proximidade geográfica é identitária. Segundo Aguiar (2016), é um dos pontos que distingue o jornalismo local do regional. De acordo com a autora, a função da mídia ao regionalizar é de desenvolver de maneira diferente aos grandes centros, a formação identitária

de forma a fornecer um novo sentido ao território enquanto utiliza determinado padrão organizacional, além da utilização de tecnologias.

Na vertente conceitual territorial, o jornalismo de interior, aponta Assis (2013), estende-se ao contexto cultural, para tanto o fazer jornalístico está atrelado à individualidade de cada local. “A *imprensa do interior*, desse modo, corresponde ao cenário em que o *jornalismo* é produzido com particularidades (organização, estrutura e modos de fazer) decorrentes de sua *demarcação territorial* e, por consequência, da realidade que a circunda” (Assis, 2013, p. 5, grifos do autor). O autor caracteriza o jornalismo de interior como sendo aquele produzido em pequenas ou médias cidades. O termo interior, segundo Aguiar (2016, p. 19), “abrange também pequenas cidades do imenso litoral brasileiro e, eventualmente, outras abarcadas pelas regiões metropolitanas das capitais”.

De acordo com *Erdal et al.* (2019, p. 168, tradução nossa³) “a proximidade geográfica ou “lugar” é e tem sido um valor jornalístico fundamental do jornalismo há séculos, como o elemento “onde” fundamental das notícias locais, regionais e nacionais”. Comassetto (2004) afirma que para o rádio local, manter a proximidade com a comunidade em que está localizado e enfatizar o jornalismo com temáticas relativas ao ambiente fornece sentido e sustenta a sua presença e identidade. Além disso, a mídia local tem a função de contemplar a realidade em que se encontram.

Parte-se da premissa de que o rádio por natureza carrega e operacionaliza aspectos locais. Sendo assim, a recuperação de estudos a partir de uma coleta que triangula termos como rádio, jornalismo e novas tecnologias, diz respeito ao lugar atual da produção no contexto de forte midiaticização. Nesse sentido, compreender como as pesquisas em radiojornalismo dialogam com a conceitualização de jornalismo local, regional ou de interior revela o interesse em futuras pesquisas que buscam explorar a relevância social que o rádio exerce nas comunidades em que está inserido.

O rádio possui suas características inerentes à natureza e especificidades que legitimam a produção, transmissão e consumo do jornalismo no meio, tais quais, acesso simplificado, proximidade com o consumidor e versatilidade de consumo, pessoalidade, baixo custo de produção, facilidade ao realizar transmissões ao vivo e o seu imediatismo (Javorski, 2017). A abrangência e facilidade de consumo que o rádio oferece, o progresso que acometeu o rádio com a adaptação no cenário tecnológico, a flexibilidade de consumo por áudio e vídeo e em diversos dispositivos de transmissão, além do *dial*, a possibilidade de escuta no carro e celular,

³ *Geographical proximity or “place” is and has been a fundamental news value of journalism for centuries, as the foundational “where” element of local, regional, and national news* (Erdal et al., 2019, p. 168).

foram maneiras de garantir a sobrevivência e reforçar o valor do meio.

A partir do surgimento da internet no Brasil nos anos de 1990, de acordo com Javorski (2017, p. 266), o rádio passou a incorporar e reconfigurar aspectos “da linguagem, do mercado, do profissional e da audiência”, ou seja, a tecnologia acompanha o rádio até hoje. “Com a Internet, o rádio agora é expandido e hipermediático, mas permanece como um narrador do cotidiano que atravessa fronteiras ao mesmo tempo em que abraça o local e o regional” (Raddatz *et al.*, 2020, p. 24).

O rádio hertziano, afirma Herreros (2011), se desenvolveu com a expansão do campo a partir da integração do FM “e acrescentou a suas programações generalistas as ofertas especializadas por temas, por destinatários e por territórios” (Herreros, 2011, p. 70). Segundo o autor, a tecnologia possibilita que o rádio utilize de novos formatos e linguagens para produzir e transmitir conteúdos conforme a sociedade se transforma, de acordo com os consumidores, períodos e territórios. O rádio é marcado pelo interesse junto à população. Caracterizado por compor informação, emoção, companheirismo e diversão, segunda a pesquisa realizada pela Kantar Ibope Media (2022).

A Kantar Ibope Media realiza estudos anuais que analisam o consumo do rádio no Brasil com auxílio da utilização da ferramenta *Easymedia 4*, a qual “disponibiliza dados detalhados da audiência das emissoras *online* e *off-line*” (Kantar Ibope Media, 2016). A periodicidade da atualização do banco de dados é realizada mensalmente, a partir de dados trimestrais. Por ano são realizadas 486.000 entrevistas.

A Pesquisa Regular de Audiência de Rádio usa metodologia *recall* com abordagem híbrida. O objetivo é retratar todos os perfis e comportamentos na base de audiência. As respostas são obtidas *face to face* em residências, em pontos de fluxo e por telefone. Além disso, há também a opção de preenchimento *on-line* (Grupo de Mídia, 2022).

A pesquisa aponta também que a audiência do meio cresceu 3% desde 2021, alcançando 83% de consumidores em 2022. No ano de 2020, o consumo chegou a 78%, redução de 5% em relação a 2019. Em 2018, o rádio alcançou 81% de ouvintes no Brasil. No ano de 2017, a audiência estava em 87%. Nos anos de 2016 e 2015, o índice de consumidores de rádio foi de 89%. E em 2014, a audiência era de 90% no país.

De acordo com Tavares (2006), o consumo radiojornalístico obteve crescente demanda, principalmente em São Paulo e na região Sul do Brasil, onde possui forte atuação.

A partir da observação das pesquisas, buscar-se-á verificar aspectos relativos à produção jornalística apresentados pelos autores. Além de situar as relações que ocorrem entre os integrantes do arranjo produtivo noticioso e consumidores que caracterizam e agregam valor à

conceitualização de interior. Pretende-se verificar ainda as categorias tecnológicas que impactam na produção, circulação e consumo do jornalismo como fatores atribuídos à dinâmica noticiosa atual.

Em relação à decisão sobre os buscadores de pesquisas utilizados envolveu a necessidade de encontrar trabalhos acadêmicos de relevância e de qualidade, desenvolvidos à luz das teorias do jornalismo, além disso, tais pesquisas possuem estratégias metodológicas em conformidade com as propostas ofertadas.

Mapeia-se teses e dissertações do período de 2015, ano em que ocorreram as primeiras defesas, até 2022, presentes nos repositórios dos programas de pós-graduação acadêmica em jornalismo do Brasil, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Fizeram parte da busca também, as dissertações disponibilizadas pelo mestrado profissional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pelos programas de pós-graduação em comunicação com linhas de pesquisa em jornalismo, Universidade Federal do Piauí (UFPI)⁴, Universidade Federal do Tocantins (UFT)⁵, Universidade Faculdade Cásper Líbero⁶ e Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos)⁷.

Além da busca nos programas, investiga-se no banco de dados de teses e dissertações da CAPES, assim, garante-se que os trabalhos que interessam e contribuem com a pesquisa sejam acessados.

Desta maneira, utiliza-se da técnica de inspiração bibliométrica como filtragem de buscas de forma a selecionar as teses, dissertações e artigos. Após, parte-se para o levantamento das pesquisas a partir das buscas das palavras-chaves convergência, rádio, jornalismo e interior. Segundo Soares, Picolli e Casagrande (2018), a pesquisa bibliométrica é desenvolvida mediante informações obtidas em buscadores com bases de dados. Além da análise dos artigos, a descrição quantitativa, o cruzamento dos dados e a análise caracterizam a mensuração e corporificação da pesquisa bibliométrica. Esse método parte do levantamento do estado da arte para o desenvolvimento do conhecimento do tema abordado que estima o grau de relevância científica das pesquisas (Stankowitz, 2016).

⁴ ESTRUTURA curricular. **Universidade Federal do Piauí**, 2023. Disponível em: <https://sigaa.ufpi.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/5751866>. Acesso em: 06 ago. 2023.

⁵ LINHAS de pesquisa. **Universidade Federal do Tocantins**, [s.d]. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ppgcom/linhas-de-pesquisa>. Acesso em: 06 ago. 2023.

⁶ GRUPOS de pesquisa. **Faculdade Cásper Líbero**, 2021. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/pos-graduacao/mestrado/pesquisa/grupos-de-pesquisa/>. Acesso em: 06 ago. 2023.

⁷ COMUNICAÇÃO, **Unisinos**, [s.d]. Disponível em: https://www.unisinos.br/pos/mestrado-academico/comunicacao/presencial/sao-leopoldo?gclid=Cj0KCQjwib2mBhDWARIsAPZUn_kl1To2qzAHEH6H7UVa3mLnoNOl8FirGIMjOnZVhCy87grO7gXT2swaAvpIEALw_wcB. Acesso em: 06 ago. 2023.

Visto a quantidade reduzida de resultados, notou-se a necessidade de observar os trabalhos que contém palavras relacionadas à tecnologia: internet, *web* e TICs. Apresenta-se os resultados em ordem cronológica crescente, divididos por instituição.

Com o propósito de identificar pesquisas relacionadas aos impactos viabilizados pela tecnologia na produção, transmissão e consumo do jornalismo radiofônico no banco de dados de testes e dissertações do portal da CAPES, utilizou-se a busca do termo “rádio”. Após os resultados foram refinados em ciências sociais aplicadas na “grande área conhecimento”, ciência da informação e comunicação em “área conhecimento”, comunicação e informação em “área avaliação”, comunicação e afins, jornalismo e processos jornalísticos em “área concentração”, comunicação e afins, jornalismo e estudos da mídia em “nome programa”.

Definiu-se a seleção do marco temporal de 1995 até 2022, uma vez que na década de 1990 surgem as primeiras rádios na internet no Brasil (Matsuki, 2022) e em 2000, cento e noventa e uma emissoras de rádio utilizavam a *web* como suporte no país (Prata, 2013). O filtro utilizado refinou a pesquisa em 67 resultados. Dentre eles, foram recuperadas sete pesquisas.

A busca nos repositórios e catálogos dos programas de pós-graduação e portal da CAPES resultou em dez pesquisas entre teses e dissertações. Os trabalhos compreendem os anos de 2014 a 2021. O quadro 1 mostra os resultados em ordem decrescente de datas. Além disso, os dados informados apresentam a instituição de ensino, o programa em que a pesquisa foi realizada, se a pesquisa é uma tese ou dissertação, o ano de defesa, o autor ou autora, o título e as palavras-chave que dizem respeito aos termos buscados.

Quadro 1 - Pesquisas relacionadas ao impacto das TICs no radiojornalismo do interior

Instituição	Programa	Pesquisa	Ano	Autor/autora	Título	Palavras-chave
UFSC	Jornalismo	Tese	2020	Karina Woehl de Farias	Do AM para o FM: adaptações do radiojornalismo na migração de dial em Santa Catarina	Radiojornalismo. Migração AM-FM. Programação Radiojornalística. Tecnologias. Santa Catarina
UFSC	Jornalismo	Dissertação	2021	Jefferson de Sousa Moraes	Dos hertz aos bits: o radiojornalismo comunitário maranhense em ambiente convergente	Radiojornalismo; convergência; tecnologias; rádio comunitária; Maranhão
UFPB	Comunicação	Dissertação	2020	Enio José Marques da Silva	Dinâmicas produtivas do radiojornalismo sousense: um outro ouvir sobre o sertão	Rádio. Jornalismo no interior
UFPI	Comunicação	Dissertação	2021	Mariana Gomes dos Santos	A produção jornalística das webrádios piauienses: um estudo comparativo das emissoras Picos Mais, RTV Cris Sekeff, Impacto FM e Central Cerrado FM	Webrádios; radiojornalismo
UFSC	Jornalismo	Dissertação	2014	Barbara Avrella	O Radiojornalismo Local em Pequenas Emissoras: Um Estudo das Rádios Luz e Alegria AM e Seberi AM	Radiojornalismo local; produção radiojornalística; internet
TUIUTI	Comunicação e linguagens	Tese	2021	Lidia Paula Trentin	As Vozes Do Rádio: A Participação do Público na Programação de Emissoras de Rádio da Região Celeiro do Rio Grande do Sul	Rádio
UFSM	Comunicação	Dissertação	2015	Rafael de Jesus Gomes	O uso de dispositivos móveis no processo de produção de notícias: um estudo de caso na Rádio Independente 950 AM de Lajeado/RS	Convergência, dispositivos móveis, rádio, tecnologias
UFRJ	Jornalismo	Tese	2019	Luan Jose Vaz Chagas	Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN	Radiojornalismo; gatowatching
TUIUTI	Comunicação e linguagens	Dissertação	2016	Lidia Paula Trentin	O Processo de Escuta Online: Sentimento de Pertencimento e Diáspora no Caso da Rádio Comunitária 87.9 FM de Frederico Westphalen, RS	Rádio Hipermediático
Metodista de SP	Comunicação Social	Tese	2014	Orlando Mauricio de Carvalho Berti	Processos comunicacionais nas rádios comunitárias do Sertão do Nordeste brasileiro na Internet	Rádio Comunitária. Internet. Sertão Nordestino

Fonte: Elaboração própria baseada nos repositórios de teses e dissertações de PPGs e CAPES

A tese *Processos comunicacionais nas rádios comunitárias do Sertão do Nordeste brasileiro na Internet* defendida em 2014 por Orlando Mauricio de Carvalho Berti no PPG da Universidade Metodista de São Paulo “aborda os processos comunicacionais nas rádios comunitárias do Sertão do Nordeste do Brasil que estão na Internet” (Berti, 2014, p. 9). De acordo com o autor, a internet incentivou a interação da população na programação e integrou as comunidades de zonas rurais e urbanas, além do aumento da audiência propiciadas pela internet em rádios comunitárias. O autor atribui o papel social das rádios comunitárias ao local e à necessidade de priorizar as comunidades das quais pertencem. Nota-se o interesse em conceitualizar rádio comunitária, contudo a definição de local e regional aparece diluída com o conceito de comunitária. O interior é apresentado como caracterização da cidade em que as rádios estão localizadas, designadas como sertão, distantes do litoral.

A dissertação de Rafael de Jesus Gomes, *O uso de dispositivos móveis no processo de produção de notícias: um estudo de caso na Rádio Independente 950 AM de Lajeado/RS*, apresentada na Universidade Federal de Santa Maria em 2015, “tem como principal objetivo entender qual é o papel que os jornalistas atribuem aos dispositivos móveis em suas rotinas produtivas” (Gomes, 2015, p. 7). O objeto de pesquisa situa-se na cidade do interior do Rio Grande do Sul, única definição de interior apresentada no texto. O local é exposto como uma das caracterizações do jornalismo produzido na rádio estudada e definido brevemente, a partir de Peruzzo (2006)⁸, como um espaço em comum entre pessoas e empresas, onde se partilham sentidos.

A pesquisa de dissertação de Lidia Paula Trentin, *O processo de escuta online: sentimento de pertencimento e diáspora no caso da Rádio Comunitária 87.9 FM de Frederico Westphalen, RS*, concluída em 2016, busca compreender como a adaptação do meio de comunicação tradicional do interior por meio do uso da internet interferiu nos modos de consumo do rádio, incluindo os programas jornalísticos. A noção de interior na pesquisa se apresenta de maneira cultural, o mesmo acontece com o local. Termos utilizados para contextualizar o ambiente e apontar aspectos referentes ao município onde o objeto se encontra.

A mesma autora, em sua tese publicada em 2021, *As Vozes do Rádio: A Participação do Público na Programação de Emissoras de Rádio da Região Ceileiro do Rio Grande do Sul* objetivou “verificar de que forma se dá a colaboração e a participação do público na programação das emissoras de rádio da Região Ceileiro do Rio Grande do Sul pelo viés das

⁸ PERUZZO, C. M. K. Rádio Comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias. *Revista FAMECOS*, [s. l.], v. 13, n. 30, p. 115–125, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3382>. Acesso em: 23 jul. 2023.

rádios” (Trentin, 2021, p. 7). Na fundamentação teórica, Trentin (2021, p. 7) mobiliza “estudos que discutem rádio, rádio em tempos de convergência tecnológica e rádio no interior”. O jornalismo local é definido não só na perspectiva geográfica, mas também no ambiente de inserção virtual que o rádio, possibilitado pela internet, produz e transmite os conteúdos. Da mesma forma que a dissertação, a tese não se centra no conceito de interior, e sim o utiliza como sinônimo de área rural.

A tese *Entre fontes e jornalistas: a seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN produzida por Luan Jose Vaz Chagas* defendida no ano de 2019 na UERJ, apresenta a conceitualização da pesquisa a partir de definições de rádio expandido e hipermediático. A empiria do trabalho se dá por meio da observação dos modos de produção das rádios BandNews Rio, CBN Rio e, no que concerne ao interior, CBN Ponta Grossa. O trabalho objetivou analisar o processo de seleção das fontes na realização das notícias no radiojornalismo local. O interior é colocado como caracterização da cidade de Ponta Grossa, localizada no interior do Paraná. Já o local é utilizado como inferência ao radiojornalismo produzido nas cidades pesquisadas.

A tese identifica que a utilização das novas tecnologias está presente na coleta das notícias, checagem e na produção home office. A utilização de fontes profissionalizadas contribui para uma checagem tenra, dependente e sem direito ao contraditório. As vozes da população, características do radiojornalismo local, não possuem espaço. Por outro lado, as redes sociais têm potencialidades de aproximar o público com a emissora em debates que interessam a comunidade, mas se torna problemática à medida em que o discurso em destaque parte de crenças pessoais.

O repositório de teses e dissertações da Universidade Federal de Santa Catarina possui 84 dissertações entre 2012, data inicial das defesas disponíveis no repositório do programa, até 2022 e 30 teses que compreendem o período de 2017 a 2021.

Dentre as 23 dissertações e as cinco teses citadas, apenas três apresentaram o resultado de busca objetivado nesta coleta. Das quais, duas dissertações defendidas em 2016 e 2021 e uma tese defendida em 2020.

Em 2021, a dissertação realizada por Jefferson de Sousa Moraes buscou examinar o radiojornalismo comunitário maranhense, inclusive de cidades do interior do Estado. Dentre as palavras-chave utilizadas, encontram-se radiojornalismo, convergência, tecnologias e rádio comunitária. O autor define e expõe as características do jornalismo local e hiperlocal e apresenta os benefícios para a comunidade, os quais estão ligados aos serviços prestados à população. Esse modelo de comunicar, segundo Moraes (2021), está interligado com a

definição de jornalismo de interior, conceito que o autor recupera de Beltrão (2013). Para ele, de acordo com Moraes (2021), o jornalismo de interior possui um estilo próprio de comunicar, de redação e de escolha da pauta, os quais estão associados com a cultura do município em que a rádio se estabelece e que são distintos aos grandes centros. Ademais, conexo ao jornalismo de interior e comunitário, Moraes (2021, p. 86-87), a partir de Beltrão (2013)⁹, expõe aspectos como, “noticiário voltado às questões da comunidade; envolvimento dos atores sociais com as pautas; equipe pequena e multifuncional com estilo de produção referente ao jornalismo praticado na mídia de referência”.

Ao citar Assis (2013), Moraes (2021) aponta a apropriação da definição relacionada ao território, onde os meios de comunicação se encontram inseridos em cidades de pequeno ou médio porte, distantes de metrópoles e do litoral, para então definir jornalismo de interior como sendo “aquilo que é de interesse das comunidades que vivem próximas a esses meios de comunicação” (Moraes, 2021, p. 87). O autor conclui que as tecnologias promoveram a ampliação da produção das rádios comunitárias, o que permitiu o acesso às informações locais mesmo quando os consumidores se encontram em outras regiões.

A tese de Karina Woehl de Farias apresentada na UFSC no ano de 2020, diz respeito à reconfiguração tecnológica no radiojornalismo catarinense na troca de ondas do AM para o FM. Dentre as emissoras estudadas, encontram-se algumas localizadas em cidades interioranas. Como marcas do radiojornalismo do interior, das 12 rádios sistematizadas como objeto da pesquisa, a autora aponta a proximidade com o público, recursos insuficientes para a produção de uma grade com programas exclusivamente jornalísticos e a não alteração do modelo radiofônico tradicional para que se mantenha a fidelidade dos consumidores mais antigos. Em relação as definições dos termos buscados, Farias (2020), conceitua apenas a radiofusão local (destinada a servir determinada localidade) e regional (destinada a servir determinada região) com base no Código Brasileiro de Telecomunicações. Contudo a autora afirma que a definição deve ser revisitada, visto que data da década de 1960. O interior é conceitualizado apenas no ambiente geográfico. A conclusão entre outras é que as emissoras passaram por encolhimento e enxugamento de profissionais, por outro lado, houve mudanças estéticas e valorização do radiojornalismo, bem como reforço de credibilidade.

A pesquisa concluída em 2014 por Bárbara Avrella teve por objetivo “verificar, descrever e sistematizar o processo de produção em radiojornalismo local das pequenas emissoras” (Avrella, 2014, p. 29), a partir da “utilização da internet como instrumento de

⁹ BELTRÃO, Luiz. O jornalismo interiorano a serviço da comunidade. In: ASSIS, F. (Org.). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.

apuração e captação de notícias nas pequenas emissoras locais” (Avrella, 2014, p. 29). A autora realizou o estudo em duas rádios situadas no interior do Rio Grande do Sul, nos municípios de Seberi e Frederico Westphalen. Na pesquisa mencionada, as pequenas emissoras são relacionadas com a cobertura local e regional, além do vínculo percebido entre as rádios e a cultura da cidade.

Um capítulo da dissertação é dedicado à definição de radiojornalismo local. Avrella (2014), utiliza como referencial teórico Ortiz (1999)¹⁰, o qual atribui ao local características como, familiaridade, a diversidade e a proximidade. A autora ainda aborda o rádio local como sendo produtor e transmissor de conteúdo relativo ao município em que a rádio está inserida. O contexto social e cultural também se encontra entre os aspectos que significam o radiojornalismo local e o jornalista é apresentado como um interessado em cobrir assuntos referentes à sociedade local por ele fazer parte da comunidade. A internet é colocada como uma oportunidade de o público-alvo acessar as informações mesmo fora do local da emissora. Como resultados, Avrella (2014, p. 232) concluiu que no radiojornalismo das cidades estudadas a internet foi “o principal instrumento para captação de informações”.

A UFPB oferta o mestrado profissional em jornalismo. Das pesquisas encontradas, quatro abordam o rádio como objeto, mas apenas uma diz respeito às cidades do interior.

No ano de 2020, Enio José Marques da Silva, defende a dissertação *Dinâmicas produtivas do radiojornalismo souse: um outro ouvir sobre o sertão*. O trabalho tem por objetivo “experimentar a reportagem em profundidade como uma nova possibilidade para a prática do jornalismo no rádio sertanejo, abordando outros critérios de noticiabilidade que não os adotados nos programas do alto sertão paraibano” (Silva, 2020, p. 8). O autor aborda a convergência midiática na plataformização do rádio como aspecto atrativo para novos ouvintes. Quanto à conceitualização de jornalismo de interior, local e regional, o autor define, fundamentado por Assis (2013), em contexto territorial, aquele que não é realizado em cidades metropolitanas ou litorâneas e Beltrão (2013), que defende a importância do jornalismo local para a comunidade em que a mídia está inserida. Silva (2020) afirma que o rádio é um dos meios de comunicação que melhor realiza o jornalismo local, por conta da proximidade existente entre a mídia e o consumidor.

Dentre os PPGs em comunicação do Brasil, a Universidade Federal do Piauí (UFPI), a Universidade Federal do Tocantins (UFT), a Universidade Faculdade Cásper Líbero e a Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos), apresentam linhas de pesquisa em

¹⁰ Ortiz, Renato. Um outro território. In: **Globalização e regionalização das comunicações**. BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). São Paulo: Educ, 1999.

jornalismo. Dos resultados obtidos, apenas uma pesquisa possui os termos buscados simultaneamente.

O mestrado em comunicação da Universidade Federal do Piauí possui como área de concentração, processos comunicacionais e como linha de pesquisa 2, processos e práticas no jornalismo. Entre os anos de 2016 e 2022 foram defendidos sete trabalhos relacionados ao radiojornalismo pela UFPI.

No ano de 2021, na Universidade Tuiuti do Paraná Mariana Gomes dos Santos pesquisou a produção jornalística em *web* rádios. Dentre os veículos escolhidos, dois se encontram em cidades do interior de Piauí. São elas, a Rádio *Web* Picos Mais, localizada no município de Picos e Rádio Central Cerrado FM, localizada na cidade de Corrente também no Piauí, as quais estão inseridas num cenário midiático tecnológico. A autora realiza uma breve definição a respeito do jornalismo local e regional, entretanto, não há preocupação em definir jornalismo de interior.

Os resultados obtidos mostraram que as pesquisas sobre jornalismo produzido em rádios do interior revelaram alterações de um meio tradicional impactado pela convergência tecnológica. Além disso, foi possível visualizar o cenário no interior do país, demonstrado como desvalorizado e a caracterização do panorama de acordo com as características do ambiente em que as rádios estão inseridas.

Entretanto, as pesquisas no campo revelam o interesse em objetos e fenômenos de referência, das capitais, com balizadores transnacionais, o que nos leva a concluir limitado interesse por fenômenos locais. Aspecto que denota a importância da realização de pesquisas preocupadas com as localidades que não comportam mídias voltadas às demandas nacionais e internacionais, bem como a atualização desses trabalhos, visto que a convergência tecnológica é um dos fatores que contribui para as mudanças nas rotinas jornalísticas que interferem no produto, nos profissionais e nos consumidores.

As alterações na profissionalização (Kischinhevsky, 2010; Renault, 2013) foram pouco evidenciadas nas pesquisas, mas relevante para o entendimento das funções exercidas pelos jornalistas e da sobrecarga de trabalho. Aplica-se os termos multifunção e ‘jornalista sentado’ que apresentam a necessidade do saber prático tecnológico, porém nem sempre subjacentes ao saber jornalístico.

Nota-se prevalência nas dissertações da UEPG em abordar as questões de interior em relação as pesquisas da UFSC. Porém, tais textos não fazem relação com a convergência e com o jornalismo produzido em rádio concomitantemente. Nas pesquisas da UFSC, três trabalhos abordaram cidades do interior no contexto mencionado, porém nenhuma com exclusividade a

essas cidades. Contudo, das três pesquisas defendidas na Universidade Federal de Santa Catarina, uma delas se destacou em abordar o conceito de jornalismo de interior, uma conceitualização que extrapola o marco territorial e geográfico. O trabalho também buscou relacionar a definição com o conceito de jornalismo comunitário, uma vez que é o objeto de pesquisa do autor. As outras duas pesquisas apontam o jornalismo de interior apenas no âmbito geográfico.

Dentre os PPGs em comunicação e o mestrado em jornalismo da UFPB, 23 pesquisas abordam a produção e/ou o consumo jornalístico radiofônico e apenas uma dissertação defendida na UFPI em 2021 analisou o contexto do rádio em cidades do interior, entretanto o conceito foi restrito e breve a respeito do jornalismo local e regional.

Tanto a tese quanto a dissertação da Universidade do Tuiuti do Paraná demonstraram pouco interesse em definir jornalismo de interior. As demais pesquisas observadas atribuem o jornalismo de interior a marcos geográficos.

Como fatores em comum que atribuem a tecnologia ao desenvolvimento radiofônico de interior, nota-se a convergência como parte do processo de produção jornalística em rádio nas alterações no formato de transmissão, na utilização de multiplataformas, na segmentação do público ou na atualização constante no modo de consumir notícias.

Observou-se, a partir das pesquisas que a convergência tecnológica aportou a produção jornalística no rádio com a intensificação de características, como por exemplo, a participação do público. Ademais, criou-se diferentes formas de produzir e transmitir o conteúdo para além do áudio e do dial, o que reforçou a existência e o consumo do rádio. Por outro lado, o enxugamento das redações gerou sobrecarga de trabalho para os jornalistas o que exigiu mais tempo, especializações e maior equilíbrio psicológico.

Acredita-se na importância da atualização do cenário convergente em rádio, mais especificamente no panorama jornalístico, e pois, com o passar dos anos, ocorre o surgimento de novas alternativas de produção, circulação e consumo noticioso, bem como mudanças nas atividades dos profissionais. Esse contexto foi amplamente pesquisado ao longo dos anos em rádios localizadas em grandes centros, porém pouco em rádios do interior.

Percebeu-se ainda, a preferência no estudo de rádios comunitárias quando se trata de interior. A caracterização do panorama interiorano justifica-se pela relevância social, pela função de ator social que o rádio informativo exerce (Meditsch, 2007) e profissional do jornalismo que possuem igual importância quanto às pesquisas das grandes cidades. O tratamento técnico do rádio exibido nas pesquisas pode ser utilizado como apoio na contextualização e fundamentação deste trabalho.

Aguiar (2016) enfatiza que a noção de jornalismo comunitário possui diferentes vertentes conceituais modificadas pela condição em que é aplicada. “Há um conflito entre os que condicionam o caráter comunitário a um vínculo territorial e os que privilegiam os aspectos identitários simbólicos que constituem uma comunidade” (Aguiar, 2016, p. 30), aspecto este que segundo Dornelles (2012), assume tal reconhecimento que ultrapassa a esfera territorial.

Nesse contexto, o jornalismo local possui a função de reconhecer, informar e mediar os assuntos de caráter público relacionado ao lugar situado, a fim de expor informações relevantes à comunidade, enquanto os assuntos de cunho nacional ficam a cargo das grandes mídias (Dornelles, 2012). O local “possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos” (Ortiz, 1999, p. 59).

No que diz respeito à definição de jornalismo de interior, há maior número de pesquisas que buscam definir o jornalismo local do que o jornalismo de interior, em alguns casos, percebeu-se a utilização do termo regional e local como sinônimos. Já os termos local e regional não foram aplicados como sinônimos de interior nos trabalhos.

2.4 MAPEAMENTO DOS TCCs DO CURSO DE JORNALISMO DA UEPG QUE MANEJAM O RÁDIO COMO OBJETO DE ESTUDO

Com o objetivo de observar o panorama de pesquisas científicas no campo do radiojornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, realiza-se uma busca dos TCCs que abordam o jornalismo radiofônico em relação à técnica ou prática. A primeira pesquisa foi desenvolvida no ano de 1990, portanto o levantamento se deu a partir dessa data.

O levantamento dos trabalhos de conclusão de curso permite que haja uma visão em relação à cultura de pesquisa da UEPG sobre o rádio de maneira a abranger um período amplo de estudos, considerando o contexto em que foram produzidos. Assim, obter um quadro científico a respeito do radiojornalismo local, bem como a produção jornalística e noticiosa no rádio e identificar as semelhanças, diferenças e a atualização em relação ao objeto. Além disso, escolha dos TCCs da UEPG se justifica pela procura por pesquisas que tenham as mídias radiofônicas na cidade e região, como preocupação em reconhecer contribuições à definição do lugar da rádio na cidade, bem como identificar particularidades históricas que possam contribuir na caracterização do objeto no contexto local.

O curso de jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa teve início em 1985, instituído como Comunicação Social – Jornalismo até o ano de 2010, “passou à denominação “Curso de Jornalismo” em 13 de junho de 2011” (Cepe, 2015). Em 1988, foi criado o laboratório de radiojornal (Gadini, 2020), o que facilitou a realização de TCCs relacionados ao

radiojornalismo em formato de produto.

A partir do ano de 2011, foram elaboradas novas exigências para um curso específico de jornalismo e em 2013 foi aprovada as Diretrizes Curriculares Nacionais para a área (Ferreira, 2019). Com isso, alteraram-se também as orientações de elaboração de TCCs e a não obrigatoriedade de profissionais jornalistas na banca examinadora. Os TCCs passaram a ser realizados individualmente com carga horária de 300 horas com flexibilização (Brasil, 2013).

Realizou-se a busca de trabalhos de conclusão de curso da UEPG em arquivos físicos até o ano 2005 e digitais a partir do ano seguinte que manejam o objeto rádio a partir do suporte ou da técnica. A seleção se deu a partir dos títulos que continham “rádio”, “radiojornalismo” e “*podcast*”. Em termos quantitativos, entre os anos de 1990 a 2022 em que houve projetos sobre rádio, observou-se 36 pesquisas, sendo 31 trabalhos em formato de produto e cinco pesquisas em formato de monografia¹¹.

O primeiro trabalho foi apresentado em 1990. A pesquisa se deu no desenvolvimento de uma programação de rádio que transmitia informação de interesse do público da área rural com informativos de natureza mercadológica (Santos, 1990). No período de execução do trabalho, a preocupação com o meio parecia exceder à atenção com o jornalismo e as problemáticas que envolvia o objeto da pesquisa.

No ano de 1992, uma pesquisa buscou implementar uma rádio universitária que objetivava difundir informações a respeito da comunidade acadêmica, fomentando a relação entre universitários e funcionários administrativos (Neppel e Sanches, 1992). O trabalho aponta o uso do rádio para entretenimento, o não investimento no rádio do interior em infraestrutura para a veiculação de notícias e a necessidade de possuir uma programação com variedades para atingir o público de Ponta Grossa. Nota-se, a partir dele, que a notícia radiojornalística em Ponta Grossa é historicamente desvalorizada pela população, onde a audiência se concentra principalmente em programas de entretenimento.

Além dela, outra proposta em formato de produto foi apresentada no mesmo ano. Tratou-se da realização de um programa noticioso em uma rádio já existente com assuntos de interesse local (Distefano; Andrade; Alves, 1992). A parte escrita da pesquisa não apresenta dados referentes ao jornalismo local e sim relacionados aos aspectos técnicos da produção do produto. O arquivo salvo em CD não foi encontrado.

A pesquisa de TCC apresentada em 1996, teve como objetivo veicular informações a

¹¹ De acordo com a resolução nº 13 do CEPE (2018), o formato produto consiste na execução de um trabalho prático jornalístico experimental, acompanhada do projeto e do relatório. E a Monografia é a elaboração de uma pesquisa empírica fundamentada com teoria e método seguida pelo relatório de análise (CEPE, 2018).

respeito de novas técnicas e tecnologias utilizadas na agricultura, por meio da produção de conteúdos radiofônicos direcionados para uma comunidade rural específica localizada em Ponta Grossa (Cervi; Oliveira; Garcia, 1996). O interesse estava voltado em atender demandas referentes ao trabalho de um público específico em vez de compreender e analisar a respeito das técnicas produtivas do jornalismo ou problematizar o fazer das peças radiojornalísticas para a comunidade. Além dela, Nodari e Godoi (1996) realizaram um projeto o qual o arquivo não foi encontrado, intitulado de “Rádio Pontal: uma rádio comunitária no litoral”.

Em 1999, dois trabalhos explanaram acerca do radiojornalismo. O primeiro TCC em formato de monografia sobre rádio analisou a utilização do meio por políticos e a influência de proprietários na programação (Javorski, 1999). Outro em formato de produto propunha a veiculação de programas literários no rádio (Delinski, 1999). Também em formato de produto, duas pesquisas no ano de 2001 realizaram a criação de programas radiojornalísticos. A primeira, a partir de produções culturais (Duarte e Massabki, 2001) e a segunda como tentativa de inserção do cidadão nas programações radiofônicas (Vicente e Teixeira, 2001).

Em 2002, três pesquisas em formato de produto visaram a realização de programações radiofônicas. As pesquisas tinham como intuito, respectivamente, propagar informações relacionadas a saúde (Martins e Zambolim, 2002); difundir informações sobre a área rural (Maia, 2002); facilitar a comunicação entre comunidade e ONGs, bem como transmitir informações a respeito do assunto (Scrok e Oliveira, 2002).

Foram encontradas no ano de 2003 duas pesquisas em formato de produto. Os objetivos dos trabalhos foram pautados na realização e divulgação de conteúdos direcionados para os idosos (Scandolara e Souza, 2003) e na produção de um programa radiofônico policial e ético (Spautz e Sinzker, 2003).

Em 2004, observou-se duas pesquisas relacionadas ao rádio. Um dos trabalhos visou a produção de um programa de rádio de modo a contribuir com a comunicação nas escolas em nível de ensino fundamental (Machinski e Laskos, 2004). E, Silva e Santos (2004), focaram na elaboração de boletins radiojornalísticos com abordagens referentes ao mercado de trabalho. No ano seguinte, Quaquio (2005) realizou a produção de um filme documentário que faz um apanhado histórico do rádio em Ponta Grossa. No texto, o autor cita aspectos relacionados ao rádio em Ponta Grossa e o arquivo em vídeo não se encontra disponível. Ainda no mesmo ano, Iurk (2005) apresentou como proposta a produção de um programa radiofônico de serviço para caminhoneiros.

No ano de 2006, foi realizado um radiodocumentário com relatos e lembrança de trabalhadores de campo de Ponta Grossa que participaram da Segunda Guerra Mundial

(Oliveira, 2006). Em 2007, a monografia de Soares (2007) buscou compreender a relação entre rádios comunitárias na região dos Campos Gerais com a comunidade, além de relacionar com um modelo ideal e outro legal desenvolvido pela autora.

Quatro produtos desenvolveram ou utilizaram o rádio como objeto de pesquisa no ano de 2008. São eles, a produção de um radiodocumentário sobre o Sistema de Plantio Direto na agricultura de Ponta Grossa (Lima, 2008); a produção de uma grande reportagem referente a uma rádio situada no Paraná (Gonçalves, 2008); a realização de um radiodocumentário sobre a influência das mulheres em movimentos tropeiros nos Campos Gerais (Synderski e Dvulatk, 2008) e o desenvolvimento de um programa de rádio direcionado aos agricultores de um município do Paraná (Orlonski, 2008).

Em 2009, observou-se dois produtos. Um portal que objetivou contribuir com a programação das rádios comunitárias do Paraná (Tech, 2009) e a realização de uma programação radiofônica que demonstrou aspectos culturais de Santa Catarina (Thibes, 2009). O primeiro faz o uso da internet de maneira a colaborar com o rádio. Desde o surgimento dela, nenhuma pesquisa corroborou sobre os impactos da internet no radiojornalismo.

Nos anos seguintes foram observados, um radiodocumentário desenvolvido em 2010 referente a umbanda (Fadino, 2010); no ano de 2012, um trabalho monográfico que analisou a produção noticiosa de um programa esportivo da Rádio Clube de Ponta Grossa (Cabral, 2012) e em 2014, a produção de um videodocumentário sobre programas radiofônicos de auditório de Ponta Grossa (Schreider, 2014). Ribas (2016) realizou um programa radiojornalístico direcionado para os trabalhadores em transporte rodoviário de cargas de Ponta Grossa.

Nota-se, a partir do ano de 2019, o desenvolvimento de episódios de *podcast*, “modalidade de radiofonia sob demanda, assíncrona, que vai além da oferta de conteúdos em websites de emissoras” (Kischinhevsky, 2017, p. 6). Charneski (2019) elaborou um *podcast* composto por cinco episódios que abordam a importância da cultura polonesa nos Campos Gerais e identifica de que maneira ocorre a manutenção da tradição polonesa na região.

Ainda no ano de 2019, uma monografia buscou caracterizar a cobertura esportiva das rádios de Ponta Grossa, CBN, Clube e Difusora (Lagoa Dourada) por meio da análise de conteúdo (Lopata, 2019). O trabalho que teve como um de seus objetos de pesquisa a Rádio CBN Ponta Grossa apresentou o perfil do veículo e apontou o programa esportivo como o único voltado para a produção jornalística regional. Lopata (2019) também aponta características da Rádio CBN de Ponta Grossa que ainda permanecem, como a equipe pequena e a não disponibilização dos conteúdos na íntegra nas redes sociais. No mesmo ano, ainda no segmento esportivo, Silva (2019) realizou uma pesquisa em formato de produto, o qual desenvolveu uma

programação radiofônica com entrevistas sobre títulos conquistados pelo Operário Ferroviário Esporte Clube.

A estudante Mariana Santos (2020) produziu quatro episódios de um *podcast* sobre o futebol feminino no Brasil com o objetivo de exibir a historicidade referente às desigualdades no esporte mencionado.

Em 2022, Luz (2022, p. 17) desenvolveu “um episódio de programa de rádio, estilo *podcast*, sobre a prática do paradesportismo”. A escolha do segmento de transmissão do conteúdo se deu, de acordo com o autor, a partir de pesquisas realizadas pela Kantar Ibope que demonstraram o crescente consumo de áudios em formato *podcast* principalmente em tempos de pandemia, período em que o produto foi desenvolvido.

No mesmo ano Machado (2022) produziu um TCC em formato de radiodocumentário sobre as transmissões esportivas no rádio ponta-grossense. Por fim, Godoi (2022) desenvolveu uma análise monográfica alusiva ao histórico profissional das mulheres que atuam nas rádios de Ponta Grossa.

Percebe-se, a partir da observação dos trabalhos de conclusão de curso da UEPG dos últimos 33 anos, a valorização da prática radiofônica em detrimento de refletir, analisar e problematizar o jornalismo. Nota-se pesquisas voltadas à transmissão de conteúdos para entidades ou organizações sem fins lucrativos, o que evidencia o papel social do meio no município e região e o interesse em pensar a realidade social da região. Ao longo dos textos, observa-se que nem todas as pesquisas relacionadas ao rádio apresentam o jornalismo como foco em seus conteúdos, mas na produção radiofônica.

A maior parte dos estudantes optou pela realização de produtos no formato de radiodocumentários, principalmente no que se diz respeito à difusão de informações por meio do rádio com temas como agricultura e esporte. Foram recorrentes programas que buscaram atender necessidades específicas de pequenas parcelas de público sem identificar o jornalismo em teoria ou prática de forma a contribuir com o campo. As rádios comunitárias foram evidenciadas nos TCCs no que tange à inserção de programações informativas nesses veículos.

O número de pesquisas relacionadas ao rádio em relação ao número de graduandos em cada turma desde 1990 até 2022, demonstra instabilidade quantitativa das pesquisas em anos consecutivos. Em uma média de 25 TCCs durante o período observado em que houve produções relacionadas ao rádio, contabiliza-se a média de dois trabalhos ao ano sobre o assunto.

Dentre os trabalhos observados, um apresentou a Rádio CBN no título, o qual analisou o conteúdo esportivo da rádio. O cenário tecnológico foi evidenciado principalmente em trabalhos que ancoram os diferentes formatos de transmissão jornalística por meio do áudio.

Os TCCs apontam, em determinada medida, características das rádios e dos conteúdos das rádios de Ponta Grossa. Pontos estes que são modificados constantemente, o que torna necessária a atualização desses dados. Dos pontos de convergência com esta pesquisa, três trabalhos, no que foi possível o acesso, realizam breves apontamentos sobre a o localismo radiofônico em Ponta Grossa (Quaquio, 2005), relacionado à Rádio CBN de Ponta Grossa (Lopata, 2019), e a falta de investimento na informação radiofônica, visto a necessidade de angariar público por meio do entretenimento no município (Neppel e Sanches, 1992). Características estas que serão atualizadas nos próximos capítulos, principalmente no que concerne ao objeto de estudo desta pesquisa, a Rádio CBN de Ponta Grossa.

Entretanto, entende-se que o foco das pesquisas no âmbito radiofônico se direciona para a produção e não no debate acerca do jornalismo de rádio, ou seja, os interesses dos TCCs em formato de produto não estão centrados na reflexão teórica propriamente. Esta pesquisa pode servir como embasamento para novas pesquisas sobre rádios *all news*, Rádio CBN Ponta Grossa e o jornalismo produzido pela emissora, a qual contempla aspectos inerentes ao município.

3 O MODELO *ALL NEWS* E O PERCURSO DO RÁDIO EM PONTA GROSSA

Este capítulo realiza a revisão bibliográfica de caráter histórico sobre a Rádio CBN, o modelo *all news* no Brasil e o rádio no município de Ponta Grossa. Para isso, foram recapitulados textos de autores como Barbeiro (2006), Tavares (2006) e Mikaelli (2006).

Procurar-se-á entender de que maneira o modelo *all news* surgiu no Brasil e como o rádio avançou desde as rádios AM e a migração para o FM, bem como se estabeleceu no município de Ponta Grossa e alcançou o radiojornalismo até a concepção da Rádio CBN de Ponta Grossa. Serão evidenciados de forma ampla até se estreitar no objeto desta pesquisa, os modos e as características que permanecem, que se alteraram e que são específicas de cada emissora de rádio.

3.1 A CENTRAL BRASILEIRA DE NOTÍCIAS E O FORMATO *ALL NEWS*

O modelo de rádio *all news*, que transmite informações durante toda a programação, surgiu no Brasil com a Central Brasileira de Notícias e é pertencente ao Grupo Globo. Segundo Barbeiro (2006), a noção de rádio em rede surgiu da conexão entre São Paulo e Rio de Janeiro, e após foi ampliada para Brasília, Recife e Belo Horizonte. Nesse período, o Sistema Globo de Rádio deixou de transmitir programação popular e passou a veicular jornalismo. A CBN possui como desafio, de acordo com Stamillo (2006), prestar serviços locais ao mesmo tempo em que atende à demanda nacional.

Hoje, a rede CBN conta com quatro emissoras próprias localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, além de 33 emissoras afiliadas presentes em 19 Estados brasileiros. Para facilitar a visualização e possibilitar uma visão geral do alcance da CBN no país por região, a Figura 1 mostra os Estados brasileiros que possuem emissoras próprias representados na cor vermelha, que possuem emissoras afiliadas em verde e os que não fazem parte da rede CBN na cor cinza.

Figura 1: Mapa dos Estados brasileiros com emissoras próprias, afiliadas e sem emissoras da CBN



Fonte: Elaboração própria baseada na CBN (2024)

Para identificar a abrangência da CBN por Estado brasileiro, o Quadro 2 apresenta os Estados citados acima, bem como as cidades retransmissoras da rede e o número de afiliadas por Estado. As cidades que não possuem afiliadas ou emissoras próprias estão preenchidas com n/p. A ordem exposta se dá por emissora própria e em seguida por quantidade decrescente de afiliadas.

Quadro 2 – Estados brasileiros que possuem emissoras próprias e afiliadas da CBN

Estados brasileiros	Emissoras próprias	Emissoras afiliadas	Nº de afiliadas
São Paulo	São Paulo	Campinas, Ribeirão Preto, Santos, São José do Rio Preto e São José dos Campos	5
Distrito Federal	Brasília	n/p	0
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	n/p	0
Minas Gerais	Belo Horizonte	n/p	0
Paraná	n/p	Ponta Grossa, Curitiba, Maringá, Cascavel e Londrina	5
Santa Catarina	n/p	Florianópolis, Blumenau e Joinville	3
Ceará	n/p	Fortaleza e Cariri	2
Paraíba	n/p	João Pessoa e Campina Grande	2
Pernambuco	n/p	Recife e Caruaru	2
Tocantins	n/p	Palmas e Araguaína	2
Acre	n/p	Rio Branco	1
Alagoas	n/p	Maceió	1
Amapá	n/p	Macapá	1
Amazonas	n/p	Manaus	1
Espírito Santo	n/p	Vitória	1
Goiás	n/p	Goiânia	1
Mato Grosso	n/p	Cuiabá	1
Mato Grosso do Sul	n/p	Campo Grande	1
Pará	n/p	Belém	1
Rio Grande do Norte	n/p	Natal	1
Rio Grande do Sul	n/p	Porto Alegre	1
Rondônia	n/p	Guajará-Mirim	1

Fonte: Elaboração própria baseada na CBN (2024)

Nota-se a partir dos dados que em relação ao número de afiliadas da Rádio CBN por região, o Sul lidera com nove emissoras, seguido da região Nordeste com oito emissoras, região Norte com sete, Sudeste com seis afiliadas e Centro-Oeste com três. A forte presença de rádios retransmissoras da CBN se destaca não apenas na região Sul, mas no Paraná. Composta por quatro emissoras próprias e trinta e três afiliadas, cinco delas estão situadas no Estado do Paraná, que juntamente com o Estado de São Paulo, possui o maior número de emissoras afiliadas no país (CBN, 2024).

Na produção radiofônica de formato *all news*, de acordo com Keirstead (1980 *apud* Betti, 2010), nos Estados Unidos, a intenção era transmitir as notícias repetidamente até que o público se sentisse informado e após procurasse outra estação de rádio. O Brasil, por sua vez, seguiu o modelo de produção norte-americano, mas a finalidade era introduzir nos brasileiros o hábito de consumir notícias por grande parte do dia. Segundo Ferraretto (2014, p. 77), o modelo *all news* “apresentava uma sequência contínua de irradiação de notícias na forma de textos e reportagens, repetidas e atualizadas em períodos de tempo variando de sete a 30 minutos”. Na CBN, segundo Barbeiro (2007), a substituição do jornal falado pelo radiojornalismo foi uma mudança estabelecida com o tempo que passou a se afastar do modelo do jornalismo impresso e se aproximar do modelo televisivo.

Segundo Marinho (2006), na década de 1980, o Sistema Globo de Rádio recebeu investimento para a difusão de promoções e programas musicais em frequência modulada. Contudo, Roberto Marinho decidiu implantar um modelo de radiofusão no Brasil, o qual se espelhava em aspectos da American Broadcasting Company (ABC), no que diz respeito à difusão de informações em rede, portanto com foco nos conteúdos locais e de prestação de serviço a exemplo da Columbia Broadcasting System (CBS) e não nacionais e internacionais como operava a ABC. Essa estratégia foi uma maneira de aumentar o número de audiência e manter a proximidade com o público.

A CBN foi ao ar pela primeira vez em 1º de outubro de 1991 (Tavares, 2006). O perfil inicial da CBN foi rejeitado pelas agências de publicidade e anunciantes, contudo de acordo com Marinho (2006), assim que aceito, outras rádios incorporaram o modelo. Isso significou uma melhora na qualidade jornalística do meio radiofônico como um todo (Barbeiro, 2006). O slogan “CBN, a rádio que toca notícia” surgiu e se consolidou.

No início, nas fases de ajustes, ainda segundo o autor, a CBN reproduzia músicas e as entrevistas eram repetidas diversas vezes. Barbeiro (2006, p. 38), aponta que a CBN “nasceu com a maioridade de seu espaço dedicado ao jornalismo informativo, de preferência ao vivo, com reportagens calcadas em entrevistas com os personagens sociais”. Ao longo dos anos o

objetivo da CBN foi não apenas transmitir informação, mas noticiar, analisar e interpretar os acontecimentos, o que foi visto pelo público como um diferencial (Tavares, 2006).

Em 1997, segundo o diretor-geral que assumiu o cargo em 1998, Rubens Campos, a CBN passava por uma crise econômica que ameaçava por fechar a empresa. Na tentativa de sair da crise, a programação nacional foi reconstruída, de forma a diminuir os custos de produção. Ademais, a busca por anunciantes e o aumento nos preços dos comerciais, mesmo que mais elevados do que a concorrência, fizeram com que a rede passasse a lucrar significativamente a partir de 1999 (Campos, 2006).

A mercantilização associada à sobrevivência da Rádio CBN necessitava que o radiojornalismo produzido tomasse medidas globais e atuasse diante das transformações tecnológicas, que no horizonte apontavam para a associação do rádio com a imagem (Barbeiro, 2006). A globalização impactou também nos conteúdos de ordem política e social. As grandes empresas de comunicação tinham controle sobre a difusão de notícias e entretenimento, inclusive sobre a CBN, a qual concorria com rádios que apresentavam programas musicais e noticiosos (Barbeiro, 2006).

Uma das estratégias para atrair anunciantes foi levar o estúdio para transmissões externas, assim, o público-alvo poderia acompanhar a realização do programa ao vivo. Até porque, segundo Barbeiro (2006), a CBN não aderiu à espetacularização da notícia, o que gerava audiência para outras emissoras. “O jornalista não podia vender publicidade e publicitário não podia editar jornal [...] e o resultado seria a conquista de bons anunciantes” (Barbeiro, 2006, p. 35).

O público da CBN, desde o início do projeto, sempre foi um só: o executivo, o gerente o integrante das classes A e B com 30 anos, o homem e a mulher que lutam pela ascensão social. As notícias servem tanto como ferramenta de sucesso como de formação de conteúdo e reflexão (Barbeiro, 2006, p. 33).

A colaboração entre a equipe, o compartilhamento do trabalho e a apuração das notícias à frente da necessidade de difundir antes da concorrência, de acordo com Barbeiro (2006), foram requisitos que auxiliaram no avanço e na consolidação da CBN. A clareza, a busca pela objetividade e a primazia pela qualidade do conteúdo, sobretudo em um período em que a “voz boa” era supervalorizada, auxiliaram na modelagem da CBN (Tavares, 2006).

Com o surgimento da CBN, o esporte, que antes era veiculado como entretenimento, passou a ser difundido em formato de editoria. “O projeto CBN incluiu em seu noticiário *all news* as informações de esporte, incluindo as de futebol [...]. Para isso, os âncoras foram treinados para tratar o assunto com o mesmo rigor de outras áreas e editar o material seguindo

os mesmos critérios jornalísticos” (Barbeiro, 2006, p. 37).

A Rádio CBN exige um padrão específico de produção, transmissão e consumo dos conteúdos. Entretanto, cada afiliada deve respeitar a localização e o público para qual oferta informação (Tavares, 2006). Esse é um comportamento necessário para que haja consumo, logo, a sobrevivência do veículo. Isso diz respeito à uma formação identitária moldada a partir de aspectos regionais condizentes com o público-alvo.

Tavares (2006, p. 50) afirma que as rádios afiliadas à CBN são encarregadas de nutrir as programações com noticiário do próprio município e garantir a proximidade com o consumidor e com a comunidade. “A CBN atende essa demanda por meio de inserções de noticiário local ao longo do dia”.

Barbeiro, Marinho e Tavares (2006) enfatizam a atenção fornecida ao público no que concerne aos comentários, críticas, elogios e participações que aproximam o consumidor da emissora. As sugestões enviadas por *e-mail* deram início aos programas que recebem especialistas e aprofundam os temas de maior interesse público. Essa é uma maneira de compreender a audiência e estabelecer vínculo.

De acordo com Stamillo (2006), a CBN reserva, além dos programas locais, blocos entre as programações da rede para a veiculação de informações referentes ao município. Desse modo, cada cidade deve preencher o tempo destinado com jornalismo de serviço - notícias sobre trânsito, previsão do tempo, estradas, entre outros. Caso o município não possua informações locais, esses blocos são preenchidos com noticiário nacional, produzido pela cabeça de rede.

A importância das notícias locais no rádio é ainda maior em situações de emergência como greves ou outros tipos de problemas no sistema de transporte público, grandes protestos e enchentes [...]. Mas o jornalista não vive só de tragédias, assim como o noticiário local não se resume à prestação de serviços (Stamillo, 2006, p. 119).

O autor afirma que as reportagens locais devem desempenhar o papel de “manter o ouvinte informado sobre os assuntos mais relevantes e que trarão impacto na sua vida; é ajudar a formar, a partir da exposição do debate de ideias, a massa crítica necessária para o exercício pleno da cidadania” (Stamillo, 2006, p. 119).

Segundo Farias (2020), as redes de rádio fornecem informações de cunho global e nacional para as emissoras parceiras, dentre elas as rádios de interior, as quais acabam possuindo menor espaço para programação local. Assim, o espaço acaba sendo preenchido com conteúdos externos, nacionais, o que garante, por um lado, que a grade de programação seja preenchida, mas por outro, pode distanciar os interesses do público. Enquanto outros meios de comunicação do mesmo local podem veicular conteúdos de proximidade, o que agrega valor ao

serviço prestado.

3.2 DESDE O AM: UM MAPEAMENTO DAS RÁDIOS EXTINTAS E ATIVAS EM PONTA GROSSA

Este subcapítulo busca exercer um diálogo entre o rádio e o contexto local do município de Ponta Grossa. Com o objetivo de identificar o lugar do jornalismo nas rádios de Ponta Grossa, por meio de um mapeamento da programação jornalística, observa-se as grades de programação das rádios da cidade e realiza-se um panorama referente à transmissão de conteúdos informativos e noticiosos com o intuito de compreender quantitativamente o cenário jornalístico em rádio do município.

O rádio possui papel integrador quando relacionado com o contexto local. De acordo com Ferreira (2018, p. 101), “no esforço de construção do desenvolvimento local, o rádio vem sendo articulado como um meio capaz de contribuir nesse movimento de consolidação”, com a participação e a mobilização da população facilitado pela proximidade do meio com a sociedade. No município de Ponta Grossa se encontram rádios que produzem notícias locais, as quais se estabelecem entre o tradicionalismo e a inovação.

Ponta Grossa está localizada na Região dos Campos Gerais¹², Estado do Paraná (Prefeitura de Ponta Grossa, [s.d]). Possui 200 anos e é marcada pela agricultura, manancial e cooperativismo (AMCG, [s.d]). Com área territorial de 2.054,732 km², a 116 km da capital do Estado, Curitiba, com população aproximada de 358.371 pessoas (IBGE, 2022) e PIB per capita de 48.615,15 reais (IBGE, 2020).

Segundo Quaquio (2005), na década de 1930 surgiu nos Campos Gerais a primeira experiência com radiofonia, a qual foi oficialmente reconhecida em 1949. Chamada de Rede de Alto-Falantes Campos Gerais (RAF) com a instalação de cornetas de som que permitiram a ampliação da transmissão.

De acordo com Gadini, Adam e Sansana (2021), a partir de entrevistas realizadas com profissionais e colaboradores que atuaram no meio, entre 1960 e 2018, em Ponta Grossa, o rádio surge a partir de influências familiares na cidade e a acessibilidade que o rádio dispunha. Os relatos ainda contavam com manifestações de saudosismo, memória, proximidade e evolução. A informação transmitida pelo rádio foi pioneira em relação à TV, “a maioria dos relatos destaca que a função social do rádio deve fazer uma mescla entre o entretenimento e o

¹² A região dos Campos Gerais é composta por 19 municípios, sendo eles: “Arapoti, Carambeí, Castro, Curiúva, Imbaú, Ipiranga, Ivaí, Jaguariaíva, Ortigueira, Palmeira, Pirai do Sul, Porto Amazonas, Ponta Grossa, Reserva, São João do Triunfo, Sengés, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania” (AMCG, [s.d]).

jornalismo” (Gadini, Adam e Sansana, 2021, p. 160).

A permanência do rádio é resultado do potencial integrador e adaptável às inovações tecnológicas, ao mesmo tempo em que mantém a tradição, além da acessibilidade do meio, da identificação com o público e das memórias advindas historicamente da relação do rádio com o local (Prata e Del Bianco, 2020; Comassetto, 2004).

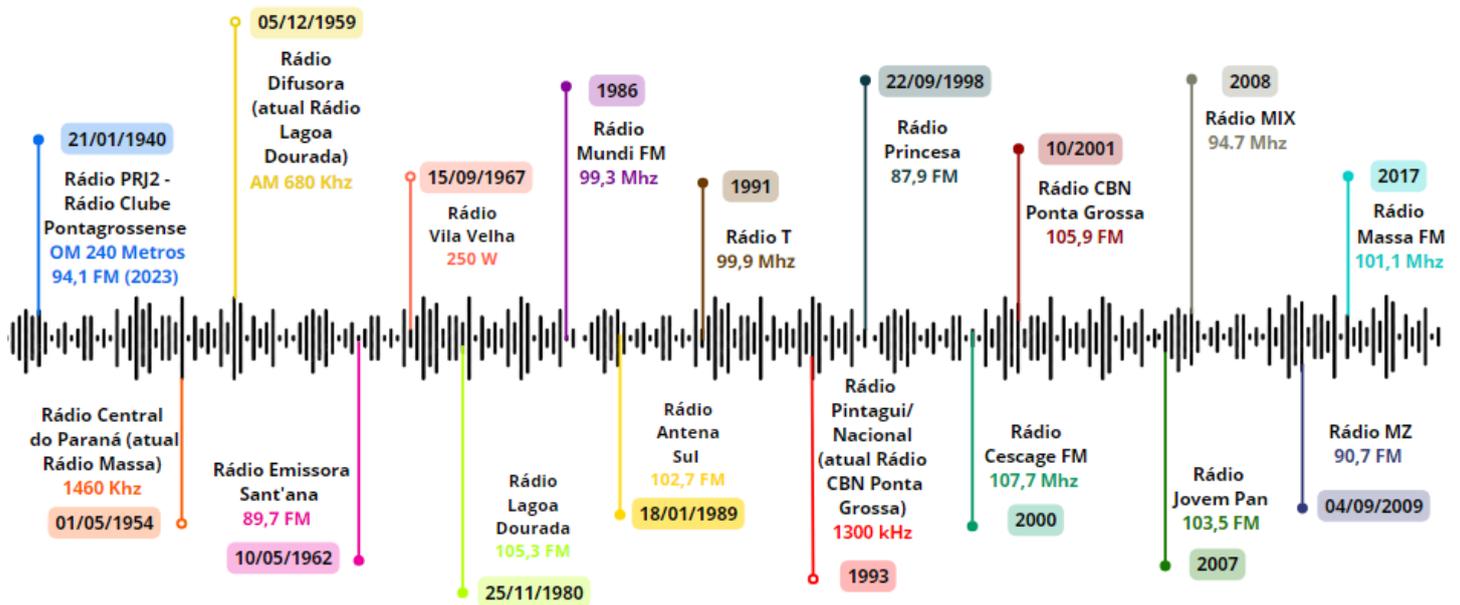
Para compreender o cenário jornalístico no rádio do interior, deve-se considerar fatores como o atravessamento da tecnologia e a regionalidade, os quais estão atrelados à sobrevivência do meio.

Esta tecnologia que afeta a produção, transmissão e consumo de conteúdo radiofônico leva os jornalistas a uma nova condição: repensar e rediscutir o radiojornalismo, seus fazeres e sua linguagem. São processos que não podem ser considerados de maneira isolada, e que prescindem desta relação por se afetarem mutuamente (Lopez, 2010, p. 82).

O município de Ponta Grossa possui o total de 14 emissoras de rádio em funcionamento, todas elas operam em frequência modulada. A migração do AM para o FM, segundo Prata e Del Bianco (2020) acontece na busca pela melhora na qualidade do sinal transmitido. São elas, Rádio T de Ponta Grossa (2023), inserida em 24 cidades do Paraná, além de Ponta Grossa; Rádio Clube Pontagrossense FM (2023), a mais antiga do Paraná em funcionamento; a emissora católica Rádio Sant’Ana FM; Rádio Mundi FM; Rádio CBN Ponta Grossa; Rádio Massa FM Ponta Grossa; Rádio Princesa FM; Rádio Mix FM Ponta Grossa; Rádio Jovem Pan FM Ponta Grossa; a rádio evangelista Rede Aleluia FM (2023); Rádio Lagoa Dourada FM (2023), com emissoras em Ponta Grossa e Telêmaco Borba – PR; a estação educativa Rádio CESCAGE (2023); a Rádio MZ FM (2023), a qual possui sede de concessão radiofônica no município de Carambeí – PR e Rádio Antena Sul FM (2023), a qual possui sede de concessão radiofônica em Castro – PR.

A partir dos dados mobilizados a respeito das rádios, a Figura 2 apresenta uma linha do tempo por ordem de criação das rádios de Ponta Grossa, a qual engloba as rádios existentes exibidas com o ponteiro da linha fechado, as rádios que deixaram de existir com o ponteiro da linha aberto e as que tiveram seus nomes fantasia alterados, bem como a frequência ou amplitude de transmissão atual ou na época em que foi desativada.

Figura 2 – Linha do tempo do surgimento das Rádios em Ponta Grossa



Fonte: Elaboração própria (2023)

Com o intuito de comparar as relações entre as rádios, além de identificar dados históricos, o Quadro 3 as classifica por ordem de ano de criação, mostra o nome anterior da rádio, se houve ou não a migração da amplitude modulada para a frequência modulada. Caso a resposta seja negativa, significa que a rádio foi instalada no município como FM, O quadro apresenta também o local de concessão e o proprietário ou o gestor atual da rádio. Os locais do Quadro que estão marcados por um traço horizontal significam que os dados não foram encontrados.

Quadro 3 – Rádios de Ponta Grossa ou que possuem alcance no município

Rádio	Nome anterior	Ano de instalação	Houve migração de AM para FM?	Local de concessão	Proprietário ou gestor atual
Rádio Clube Pontagrossense	PRJ2	1940	Sim	Ponta Grossa (PR)	Conrado Guimaraes e Laura Guimaraes
Rádio Sant'Ana	-	1962	Sim	Ponta Grossa (PR)	Dom Sérgio Arthur Braschi
Rádio Comunitária Princesa	-	1998	Não	Ponta Grossa (PR)	Adolfo Reni Cordeiro do Nascimento
Rádio Lagoa Dourada	Rádio Difusora	1980	Sim	Ponta Grossa (PR)	Márcio Martins
Rádio Mundi	-	1986	Não	Ponta Grossa (PR)	Marcelo Rangel e Sandro Alex
Rádio Antena Sul FM	-	1989	Não	Castro (PR)	Cezar Telles e Álvaro Telles
Rádio T	Rádio Tropical FM	1991	Não	Ponta Grossa (PR)	Márcio Martins
Rádio Comunitária CESCAGE	-	2000	Não	Ponta Grossa (PR)	Ruy Adriano Borges Muniz
Rádio CBN Ponta Grossa	Rádio Pitangui/Nacional	2001	Sim	Ponta Grossa (PR)	Roberto Mongruel
Rádio Jovem Pan	-	2007	Não	Ponta Grossa (PR)	-
Rádio Mix FM	Rádio Vila Velha	2008	Não	Ponta Grossa (PR)	Mauricio Rosa e Rodrigo Rosa
Rádio MZ FM	-	2009	Não	Carambei (PR)	Marcos Zampieri e Alysson Zampieri
Rádio Massa	Rádio Central AM	2017	Sim	Ponta Grossa (PR)	Zeila de Oliveira e Nilson de Oliveira
Rede Aleluia	-	-	Não	Ponta Grossa (PR)	-

Fonte: Elaboração própria (2023)

Após a identificação dos proprietários, buscou-se o quadro societário e quando encontrados, dados sobre a programação atual e a pioneira para uma breve comparação em relação às mudanças noticiosas ao longo do tempo. Por meio da observação na grade de programação dos *sites*¹³ das rádios de Ponta Grossa em 2023, identificou-se os conteúdos informativos ou noticiosos e inseriu-se os dados em Quadros separadas por rádio. Nas colunas foram expostos o nome do programa, os dias da semana em que são veiculados, o horário de transmissão, o conteúdo descrito na página virtual da rádio e a somatória semanal do tempo em que o conteúdo é apresentado e nas linhas, as rádios que disponibilizam as programações no *site*. Os dados que não constam nas páginas das rádios estão representados com a abreviatura n/c e os asteriscos correspondem ao tempo dividido em diversos conteúdos em uma programação, a qual não se restringe aos conteúdos informativos ou noticiosos.

¹³ As programações descritas nos *sites* nem sempre são fiéis à programação transmitida na rádio. Contudo, as grades são utilizadas pelas agências de publicidade na compra de horários para a inserção de anúncios.

A **Rádio Clube Pontagrossense** foi a primeira rádio de Ponta Grossa. Sua instalação transitou entre críticas e incentivos, de acordo com Mikaelli (2006), já que para o ano de 1940 a cidade era considerada pequena, com menos de quarenta mil habitantes, para comportar uma instituição de tal porte. Segundo o autor, o movimento para a construção da rádio nomeada inicialmente como PRJ2 – Rádio Cube Pontagrossense iniciou em 1938. A sua primeira instalação aconteceu na avenida Ernesto Vilela e depois foi transferida para a rua XV de Novembro, no Centro de Ponta Grossa (aRede, 2023).

Fundada por Abílio Holzmann e Manoel Machuca (Mikaelli, 2006), hoje a Rádio Clube Pontagrossense possui como sócio administrador Plauto Miro Guimaraes Neto e como sócios Conrado Almeida Miro Guimaraes e Laura Almeida Miro Guimaraes (Redesim, 2023).

Ao longo dos anos, a Rádio Clube Pontagrossense passou por alterações de equipe, diretoria, administração, programação e ondas de transmissão (Mikaelli, 2006). No surgimento da emissora, a faixa de transmissão era em ondas médias e a partir de 10 de agosto de 2017 passou a ser FM 94,1 (Rádio Clube Pontagrossense, 2023). O Quadro 4 apresenta a grade de programação exposta no *site* da Rádio Clube de Ponta Grossa.

Quadro 4 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Clube Pontagrossense (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no <i>site</i>	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Clube	Informativo Clube	Segunda a sábado	6h às 9h	Notícias locais, estaduais, nacionais e do mundo. Relatório policial, notas de falecimento, utilidade pública e classificados	18h*
	O Grande Jornal Falado Clube	Segunda a sexta-feira	12h às 13h.	Notícias em destaque	5h
	A Voz do Brasil	Segunda a sexta-feira	21h às 22h	Noticiário radiofônico estatal	5h

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio Clube Pontagrossense (2023)

O Quadro 5 mostra a grade de programação da Rádio Clube de Ponta Grossa do ano de 2006 apresentada por Mikaelli (2006, p. 44 - 45).

Quadro 5 - Grade de programação de 2006 da Rádio Clube de Ponta Grossa

	Horário	Programa	Apresentação
Segunda a sexta-feira	Meia-noite	Rede Bandeirantes	Rede Bandeirantes
	6 horas	Revelações	Altair Ramalho
	7 horas	Primeira Hora	Rede Bandeirantes
	7 horas e 30 minutos	Rogério Serman	Rogério/Nelson (local)
	11 horas	Clube Esportes	Júlio César
	12 horas	Esporte - Notícia	Rede Bandeirantes
	12 horas e 30 minutos	Jornal Falado	Fernando Ribeiro (local)
	13 horas	Na Boca do Povo	Fernando Ribeiro (local)
	14 horas	Mais Mais	Nei Costa (local)
	16 horas	Musical	Nelson Ribeiro (local)
	17 horas e 30 minutos	Sertanejo	Rádio
	18 horas	Jornal 3 Tempos	Rede Bandeirantes
	19 horas	A Voz do Brasil	Nacional
	20 horas	Show da Estrada	Leocádio Santos
	20 horas - quartas e quintas-feiras	Jornadas Esportivas	Rede Bandeirantes
Sábado	Horário	Programa	Apresentação
	Meia-noite	Rede Bandeirantes	Rede Bandeirantes
	6 horas	Revelações	Altair Ramalho
	7 horas	Primeira Hora	Rede Bandeirantes
	7 horas e 30 minutos	Rogério Serman	Rogério/Nelson (local)
	11 horas	Clube Esportes	Júlio César
	12 horas	Esporte - Notícia	Rede Bandeirantes
	12 horas e 30 minutos	Jornal Falado	Fernando Ribeiro (local)
	13 horas	Toninho Papelão faz a Festa	Toninho
	15 horas	Jornada Esportiva	Rede Bandeirantes
Domingo	Horário	Programa	Apresentação
	Meia-noite	Rede Bandeirantes	Rede Bandeirantes
	5 horas e 30 minutos	Pacheco	Pacheco
	7 horas e 30 minutos	Altair Ramalho	Altair Ramalho
	9 horas e 30 minutos	Som Brasil	Milton Xavier
	12 horas	Jornada Esportiva	Rede Bandeirantes
	21 horas	Banda de Todo o Brasil	Júlio César
	22 horas	Rede Bandeirantes	Rede Bandeirantes

Fonte: Elaboração própria baseada no livro História do Rádio AM de Ponta Grossa (2006)

A partir da grade de programação exposta por Mikaelli (2006) em relação à atual grade exibida no *site*, a Rádio Clube Pontagrossense permaneceu com a característica de jornal falado, tal como possui um programa denominado como O Grande Jornal Falado Clube. A Rádio Clube FM, transmite, de acordo com a programação do *site* Rádio Clube Pontagrossense (2023), notícias em três horários, das 6 horas às 9 horas, de segunda a sábado o programa Informativo Clube, de segunda à sexta-feira, das 12 horas às 13 horas O Grande Jornal Falado Clube e a transmissão da Voz do Brasil das 21 horas às 22 horas. O tempo semanal totaliza em 28 horas não integrais para conteúdo informativo ou noticioso.

A **Rádio Central do Paraná**, inaugurada em 1º de maio de 1954, foi a segunda emissora instalada na cidade de Ponta Grossa. A emissora iniciou a operação na frequência 1460 Khz

(Mikaelli, 2006). De propriedade de Abílio Holzmann e Manoel Machuca, mesmos fundadores da Rádio PRJ2 – Rádio Clube Pontagrossense, as duas rádios, de acordo com Mikaelli (2006, p. 50), tornaram-se as “duas maiores potências dos Campos Gerais”. Segundo o autor, em 1º de agosto de 2005, Nilson de Oliveira (atual proprietário da Rádio Mundi e Rádio Massa) e Roberto Mongruel (atual proprietário da Rádio CBN Ponta Grossa) assumiram a empresa. Hoje, a Rádio que estava situada na rua XV de Novembro, não está em funcionamento. O Quadro 6 mostra a programação apresentada em 2006 pela Rádio Central do Paraná (Mikaelli, 2006, p. 52-53).

Quadro 6 – Programação da Rádio Central do Paraná em 2006

	Horário	Programa	Apresentação
Segunda a sexta-feira	6 horas	Jornal Popular	Nilson de Oliveira
	10 horas	Show da Suélem	Suélem
	13 horas	Programação Evangélica	Anthony Garotinho (Rádio Melodia - RJ)
	14 horas	Paredão Sertanejo	João Batista
	18 horas às 19 horas	Esporte Central	Alceu Bauer, Juca Francisquini, Ivan Vinícius e Cândido Neto
	20 horas às 23 horas	Programa Airton Santos	Airton Santos
Sábado	Horário	Programa	Apresentação
	6 horas	Jornal Popular	Nilson de Oliveira
	10 horas	Paredão Sertanejo	João Batista
	13 horas	Recanto do Carrero	João Carrero
	16 horas às 19 horas	Programação Esportiva	-
Domingo	Horário	Programa	Apresentação
	7 horas	Cafê da Manhã	Aldo Mikaelli
	10 horas	Programa Álvaro Andrade	Álvaro Andrade
	12 horas	Chão Nativo	Moacir Costa
	14 horas	Programação Esportiva	Cândido Neto, Juca Francisquini, Alceu Bauer e Ivan Vinícius

Fonte: Elaboração própria baseada no livro História do Rádio AM de Ponta Grossa (2006)

O Jornal Popular apresentado por Nilson de Oliveira, de segunda-feira a sábado, transmitia noticiário geral, utilidade pública, reclamações da comunidade, entrevistas diversas, plantão policial produzido por José Carlos Stachowiack, reportagens produzidas por Gerson Sênior, programas de variedades com Marcelo Rangel, possuía como comentarista esportivo Ivan Vinicius, como consultor jurídico o advogado Ângelo Pilatti Júnior (Mikaelli, 2006).

No ano de 2017, a Rádio Central passou a ser Rádio Massa (Massaro, 2017). De acordo com o Redesim (2023), o quadro societário da Rádio Massa de Ponta Grossa é composto por Zeila Virginia Cruz de Oliveira e Nilson Paulino de Oliveira. A Rede Massa é integrante do Grupo Massa e pertence à Carlos Roberto Massa (Massa FM – Ponta Grossa, 2017). A

transmissão é de frequência modulada 101.1. O Quadro 7 apresenta a programação informativa da Rádio Massa de Ponta Grossa (2023).

Quadro 7 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Massa de Ponta Grossa (2023)

	Nome do Programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no <i>site</i>	Tempo semanal de transmissão do conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Massa FM	Pé na Estrada com Trucão	Segunda a sábado	4h às 6h	Informações sobre as estradas	12h
	Microfone aberto	Segunda a sexta-feira	6h às 8h	Informações pela manhã	10h*
	Manhã da Massa	Segunda a domingo	8h às 9h	Noticias	7h*
	Metendo a Colher	Segunda a sexta-feira	14h às 16h	Noticias sobre famosos	10h*

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio Massa FM 101.1 (2023)

A **Rádio Massa FM** (2023), possui 39 horas semanais de programações informativas e noticiosas, de acordo com o *site* da emissora, divididas em quatro programações segmentadas em conteúdos de entretenimento, informações acerca de estradas, notícias e entretenimento. A Rádio Massa está localizada no Centro de Ponta Grossa, na rua Coronel Dulcídio, juntamente com a Rádio Mundi.

A **Rádio Mundi** surgiu em 1986 com o nome de Rádio Mundial. Foi marcada por uma programação musical e direcionada para o público jovem. Tem como proprietário Nilson de Oliveira¹⁴, dirigida por seus filhos, Marcelo Rangel e Sandro Alex (Barbosa, 2019). Em registro do Redesim (2023), a Rádio Mundi possui como quadro societário a esposa Maria Luiza Da Conceição Cruz de Oliveira e a filha de Nilson de Oliveira, Giovanna Paola Cruz de Oliveira. O sinal de transmissão da rádio é 99,3 em frequência modulada. O Quadro 8 mostra a grade de programação informativa de acordo com Rádio Mundi (2023).

¹⁴ Nilson de Oliveira é pai do ex-prefeito de Ponta Grossa e atual pré-candidato, Marcelo Rangel (Eichelbaun, 2024) e do político Sandro Alex.

Quadro 8 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Mundi de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no site	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Mundi	Programa Nilson de Oliveira	Segunda a sexta-feira	6h 30min às 8h	Notícias do Paraná, do Brasil e do mundo	7h 30min
	A Voz do Brasil	Segunda a sexta-feira	20h às 21h	Noticiário radiofônico estatal	5h

Fonte: Elaboração própria baseada no site da Rádio Mundi (2023)

A Rádio Mundi (2023) transmite noticiário nacional, estadual e do mundo por sete horas e 30 minutos por semana, além da Voz do Brasil, totalizando 12 horas e 30 minutos semanais.

A terceira rádio instalada Ponta Grossa, **Rádio Difusora**¹⁵, foi inaugurada dia 05 de dezembro de 1959 na frequência AM de 680 Khz (Mikaelli, 2006) e era localizada na rua XV de Novembro, no Centro da cidade. “Sua criação surgiu da iniciativa de Wallace Pina e Olavo Alberto de Carvalho, com a intenção de revolucionar o Rádio do interior do Paraná e, para tanto, foi montada uma equipe de primeira linha, integrada por profissionais dos mais diversos pontos do país” (Mikaelli, 2006, p. 57).

Segundo o autor, que trabalhou na Rádio Difusora, por meio de um Volante Móvel de UHF foi possível realizar reportagens no local do acontecimento, tornando-se a primeira a realizar este tipo de cobertura. Para compor a equipe de jornalismo da rádio era necessário “ser bom datilógrafo, ter prontidão e senso de oportunidade e ser rápido no rádio escuta” (Mikaelli, 2006, p. 62).

No ano de 2020, a Rádio Lagoa Dourada, que até então permanecia fechada, retoma as atividades com a frequência 105,9 que pertencia à Rádio Difusora, assim ela encerra as atividades (Guedes, 2020).

A Rádio Difusora transmitia principalmente radionovelas e nas décadas de 1950 e 1960, o radioteatro, programas de auditório e musicais como programas de destaque (Mikaelli, 2006).

A **Rádio Lagoa Dourada** surgiu na década de 1980, de acordo com o Redesim (2023), e permanece até hoje como matriz e a Rádio T como afiliada, as quais possuem como sócios Sonia Valeria Martins Schasiepen e Viviane Aparecida Martins no registro, entretanto o proprietário é Márcio Martins (aRede, 2020). As duas rádios são cadastradas no mesmo CNPJ,

¹⁵ O ex-prefeito de Ponta Grossa, Jocelito Canto, atuou como radialista na Rádio Difusora por aproximadamente 30 anos (aRede, 2020).

sendo que a Rádio T está registrada como nome fantasia. Anteriormente localizada no bairro de Olarias, hoje a Rádio Lagoa dourada se encontra junto com a Rádio T no endereço avenida Carlos Cavalcanti.

De acordo com Martins (2021, n.p) “A Rádio Lagoa Dourada FM iniciou suas atividades em 25 de novembro de 1980” e possui uma programação principalmente musical. Já a **Rádio T de Ponta Grossa**, começou a operar em Ponta Grossa no ano de 1991 como Rádio Tropical FM e é integrante da Rede de Rádio do Paraná (Rádio T, 2011). A rede engloba vinte e quatro rádios em todo o Estado, além de apresentar uma programação eclética. Atualmente a Rádio Lagoa Dourada opera na frequência modulada 105,3 e a Rádio T opera em 99,9 FM. O Quadro 9 apresenta a programação informativa e noticiosa das Rádios T e Lagoa Dourada.

Quadro 9 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Lagoa Dourada e Rádio T de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no site	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Lagoa Dourada FM	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c
Rádio T	T News	Segunda a sexta-feira	7h às 8h	Política, economia e cotidiano no Paraná, Brasil e jornal local	5h
	Companhia T	Segunda a sábado	14h às 16h	Atualização das notícias diárias	12h*

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* das Rádios T e Lagoa Dourada (2023)

A partir dos dados, percebe-se que a Rádio T transmite duas programações informativas. O programa T News com o tempo semanal de 5 horas veicula informações nacionais, estaduais e jornal local. O programa Companhia da T transmite a atualização das notícias do dia, durante 12 horas semanais, entretanto o tempo é dividido entre conteúdos sobre “saúde, beleza, bem-estar e esportes” (Rádio T, 2023).

No dia 10 de maio de 1962 instalava-se a quarta emissora de rádio de Ponta Grossa, a **Rádio Emissora Sant’Ana**. No início, a emissora católica se encontrava provisoriamente localizada no Colégio Diocesano São Luiz, na Rua Praça Barão do Rio Branco. A Rádio começou com a potência de transmissão de 100 w. Em 1963, a emissora alterou a frequência de 1420 Kc para 900 Kc, após a potência foi convertida para 1 kl, o que aumentou o alcance (Mikaelli, 2006). De acordo com Mikaelli (2006, p. 80), “essa era uma época de Rádio instável, com companheiros mudando de prefixo, buscando inovações ou, talvez, onde pudessem

complementar-se financeiramente”. Hoje a Rádio opera em 89,7 FM.

A Rádio Sant’Ana surgiu da aspiração de Dom Sérgio Arthur Braschi, “Bispo diocesano e de toda a comunidade Católica da cidade” (Mikaelli, 2006, p. 105), o qual permanece até hoje na presidência da rádio (Redesim, 2023). Hoje, a Rádio está instalada na Praça Marechal Floriano Peixoto, ao lado da Catedral Sant’Ana.

A quinta rádio AM instalada em Ponta Grossa foi a **Rádio Vila Velha**. Segundo Mikaelli (2006), ela foi fundada por Iraci Trivisani Rosa e Brasil Borba em 1967. Na época, localizava-se na rua XV de Novembro, local onde funciona a Rádio Mix. A rádio que operava em 250 w surgiu num período de modernidade do rádio. De acordo com Mikaelli (2006, p. 150), a programação era musical e informativa, o que auxiliou para o crescimento da audiência. Desse modo, a rádio “passou a operar em 1300 kHz com uma potência de 1000 watts”.

Segundo o autor, a primeira rádio da cidade a transmitir em frequência modulada foi a Rádio Vila Velha, em 94,7 Mhz com o nome fantasia de Estéreo94. Uma inovação para a cidade de Ponta Grossa, visto que a mesma torre transmitia para duas emissoras, Rádio Sant’Ana e Vila Velha.

Borba se retirou da sociedade da Rádio Vila Velha em 1993, de acordo com Mikaelli (2006, p. 111), quando a frequência de 1300 kHz passou a pertencer à Rádio Pitangui sob comando do então prefeito Pedro Wosgrau Filho, “passando posteriormente, a funcionar com o nome fantasia de Rádio Nacional”, atual CBN.

Em 2001, os empresários Humberto Sachelli, Wilson Souza de Oliveira, Baltazar Eustáquio de Oliveira, Amarildo Lopes, entre outros, compraram a Rádio Nacional e integraram-na à Central Brasileira de Notícias. No ano de 2003, Roberto Mongruel e Márcio Martins adquiriram a empresa. Hoje, Márcio Martins é proprietário da Rádio T e da Rádio Lagoa Dourada e Roberto Mongruel continua proprietário da CBN Ponta Grossa. O Quadro 10 apresenta a primeira programação da Rádio CBN de Ponta Grossa.

Quadro 10 – Programação da Rádio CBN de Ponta Grossa em 2006

Segunda a sexta-feira	Horário	Programa	Apresentação
	Meia-noite	CBN Madrugada	Alves de Melo
	4 horas	CBN Primeiras Notícias	Ceci de Mello
	6 horas	Jornal da CBN	Heródoto Barbeiro
	9 horas e 30 minutos	CBN Local	Local
	12 horas	CBN Brasil	Carlos Sardenberg
	14 horas	CBN Total	Adalberto Piotto
	17 horas às 19 horas	CBN Jornal 2ª ed.	Roberto Nonato
	20 horas	CBN Esporte Clube	Juca Kfourri
	21 horas	CBN Noite Total	Roxane Ré
Sábado	Horário	Programa	Apresentação
	Meia-noite	CBN Madrugada	Alves de Melo
	4 horas	CBN Primeiras Notícias	Ceci de Mello
	6 horas	Jornal da CBN	Heródoto Barbeiro
	9 horas	CBN Local	Local
	12 horas	Revista CBN	Rodrigo Simon
	15 horas	Futebol CBN	Equipe esportes
	19 horas	CBN Noite Total	Roxane Ré
Domingo	Horário	Programa	Apresentação
	Meia-noite	CBN Madrugada	Alves de Melo
	4 horas	CBN Primeiras Notícias	Ceci de Mello
	6 horas	Jornal da CBN	Heródoto Barbeiro
	9 horas	CBN Esportes	Equipe esportes
	12 horas	Revista CBN	Rodrigo Simon
	15 horas	Futebol CBN	Equipe esportes
	19 horas	Almanaque do Esporte	Equipe esportes
	20 horas	CBN Noite Total	Roxane Ré

Fonte: Elaboração própria baseada no livro História do Rádio AM de Ponta Grossa (2006)

Em comparação com a grade de programação atual da Rádio CBN matriz, a qual se encontra no subcapítulo 3.4, percebe-se que alguns dos nomes dos programas permaneceram. Com espaço para transmissão nacional e local e programação esportiva. As específicas como futebol e revista deixaram de existir.

A **Rádio Princesa** (comunitária) de Ponta Grossa, localizada na rua Coronel Generoso Martins de Araújo, no bairro Nova Rússia, transmite na frequência modulada 87,9. De acordo com o cadastro do Redesim (2023), a data de abertura aconteceu em 22 de setembro de 1998.

O Quadro 11 mostra a programação informativa e noticiosa segundo o *site* da Rádio Princesa de Ponta Grossa.

Quadro 11 - Conteúdos informativos e noticiosos da Princesa de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no site	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Princesa	Princesa News	Segunda a sexta-feira	9h às 9h 59min	As principais informações do seu dia a dia. Notícias da comunidade, do Brasil e do mundo	4h 55min
	Chá das Cinco	Segunda a sexta-feira	17h às 17h 59min	Informações com bate-papo	4h 55min

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio Princesa (2023)

A Rádio Princesa (2023), totaliza semanalmente 9h e 50min de transmissão de notícia, 4h 55min no programa *Princesa News* e o mesmo tempo de veiculação de conteúdo informativo no programa *Chá das Cinco*.

A **Rádio MZ FM** possui sede de concessão radiofônica no município de Carambeí no Estado do Paraná e opera na sintonia 90,7 FM. Em Ponta Grossa, a transmissão acontece na rua Adjaniro Cardon, 387, no bairro Jardim Carvalho. Surgiu em 04 de setembro de 2009 e conta com Marcos Cesar Zampieri e o político Alysson Fernando Zampieri para a composição do quadro societário-administrador (Redesim, 2023). O *site* da Rádio MZ não se encontra disponível e a programação não foi encontrada.

A **Rádio Jovem Pan** de Ponta Grossa pertencente ao Grupo RIC Paraná que abrange as cidades de Ponta Grossa, Londrina, Cascavel e Curitiba no seguimento de rádio. Em Ponta Grossa foi instalada no ano de 2007 e opera na frequência modulada 103,5 (Redesim, 2023; GrupoRIC, 2021). A Rádio está situada na rua Jacob Holzmann, no bairro de Olarias, no mesmo prédio onde se encontra a Rádio CBN.

O Quadro 12 apresenta a programação noticiosa e informativa da Rádio Jovem Pan de Ponta Grossa de acordo com a Rádio Jovem Pan (2023).

Quadro 12 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Jovem Pan de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no <i>site</i>	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Jovem Pan	Fast News	Diariamente	n/c	As principais notícias da hora	n/c
	JP Internacional	n/c	n/c	Principais assuntos do noticiário internacional da semana	n/c
	Jornal da Manhã	n/c	n/c	Análise dos principais assuntos do dia	n/c
	Jornal da Manhã 2	n/c	n/c	Principais notícias da manhã do Brasil e do mundo	n/c
	Jornal Jovem Pan	n/c	n/c	Notícias nacionais	n/c

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio Jovem Pan (2023)

A Rádio Jovem Pan (2023) veicula cinco programações noticiosas ou informativas durante a semana, porém não apresenta os horários de transmissão e o tempo de cada programação. O conteúdo concentra-se principalmente em informações relacionadas ao país. Não há programação local em Ponta Grossa, quando há programação regional, a notícia é veiculada de Curitiba.

A **Rádio Mix FM** de Ponta Grossa é afiliada da Rede Mix de Rádio, localizada na Rua XV de Novembro, opera desde 2008 no município (Starck, 2012), hoje em 94,7 FM. Antiga Rádio Vila Velha, ainda permanece como nome de registro no Redesim (2023), hoje seu quadro societário é formado por Mauricio Quintino Rosa e Rodrigo de Almeida Rosa. O Quadro 13 mostra a programação informativa e noticiosa de acordo com o *site* da Rádio Mix de Ponta Grossa.

Quadro 13 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Mix FM de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no <i>site</i>	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Mix FM	Mix News	Diariamente	n/c	Notícias do Brasil e do mundo	n/c
	Mix Tudo	Segunda a sexta-feira	19h	Principais notícias do dia	n/c

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio Mix FM

A Rádio Mix FM (2023), transmite notícias locais, do Brasil e do mundo em duas programações, entretanto o tempo difundido não é exibido na programação do *site*, apenas o horário de início de um dos programas.

A **Rádio Antena Sul FM** surgiu em 19 de janeiro de 1989, no município de Castro no Estado do Paraná. Em 1991, o sinal da emissora passou a alcançar cidades vizinhas, como Ponta Grossa. A concessão da rádio e o estúdio principal se encontram em Castro, mas Ponta Grossa conta com um estúdio auxiliar (Antena Sul FM 102.7, 2023) localizado na rua Comendador Miró, no Centro da cidade.

A emissora apresenta dois programas noticiosos e dois informativos que tratam principalmente de assuntos da cidade de Ponta Grossa e região, de acordo com Antena Sul FM 102.7 (2023). Contudo, as descrições dos programas Manhã Bem Legal e Hashtag indicam a existência de informação juntamente com conteúdos variados e de entretenimento, o que significa a não transmissão integral informativa e noticiosa do tempo semanal das quatro programações que resultariam em 33 horas e 20 minutos (Antena Sul FM 102.7, 2023).

O Quadro 14 apresenta a programação informativa e noticiosa da Rádio Antena Sul segundo o *site* da emissora (2023).

Quadro 14 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Antena Sul de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no <i>site</i>	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Antena Sul FM	Fatos em Destaque	Segunda a sexta-feira	6h às 8h	Primeiras notícias do dia com prioridade aos temas locais	10h*
	Manhã Bem Legal	Segunda a sexta-feira	8h às 10h	Programa informativo	10h*
	Hashtag	Segunda a sexta-feira	10h às 11h 40min	Informação com bom humor	8h 20min*
	Antena Repórter	Segunda a sexta-feira	12h às 13h	Notícias policiais e políticas de Castro, Ponta Grossa e região dos Campos Gerais	5h

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio Antena Sul FM (2023)

Em 1995, no Estado do Rio de Janeiro, surgiu a **Rede de Rádios Aleluia**, de acordo com a Media Ownership Monitor Brasil (2017), pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus. No ano de 2017, a Rede passou a compor 68 emissoras situadas em regiões do Brasil e em 2019, houve um aumento de 24 rádios, totalizando 92 rádios localizadas em 71 cidades do

país. “A programação é composta por música, informações jornalísticas, orientações espirituais e testemunhos de fiéis. Há também orientações de saúde, beleza e cultura” (*Media Ownership Monitor Brasil*, 2017).

O *site* da Rádio Aleluia de Ponta Grossa não apresenta a grade de programação, entretanto, segundo a *Media Ownership Monitor Brasil* (2017), a Rádio Aleluia apresenta uma “programação exclusivamente religiosa”. No município de Ponta Grossa a frequência de transmissão é 93.1 Mhz (SindiRádio, 2023), localiza-se na rua Praça Barão Guarauna, no Centro da cidade e o ano da instalação não foi encontrado.

A **Rádio Comunitária CESCAGE** é uma emissora educativa ativa desde 2000, de acordo com o Redesim (2023), sob a presidência de Ruy Adriano Borges Muniz. A Rádio está situada na rua Tomazina, no bairro Olarias. Os conteúdos informativos são apresentados na grade de programação disponível no *site* em conjunto com entretenimento e músicas como mostra o Quadro 15.

Quadro 15 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio Cescage de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no <i>site</i>	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio Cescage	n/c	n/c	n/c	Entretenimento, informação e música	n/c

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio Cescage (2023)

O próximo capítulo apresenta informações relativas, sobretudo, à Rádio CBN Ponta Grossa, a qual possui centralidade nesta pesquisa.

3.3 DAS RÁDIOS

A CBN Ponta Grossa (2023) é a única rádio *all news* presente no município. A partir da busca realizada em 2023, verificou-se que as rádios MZ FM, CESCAGE e Lagoa Dourada FM não possuem grade de programação disponível no *site*. A Rádio Sant’ana não possui *site* com programação e a Rádio Aleluia FM (2023) não possui notícia ou informação na grade de programação de acordo com o *site*.

Das rádios que migraram do AM para o FM ou que foram extintas enquanto operavam em amplitude modulada estão a Rádio Clube Pontagrossense, a Rádio Central do Paraná, Rádio

Difusora, Rádio Sant’ana, Rádio Vila Velha, Nacional e Rádio CBN de Ponta Grossa.

O panorama observado demonstra que o tempo mínimo de transmissão radiofônica noticiosa exigida por lei¹⁶ de 1 hora e 12 minutos por dia ou 8 horas e 24 minutos por semana nem sempre são cumpridas. De modo geral, as descrições dos conteúdos não demonstram clareza ou o tempo de veiculação nas grades de programações de algumas rádios não é exibido. Nota-se que apenas as rádios Clube FM e Mundi FM explicitam nas grades de programação a retransmissão obrigatória da Voz do Brasil (Brasil, 1962).

No conjunto das rádios, a Rádio CBN Ponta Grossa reivindica especial interesse nesta pesquisa pelas características de *all news* e integrar uma rede, ou seja, segue normas e padrões pré-estabelecidos que se igualam em âmbito nacional. Porém os modos de produção de notícia carregam aspectos próprios atravessados por características locais e condicionados a partir do progresso tecnológico.

A notícia na Rádio CBN de Ponta Grossa, desenvolvida conforme o grupo regional a que pertence e pressionada pela lógica nacional, necessita da diferenciação e da exposição das suas especificidades. Sendo assim, busca-se reconhecer características do fazer noticioso local que carrega aspectos históricos relativos ao município e dessa maneira, evidenciar o que é próprio da Rádio CBN de Ponta Grossa.

No município de Ponta Grossa, a Rádio CBN surgiu em 2001, ainda em amplitude modulada transmitiu o primeiro noticiário local com o nome de registro Pintangui. De 2021 até setembro de 2023, a Rádio CBN de Ponta Grossa mantinha parceria com o Grupo Maringá de Comunicação, que abrange as rádios “CBN Maringá, MIX Maringá, Maringá FM, a *startup Talk Wine* e Portal GMC *OnLine* e o Grupo Verde Vale, de União da Vitória, que tem as rádios CBN Vale do Iguaçu, FM Verde Vale, o Jornal O Comércio e o portal VVale” (CBN Ponta Grossa, 2021) e agrega a programação local dos municípios pelos quais as rádios e portais operam.

No ano de 2006, a afiliada CBN Ponta Grossa operava em 1.300 AM. A partir de 2017, a CBN passou a operar em 98,1 FM, o que possibilitou uma cobertura de 15 cidades dos Campos Gerais em 2021 (Silveira, 2021). Em julho de 2023 a rádio passou a operar em 105,9 FM (frequência operada até então pela Rádio Lagoa Dourada), a qual foi alterada para 105,3 FM (CBN, 2023).

Em 2018, segundo Chagas (2019), na Rádio CBN Ponta Grossa havia um jornalista que atuava na emissora, o qual produzia, editava e apresentava o programa local. Além dele, havia

¹⁶ “As emissoras de radiodifusão, inclusive televisão, deverão cumprir sua finalidade informativa, destinando um mínimo de 5% (cinco por cento) de seu tempo para transmissão de serviço noticioso” (Brasil, 1962).

dois profissionais terceirizados que utilizavam produtos de assessorias e agências e que atuavam em *home office*. Segundo o autor, a falta de comunicação com esses profissionais gerava a repetição de matérias que iam ao ar, já que o âncora redirecionava as informações sem observar o conteúdo. Havia um jornal local no período da manhã e outro no período da tarde, contudo o autor aponta a transmissão contínua da rede São Paulo e da CBN do Rio de Janeiro e a produção e veiculação da programação local das 8h às 12h, mas o programa ocorria das 9h às 11h. A CBN de Ponta Grossa recorria às fontes especializadas, agentes do Estado, instituições, empresas e órgão oficiais que operavam “na lógica da linha editorial do grupo” (Chagas, 2019, p. 246).

No ano de 2019, a Rádio CBN Ponta Grossa era situada na rua XV de Novembro, no Centro da cidade. Na antiga sede, de acordo com Chagas (2019), o âncora e o operador de som dividiam uma mesa retangular no estúdio ao vivo que ficava em frente à ilha de edição. Segundo Chagas (2019), a rotina de trabalho e o número de profissionais marcavam a tentativa do administrador em reduzir custos, o que reforçava o nacional em detrimento do interesse de produção noticiosa local.

O *WhatsApp* era utilizado com frequência no ano de 2019 para o contato com as fontes e com o proprietário, o qual se demonstrava ativo nas sugestões de pautas e na verificação de agendamento de horários de entrevistas *in loco* (Chagas, 2019). A não utilização de “notícias policiais corriqueiras” (Chagas, 2019, p. 332) ao que parece sempre foi algo a ser seguido na CBN, além da baixa audiência na rádio *all news*.

Já em 2020, de acordo com a entrevista realizada com o repórter da Rádio CBN Ponta Grossa, quando ele ingressou na rádio, a realização de reportagens externas era diária. Na época havia três jornalistas e as entrevistas da redação eram feitas principalmente por chamada de vídeo. Uma das jornalistas saiu da rádio e o diretor de jornalismo passou a apresentar o jornal local da manhã e da tarde. Durante as férias do diretor de jornalismo, o repórter o substituiu nas apresentações, o qual permaneceu na função no período da tarde após o retorno do diretor. A partir de então, as reportagens externas passaram a ser eventuais. Com a mudança para a sede nova, no ano de 2023, as reportagens externas só aconteciam, ainda de forma esporádica, no período da manhã, já que a tarde o repórter apresentava o programa. A não ser que a notícia fosse extraordinária, como por exemplo, a visita do governador.

A falta de profissionais, de coberturas *in loco* e checagem das informações foram pontos citados pelos jornalistas entrevistados por Chagas (2019), a precariedade do trabalho jornalístico já circundava a Rádio CBN de Ponta Grossa.

O noticiário local da CBN Ponta Grossa, dessa forma é construído por um conjunto de setores ligados aos poderes constituídos no município, no legislativo municipal, estadual e nacional e no executivo estadual e federal. Além disso, órgãos como os ministérios públicos Estadual e Federal, Polícia Civil, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Sindicato Rural e Associação Comercial de Ponta Grossa exercem um papel preponderante no abastecimento da redação com informações relativas ao andamento de seus interesses na sociedade (Chagas, 2019, p. 268).

A importância de compreender o público para o qual a Rádio CBN Ponta Grossa produz informações, principalmente no cenário midiático, é porque “são rotinas alteradas, são estratégias e ferramentas de atuação inovadoras que atendem a uma demanda específica da sociedade contemporânea: a oferta de informações em grande volume e com agilidade, em todos os suportes”, de acordo com Lopez (2010, p. 74). Ademais, “a CBN não guarda notícia. Seria uma incoerência, uma vez que é *all news* e destinada sempre ao mesmo público alvo” (Barbeiro, 2007, p. 21).

O Manual de Redação CBN, organizado por Mariza Tavares em 2011, tem o intuito de orientar os profissionais da cabeça de rede e das rádios afiliadas quanto aos padrões de produção e apresentação dos conteúdos jornalísticos no rádio e na internet (Tavares, 2011). Vale destacar que, apesar do Manual não estar posto como regra na Rádio CBN Ponta Grossa, percebeu-se, a partir das entrevistas e da observação, que ele foi internalizado e naturalizado no comportamento dos profissionais.

O primeiro “ensinamento” do Manual se refere ao “modo inovador com que essa emissora jornalística lida com o desafio de integrar rádio e internet” a qual “potencializa os alcances desses meios” (Bucci, 2011, p. 15). O diálogo com o público é citado pelo autor como movimento crescente que faz parte do fazer rádio e fazê-lo não mais apenas no áudio, mas também em redes sociais e *sites*, apropriando-se de textos e imagens. Segundo Tavares (2011), a plataforma multimídia, por meio do *on-line*, do *on demand*, do *streaming* e do *podcast* caracterizam a emissora.

Além disso, parte importante para a produção radiojornalística é a sistematização dos programas. “O rádio informativo funda a sua estratégia o próprio como uma programação. A programação estabelece uma periodicidade rotineira e um ponto de vista a partir do qual a emissora organiza a produção de informações e define a sua pertinência” (Meditsch, 2007, p. 102).

Em relação às programações, a grade da Rádio CBN de Ponta Grossa pouco se difere da grade nacional em sua fase inicial. De acordo com Tavares (2006, p. 45-46), era composta por “um jornal pela manhã, com a duração de três horas; outro na hora do almoço; um terceiro à tarde; e um quarto depois da Voz do Brasil – a diferença é que todos tinham o nome de Jornal

da CBN”. Ainda segundo a autora, “inicialmente o objetivo era estruturar o projeto apenas em São Paulo e no Rio de Janeiro, não havia uma proposta de rede para o país todo; por isso, havia programas locais de manhã e à tarde”.

Para embasar e localizar o panorama das mudanças ocorridas ao longo dos anos, expõem-se comparações quanto à programação local e à grade nacional com o objetivo de demonstrar como o local é articulado em relação ao padrão nacional e oferecer dados que auxiliem na análise e nos resultados do problema da pesquisa.

O Quadro 16 apresenta a programação da Rádio CBN de Ponta Grossa, segundo o *site* da emissora. Os conteúdos locais estão marcados em verde.

Quadro 16 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio CBN de Ponta Grossa (2023)

	Nome do programa	Dias da semana	Horário de transmissão	Conteúdo descrito no <i>site</i>	Tempo semanal de transmissão de conteúdo informativo ou noticioso
Rádio CBN	CBN Madrugada	Diariamente	00 às 3h	n/c	21h
	CBN Primeiras Noticias	Diariamente	3h às 6h	n/c	21h
	Jornal da CBN	Segunda a sexta-feira	6h às 9h 30 min	n/c	17h 30min
	CBN Ponta Grossa 1ªEdição	Segunda a sexta-feira	9h 30min às 11h 30min	n/c	10h
	Giro CBN Esportes 1ªEdição	Segunda a sexta-feira	11h 30min às 12h	n/c	2h 30min
	CBN Brasil	Segunda a sexta-feira	12h às 14h	n/c	10h
	CBN Ponta Grossa 2ªEdição	Segunda a sexta-feira	14h às 15h	n/c	5h
	Giro CBN Esportes 2ªEdição	Segunda a sexta-feira	15h às 16h	n/c	5h
	Estúdio CBN	Segunda a sexta-feira	16h às 17h	n/c	5h
	Ponto Final CBN	Segunda a quinta-feira	17h às 20h	n/c	13h 30min
		Sexta-feira	17h às 18h 30min		
	Quatro em Campo	Segunda a sexta-feira	20h às 21h	n/c	5h
	Fim de Expediente	Sexta-feira	18h 30min às 20h	n/c	1h 30min
	CBN Noite Total	Sexta e sábado	21h às 23h	n/c	4h
	Sábado CBN	Sábado	10h às 12h	n/c	2h
	Revista CBN	Sábado e domingo	12h às 15h	n/c	6h
	Show da Notícia	Sábado	15h às 21h	n/c	6h
	CBN Esportes	Domingo	09h às 12h	n/c	3h
Futebol na CBN	De acordo com a programação esportiva	n/c	n/c	n/c	

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio CBN de Ponta Grossa (2023)

O Quadro 17 apresenta as grades de programação da Rádio CBN Ponta Grossa e da Rádio CBN matriz para efeito de comparação. Em azul se encontram os conteúdos locais.

Quadro 17 - Conteúdos informativos e noticiosos da Rádio CBN de Ponta Grossa e CBN matriz (2023)

CBN Ponta Grossa	CBN (cabeça de rede)
CBN Madrugada	CBN em Foco
CBN Primeiras Notícias	CBN Primeiras Notícias
Jornal da CBN	Ponto Final CBN
CBN Ponta Grossa 1ª Edição	Jornal da CBN
Giro CBN Esportes 1ª Edição	CBN São Paulo
CBN Brasil	CBN Rio
CBN Ponta Grossa 2ª Edição	CBN BH
Giro CBN Esportes 2ª Edição	CBN Brasília
Estúdio CBN	CBN Brasil
Ponto Final CBN	Estúdio CBN
Quatro em Campo	Quatro em Campo
Fim de Expediente	CBN Noite Total
CBN Noite Total	CBN Madrugada
Sábado CBN	CBN Esportes
Revista CBN	O Mundo em Meia Hora
Show da Notícia	Revista CBN
CBN Esportes	Show da Notícia
Futebol na CBN	Fim de Expediente
-	Lado B da Bola

Fonte: Elaboração própria baseada no *site* da Rádio CBN de Ponta Grossa (2023)

De acordo com a grade de programação da Rádio CBN Ponta Grossa (2023), o programa Jornal da CBN transmite informação da grade nacional durante 3h e 30min na parte da manhã. O mesmo modelo de conteúdo é veiculado no período da tarde e à noite, porém os horários e nomes das programações se diferem.

Como programações locais, tem-se CBN Ponta Grossa 1ª Edição, Giro CBN Esportes 1ª Edição, CBN Ponta Grossa 2ª Edição e Giro CBN Esportes 2ª Edição, além das transmissões esportivas locais quando ocorrem.

A programação gerada pela cabeça de rede e repassada para as afiliadas é realizada em São Paulo e o Rio de Janeiro “âncora a rede durante a madrugada e no comecinho da manhã” (Tavares, 2006, p. 48). Segundo Tavares (2006), o horário nobre da emissora é pela manhã, horário de transmissão da 1ª edição dos programas de conteúdos locais e do Jornal da CBN.

Quanto à grade nacional, Tavares (2006, p. 48-49) descreve:

O Jornal da CBN debate as principais notícias do dia. Sua produção começa no dia anterior, quando boa parte das entrevistas é agendada. O CBN Brasil tem um perfil

voltado para assuntos econômicos, ao passo que o CBN Total (hoje há apenas o CBN Noite Total) tem um formato mais “revistizado”, abordando saúde e comportamento. O Jornal da CBN 2ª Edição procura fazer um resumo dos assuntos mais relevantes do dia, ao passo que CBN Noite Total é focado em cultura. Em todos, com exceção da madrugada, a cada meia hora vai ao ar Repórter CBN, com a duração de dois minutos, trazendo quatro ou cinco notícias entre as mais relevantes daquele momento.

Em Ponta Grossa, no ano de 2019, a programação da Rádio CBN local era transmitida das 9h e 30min às 11h e no período da tarde eram intercalados boletins pelos jornalistas que trabalhavam em *home office* (Chagas, 2019). Segundo uma pesquisa realizada na época pelo Data Sonda, que não se encontra disponível, apresentada pelo autor, o horário da manhã possuía maior índice de audiência, assim como na Rádio CBN Nacional.

A partir da compreensão obtida por meio de dados referentes à importância do jornalismo local, à adoção tecnológica e midiática nas rádios e à observação de um modelo *all news*, do padrão CBN e de tópicos relacionados ao consumo do rádio em Ponta Grossa, bem como características do município, parte-se para a questão metodológica da pesquisa.

4 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E A ENTREVISTA COMO PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A problemática que se desenvolve a partir do tensionamento da Rádio CBN matriz sobre a produção noticiosa da Rádio CBN Ponta Grossa encaminha para um conjunto de procedimentos metodológicos a fim de encontrar resultado para a questão. A técnica metodológica que a pesquisa requer necessita da inserção em campo para o acompanhamento do trabalho radiojornalístico, bem como a observação das relações pessoais e instrumentais que o envolve, o que levou à escolha da abordagem etnográfica. Como método complementar, pela necessidade de compreender os movimentos realizados durante o trabalho radiofônico na perspectiva de cada profissional e confrontar com as anotações do caderno de campo, a adoção da entrevista é justificada.

O percurso metodológico utilizado nesta dissertação é segmentado em três etapas. A primeira etapa se constitui na pesquisa bibliométrica fundamentada na produção acadêmica etnográfica no jornalismo. O segundo momento apresenta o debate relacionado à utilização da etnografia em pesquisas, sejam elas inseridas ou não nas redações jornalísticas. Indica ainda, a aplicação da ferramenta metodológica etnográfica na Rádio CBN Ponta Grossa. Por fim, a terceira etapa consiste em definir e apontar o emprego da entrevista como instrumento metodológico na pesquisa.

Para o cumprimento dos objetivos propostos neste trabalho, utilizar-se-á da pesquisa qualitativa, por meio da estratégia etnográfica com o intuito de compreender, analisar e fornecer contribuições acerca dos modos de produção da notícia no radiojornalismo. Este capítulo apresenta informações relacionadas à estratégia utilizada em pesquisas de jornalismo e de radiojornalismo, bem como a mobilização de autores para a conceitualização da etnografia e da entrevista e os formatos aplicados.

A compreensão dos estudos etnográficos em jornalismo se torna importante à medida que se observa o que está sendo feito em relação ao campo e assim, realizar novas pesquisas de maneira a contribuir com as modificações e atualizações que ocorrem nos âmbitos de produção, circulação e consumo do jornalismo radiofônico. As entrevistas apoiam no sentido de aprofundar a compreensão do trabalho radiojornalístico exercido na Rádio CBN de Ponta Grossa na perspectiva do profissional, bem como revelar, estabelecer e contrapor pontos observados na pesquisa em campo.

O conjunto das ferramentas metodológicas empregadas visa estabelecer o rigor dos dados obtidos e analisados. A entrevista como auxiliar à etnografia direciona à consciência do objeto da pesquisa e a rotina produtiva a partir constituição das peças jornalísticas, influenciadas

em determinada medida ou não pelo modelo e padrão estabelecidos pela CBN.

4.1 VISITA ÀS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS NO JORNALISMO BRASILEIRO: INSUMOS METODOLÓGICOS

Anterior às considerações relacionadas à etnografia, considera-se relevante apontar breve pesquisa quantitativa no que concerne às pesquisas etnográficas realizadas na área do jornalismo no Brasil. Esse dimensionamento procura compreender um lugar possível do objeto no âmbito da etnografia aplicadas à compreensão do fenômeno jornalístico, em particular o radiojornalismo.

O desenvolvimento do estado da arte viabiliza a organização das pesquisas de uma determinada área em um período de tempo específico, além da análise de conceitos, objetos e teorias frequentemente utilizadas. Ademais, a pesquisa da pesquisa revela possíveis lacunas e temas pouco aprofundados, porém relevantes (Almeida, 2018).

A busca por textos que analisam o cenário da produção, circulação e consumo do jornalismo de rádio, justifica-se pela etnografia ser uma abordagem capaz de entender e acompanhar internamente as contínuas transformações e especificidades do meio radiofônico. A técnica permite ao pesquisador verificar a produção, as relações culturais que podem afetar e modificar o produto notícia, entre outros aspectos caros ao jornalismo.

A partir do levantamento bibliográfico de eventos na área de comunicação no Brasil da SBPJor¹⁷, Intercom¹⁸ e Compós¹⁹, verificar-se-á as contribuições e limitações da etnografia como recurso metodológico em pesquisas que possuem por objeto o jornalismo radiofônico. O objetivo é identificar o uso da etnografia associada ao *newsmaking* e indicar contribuições para os estudos da produção jornalística em rádio. O período de análise compreende os anos de 2015 a 2022, porque 2015 foi o primeiro ano com resultado de busca e 2022, porque foi o último ano até a data da pesquisa que as instituições publicaram os anais dos eventos. Adotou-se uma abordagem quantitativa para a exposição de um panorama geral entre os repositórios de pesquisas científicas dos estudos relacionados ao jornalismo radiofônico e um enfoque qualitativo para a análise dos trabalhos encontrados que utilizam a etnografia.

A decisão sobre os buscadores citados, efetua-se pela possibilidade de direcionamento

¹⁷ Fundada em 2003, a SBPJor instituiu o principal evento de debates do campo acadêmico sobre jornalismo no Brasil (SBPJor, 2023).

¹⁸ A Intercom, fundada em 1977, se estabeleceu como uma importante instituição de estudos em comunicação no Brasil (Intercom, [s.d]).

¹⁹ Desde a fundação em 1991, a sociedade reúne Programas de Pós-graduação em Comunicação do Brasil visando fortalecer o campo da comunicação em nível teórico, profissional, cultural, tecnológico e científico (Compós, [s.d]).

com maior precisão referente às pesquisas em jornalismo e rádio. Além disso, associações e sociedades como a SBPJor, Intercom e Compós estabelecem parâmetros que circundam o jornalismo e suas teorias, além da qualidade avaliativa na aceitação das publicações das pesquisas. Realizou-se a leitura do título, resumo e palavras-chave dos textos encontrados e, quando necessário, acessou-se o texto completo para a obtenção de informações específicas.

No *site* da SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, a busca foi realizada nos eixos temáticos: Radiojornalismo e jornalismo sonoro, Radiojor – Dimensões e especificidades do radiojornalismo brasileiro – sessão 2, Radiojor – Panorama contemporâneo do radiojornalismo brasileiro - sessão 1 e Radiojor – Reconfigurações do radiojornalismo na atualidade – sessão 3, no ano de 2021. Em 2022, os eixos disponíveis foram Radiojornalismo e jornalismo sonoro, Radiojor: A produção e o trabalho na reconfiguração do jornalismo sonoro - sessão 2 e Radiojor: Desafios do radiojornalismo brasileiro na atualidade - sessão 1, os quais se encontram nessa ordem nos anais eletrônicos dos congressos nacionais. No portal da Intercom, também nos anais eletrônicos dos congressos nacionais, o esforço foi realizado a partir dos grupos de pesquisas de rádio e mídia sonora. Por fim, a coleta nos encontros anuais da Compós foi circunscrita aos GTs Estudos de Jornalismo.

Em 2021, no 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, os eixos referentes às pesquisas em rádio foram: Radiojornalismo e jornalismo sonoro, com 1 trabalho apresentado, Radiojor – Dimensões e especificidades do radiojornalismo brasileiro – sessão 2, com 4 trabalhos apresentados, Radiojor – Panorama contemporâneo do radiojornalismo brasileiro - sessão 1, totalizando 5 trabalhos e Radiojor – Reconfigurações do radiojornalismo na atualidade – sessão 3, com 6 trabalhos, na ordem apresentada no *site*.

Observou-se a menção à etnografia no eixo temático Radiojor – Panorama contemporâneo do radiojornalismo brasileiro - sessão 1, na qual Kischinhevsky discute a importância da utilização de metodologias que comportem o objeto estudado no radiojornalismo. O autor realizou um levantamento sobre a “recorrência de métodos empregados em trabalhos sobre radiojornalismo publicados nos anais dos encontros nacionais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) entre os anos de 2012 e 2020” (Kischinhevsky, 2021, p. 1). O artigo intitulado Apontamentos para a construção de metodologias de pesquisa em radiojornalismo aponta um texto que expõe a importância da etnografia nas pesquisas sobre a produção radiojornalística, realizado em 2017. Kischinhevsky produziu uma nuvem de palavras referente às metodologias mais utilizadas, na qual a etnografia não aparece. O esforço realizado por Kischinhevsky possibilitou a continuidade na busca a partir das pesquisas publicadas em 2021, porém não foram obtidos mais resultados de trabalhos

etnográficos no mesmo ano.

No 20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em 2022, observou-se os eixos temáticos: Radiojornalismo e jornalismo sonoro, Radiojor: A produção e o trabalho na reconfiguração do jornalismo sonoro - sessão 2 e Radiojor: Desafios do radiojornalismo brasileiro na atualidade - sessão 1. Na ordem de apresentação do *site*.

No eixo temático Radiojornalismo e jornalismo sonoro apenas um trabalho foi apresentado. O pesquisador realizou um levantamento referente às metodologias utilizadas nos trabalhos sobre *podcast* apresentados nos congressos acadêmicos do Brasil entre 2017 e 2021, Intercom, Compós, Alcar e SBPJor. Não foram constatados trabalhos etnográficos, apenas netnográficos²⁰.

Nos eixos Radiojor: A produção e o trabalho na reconfiguração do jornalismo sonoro - sessão 2, dentre os 4 trabalhos apresentados e Radiojor: Desafios do radiojornalismo brasileiro na atualidade - sessão 1, em que foram apresentadas 5 pesquisas, nenhuma utilizou a etnografia como método. Ou seja, dentre 89 pesquisas apresentadas nos eixos citados de 2015 a 2022, nenhum autor utilizou a etnografia como método.

No portal da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação foi realizada uma busca dos anais do evento nacional do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação no GP Rádio e Mídia Sonora.

No ano de 2016, dentre 56 pesquisas apresentadas, duas mencionaram a etnografia e uma a utilizou como método, a qual possui como título UEL FM no Facebook: curta, comente e compartilhe produzida por Mônica Kaseker e Patrícia Zanin Heitzmann. A autoras nomeiam no texto a metodologia utilizada como “investigação com inspirações etnográficas”, por realizarem um trabalho de campo inseridas na emissora educativa universitária (Kaseker; Heitzmann, 2016).

Em 2017 foram apresentados 55 trabalhos no GT e um menciona a etnografia. O trabalho foi produzido por Nayane Cristina Rodrigues de Brito e a autora utilizou estratégias metodológicas da etnografia juntamente com a análise de conteúdo e ancora-se na teoria do *newsmaking*. O objetivo da pesquisa foi “analisar a configuração do radiojornalismo presente nos veículos radiofônicos das cidades interioranas localizadas ao sul do Maranhão” (Brito,

²⁰ A netnografia, apesar das semelhanças com a etnografia, demanda menos tempo e recursos, mas necessita de outros métodos e instrumentos metodológicos para ser executada de maneira rigorosa. Como distanciamentos entre as abordagens metodológicas, o tempo e os recursos utilizados nos quesitos escolha de campo, deslocamento, apresentações presenciais, transcrições das notas do caderno de campo, são desafios inerentes à etnografia. Por outro lado, a possibilidade da obtenção de percepções incomuns oriundas de interações espontâneas é limitada na abordagem netnográfica (Kozinets, 2014).

2017, p. 1).

Em 2021, dentre 33 trabalhos, uma pesquisa cita uma aproximação metodológica com a etnografia, porém foram verificadas entrevistas nesse artigo. Totalizou-se 36 pesquisas apresentadas no ano de 2022. Dentre elas, um trabalho menciona etnografia, entretanto realiza somente entrevista, pesquisa oriunda do mesmo trabalho apresentado no ano anterior citado acima realizado por Kischinhevsky.

Do período que compreende os anos de 2015 a 2022, 371 pesquisas foram apresentadas no GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e duas utilizaram a etnografia.

Observou-se no eixo Estudos de Jornalismo, no congresso da Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, entre os anos de 2015 a 2022, 80 pesquisas, dez trabalhos apresentados por ano. Dentre eles, quatro utilizaram a abordagem etnográfica. O Quadro 18 apresenta os dados coletados, sendo eles título, autores, instituição pela qual a pesquisa está vinculada, ano de publicação, objetivo e questão ou apontamento central.

Quadro 18 – Pesquisas que utilizam a etnografia em estudos de jornalismo

	Título	Autor (a)	Instituição	Ano de publicação	Objetivo	Questão/apontamento central
Compós	Dispositivos de crítica jornalística na esfera pública em rede	Dionatas Alisson Coelho	FEEVALE	2020	Observar vozes críticas nas páginas Jornal Nacional, da Folha de S. Paulo e da revista Veja e identificar casos representativos de alto fluxo crítico para a realização de estudos de	A multiplicidade de dispositivos que alimentam a crítica de mídia no Brasil gera episódios difusos e menos especializados, gerando um tensionamento constante do que é produzido nas redações por diferentes
	Jornalistas e Xamãs: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante	Lara Linhalis Guimarães	UFOP	2019	A realização de caminhos para a produção de um novo jornalismo que possui inspirações ameríndias	Busca-se inspiração no xamanismo no desenho insurgente de um quadro epistemológico relacional, que auxilie jornalistas em sua tarefa
	65 anos de telejornalismo: das “notícias fordistas” às “notícias flexíveis”	Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior e Tenafloe da Silva Lordêlo	UFPE	2015	Estabelecer uma breve discussão que perpassa o contexto das rotinas e as notícias no final da década de 90	Como as rotinas da redação, que estão em constante transformação, num fluxo constante de mudanças contribuem para a construção social da realidade a partir de
	A cobertura jornalística da violência contra as mulheres: denúncia ou “naturalização”	Katia Maria Belisário e Mariangela Moifardini Biachi	UNB	2015	Analisar o “acontecimento jornalístico” sob o prisma da violência de gênero a partir de uma notícia publicada pelo jornal popular Super Notícia	Como o tema da violência sexual é vivenciado e reelaborado por mulheres de baixa renda

Fonte: Elaboração própria baseada nos textos disponíveis nos anais da Compós (2023)

Em 2015, dentre 10 pesquisas apresentadas, duas utilizam a abordagem etnográfica. O trabalho 65 anos de telejornalismo: das “notícias fordistas” às “notícias flexíveis”, realizado por Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior e Tenafloe da Silva Lordêlo, estuda as alterações nas

rotinas produtivas das notícias inseridas no contexto de convergência no jornalismo televisivo, “assim, observamos as alterações e as predominâncias características de dois momentos do fazer no telejornalismo brasileiro: as rotinas do final do século XX (rotinas fordistas) e do início do século XIX (rotinas flexíveis)” (Vizeu Jr. e Lordêlo, 2015, p. 2).

A pesquisa A cobertura jornalística da violência contra as mulheres: denúncia ou “naturalização”?, produzida por Katia Maria Belisário e Mariangela Moifardini Biachi, no ano de 2013, apresentada em 2015 na Compós, realiza uma vivência etnográfica no Jornal Super Notícia localizado em Minas Gerais. O objetivo foi analisar o “acontecimento jornalístico” sob o prisma da violência de gênero a partir de uma notícia publicada pelo jornal” (Belisário e Biachi, 2015, p. 1). Além da etnografia, as autoras utilizam procedimentos metodológicos, como a observação participante, notas de campo e grupo focal. Ressalva-se que a observação participante e as notas de campo são movimentos que podem auxiliar o desenvolvimento processual da etnografia.

O texto publicado em 2019, Jornalistas e Xamãs: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante, produzido por Lara Linhalis Guimarães, busca mecanismos no xamanismo que podem auxiliar jornalistas. A autora defende que o jornalismo se inspira em determinadas características do xamanismo, “pela legitimidade e reconhecimento da natureza performática da tradução de mundos realizada, pela própria natureza dessa performance, por atuarem os xamãs em mundos em constante imprevisão e pelo modo como encaram o outro – como próprio” (Guimarães, 2019, p. 6). O trabalho etnográfico exercido buscou obter dados a respeito das culturas ameríndia e jornalística, assim reconhecendo distinções e semelhanças que aproximam ou distanciam as práticas jornalísticas do xamanismo. Processo que permitiu a construção de caminhos que direcionam para a realização de um “novo” jornalismo.

No ano de 2020, o texto de Dionatas Alisson Coelho reúne dados de pesquisas realizadas durante seis anos antes da publicação do artigo na Compós. O texto Dispositivos de crítica jornalística na esfera pública em rede, “articulou metodologias como entrevista, observação de rotinas com inspiração etnográfica e estudos de casos coletados em visitas nas redações de O Globo, Correio Braziliense, Folha de S. Paulo e Zero Hora” (Coelho, 2020, p. 3) entre os anos de 2013 e 2014. A pesquisa objetivou observar a presença da crítica no Jornal Nacional, na revista Veja e no jornal da Folha de São Paulo, e “identificar casos representativos de alto fluxo crítico para a realização de estudos de casos múltiplos” (Coelho, 2020, p. 13).

Dentre os textos disponíveis no *site* da Compós, que utilizaram a etnografia como estratégia metodológica, notou-se que a atribuição relacionada ao *newsmaking* revela

especificidades nas redações, onde a observação de agentes atuantes e de dispositivos que compõem o ambiente relacionados com a cultura se diferenciam e impactam à produção jornalística de uma forma vinculada à sociedade. Contudo, a forma com que os jornalistas interpretam os acontecimentos possui um nível de semelhança, mesmo que situados em diferentes polos culturais, prática explicada por Bourdieu (2004) como *habitus*, processo que tem a ver com as técnicas, práticas, ações, percepções e compreensões comuns entre os jornalistas quando estes estão produzindo notícias.

O Quadro 19 apresenta as pesquisas que utilizam a etnografia:

Quadro 19 – Pesquisas que utilizam a etnografia em estudos de jornalismo radiofônico

	Título	Autor (a)	Instituição	Ano de publicação	Objetivo	Problema de pesquisa
Intercom	Rotinas e produtos jornalísticos: radiojornalismo no interior do Maranhão	Nayane Cristina Rodrigues de Brito	UFSC	2017	Analisar a configuração do radiojornalismo presente nos veículos radiofônicos das cidades interioranas localizadas ao sul do Maranhão	A inserção do radiojornalismo pesquisado nos termos expostos por autores, tais como, falta de recursos e falta de proximidade com os consumidores
	UEL FM no Facebook: curta, comente e compartilhe	Mônica Kaseker e Patrícia Z. Heitzmann	UEL	2016	Analisar as postagens de maior impacto no Facebook e que geraram maior interação com o público	Como uma emissora pública, em permanente dificuldade financeira, se insere no contexto da comunicação convergente?

Fonte: Elaboração própria baseada nos textos disponíveis nos anais da Intercom (2023)

Acredita-se que o papel etnográfico na pesquisa citada cumpre a função de compreender as rotinas dos jornalistas nas duas TVs e rádio estudadas, além de confirmar que questões políticas atuam nas abordagens relacionadas à Amazônia. Porém, a etnografia não é central a partir do olhar do objetivo e da pergunta do texto. Tais respostas foram encontradas principalmente pelo emprego e união dos outros métodos.

O artigo Rotinas e produtos jornalísticos: radiojornalismo no interior do Maranhão, produzido por Nayane Cristina Rodrigues de Brito em 2017, busca compreender o cenário do radiojornalismo no interior do Maranhão quanto à transmissão de programas locais. Apesar de não estar como formato de pergunta e nem explícito, compreende-se, a partir do texto, que a questão central do trabalho problematiza déficits econômicos e profissionais do radiojornalismo, os quais foram expostos por autores utilizados como fundamentação teórica. Nesse âmbito, a autora observa se eles se aplicam nas rádios estudadas. Brito (2017) adota a etnografia e a análise de conteúdo como ferramenta metodológica complementar. No que diz

respeito à etnografia, a autora descreveu densamente a rotina produtiva das rádios e gravou os áudios dos programas de interesse.

Na pesquisa UEL FM no Facebook: curta, comente e compartilhe realizada em 2016 pelas autoras Mônica Kaseker e Patrícia Z. Heitzmann, percebeu-se alguns aspectos importantes quanto ao método. A pesquisa se propõe a efetuar um estudo com inspirações etnográficas, a qual foi chamada no decorrer do texto de observação participante. Quanto ao emprego de metodologias e procedimentos metodológicos, as autoras relatam o desenvolvimento da observação participante *on-line* e *off-line*, entrevistas informais, anotações em diários de campo e pesquisas documentais.

Uma das pesquisadoras atua como jornalista no local estudado, por este motivo, a interação e participação esteve presente durante a pesquisa em campo, o que pode interferir no grau de subjetividade e a proximidade do investigador com os investigados afetando resultados, de acordo com Meneses, Mastrella e Costa (2022). Entretanto, a autora reconhece os pontos que podem influenciar na observação e defende a necessidade da adoção de uma postura autocrítica e questionadora.

Considera-se necessário compreender as diferenças entre etnografia e observação participante. Fino (2003) se baseou em Lapassade (1991), Benson e Hugues (*apud* Lapassade, 1991) e Bogdan e Taylor (1975) para realizar essas definições e apontamentos. A etnografia é oriunda da antropologia e procura compreender uma cultura, um determinado grupo inserido no ambiente pesquisado e seus comportamentos. Ela é caracterizada por um tempo maior de presença no campo onde o pesquisador realiza a investigação e conta com um nível menor de interação com o grupo do que a observação participante.

O nível de contato propiciado pela etnografia permite que o pesquisador se atente para questões de ordem cultural, mas mantendo certo distanciamento dos pesquisados. Já na observação participante, deve haver um incisivo cuidado para que as ações não modifiquem a atuação dos pesquisados de maneira que os valores sejam alterados. Nessa pesquisa, nota-se o cuidado com o contexto tecnológico que reconfigurou os modos de produção, transmissão e consumo da notícia. Com isso, é cabível o emprego do método de observação participante *on-line*.

Observar as pesquisas etnográficas na área do radiojornalismo, auxilia na compreensão referente às modificações no processo de produção jornalística de acordo com a temporalidade e o espaço pesquisado, de modo a entender o lugar dos profissionais e alterações no campo.

4.2 A PESQUISA DE CAMPO E A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA

A abordagem etnográfica se desenvolve em campo. Este capítulo apresenta o debate de autores clássicos em relação à etnografia, fundamentado principalmente em Malinowski. Além disso, foram mobilizados Junker (1972), Burgess (2001) e Geertz (2001) para o diálogo referente à pesquisa em campo e a associação com a cultura da sociedade.

A aplicação da etnografia nesta pesquisa permite observar a associação entre a produção jornalística, cultura profissional e cultura social dos jornalistas da Rádio CBN Ponta Grossa como forma de compreender como os atores conformam informação em notícia. Os modos de produção da notícia dizem respeito não apenas ao ofício, mas carregam um lastro cultural referente ao lugar onde se realizam. Lugar aqui entendido não apenas como uma área geográfica, mas como valores, normas e sentidos que estruturam percepções sobre o fazer, neste caso, noticioso. A pesquisa etnográfica, portanto, permite que o pesquisador adquira uma compreensão detalhada, sutil de um fenômeno social, e depois capte e comunique suas qualidades culturais (Kozinets, 2014, p. 58).

O acesso ao campo deve ser obtido por meio de negociações que visam a autorização da realização da pesquisa. Esse processo de contato com o sujeito responsável pelo local e a forma em que a dinâmica ocorre, seja ela com complicações ou não, fornece pistas sobre a hierarquia constituída e as relações entre os pesquisados. A conquista do consentimento envolve argumentar ao responsável sobre a pesquisa. Não de maneira detalhada, já que o desenvolvimento da observação pode levar à mudanças em seu decorrer, mas expor indicações relacionados ao trabalho e esclarecer o cumprimento dos requisitos éticos por parte do investigador (Burgees, 2001).

Durante a realização de uma pesquisa que adota noções etnográficas, o pesquisador observa, interpreta e apreende a cultura do local, bem como os integrantes pertencentes. Entretanto, a definição de cultura não é simples. Geertz (2001, p. 22-26) caracteriza seu significado como instável e “um conceito improvável sobre o qual tentar construir uma ciência”, pelo qual o estudo da cultura é associado à antropologia. Como resultado, o autor aponta que a pesquisa da cultura do próprio povo ou de outros, requer a descrição de quem é a população, sobre os pensamentos, ações e os motivos que os levam a pensar e agir de tal maneira. Portanto, é preciso que haja aproximação do pesquisador com a compreensão referente ao meio e a maneira que os pesquisados vivem. Nesta pesquisa, apropria-se das considerações do autor, remodeladas e aplicadas nos termos da pesquisa etnográfica nos conformes do fazer radiojornalístico da Rádio CBN de Ponta Grossa.

A etnografia passa a ser sinônimo de trabalho de campo, ou seja, ela seria aquela etapa da pesquisa em que o pesquisador se insere diretamente no contexto que pretende estudar e se coloca, em diferentes graus de intensidade, em relação com os participantes “nativos” daquele contexto (Vieira e Máximo, 2018, p. 4).

Malinowski desenvolveu uma das principais pesquisas de campo em uma comunidade tribal, estudo que foi redigido e organizado numa coletânea por Durham (1986), o qual alterou o modo de aplicação da etnografia, “registra-se aí uma novidade nos encaminhamentos da pesquisa de campo, pois o pesquisador precisa dirigir-se à tribo ou à coletividade em questão e ter um contato estendido no tempo para apreensão do comportamento alheio” (Bronosky e Schoenherr, 2016, p. 2).

A partir do momento em que o interesse deixou de ser “apenas o exótico e o distante e sim a própria cultura, passam a ser pertinentes modos de ver ou técnicas que deem conta de perceber variações dentro dessa cultura própria ou próxima” (Bronosky e Schoenherr, 2016, p. 4). Deste modo, a etnografia pode contribuir para as pesquisas em jornalismo à medida em que se observa a cultura de redações, as relações interpessoais, bem como a ligação existente entre os profissionais e a estrutura física e topográfica da organização.

Das definições e categorias expostas por Malinowski, apresenta-se o que se considera pertinente e cabível empregar nesta pesquisa. Certamente o teor metodológico utilizado pelo autor numa pesquisa que extraiu com riqueza de detalhes comportamentos de uma sociedade de determinada localização não poderão ser agregados nesta pesquisa em sua totalidade, considerando as diferenças temporais, de objeto e fenômenos pesquisados. De todo modo, considera-se que a “imensa riqueza de informações que traduz a valorização de dados empíricos, cuja coleta, para Malinowski, é simultaneamente uma ciência e uma arte” (Durham, 1986, p. 10).

Ele jamais se contenta com uma única afirmação obtida de um informante privilegiado: coteja diferentes informações, verifica-as através da observação direta do comportamento das pessoas em situações sociais específicas, examina o comportamento daquilo que observou diretamente com informações e observações paralelas, analisa o conteúdo emocional do comportamento manifesto. Para ele é necessário contrapor as ideias às emoções, o comportamento observado ao comentário que sobre ele tece o nativo, a visão que o antropólogo constrói da cultura à síntese inconsciente que, presente “na cabeça do nativo”, orienta e dá significado às suas ações (Durham, 1986, p. 10, grifo do autor).

Para Geertz (1989), a prática etnográfica envolve desenvolver relações com os pesquisados, escolher quais deles serão os informantes, transcrever acontecimentos, mapear espaços, realizar anotações no diário de campo, entre outros. Silva (2010, p. 69) explica que na

etnografia a experiência do pesquisador em campo agregada à coleta e os registros das situações observadas são subjetivas. Tal subjetividade gira em torno de uma problemática vista como um fator negativo.

Entretanto, de acordo com Bronosky e Schoenherr (2016, p. 8), “como outros recursos metodológicos de matriz científicas baseados nas áreas humanas e sociais aplicadas, esta também assume relativa carga interpretativa quando destinada a analisar dados”. Além disso, segundo os autores, a etnografia é “uma técnica de captação e análise de dados, e não um método científico propriamente dito” (Bronosky e Schoenherr, 2016, p. 8).

Deve-se considerar que durante pesquisas em campo, segundo Becker (1997), os observados podem ter alterações de conduta, visto que pretendem transparecer para o pesquisador determinada imagem construída. As interpretações e perspectivas tanto do pesquisado quanto do pesquisador pertencem à pesquisa em campo por envolver seres-humanos.

Durham (1986) afirma que, para Malinowski, é possível resguardar a especificidade de cada cultura para que se possa compreender o verdadeiro comportamento dos indivíduos que vivem em uma determinada realidade. Entretanto, o trabalho de campo, de acordo com Winkin (1998), exige a execução de maneira contínua de um paralelo entre a prática que se observa e a teoria que se estuda.

Já para Junker (1972, p. 20), o trabalho em campo significa observar, registrar e informar a conduta de indivíduos em situações cotidianas, sem interferir nas atividades dos pesquisados. Sob o mesmo prisma, Burgess (2001) aponta que os trabalhos em campo, inicialmente apresentados por sociólogos e antropólogos, demandam a coleta de dados e a utilização de métodos de observação. As observações devem ser realizadas, de acordo com Junker (1972), com o acompanhamento e análise de aspectos das pessoas pesquisadas sem prejudicá-las, de maneira a contribuir com a ciência social.

Segundo Travancas (2006), o movimento do pesquisador até o campo, o contato por vezes desconfortável com os observados, a interpretação da análise e o tempo que não só a coleta de dados exige, mas também o curto período que a pesquisa científica confere, podem ser fatores preponderantes na escolha ou não do método.

Por meio da etnografia são posicionados e reestabelecidos preceitos que integram cada meio de intervenção sobre as instituições, segundo Groulx (2014). Com isso, identifica-se a o procedimento qualitativo como operante nas pesquisas nas organizações. Destaca-se ainda a “complexidade de seus modos de funcionamento, os quais se estabelecem de forma geralmente contraditória ou conflitante” (Groulx, 2014, p. 105).

Segundo Vieira e Máximo (2018), a etnografia é empregada de maneira crescente por pesquisadores na área de jornalismo que buscam analisar os modos de produção jornalísticas nas organizações. É possível, com a utilização da ferramenta etnográfica, observar padrões nas rotinas pesquisadas, e examinar a quebra de tais padrões nas relações interpessoais (Mattos, 2011). Assim, pode-se preponderar situações que visam demonstrar ou ocultar determinado comportamento. Precedida à observação propriamente dita, a ida ao campo como piloto, ou seja, a realização de uma investigação inicial e geral, auxilia no dimensionamento e confere segurança às direções que necessitam de um olhar vigoroso. Para compreender um campo ainda desconhecido, é importante que a primeira visita seja empática (Agier, 2015).

Como tarefa do etnólogo, de acordo com Malinowski (1953 *apud* Durham 1986, p. 86 e 107), ele deve “descobrir determinadas atividades, que, à primeira vista nos parecem incoerentes e sem ligação umas com as outras. Devemos então descobrir nessas atividades o que é constante e relevante e o que é acidental”. Dessa maneira, é possível compreender e analisar quais comportamentos seguem uma mesma direção e quais se constituem fora de um eixo linear. Nesse sentido, a pesquisa científica busca o valor de um fato a partir da análise, da classificação, do posicionamento dos fatos em meio a um todo e da incorporação dele em um aspecto da realidade.

De acordo com Mendes (2013) em relação à antropologia, o tempo para a coleta de dados é menor quando se trata de estudos de processos jornalísticos, por conta da curta duração do ciclo produtivo noticioso. Observa-se, segundo Becker (1997), que no momento da coleta de dados ocorre o processo de análise, sendo possível condicionar a coleta a partir do que está sendo analisado, o que pode limitar os tipos de análises pelos requisitos impostos pelo trabalho de campo. Para evitar o condicionante citado, a observação não se restringiu a um aspecto, mas a atenção foi direcionada às ações e reações.

Segundo Travancas (2006, p. 4), o pesquisador deve se inserir no local em que vai realizar a observação de modo a compreender o meio organizacional da comunicação massiva e da indústria cultural, a mercadoria, os fabricantes, os consumidores e os conteúdos.

Devem ser analisados e documentados de maneira detalhada. Segundo Mendes (2013, p. 288), “o comportamento dos membros ao seguirem as normas estabelecidas, o contexto em que acontecem e as exceções dos fenômenos”. Essa captura permite que o pesquisador compreenda a estrutura mais próxima da realidade cotidiana da organização, além de amenizar a crítica à subjetividade interpretativa etnográfica.

Realiza-se o que Malinowski (1953) considerou como necessário na etnografia, a descrição da “aparelhagem utilizada, o modo pelo qual as observações foram conduzidas, o

número de observações realizadas e o tempo dedicado a elas” (Durham, 1986, p. 26).

A observação de fenômenos no momento em que são realizados pertence a uma categoria criada por Malinowski (1953 *apud* Durham, 1986), a qual compreende circunstâncias que dizem respeito às relações sociais no cotidiano de trabalho dos indivíduos. Adapta-se para o ambiente profissional no registro do comportamento dos colegas de trabalho, no diálogo enquanto realizam as tarefas diárias e nos intervalos. De acordo com o autor, para realizar a análise concreta dos aspectos da instituição é válida a utilização de perspectivas bem definidas do que o investigador deve observar e de que maneira o fazer.

O registro se estabelece por meio da descrição em um caderno de campo, “uma escritura que põe em cena o pesquisador, investimento do “eu” no discurso, sua implicação nas observações e na construção do texto etnográfico” (Charlon, 2010, p. 86, grifo da autora). Ainda segundo a autora, o caderno de campo revela proximidades e distanciamentos do pesquisador, além de apresentar a prática no ato da profissão e consolidar os dados como memória.

Os diários de campo, a partir das considerações de Winkin (1998), devem conter além de anotações, desenhos e mapas que auxiliem no processo de observação. Atenta-se para o comportamento dos profissionais, a frequência em que realizam determinadas condutas e a descontinuação delas, bem como as contradições observadas. Após esse processo, a releitura do material correlata à pergunta da pesquisa forma parte da resposta do que fazer com os elementos coletados.

No jornalismo, a etnografia envolve compreender o trabalho do profissional, atentando-se “às variedades de práticas jornalísticas” (Neveu, 2006, p. 16). Na prática jornalística, os agentes produtores não atuam de forma isolada, ou seja, a notícia é resultado de um conjunto de relações que se estabelecem entre a organização, a cultura jornalística, os processos de produção da notícia e a sociedade (Chagas, 2019; Meditsch, 2010). A aplicação da etnografia auxilia na compreensão da notícia da Rádio CBN Ponta Grossa. O subcapítulo seguinte apresenta informações acerca da técnica da entrevista na pesquisa científica. A entrevista apoia a observação e atribui sentido à determinados comportamentos.

4.3 A ENTREVISTA NA PESQUISA CIENTÍFICA E A ENTREVISTA COM JORNALISTA

A técnica de entrevista é utilizada nesta pesquisa de maneira auxiliar à etnografia. Por meio da entrevista aberta, em profundidade e semiestruturada, visa-se encontrar elementos de tensão e contradições, no âmbito do não dito e do interdito na observação.

Na abordagem etnográfica na Rádio CBN de Ponta Grossa, a pesquisadora observa e fornece sentido à ação dos profissionais, os quais na entrevista podem atribuir significado

distinto a ela. Caso exista esse conflito, devem ser analisados os interesses de cada interlocutor e o contexto do acontecimento. Se as interpretações forem coincidentes, as narrativas podem complementar e contextualizar a observação com informações até então desconhecidas. Ou então, os entrevistados podem utilizar do momento de fala como tentativa de justificar algum comportamento que possa ter parecido comprometedor, o que revela a necessidade de reforçar a atenção para a situação.

No jornalismo “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações [...] É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (Lage, 2000, p. 32). Técnica utilizada com frequência na produção jornalística, presente no cotidiano dos agentes observados nesta pesquisa, entrevistar jornalistas é um complicador. Desse modo, há a necessidade de compreender como realizar entrevistas com profissionais acostumados a ocupar o papel de entrevistador e que possuem estratégias firmadas quanto ao desenvolvimento delas. Porque os informantes, na condição de entrevistados, são capazes de se comportar de acordo com os interesses do entrevistador (Poupart, 2014).

Do conjunto metodológico constituído, a entrevista qualitativa e a observação *in loco* permitem o exame da experiência dos agentes, evidenciam situações não tidas como válidas até então, fundamentais para a compreensão do fenômeno pesquisado (Poupart, 2012). A entrevista que sucede a pesquisa de campo, requer o confronto dos dados obtidos no local e no momento do trabalho com a análise das falas dos profissionais nas entrevistas. Segundo Pereira e Neves (2013), a entrevista é constituída por um processo de revisita à teoria e de aproximação com o objeto da pesquisa, na qual ocorre o aperfeiçoamento dos dados.

De acordo com Pereira e Neves (2013, p. 38), “uma entrevista de pesquisa com jornalistas se estrutura fundamentalmente a partir dos papéis de entrevistador e entrevistado e dos estatutos de pesquisador e de jornalista”. Segundo os autores, o modo de condução de entrevista composta por entrevistador e jornalista se direciona a um contexto formal de pergunta e resposta e se distancia de um modelo de conversa informal.

Dito isso, criar uma relação de confiança (Pereira e Neves, 2013), de interesse, de respeito com o entrevistado e assegurar a ele que as informações coletadas não serão utilizadas de maneira indevida (Poupart, 2012), minimiza o efeito rígido que pode ser criado. Iniciar a entrevista com perguntas de cunho pessoal auxilia a aproximação e deixa o entrevistado confortável no processo de interação.

Na pesquisa científica a técnica qualitativa da entrevista pode ser justificada em pesquisas científicas por meio de três argumentos. O primeiro diz respeito à necessidade da

perspectiva aprofundada dos atores sociais para a compreensão dos comportamentos sociais. O segundo, fornece subsídios para o conhecimento e entendimento interno sobre os desafios e problemas que os agentes precisam resolver. E o terceiro argumento é de ordem metodológica, de forma a esclarecer as realidades sociais por meio de uma maneira vantajosa de introdução às experiências dos envolvidos (Poupart, 2014).

As entrevistas realizadas nesta pesquisa atuam principalmente em dois dos três argumentos acima citados. A compreensão em relação ao comportamento dos agentes pesquisados a partir da perspectiva dos mesmos e acerca das experiências e ações próprias. Isso é relevante para o contraste com a observação, além das motivações que influenciam tais atitudes. A não limitação às falas dos pesquisados se articula com “as interpretações que se baseiam em construções teóricas submetidas não apenas à crítica, mas igualmente a prova da verificação empírica” (Poupart, 2014, p. 219).

As perguntas que compõem a entrevista qualitativa semiestruturada são decorrência da teoria que fundamenta a conduta do entrevistador somadas aos dados coletados sobre o objeto da pesquisa, sendo igualmente relevantes à seleção das pessoas a serem entrevistadas (Triviños, 1987).

Sendo assim, na entrevista composta por perguntas abertas e semiabertas o entrevistador segue um roteiro de questões, mas não se limita a um questionário (Castro e Oliveira, 2022), em conjunto com a entrevista semiestruturada, tem o objetivo de abordar questões voltadas aos acontecimentos observados, ao mesmo tempo em que fornece ao entrevistado liberdade para revelar situações extras sobre o assunto.

A entrevista estruturada é um meio eficiente para adquirir informações sobre a ordenação de uma instituição e o exercício profissional de um grupo, na qual o entrevistado informa sobre os próprios comportamentos, o comportamento da equipe de maneira coletiva e dos seus integrantes de individualmente e a relação com o espaço em que realizam ações (Poupart, 2014). O conceito do autor pode ser aplicado para entrevistas semiestruturadas.

No tocante ao registro das falas, a gravação dos áudios das entrevistas serve não apenas como uma segurança para o entrevistador, porque possibilita visitar aos áudios sempre que necessário, reduzindo os riscos de perda de informações importantes. O tom de voz, os gestos e as expressões também devem ser observados. A gravação da entrevista fornece como arquivo e como possibilidade de consulta o material fornecido. Sendo ela gravada e combinada com anotações gerais sobre a conduta do entrevistado, pode auxiliar quanto às dúvidas que acompanha o pesquisador (Triviños, 1987).

No que concerne ao roteiro, foram desenvolvidas questões descritivas, gerais e

específicas. Foi solicitada a descrição sobre as atividades realizadas na Rádio CBN de Ponta Grossa e relacionadas à acontecimentos pontuais considerados relevantes à produção noticiosa. Esse tipo de questionamento auxilia o pesquisador a compreender o porquê das ações dos indivíduos de determinados espaços (Triviños, 1987). A realização da pesquisa em campo possibilita a utilização de perguntas de cunho explicativo (Triviños, 1987) que se referem às falas e comportamentos vistos que merecem ser aprofundados e compreendidos.

Quando finalizada a entrevista e a transcrição, parte-se para o processo de análise dos dados. De acordo com Pereira e Neves (2013), os relatos dos entrevistados devem ser compreendidos conforme o cenário, os elementos e os condicionantes que circundam ou afligem os entrevistados. De acordo com os autores, o diagnóstico deve levar em conta todas as ações expressas pelos participantes da interação com destaque para os processos do trabalho. Assim, torna-se possível reinterpretar o objeto a partir da agregação realizada pelo entrevistador dos sentidos atribuídos pelos entrevistados.

Este subcapítulo expôs situações problemas que podem surgir na aplicação da entrevista nesta pesquisa, principalmente com jornalistas que demandam estratégias que buscam contornar possíveis insatisfações e formas de controle. Em geral, os informantes procuram se adiantar aos procedimentos da entrevista, devido ao amplo conhecimento em relação a eles, o que pode dificultar a condução da entrevista (Pereira e Neves, 2013). Por outro lado, segundo os autores, os jornalistas são receptíveis à gravação dos áudios, mas é importante esclarecer que a entrevista, neste caso, é uma metodologia de pesquisa.

O próximo subcapítulo apresenta informações a respeito da realização das entrevistas com os profissionais da rádio. Expõe como e quando as entrevistas aconteceram, bem como o comportamento dos entrevistados.

4.3.1 As entrevistas com os profissionais

A etapa seguinte à etnografia envolveu a realização de entrevistas com a equipe da Rádio CBN Ponta Grossa, composta pelo então diretor de jornalismo, repórter, pelos dois técnicos operadores de áudio, pelo jornalista-entrevistador e pelo comentarista esportivo. Teve como objetivo acrescentar, reafirmar ou contradizer circunstâncias e contextos observados durante o período *in loco*, conforme a visão dos informantes. A relevância das entrevistas ganhou força à medida em que houve mudanças na rádio, sobretudo com a saída dos jornalistas, ou seja, ela se passou durante a reconfiguração da escala e dos atores. Apesar das alterações organizacionais, a notícia não se altera.

As entrevistas ocorreram de maneira individual, com perguntas abertas e

semiestruturadas, uma por dia no mês de novembro de 2023, do dia 16 a 23 de novembro, com duração variada de 30 minutos a 2 horas. Os áudios foram gravados²¹ e transcritos e se encontram disponíveis nos apêndices, do J ao O.

A escolha dos profissionais a serem entrevistados se deu pela função, com prioridade para os jornalistas. Dos membros da equipe que não foram entrevistados, o proprietário não aceitou realizar a entrevista; a representante comercial não foi acionada, porque acredita-se que a função exercida não colaboraria com o objetivo da entrevista; e não foi solicitada a entrevista com o repórter esportivo por atuar somente em transmissões de jogos específicos e não influenciar diretamente na rotina produtiva noticiosa da rádio.

Em contato com os profissionais, foi recebida a informação de que a reestruturação da operacionalização envolveu a saída do diretor de jornalismo, do repórter e do técnico 2, que possuía menos experiência do que o técnico 1. Essa condição os encorajou a revelar situações que poderiam ter sido omitidas caso estivessem ocupando o cargo. A situação do diretor do jornalismo, do repórter e do técnico 2, apresentou-se como de insatisfação em relação ao proprietário da rádio e não absteve em expor o constrangimento sentido naquele momento.

O roteiro de perguntas realizado antes das entrevistas foi baseado no período da observação em campo. Iniciou com perguntas pessoais sobre a trajetória de cada entrevistado, com a aplicação da estratégia de deixar o convidado confortável (Pereira e Neves, 2013) e a fim de identificar os costumes que carregam. As perguntas seguiram com questionamentos sobre o trabalho na rádio. As gerais se repetiram e as específicas de cada função foram direcionadas conforme o comportamento e os acontecimentos percebidos durante a observação. Na última, foi necessário rememorar os entrevistados sobre as situações.

Foram exploradas questões sobre as relações profissionais e com os dispositivos tecnológicos, relações pessoais, perguntas relacionadas aos programas locais, sobre decisões de noticiabilidade (perguntas voltadas aos jornalistas), e relativas a possíveis mudanças na rotina e na estrutura que melhorariam e valorizariam, em especial o jornalismo desenvolvido na rádio.

A realização da observação e do relacionamento amistoso com os observados auxiliou para o aceite e durante a entrevista, onde havia a existência da proximidade e de determinado nível de confiança entre as partes. Antes da entrevista, o pesquisador precisa estar ciente que criar e manter um ambiente acolhedor fornece confiança ao entrevistado em expor ideias, incômodos ou satisfações referentes ao objeto de interesse (Triviños, 1987).

Em relação ao comportamento dos profissionais nas entrevistas, o diretor de jornalismo

²¹ A gravação foi realizada com aplicativo Gravador de Voz instalado no celular.

foi breve e sucinto nas respostas, a duração da entrevista foi de 17min. Além do que foi perguntado, realizou declarações a respeito da desvalorização profissional para com ele. Já a entrevista com o repórter teve duração de 1h 51min. O profissional abordou sua função na rádio desde o primeiro dia de trabalho. Foi preciso solicitar, por algumas vezes, que retomasse o momento em que ocorreu a observação. Por outro lado, deixar o entrevistado à vontade para responder às questões da forma que preferir, pode trazer situações relevantes para a compreensão do comportamento atual. Os dois jornalistas se demonstraram abertos e receptivos às questões.

A entrevista com o jornalista-entrevistador iniciou com ameaça de processo caso a fala fosse distorcida, porém logo foi tranquilizado, já que a conversa foi gravada. Com duração de 38min, o profissional desviou algumas vezes das perguntas, partindo para reclamações sobre as dificuldades do trabalho jornalístico no Brasil.

Quanto ao comentarista esportivo, a entrevista foi rápida com duração de 15min. As perguntas foram respondidas de forma a não se esquivar do assunto. O comportamento do profissional foi receptivo às questões e demonstrou apreço ao local de trabalho, ao proprietário e aos colegas. Assim como o comentarista esportivo, o técnico 1 revelou interesse na entrevista e abertura aos questionamentos. A entrevista teve duração de 1h e 9min. O técnico 1 relatou em detalhes sua trajetória no rádio e respondeu às questões de forma ampla e detalhada.

O técnico 2, breve em suas respostas, precisou ser lembrado de momentos observados no trabalho para que respondesse às questões. Não demonstrou resistência em falar sobre o assunto, mas solicitou que algumas falas fossem realizadas com o gravador desligado. O conteúdo de tais falas não modifica e não interfere nos dados de coleta da pesquisa. A entrevista teve duração de 29min.

Nas transcrições, os nomes mencionados nas entrevistas foram substituídos por [nome] ou profissão exercida para que não haja identificação e assim, contrarie os preceitos éticos da pesquisa. Foi solicitado que os entrevistados relatassem a rotina de trabalho, desde o horário da chegada até a saída, para verificar se iria condizer com a observação. Alguns responderam de forma resumida e precisaram ser reforçadas, enquanto outros a detalharam.

O próximo capítulo desenvolve acerca da aplicação dos procedimentos e ferramentas metodológicas, da etnografia e entrevista, apresenta os dados coletados a partir delas e os resultados obtidos.

5 O PROCESSO DE OBSERVAÇÃO NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA

O desenvolvimento desta pesquisa e a busca por compreender a produção da notícia, logo, a notícia da Rádio CBN Ponta Grossa, leva-nos a problemática que atravessa a lógica de produção da afiliada em relação à participação da cabeça de rede, o que tensiona a produção, circulação e o consumo de uma rádio com essas características. Este capítulo encaminha-se para a aplicação da técnica de observação de natureza etnográfica associada a técnica da entrevista.

O desenvolvimento da observação orientado pela etnografia, assistido pela fundamentação teórica, movimenta-se para a inserção em campo, com a atenção voltada ao trabalho jornalístico e radiofônico, às falas e ao comportamento, às relações, à equipe, aos profissionais de forma individual, aos dispositivos técnicos e à topografia. O capítulo aborda a técnica da entrevista executada após a observação e realiza o diálogo entre as falas dos entrevistados e a observação.

5.1 O PERCURSO METODOLÓGICO: RELATÓRIO ANALÍTICO

Este subcapítulo pretende apresentar informações a respeito das etapas que antecederam a observação, desde o entendimento relacionado às ferramentas metodológicas a partir da mobilização teórica até os recursos e negociações procedidas para a execução da pesquisa.

O primeiro movimento realizado foi procurar compreender, por meio de bibliografias, o que consiste e como ocorre a produção jornalística de uma rádio no contexto de uma cidade do interior e ao mesmo tempo sendo parte de uma rede nacional. Esse sistema, como aponta a teoria organizacional, influencia a produção da notícia quanto às normas, princípios editoriais e hierárquicos, no qual o profissional deve trabalhar sob o controle e com os recursos dispostos pela organização (Traquina, 2020b). O que justifica a adoção da técnica de observação na rotina produtiva, visto que a notícia é resultado de um processo de acordos internos.

Percebeu-se, portanto, a necessidade de entrar em campo junto à redação do objeto de pesquisa, Rádio CBN Ponta Grossa. Observou-se a produção radiojornalística, o que se repete para que se defina como rotina e o que não se repete, o que é controlado e naturalizado nas ações dos atuantes e o que não é programado. A técnica etnográfica permite observar não só os movimentos dentro da rádio, mas as relações externas e inter-relacionadas, como o contato da cabeça de rede com a afiliada, as imposições, a colaboração ou a ausência de colaboração entre elas.

Após a inserção em campo e a verificação dos relatórios foi percebida a necessidade de realizar entrevistas com os profissionais para entender a visão deles sobre o trabalho e

confrontar as informações com o que foi observado no local. As entrevistas permitem justificar o comportamento dos pesquisados e reiterar as motivações que os levaram a determinadas decisões noticiosas. Antes da coleta dos dados foram mobilizadas referências sobre etnografia e entrevista para que a realização suprisse preceitos teóricos e práticos das ferramentas metodológicas e adaptadas de acordo com as especificidades do objeto e necessidades da pesquisa.

Para que fosse possível a realização da observação na Rádio CBN de Ponta Grossa, foi necessária a autorização do Comitê de Ética da UEPG, parecer substanciado pela Plataforma Brasil, e do profissional responsável pela Rádio. Nas pesquisas com seres-humanos, os envolvidos precisaram assinar um termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual expôs o objetivo da pesquisa e assegurou o sigilo de qualquer informação que pudesse identificar os observados. O documento foi realizado tanto para a etnografia quanto para as entrevistas e apontou a apresentação do projeto, a avaliação de possíveis riscos e benefícios e considerações sobre a pesquisa. Após a autorização do Comitê de Ética²², foi desenvolvido um roteiro de observação que continha tópicos relacionados à estrutura física do espaço, à utilização de dispositivos técnicos, à função dos profissionais, à relação entre a equipe e o comportamento de cada membro.

No que antecede o ato *in loco*, para efeito de obter a autorização para entrada e permanência na Rádio CBN de Ponta Grossa foram implicados esforços marcados por empecilhos. A primeira tentativa foi por meio do contato do professor orientador com um dos jornalistas da Rádio CBN Ponta Grossa. O profissional direcionou o contato ao diretor de jornalismo. Em conversa via *WhatsApp* do professor com o diretor de jornalismo, houve a promessa de uma reunião presencial juntamente com a aluna requerente. Depois de uma série de tentativas de concretizar a reunião, período marcado por reagendamento e cancelamento por parte do diretor de jornalismo e insistência dos solicitantes, o encontro foi realizado. Ele aconteceu na rádio, na sala de reuniões em construção, onde o profissional garantiu realizar o pedido ao proprietário que aconteceria, segundo ele, durante uma reunião com os sócios e após, retornaria com a resposta.

Depois de algumas semanas e inúmeras mensagens enviadas ao diretor, sem sucesso, foi preciso acionar uma pessoa que possui contato com o proprietário, o qual exerceu a mediação entre ele e a pesquisadora, que por meio de mensagens de *WhatsApp* explicou sobre a pesquisa e garantiu o cumprimento dos preceitos éticos. Assim, o dono autorizou a realização

²² Número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 68962623.7.0000.0105.

da pesquisa. Em seguida, a aluna entrou em contato com o diretor de jornalismo que já estava ciente da permissão do proprietário e agendou o intervalo de dias para efetuar a observação teste que será detalha à frente.

Durante a etapa de observação fomos surpreendidos com a informação de que a rádio passaria por mudanças administrativas e que isso acarretaria em alterações de profissionais e na produção jornalística. Tais mudanças podem afetar, em alguma medida, a dinâmica de produção da emissora o que, por efeito, repercute na noticiabilidade. Contudo, a natureza dos processos de produção jornalística, mesmo atravessados por ajustes, tende a se reproduzir, na medida em que o produto noticioso permanece na centralidade dos interesses organizacionais.

Destaca-se que mudanças organizacionais têm se tornado recorrentes em contextos midiáticos contemporâneos, haja vista as transformações no mercado de trabalho em geral e no jornalístico em particular, especialmente nos contextos interioranos. Essa situação orientou, durante o desenvolvimento da coleta, a necessidade de assumir a centralidade das entrevistas no processo de investigação. Ou seja, os reflexos das próprias condições de produção são comuns em sistemas internos, ainda que a alteração atue de alguma forma na conformação das notícias, elas seguem uma lógica de produção. Os ambientes de trabalho sofrem alterações de ordens variadas, inclusive em momentos de pesquisa, entretanto o elemento subsiste em sua qualidade de elemento (Triviños, 1987), nesta pesquisa, a notícia. Os próximos capítulos apresentam a coleta dos dados etnográficos, das entrevistas e as análises realizadas.

5.2 ACESSANDO A RÁDIO CBN PONTA GROSSA

A abordagem etnográfica permitiu a compreensão da produção radiofônica jornalística da Rádio CBN de Ponta Grossa. A rotina produtiva, as relações entre os profissionais e a gerência, as decisões e os critérios noticiosos, o câmbio entre a cultura profissional e as demandas específicas da emissora, entre outros aspectos na produção, colaboraram na compreensão da notícia da Rádio CBN Ponta Grossa. Segundo Cottle (2000, p. 2, tradução nossa²³), os “estudos sobre novas produções de notícias e práticas profissionais relacionadas proporcionam uma compreensão aprofundada da natureza do jornalismo nas sociedades contemporâneas”.

Na produção jornalística em geral e particularmente na radiofônica, há repetições diárias nos modos de fazer, mas também há descompassos na rotina, assim como ações que os agentes procuram mostrar ou esconder. Esta pesquisa expõe situações e contextos de caráter

²³ *Studies of news production and related professional practices provide in-depth understanding of the nature of journalism in contemporary societies* (Cottle, 2000, p. 2).

profissional, organizacional e relacional que reforçam a importância de estar inserido em campo como forma de identificar as lógicas de funcionamento a partir de situações que escapam do padrão. Dessa forma, há a “possibilidade de entrar nas redações para observar os trabalhadores jornalísticos em suas rotinas e conversar em espaços que dão conta do cotidiano e permitem uma compreensão mais complexa de suas vivências e tarefas” (Calzado, 2022, p. 120).

Os momentos em que os programas locais são realizados possuem uma riqueza de informações pertinentes para a análise, onde a rotina jornalística se desenvolve. A rotina se manifesta, primeiramente, a partir de um controle do tempo, especialmente em sistemas afiliados como é o caso das concessões locais. O Quadro 20 apresenta os horários da programação local, além da transmissão obrigatória da rede.

Quadro 20 – Programação matutina e vespertina local e obrigatória de segunda a sábado na Rádio CBN Ponta Grossa

Segunda a sexta-feira	Chamadas/entradas iniciais	Repórter CBN	Jornal local	Repórter CBN	Giro de notícias regionais	Programa esportivo	Repórter CBN
Horários do período da manhã	9h	9h e 30min	9h e 32min	10h/10h e 30min/11h/11h e 30min	10h e 45min	11h e 32	12h
Horários do período da tarde	-	14h	14h e 02min	14h e 30min/15h/15h e 30min/16h	-	16h e 02min	17h
Sábado	Chamadas/entradas iniciais	Entrevista 1	Repórter CBN	Entrevista 2	Giro de notícias regionais	Programa esportivo	Repórter CBN
Horários do período da manhã	-	10h e 02min	10h/10h e 30min/11h/11 e 30min	11h	-	-	12h

Fonte: Elaboração própria (2023)

As anotações foram realizadas de forma densa e detalhada como a bibliografia etnográfica orienta, de acordo com os autores referenciados no capítulo 4. A partir do caderno de campo, as transcrições foram transformadas em relatórios, os quais se encontram nos apêndices e após, em análise. As informações descritas, desde a apresentação ampla da observação até os acontecimentos detalhados e aparentemente supérfluos, foram essenciais para o entendimento da rotina produtiva radiojornalística. Dentro do que segue a linearidade até o que não é premeditado a conexão entre os elementos pode ser convertida em diagnóstico.

Uma das principais críticas à etnografia diz respeito ao foco do observador nas rotinas produtivas internas e a não atenção ao invisível, aos fatores externos, mercadológicos, comerciais e culturais (Cottle, 2000). Fazem parte dos fatores externos, o perfil do público e as

relações com a concorrência que “interferem continuamente na formação da identidade de uma empresa jornalística” (Ribeiro, 1994, p. 109-110). Contudo, entende-se que tais aspectos fazem parte da construção organizacional no trabalho jornalístico, sendo assim, a preocupação em entender o lugar destas injunções no ambiente produtivo esteve presente durante a observação na Rádio CBN de Ponta Grossa.

Alguns dos comerciais são de instituições que possuem relação com o proprietário da Rádio CBN de Ponta Grossa. Segundo o comentarista esportivo, a Rádio se recusa a transmitir comerciais de empresas as quais os donos são diretores de organizações que são pautas noticiosas para que não haja restrições ou benefícios no vínculo entre a notícia e a fonte. Um exemplo é o programa esportivo que tem como principal conteúdo informações relacionadas ao time de futebol de Ponta Grossa, Operário Ferroviário Esporte Clube, o qual os responsáveis técnicos não podem comprar espaço na grade para a veiculação de comerciais de empresas particulares.

5.3 A PESQUISA EM CAMPO: INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O OBJETO

A Rádio CBN de Ponta Grossa²⁴ está localizada na Rua Jacob Holzmann, número 233 - Sala 01, no bairro Oficinas, no mesmo prédio e andar onde se encontra a Rádio Jovem Pan. O restante do prédio é composto por salas comerciais. O espaço destinado à recepção não é específico à CBN, mas atende ao conjunto de salas, funcionando como antessala genérica.

Atuam na emissora um diretor de jornalismo, um repórter, um repórter esportivo, um comentarista esportivo, um jornalista-entrevistador, dois técnicos e uma representante comercial. A administração e inserção de comerciais na grade é de responsabilidade da Rádio CBN de Maringá e o diretor geral de jornalismo se encontra na Rádio CBN de União da Vitória. As três rádios que fazem parte da sociedade.

A Rádio CBN de Ponta Grossa é vinculada a um grupo nacional de comunicação, a qual precisa seguir determinado direcionamento padronizado específico da rede e que possui relativa autonomia quanto aos assuntos jornalísticos locais e ordem e tempo da programação local. A Rádio CBN de Ponta Grossa é receptiva quanto à retransmissão de programas obrigatórios da matriz e há interação mútua e de parceria com rádios do mesmo grupo, pertencentes ao mesmo Estado. Portanto, possui diferenciação em relação as rádios da rede e as rádios do município.

O *slogan* “CBN: a rádio que toca notícia” acompanha a emissora desde o seu

²⁴ A mudança de sede ocorreu em fevereiro de 2023. A sede anterior estava localizada na rua XV de Novembro, no Centro de Ponta Grossa. A sala era situada no mesmo prédio do jornal Diário dos Campos e dividia a rua com outras rádios.

surgimento. A marca reforça o diferencial da CBN, que é ter uma grade totalmente noticiosa, enquanto as rádios regionais, popularmente, se apropriam da palavra “toca” para reproduzir programas musicais na maior parte do tempo.

O acordo da Rádio CBN matriz com as afiliadas envolve a transmissão de conteúdo local no período da manhã, a partir das 9h até às 12h e no período da tarde, das 14h às 17h. Desse período, a Rádio CBN Ponta Grossa inicia oficialmente o jornal local às 9h e 30min, mas às 9h e depois das 17h até às 18h insere, de maneira dispersa, entradas ao vivo com jornalismo de serviço. Além disso, quando há, os programas esportivos aos domingos podem ser transmitidos no local dos jogos.

5.3.1 O contato inicial: primeiras impressões

Nos dias 17, 18 e 19 de agosto de 2023 foi realizado um teste observacional (piloto) na Rádio CBN de Ponta Grossa com o objetivo de conhecer o local e obter o primeiro contato com os observados. No período que compreende os dias entre 18 e 23 de setembro de 2023 foi realizada a observação²⁵, conforme o horário de chegada e saída dos funcionários.

No primeiro dia da observação teste, o contato inicial ocorreu com um dos técnicos da rádio, porque era o único presente no local quando eu cheguei. A reação do profissional foi de estranheza, apesar de ter ciência da execução da pesquisa, ele não havia sido informado da data em que ocorreria. Assim que eu entrei na rádio, o técnico pediu para que eu aguardasse o diretor de jornalismo na sala ao lado do estúdio onde ele trabalhava. Naquele momento pareceu um complicador, visto a reação desagradável do técnico.

Pouco tempo passado, o diretor de jornalismo chegou e o comportamento do técnico também mudou. Ele passou a ser receptivo e se demonstrou aberto quanto a questionamentos, fornecendo espaço para que eu observasse a execução do seu trabalho durante todo o período de realização da pesquisa. O primeiro contato com o diretor de jornalismo foi tranquilo e receptivo.

5.3.2 A localização, a topografia da rádio e os dispositivos técnicos tecnológicos

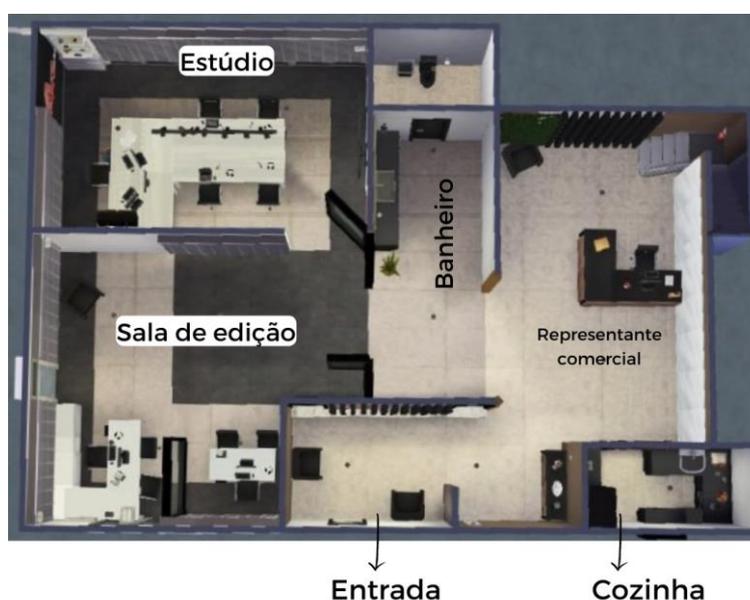
A atenção dada ao ambiente físico possui como intuito compreender como os espaços são apropriados pelos agentes, considerando seus usos e funções, bem como os equipamentos utilizados, onde, de que forma e para quê. Uma emissora de rádio apresenta particularidades que as definem como tal; as especificidades ganham força quando se leva em consideração que

²⁵ Os relatos descritos e separados por dia estão disponíveis nos apêndices, do A ao C se encontram os pilotos e do Apêndice D ao I, a observação em si.

a rádio está inserida em uma cidade de interior, mas conforma aspectos gerais que representam a marca CBN.

O local onde a emissora está localizada possui dois andares. No andar inferior há uma entrada onde as fontes, após recepcionadas, aguardam até o horário da entrevista. Ao lado, há um espaço com uma mesa utilizada pela representante comercial que se localiza próximo a cozinha. Após há uma passagem por um corredor que acessa o banheiro. Em frente, há uma sala maior, utilizada para edição. Ela conta com duas mesas e computadores e ao lado, há a sala do estúdio, local onde os jornalistas passam a maior parte do tempo. Já o piso superior está em reforma e será transformado na sala atribuída ao proprietário, destinada também às reuniões. A Figura 3 mostra a representação do piso inferior da Rádio CBN de Ponta Grossa vista de cima.

Figura 3 – Representação da Rádio CBN Ponta Grossa vista de cima



Fonte: Elaboração própria a partir da observação *in loco* da Rádio CBN Ponta Grossa (2023)

Dos equipamentos disponibilizados pela rádio se encontram: um computador para o uso da representante comercial, dois computadores na sala de edição, quatro *notebooks* no estúdio e dois computadores utilizados pelo técnico, além da mesa digital de som, todos conectados à *internet*. O estúdio conta ainda com quatro microfones e quatro fones de ouvido. Os celulares utilizados para gravação de sonoras em externas e realização de imagens são particulares. Os equipamentos aparentam ser novos e de qualidade.

A rádio é marcada pela presença de quadros e fotos do time Operário Ferroviário da cidade de Ponta Grossa, o que revela interesse pelo time local. O comentarista esportivo destacou o interesse pelo Operário Ferroviário: a pauta quando envolve o Operário é “muito

extensa”; que “todos os dias têm informações”, e o Clube como sendo “importantíssimo aqui para Ponta Grossa, nos representa com muita honra, sem dúvida alguma”²⁶.

O programa esportivo não se limita aos assuntos do Operário Ferroviário, mas o prioriza. Quando a agenda do time termina, são veiculados assuntos nacionais, internacionais, captados do *site* do G1, como foi observado todos os dias. E, de maneira esporádica, são realizadas entrevistas com personagens do esporte local. Porém, o conteúdo é reduzido, o que condiciona o programa à agenda do time de futebol profissional.

O espaço é amplo, apesar da utilização prioritária do estúdio. Fato que se deve a facilitação do contato entre os jornalistas com o técnico, principalmente durante a transmissão ao vivo dos programas locais, entre os jornalistas e a possibilidade de trabalho com os equipamentos necessários dentro do estúdio. De forma comparativa, em ordem decrescente de intensidade de utilização, pode-se inferir o estúdio, seguido da cozinha, sala de edição e sala da representante comercial (usufruída em alguns momentos não corriqueiros como extensão da cozinha).

O estúdio é fundamental na produção de materiais gravados e na realização das entrevistas, porém tais gravações só podem ser realizadas fora do horário de transmissão do jornal local. Os móveis e equipamentos antigos e analógicos, como a mesa de som, foram substituídos por aparelhos novos, digitais, além da implementação de programas e *softwares*.

Contudo, segundo o repórter, o diretor de jornalismo e o técnico 2, o estúdio próprio para gravação é de extrema importância, porque nele poderiam ser realizadas entrevistas com convidados e gravações durante o horário do jornal local. Sem esse estúdio as gravações só podem ser realizadas no estúdio principal após o horário do jornal local, o que atrasa o andamento do trabalho. Caso seja gravado em outro local, há a redução da qualidade do som.

Ademais, entrevistas de última hora com fontes consideradas relevantes e que estavam de passagem pela cidade não puderam ser feitas por conta da falta de espaço específico e adequado. Situação que, segundo o repórter, intensificou a utilização de assessorias de comunicação – “aí que eu comecei a usar agência e assessoria de imprensa, “você podem mandar um áudio gravado?” E antes eu marcava entrevista (Repórter, 2023)²⁷”

A cozinha é utilizada para os momentos do café, realizados em diversos momentos do dia em curtos períodos de duração, que se demonstram importantes para descontração, marcados por conversas do grupo referentes ou não ao trabalho.

A sala de edição é utilizada em casos específicos e apenas pelo repórter, onde acontece

²⁶ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023.

²⁷ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

a edição de textos, imagens e áudios, em horários em que o estúdio se encontra ocupado por outro profissional ou fonte. Nos demais momentos a edição é realizada no *notebook* dentro do estúdio. As edições realizadas pelo diretor de jornalismo, apenas deixam de acontecer em momentos de contato ou de fala ao vivo. Isso indica que a sala de edição é subutilizada. As dimensões extensas não condizem com o número reduzido de profissionais.

A utilização de *softwares* para a produção radiofônica e jornalística é integrada ao cotidiano dos profissionais e ocorre em diversos estágios. Na transmissão do áudio, a partir dos programas utilizados pelos técnicos na mesa de som digital e na ordenação da grade de programação. Durante a observação e as entrevistas, pode-se notar que tais atributos dificultaram o trabalho em momentos de crise. Nas renovações dos *softwares* que não foram realizadas e quando o programa travava, a rádio local não funcionava e a rede não podia ser retransmitida. Ou seja, a rádio ficava fora do ar, os comerciais não eram divulgados e a grade precisava ser reordenada de forma a diminuir os espaçamentos entre os programas posteriores. Ademais, ocorria um *delay* para a troca das sonoras, o que exigia agilidade extra do profissional para que não houvesse espaços vagos na transmissão. A preferência na mesa de som física foi unanimidade entre os técnicos.

O problema com a renovação do programa *Playlist e Aires* afetou a programação local, a transmissão dos anúncios e o trabalho técnico. A Rádio CBN Ponta Grossa ficou sem áudio, tanto local, quanto da rede, já que o Aires é o responsável por fazer o intercâmbio da rede para o local poder reproduzir. No dia da observação foi sugerido que a renovação não aconteceu por conta de um esquecimento do pagamento, segundo a entrevista realizada com o técnico, disponível no Apêndice N. O problema aconteceu novamente após a sociedade ter sido desfeita, por conta da mudança de contrato, problema que deveria ter sido previsto.

A rádio ficou vazia. Não tocou nem a rede. Ligava o *dial* lá, até mesmo na *internet*, porque na minha mesa é assim, eu recebo o som ali nos equipamentos via satélite, cai na antena, da antena vem para cá e dali dos equipamentos vai para mesa e vai para o rádio. Daí se não chegar o som, o som poderia até ter chegado no satélite, né? Mas aí na hora de subir para mesa de som para eu distribuir para o rádio não tinha. Não deu para fazer isso, o comercial atrasou tudo (Técnico 1, 2023)²⁸.

No aplicativo, o áudio ao vivo é retransmitido, assim como no *site*, que além disso, as matérias são publicadas em formato de texto, imagem e algumas possuem parte do áudio gravado. No *Instagram* é realizada a distribuição de todas as matérias e colunas. As publicações são compostas por texto e imagem. O texto é copiado do *site* e ajustado para a plataforma. Após, as publicações são compartilhadas no *Facebook* e no *Twitter*. No *WhatsApp*, as principais

²⁸ Entrevista concedida à autora, em 16 de novembro de 2023.

informações são compartilhadas em formato de texto no grupo dos ouvintes. No *YouTube* raramente há postagens. Na Rádio CBN de Ponta Grossa apenas o Giro do Estado é transmitido acompanhado de imagens do estúdio.

A transmissão do jornal local em vídeo em *streaming* é um formato adotado pelas rádios como fator inovador, utilizado inclusive pela CBN matriz e CBN Curitiba, por exemplo. Apesar de não ser uma regra, a transmissão com imagens pode atrair consumidores e anunciantes, mas os jornalistas da Rádio CBN de Ponta Grossa relataram que não gostariam de realizar o jornal dessa forma, porque se sentiriam engessados. Alguns áudios das matérias produzidas são cortados, editados e transformados em *podcast*.

Geralmente a ordem de publicação começa pelo *Instagram*²⁹ ou *site*, *Facebook*³⁰, *WhatsApp*, *Twitter*³¹, *Spotify*³² e *YouTube*³³, por nível de importância definida pelo diretor de jornalismo e pela demanda. O conteúdo é o mesmo e o formato é adaptado para cada plataforma.

Não restrito ao *dial*, a internet oferece espaço para a transmissão jornalística e pode resultar em benefícios à emissora se aproveitada de maneira completa e estratégica. Herreros (2011) afirma que os conteúdos radiofônicos fomentados pela inovação atraem a audiência. Por meio da transmissão ao vivo em diversas plataformas, em áudio, de maneira fragmentada, com os *podcasts* (utiliza também aplicativos conhecidos nacionalmente), em vídeo, ao vivo ou não e com a reprodução em redes sociais. Das rádios que fazem parte de uma rede, a difusão local, regional e nacional na *web* costuma atrair publicidade; a atualização contínua das páginas mantém sua identidade, incorpora “elementos novos e originais para despertar o interesse de todos que a visitem de maneira assídua ou esporádica” (Herreros, 2011, p. 87).

Na Rádio CBN de Ponta Grossa, percebe-se a utilização limitada das redes sociais e plataformas. O ganho de audiência e anunciantes poderia acontecer diante das possibilidades que elas oferecem. Os textos e áudios são editados entre os intervalos da programação local, apenas para cumprir com um protocolo de publicação. A falta de investimento em profissionais contribui para esse cenário. De acordo com Kischinhevsky (2010, p. 17) “O jornalista precisa repensar seu papel diante das novas tecnologias digitais, para não se tornar um mero apertador

²⁹ CBN Ponta Grossa. **CBNPG**, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/cbnpg/>. Acesso em: 08 dez. 2023.

³⁰ CBN Ponta Grossa. **CBN Ponta Grossa**, 2023. Disponível em: <https://www.facebook.com/cbnpontagrossa>. Acesso em: 08 dez. 2023.

³¹ CBN Ponta Grossa. **CBN Ponta Grossa**, 2023. Disponível em: <https://twitter.com/cbnpg>. Acesso em: 08 dez. 2023.

³² REDAÇÃO CBN PG. **CBN Ponta Grossa**, 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/19BiLvYBgW8alFU5s56PnF>. Acesso em: 08 dez. 2023.

³³ CBNPG1059. **CBN Ponta Grossa**, 2023. Disponível em <https://www.youtube.com/@cbnpg1059>. Acesso em: 08 dez. 2023.

de botões, um malabarista da informação, equilibrando diversos aparelhos eletrônicos – gravadores, filmadoras, celulares com câmera fotográfica, *notebooks*” e não ser um reprodutor de informações, mas cumprir o papel social de maneira crítica.

Os estudos mostram que a tecnologia no rádio auxiliou e agilizou os processos produtivos, de transmissão e de consumo (Ferraretto, 2015; Avrella, 2014; Lopez, 2010). A naturalização da tecnologia nas rotinas de produção jornalística auxiliou na automatização do processo e na acomodação no que diz respeito à produção de notícias, que tem efeitos na redução do quadro de jornalistas. Ribeiro (1994) afirma que a alienação ou mecanização do trabalho jornalístico se dá quando não se extrai saber, significado e crescimento do processo de realização.

Percebe-se que a produção precisa ser realizada em ritmo veloz, de modo a preencher a grade de programação local. Dois jornalistas devem dar conta desse trabalho, o que dificulta a saída para a captação de notícias externas e a produção própria. “Perseguir a reflexividade profissional implica ser sensível aos modos como os jornalistas se envolvem conscientemente na produção das notícias, em suas preocupações com a reprodução da informação” (Calzado, 2022, p. 123).

A utilização dos dispositivos tecnológicos pela equipe foi um aspecto dificultoso na observação, visto as letras pequenas dos *notebooks* e dos contatos serem feitos principalmente por *WhatsApp* e *e-mail*, além da utilização constante de fones de ouvido. Para amenizar essa situação, foi importante manter um relacionamento respeitoso com os profissionais, demonstrando interesse no trabalho de forma não invasiva para que permitissem aproximação e a visualização das telas.

5.3.3 A produção local

Durante o processo de observação, os movimentos repetidos diariamente relacionados à produção noticiosa, descritos no caderno de campo e transformados em relatórios, foram coletados e expostos abaixo.

Os conteúdos transmitidos são divididos de acordo com o programa. A grade de programação foi formulada a partir de conteúdos da rede de retransmissão obrigatória e conteúdos locais. Dos conteúdos obrigatórios, o Repórter CBN deve ser retransmitido ao vivo de 30 em 30min. A rede, esporadicamente, (Rádio CBN matriz) avisa as filiais quando precisam retransmitir outro conteúdo pontual. Todas as filiais param a programação local e abrem espaço na grade para retransmitir a rede. “E todos os Repórteres CBN são obrigatórios e de noite parece que também tem espaço para caso, caso haja futebol essas coisas, daí você pode abrir para

esportes que daí é jogo, essas coisas assim”.³⁴

Das 9h e 30min às 11h e 30min o jornal local é iniciado oficialmente, porém às 9h, o jornalista responsável pelo programa (diretor de jornalismo) começa com inserções espaçadas. À tarde, o programa local inicia às 14h e o responsável é o repórter. Das 11h e 30min às 12h e das 16h às 17h é transmitido o programa esportivo e realizado pelo diretor de jornalismo e pelo comentarista esportivo. Tais ações estão descritas não apenas nos relatórios, mas também nas entrevistas com os jornalistas.

A produção do programa local é realizada tanto no dia anterior, quanto no mesmo dia. Na hora do programa, um jornalista compartilha com o que está apresentando notas para transmitir. As informações são recebidas via *e-mail*, principalmente de assessorias da prefeitura, as quais são levemente editadas e transmitidas. Nas tardes após o programa esportivo, são realizadas gravações e edições de reportagens e armazenadas em nuvem para serem transmitidas no dia seguinte. Algumas das matérias são edições das colunas veiculadas, toda tarde há uma coluna diferente. “Alguma matéria pronta, de agência, da Associação de Rádios a gente usava já a matéria pronta, só baixava, já pegava, preparava o enunciado, alguma matéria do governo, pegava, reescrevia algumas situações ali, editava áudios” (Diretor de jornalismo, 2023)³⁵.

Durante o dia, a captação de informações é realizada em *sites* da prefeitura de Ponta Grossa, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e instituições responsáveis por serviços fornecidos ao município. De tempo em tempo informações de serviço, previsão do tempo e trânsito são atualizadas. À tarde ocorre também a atualização das matérias transmitidas pela manhã. O preenchimento da grade local é, em sua maioria, constituído por notas de serviço. A ação foi repetida todos os dias de observação.

A Rádio CBN possui um padrão de notícia direcionado ao público A e B, que deve ser seguido pelas afiliadas. O assunto foi reforçado na entrevista com o repórter, o qual destacou o dado. Os eventos localizados como assaltos, situações de bairro, homicídios, entre outros, raramente são noticiados e entrevistas com a população não acontecem. Os temas abrangem áreas que apesar de afetarem a massa, não são produzidas para ela. As notícias de ocorrências relativas à segurança, são veiculadas apenas se forem intensas e recorrentes, acompanhadas de uma fonte autorizada.

A CBN é mais para abrir alguma discussão então, por exemplo eu fiz reportagem sobre o plano diretor [...] é um negócio difícil de ser explicado, um negócio que poucas

³⁴ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

³⁵ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023.

peças entendem e interessam para poucas pessoas discutirem. É claro que afeta todo mundo, mas interessa para algumas pessoas. Então, eu acho que a CBN tinha esse papel, né. Fazer entrevista, fazer debates, fomentar, fazer, trazer os fatos (Repórter, 2023).

Os jornalistas conversam entre eles sobre as matérias que gostariam de fazer e em relação à edição das matérias, e de acordo com eles em entrevista, não eram coagidos a veicular informações que não consideravam relevante. Durante a observação pode ser observado esse evento.

As informações recebidas por assessorias, segundo o repórter, são verificadas antes de serem veiculadas e reescritas. Algumas delas complementadas com fontes e transformadas em reportagens. O diretor de jornalismo comentou em entrevista sobre o aproveitamento de *releases* recebidos por grupos de *WhatsApp*, como por exemplo da polícia. Disse ainda que as informações enviadas por assessorias são aprofundadas e verificadas com as fontes, já que elas podem prezar por apresentar apenas o que for conveniente. Contudo, o que foi observado na rádio foi a utilização intensa desses conteúdos, os quais chegavam, eram levemente editados, algumas vezes reescritos e publicados na tentativa de preencher o espaço.

A produção do programa esportivo é realizada na hora da transmissão com buscas no *site* do G1, na aba esportes, e os responsáveis precisam assistir aos jogos, principalmente de futebol. Na hora da veiculação do programa esportivo, a televisão é ligada no canal que transmite jogos, principalmente de futebol, para que sejam atualizadas informações sobre times importantes. O assunto principal é a atuação do Operário Ferroviário, por isso a necessidade de estar atualizados sobre o time. Nesse programa também ocorrem participações de ouvintes via *WhatsApp*, principalmente por mensagens enviadas para o contato particular do comentarista.

É constituído de informações em especial sobre o Operário, principalmente quando tem jogo do time. O programa também envolve notícias de outros esportes e conta com a presença de convidados, desenvolvido com a leitura de matérias do G1 no ar e comentários sobre o assunto.

Pela manhã como era meia hora, era algo mais resultados e conversa rápida, análise rápida, né? Aí no período da tarde, era uma hora de programa daí a gente veiculava 1h de entrevistas, sonora do jogador, né? Basicamente mais a cobertura do Operário, a gente levava também atletas dirigentes para poder falar sobre os eventos, sobre as conquistas, a gente levava “pro” programa (Diretor de jornalismo, 2023)³⁶.

De acordo com o comentarista esportivo, momentos antes da transmissão eles conversam sobre o que será veiculado, algo não percebido na observação. O diretor de

³⁶ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023.

jornalismo realiza a cobertura dos jogos do Operário, além do horário de expediente na Rádio, e a cobertura de jogos aleatórios que ocorrem no município, por exemplo, jogos de bairro.

No programa de sábado as pautas podem abranger assuntos de interesse regional, mas o foco é direcionar para o município, seguindo o princípio editorial da CBN matriz. Na programação do sábado não há debates e não foi observado confronto ou contestação com a fonte. “Existem alguns assuntos que são de interesse geral, outros de interesse restrito à comunidade de Ponta Grossa e isso é natural já que a rádio está inserida nesse contexto” (Jornalista-entrevistador, 2023)³⁷.

As colunas, veiculadas de segunda a sexta, foram pensadas pelo diretor de jornalismo e pelo repórter, com o intuito de destacar informações relevantes de Ponta Grossa e assuntos relacionados com a educação. Segundo o repórter, teve-se o cuidado de encontrar colunistas especializados no tema em questão e que não pertencessem à estrutura política do município, para evitar qualquer possibilidade de exposição de material de cunho propagandístico.

Como já mencionado, a Rádio CBN Ponta Grossa fazia parte da sociedade com as Rádios CBN de Maringá e União da Vitória. Contudo, no final do mês de setembro, ainda durante o período de observação, a sociedade foi encerrada. Nesse processo, os profissionais receberam a solicitação para que fizessem os exames demissionais e o repórter entrou em férias e em seguida foi substituído. O diretor de jornalismo permaneceu por mais um mês e em seguida, pediu demissão. O técnico 2 foi demitido cerca de um mês após a observação. Os que permaneceram foram o técnico 1 e o comentarista esportivo que por coincidência ou não, são amigos pessoais do proprietário e possuem vínculo de trabalho há mais anos do que os demais.

O impacto da mudança no período de observação se deu em dois níveis, de produção e de operação. Na produção, um jornalista teve que realizar o trabalho dele e do colega, o que levou a maximização na reprodução de conteúdos prontos, de preferência com áudios longos, como por exemplo, matérias da ALEP. Houve a reprodução de matérias de gaveta com reportagens extensas de mais de 5min, na tentativa de conter a exaustão mental. Reportagens essas que foram produzidas pelo repórter justamente no intuito de auxiliar o colega enquanto o repórter estivesse de férias; a utilização do roteiro pelo diretor de jornalismo e o seguimento do programa local da tarde tal qual era realizado pelo repórter. Na operação, o técnico 2 precisou se comunicar com eficiência com o diretor de jornalismo, já que o repórter era quem realizava o jornal local da tarde, além de lembrar o diretor sobre a ordem que o repórter solicitava as sonoras.

³⁷ Entrevista concedida à autora, em 18 de novembro de 2023.

O aumento das entradas com notas de serviço, a pressão sobre o jornalista, o cansaço e a produção apressada fizeram com que a rotina ficasse excessivamente automatizada e fez com que a preocupação principal fosse o preenchimento do tempo.

O critério de noticiabilidade utilizado na Rádio CBN de Ponta Grossa é por vezes, inconsciente. Segundo Wolf (1995, p. 179), “os valores/notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas:

- a. às características substantivas das notícias, ao seu conteúdo;
- b. à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo;
- c. ao público;
- d. à concorrência”.

Nota-se a preferência em matérias de serviço, assuntos que rendam reportagens e podem ser reproduzidos ao longo da semana, o pouco apelo em notícias do município específicas, a inserção dos conteúdos em fórmulas prontas, o que facilita a reprodução das informações. A repetição e atualização constante de notas sobre trânsito e temperatura, a reprodução de conteúdos externos, oriundos de assessorias ou de instituições são constantemente utilizados. O texto e o áudio, quando há, são editados e retransmitidos. Conforme Ribeiro (1994), o processo de operacionalização rápida presente na produção jornalística, sustenta a execução acrítica que favorece a utilização de fórmulas para o desenvolvimento e consumo veloz de informações.

5.3.4 Desvio do padrão: cobertura externa

A realização da notícia na Rádio CBN Ponta Grossa acontece dentro da rádio. A captação ou produção de conteúdo externo é exceção. Durante os nove dias de observação, o repórter saiu da redação duas vezes. Na primeira vez, foi a ida do profissional em um evento religioso que, segundo ele, tratava-se de realizar aproximação com possíveis fontes para coberturas futuras. Na segunda vez, a reportagem externa foi realizada na Feira TransformaAgro.

O interesse noticioso da emissora no evento se dá pelo tema, poder político local, agronegócio e empresariado, que está em sintonia com o público-alvo; pela raridade, pela possibilidade de realizar entradas ao vivo, além da produção de conteúdos, realização de entrevistas e apuração para a veiculação no decorrer da semana e do mês; e pelo contato com fontes para coberturas futuras.

A cobertura ocorreu durante a manhã, na abertura do evento. À tarde não aconteceu a saída do repórter, porque o jornalista é o responsável pelo jornal local desse horário. Estava

previsto que o repórter iria entrar em férias no dia da abertura da feira. “Aí o [nome] diretor de jornalismo falou, viu, você não consegue pegar férias depois? Porque vai ter esse evento do Agro e precisaria ir pessoalmente por ser interessante” (Repórter, 2023)³⁸.

Logo na chegada do repórter no evento, a meta foi encontrar o secretário da agricultura, um dos principais membros da Feira, e gravar sonoras para a veiculação em momentos posteriores. “Nesse dia eu fui, precisava falar com o secretário primeiro para entrar ao vivo” (Repórter, 2023)³⁹.

Os equipamentos utilizados pelo jornalista foram um celular e um fone de ouvido. Todo material coletado foi sendo enviado, por meio do *WhatsApp* para o diretor de jornalismo realizar reportagens, além do áudio do secretário que foi inserido na entrada ao vivo. O repórter em todo momento em que estava no evento se comunicava com o diretor de jornalismo, como avisos sobre o que estava fazendo e para combinar a entrada ao vivo. Movimento que reforça a hierarquia do diretor em relação aos colegas. O repórter enviou fotos, vídeos e áudios do evento para que o diretor pudesse publicar nas redes sociais.

Para a entrada ao vivo, o repórter aguardou a abertura do evento, porém haveria a possibilidade de coincidir com a fala do presidente da República. Caso isso acontecesse, a decisão seria de não realizar a entrada ao vivo do evento. Quem decidiu foi o diretor de jornalismo.

Quanto às entrevistas feitas na Feira para o desenvolvimento de matérias após o evento, a escolha das fontes aconteceu a partir da fala do secretário, o qual mencionou determinada empresa (Maltaria). Também houve o contato pessoal com fontes para a realização de reportagens relacionadas ao município sobre temas comemorativos da semana. De acordo com o repórter, esses momentos de contato pessoal são importantes para que haja resposta das fontes que podem ignorar o contato quando realizado via telefone, *e-mail* ou *WhatsApp*.

Naquela semana “tava” acontecendo a semana nacional do trânsito, no dia anterior tinha pedido “pra” secretária “pra” ela mandar para a gente um áudio falando sobre as ações que eles iam fazer, palestras e ela não tinha me mandado, daí eu encontrei ela pessoalmente naquele dia e aproveitei e falei com ela (Repórter, 2023)⁴⁰.

Não ocorreram novas saídas ao evento citado, porque a partir do dia seguinte iniciou o período de férias do repórter. A ausência de um dos membros da equipe resultou em sobrecarga de trabalho para o diretor de jornalismo, o qual precisou apresentar o jornal durante a manhã e

³⁸ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

³⁹ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

⁴⁰ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

durante a tarde. Contudo, o repórter, antes de gozar as férias, deixou algumas matérias prontas para o diretor utilizar durante a semana. Houve a utilização de outras matérias de gaveta produzidas em semanas anteriores devido ao cansaço do jornalista.

O diretor de jornalismo e o repórter, no primeiro dia do evento, comentaram sobre a realização dos jornais locais da semana na área em que acontecia a Feira. Mas a falta de um estúdio móvel e a falta de local para a produção no local levou a desistência. Este cenário demonstra falta de planejamento dos profissionais em não se atentarem com antecedência à possibilidade de transmitir o jornal na Feira.

5.3.5 A relação entre a equipe

Na pesquisa em campo, antes mesmo do primeiro contato entre observadora e observados, cria-se uma possível imagem de quem são os agentes, a partir de estereótipos do que fazem, idade e do meio de convivência diária, preceitos que se modificam conforme o passar do tempo. Agier (2015, p. 34, grifo do autor) aponta que ““fazer pesquisa de campo” é estabelecer relações pessoais com quem não conhecemos anteriormente [...]. É então preciso convencer da lisura de nossa presença, pelo fato de que eles nada têm a perder mesmo se também não tem grande coisa a ganhar”.

Esse é um dos motivos pelo qual foi preciso entender e ajustar a proximidade e distanciamento e entender o perfil de vínculo que deveria ser criado na relação com a equipe. Não perto o suficiente para que interferisse na observação, mas não longe que inviabilizasse o reconhecimento das ações dos agentes. Para Calzado (2022, p. 124), “pode estar presente e tornar-se discurso o sentimento de vigilância externa, de um tipo de análise acadêmica que eles percebem como desvinculada de sua prática”.

Considera-se o perfil da equipe, a trajetória profissional de cada um e as experiências anteriores. O diretor de jornalismo, formado em jornalismo no ano de 2009 na cidade de União da Vitória-PR, começou a atuar na área numa rádio AM com a graduação ainda em curso. Após esse período, o profissional ingressou na Rádio CBN de União da Vitória, onde permaneceu por dois anos antes de mudar para a CBN de Ponta Grossa⁴¹.

O repórter, natural do sul do Paraná, formou-se em jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. O primeiro trabalho jornalístico realizado por ele aconteceu como estagiário em 2020, na Rádio CBN de Ponta Grossa⁴². O comentarista esportivo, natural de Ponta Grossa, é graduado em educação física e atuou na área como atleta no Clube do Operário Ferroviário e

⁴¹ Entrevista concedida à autora, 23 de novembro de 2023.

⁴² Entrevista concedida à autora, 20 de novembro de 2023.

como oficial de educação física no exército. Experiência que o levou a atuar, no ano de 2000, como comentarista esportivo na Rádio Clube Pontagrossense. Exerceu a função em diversas rádios e TVs, período em que se graduou em jornalismo. No ano de 2012, obteve o título de bacharel em direito. Em 2018, iniciou as atividades na Rádio CBN Ponta Grossa. Além disso, o comentarista participa de forma virtual da programação esportiva da Rádio Vale do Mel 100,7 FM de Irati. Divide o tempo entre as funções citadas e o trabalho de advogado⁴³.

O jornalista-entrevistador, natural de Blumenau-SC, iniciou sua carreira com 16 anos como repórter no jornal A Gazeta de Jaraguá. Em 1988, iniciou o curso de jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Depois de formado, trabalhou como assessor de imprensa na Associação Comercial Industrial Empresarial de Ponta Grossa e como produtor na TV Esplanada de Ponta Grossa. Na sequência atuou como editor e após, repórter. A primeira experiência com o rádio foi no ano de 2006 na Rádio CBN Ponta Grossa⁴⁴.

O técnico 1, natural de Ponta Grossa, iniciou sua trajetória no rádio em 1994 como técnico na Rádio Difusora. Em 1996, o técnico foi demitido e contratado no estúdio da Garagem da Esperança até 2007. Nesse período, o técnico se formou em química. Deixou o trabalho na Garagem da Esperança e passou a exercer a função de operador na Rádio Central. Durante cerca de seis meses, em época de eleição, o técnico trabalhou na Rádio Mundi. Em 2010, o profissional se mudou para Lucas-MT, onde atuou como químico. No ano de 2014, ele voltou para Ponta Grossa e passou a trabalhar na Rádio CBN Ponta Grossa, onde permanece até hoje⁴⁵.

O técnico 2, nascido em Ponta Grossa, está em processo de curso em Publicidade e Propaganda. Teve sua primeira experiência em rádio no ano de 2023, na Rádio CBN Ponta Grossa como técnico⁴⁶.

A equipe é formada por um número reduzido de integrantes, o que faz com que as relações sejam próximas e amigáveis, sem deixar de apresentar a hierarquia definida. Ao todo são oito profissionais, divididos de acordo com os horários na rádio. Em horário integral, trabalham dois jornalistas e os dois técnicos. Um técnico em horário matutino e o outro em horário vespertino. Em significativa parte do tempo permanecem na rádio três pessoas, as quais ocupam principalmente o estúdio.

O comentarista esportivo vai apenas em horários de transmissão do programa que tem

⁴³ Entrevista concedida à autora, 23 de novembro de 2023.

⁴⁴ Entrevista concedida à autora, 18 de novembro de 2023.

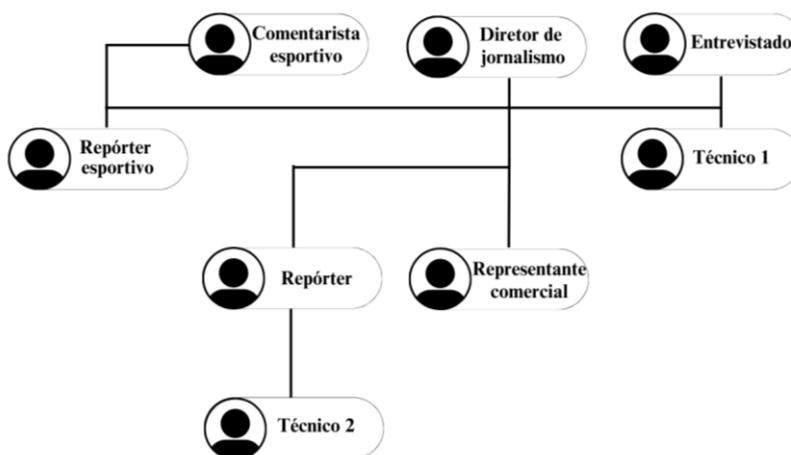
⁴⁵ Entrevista concedida à autora, 16 de novembro de 2023.

⁴⁶ Entrevista concedida à autora, 17 de novembro de 2023.

a duração de 30min de manhã e 1h à tarde. O repórter esportivo trabalha nas transmissões dos jogos do Operário Ferroviário, o que não permitiu contato direto entre o profissional e a pesquisadora. O jornalista responsável pelo programa de entrevista vai à rádio apenas aos sábados no período matutino, sempre acompanhado de um dos técnicos e, na maioria das vezes, do diretor de jornalismo. A representante comercial marca presença breve e pontual.

A hierarquia se constitui não apenas considerando os cargos e as funções, mas também o tempo de serviço dos profissionais. A ordem se estabelece em três nichos ao ponderar que o programa esportivo pertence ao comentarista, que aos sábados o jornalista-entrevistador é quem gere o programa e que o diretor de jornalismo coordena a programação local remanescente. A Figura 4 demonstra o organograma com a função de cada um.

Figura 4 – Organograma funcional da Rádio CBN Ponta Grossa



Fonte: Elaboração própria (2023)

De acordo com a observação, o repórter esportivo é subordinado do diretor de jornalismo e do comentarista esportivo. O repórter, o técnico 1 e a representante comercial respondem para o diretor de jornalismo. O técnico 1 é subordinado ao jornalista-entrevistador aos sábados. E o técnico 2 é subordinado do diretor de jornalismo e do repórter, já que realizam a programação da tarde.

Deles, o diretor de jornalismo é quem está presente na rádio todos os dias, em todos os horários de programação local. Assim, ele é quem realiza a ligação entre os sócios e os funcionários, não incluindo o comentarista e o jornalista-entrevistador, os quais possuem acesso direto ao proprietário.

Em relação as decisões noticiosas, o diretor possui a palavra final do que vai ou não ser transmitido. O que não impede que repórter também participe dessas decisões. Durante a

observação foi possível identificar os jornalistas conversando sobre republicar ou não alguma notícia. “Nunca fiz uma coisa sem falar “pra” ele, e ele acho que também nunca fez, só o esporte [...]. Mas sempre falava, acho que vou fazer isso, “tô” pensando em trazer esse tema” (Repórter, 2023)⁴⁷.

Na pesquisa de campo, o comportamento de total naturalidade não pode ser obtido entre as partes, observador (a) e observados. Entretanto a artificialidade perde força com o passar dos dias. As situações de incômodo ocorreram nos primeiros contatos com o técnico 1 e principalmente com o jornalista-entrevistador. O período de observação contou com a presença da pesquisadora na rádio em dois sábados. No primeiro, ainda na observação teste, o jornalista-entrevistador que é responsável pelos programas desse dia da semana, reagiu negativamente à observação. Logo, o técnico 1 explicou a situação e o convenceu sobre minha presença. Situação essa que causou desconforto nos envolvidos, contudo, superada com uma observação não intrusiva, mas com atenção redobrada à possíveis ações que poderiam ser ocultadas.

Foram coletadas informações sobre os profissionais da Rádio CBN de Ponta Grossa e o trabalho que exercem em conversas durante o período de observação. O Quadro 21 apresenta o cargo, os horários de trabalho na Rádio, a idade, se a formação da graduação foi em jornalismo, o tempo de atuação na área e a forma de vínculo empregatício de acordo com os funcionários e conforme o observado.

Quadro 21 – Informações referentes aos profissionais da Rádio CBN de Ponta Grossa no período de observação

Cargo	Horários (aproximados) de trabalho na Rádio CBN de Ponta Grossa	Idade	Formação em jornalismo	Tempo de atuação	Forma de contrat
Diretor de jornalismo	De segunda a sexta-feira das 8h e 40min às 18h e 20min e aos sábados das 10h às 12h	36 anos	Sim	15 anos	MEI
Repórter	De segunda a sexta-feira das 9h às 18h e 20min	25 anos	Sim	3 anos	CLT
Comentarista esportivo	De segunda a sexta-feira das 11h e 30min às 12h e das 16h às 17h	51 anos	Sim	24 anos	-
Técnico 1	De segunda a sábado das 7h às 13h	46 anos	Não	12 anos	CLT
Técnico 2	De segunda a sexta-feira das 13h às 19h	23 anos	Não	2 anos	CLT
Entrevistador	Aos sábados das 9h e 30 às 12h e 30min	53 anos	Sim	17 anos	-
Repórter esportivo	Trabalho externo	-	Em formação	-	Por jogo comentad
Representante comercial	Exporadicamente	-	Não	1 ano	-

Fonte: Elaboração própria (2023)

⁴⁷ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

As decisões tomadas pelo proprietário da rádio e pela gerência não puderam ser vistas de forma direta pela ausência do patrão no local nos dias de observação e pelos contatos privados dos sócios e da diretoria. Essa condição é avaliada como uma crítica em relação à etnografia (Cottle, 2000), entretanto foi possível identificar formas de controle a partir da realização do balanço de triangulação entre depoimentos dos funcionários, assuntos de entrevistas e fontes e programas locais.

Durante os primeiros dias de observação, quatro funcionários, sem que eu perguntasse, em momentos distintos, conforme o horário de trabalho de cada um, fizeram questão em comentar sobre a não interferência do proprietário na produção jornalística. Isso evidencia uma estratégia em demonstrar a autonomia da equipe, como forma de salientar a possível isenção do jornalismo da emissora.

Notou-se relação de amizade entre o proprietário e três funcionários: o comentarista esportivo, o jornalista-entrevistador e o técnico 1. Vínculo indicado pelas entrevistas. “O [nome] proprietário da Rádio CBN de Ponta Grossa é padrinho do meu casamento”⁴⁸ (Técnico 1, 2023). Quanto ao comentarista esportivo, “nós nos conhecemos pelo menos há mais de 30 anos [...] tenho um relacionamento extraordinário com ele que é um grande amigo”⁴⁹ (Comentarista esportivo, 2023). E quanto ao jornalista-entrevistador, “o proprietário da rádio eu considero como amigo pessoal”⁵⁰ (Jornalista-entrevistador, 2023).

De acordo com o jornalista-entrevistador, tanto em conversa informal durante a observação, quanto na entrevista, há um “acordo” com o proprietário, por meio do *WhatsApp*, em relação às pautas das entrevistas e a escolha das fontes. O jornalista-entrevistador expôs que as entrevistas realizadas aos sábados passaram de assuntos estritamente jurídicos para pautas que agreguem à sociedade. O debate entre eles fluía entre temas de formação, da parte do jornalista-entrevistador e temas voltados à sociedade, da parte do proprietário.

Foi observado que os temas e as fontes entrevistadas aos sábados seguem parâmetros como localidade, com assuntos de prefeitura ou que condizem com eventos que estão acontecendo no município; temas técnicos de interesse do público-alvo, na área jurídica, médica e de pesquisa; e que possuam força para perdurar 1h de entrevista.

No período da observação de campo ocorreram situações eventuais que interferiram na rotina produtiva da Rádio CBN de Ponta Grossa e na escolha das notícias. O aniversário de 200 anos de Ponta Grossa, comemorado na semana anterior à observação, reverberou nos produtos

⁴⁸ Entrevista concedida à autora, 16 de novembro de 2023.

⁴⁹ Entrevista concedida à autora, 23 de novembro de 2023.

⁵⁰ Entrevista concedida à autora, 18 de novembro de 2023.

da semana seguinte com as publicações de matérias realizadas anteriormente, com a realização de quadros especiais sobre o município e entrevista com pesquisador e historiador voltado para Ponta Grossa.

5.3.6 A relação da Rádio CBN Ponta Grossa com a cabeça de rede

A Rádio CBN Ponta Grossa é subordinada à cabeça de rede. Os padrões da matriz devem ser respeitados pela afiliada, a qual possui uma programação própria organizada para abrigar as inserções da cabeça de rede e deve se ajustar quando a matriz decide veicular informações de última hora. Os prejuízos de não acatar o regulamento da CBN podem incidir multa.

Dentre as entradas obrigatórias estão, o Repórter CBN que é transmitido diariamente a cada meia hora, comerciais que contratam a rede e todas as afiliadas e comunicados de nível nacional e esporadicamente notícias de grande impacto para o Brasil.

As redações são independentes na busca por notícias, mas há uma união de princípios sobre como obtê-las, sendo estes princípios editoriais sua maior expressão. Nenhum jornalista do Grupo Globo justificará falhas, alegando desconhecer este código. Desconhecê-lo será considerado um erro ainda maior (CBN, 2024).

Durante a observação o diretor de jornalismo e o repórter comentaram sobre a possibilidade de multa em dois momentos, pelos motivos de atraso no início do jornal local e a não retransmissão do Repórter CBN. Além deles, o técnico reforçou na entrevista, “quem corta o repórter CBN? É só a cabeça, a soberana que é a CBN São Paulo que é central, né? Ela sim, pode, eu não posso sacar o CBN fora, isso dá uma multa” (Técnico, 1)⁵¹.

Os jornalistas afirmaram que enviam matérias que consideram relevantes e que atingem o Estado ou o país via *e-mail* para a CBN matriz. A rádio pode recusar, publicar ou pedir que o profissional entre ao vivo na rede e transmitia a informação.

Quando eu mandava pauta, eu mandava meu contato embaixo, era a praxe, era assim que eles pediam “pra” fazer. Porque daí já mandavam o número do repórter quando precisava. [...] Então eles se interessavam, ah, você pode entrar ao vivo tal hora? Posso, imagina, poderia estar fazendo qualquer coisa, parava. Ou eles falavam manda consolidado. [...] A gente gravava a reportagem e mandava reportagem gravada. Aí eles colocavam o horário que desse (Repórter, 2023)⁵².

Caso a rede se interesse por alguma notícia veiculada na Rádio CBN Ponta Grossa, a matriz faz contato com a afiliada para que o jornalista responsável transmita a notícia na rede ao vivo ou envie a matéria pronta. “Sempre que conhecia algo que pudesse repercutir para a

⁵¹ Entrevista concedida à autora, em 16 de novembro de 2023.

⁵² Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

rede, eles faziam contato” (Diretor de jornalismo, 2023)⁵³. Na maioria das vezes os assuntos são de cunho trágico, como por exemplo acidentes que impedem o fluxo do trânsito em longas áreas da região.

Para a gente poder entrar em São Paulo com alguma notícia daqui, tem um e-mail, então de manhã chega, umas 6h da manhã, 7h horas da manhã, eles mandam um e-mail [...] “pra” rede inteira, né, Brasil inteiro, mandem sugestões de pautas (Repórter, 2023)⁵⁴.

No programa esportivo da Rádio CBN Ponta Grossa, a participação com comentários na rede sobre os jogos de futebol estaduais pode ser requerida pela matriz. Toda entrada na rede é tida como relevante para a visibilidade dos jornalistas e da afiliada, entretanto tais participações são pontuais, esporádicas e não aconteceram durante a observação.

5.3.7 A relação da Rádio CBN Ponta Grossa com as rádios da região

As rádios afiliadas da CBN que fazem parte de determinada região do Paraná, Ponta Grossa, Curitiba, Maringá, Londrina e Cascavel realizam o programa Giro Regional. O contato da Rádio CBN Ponta Grossa com essas rádios é diário. O interesse é elevado quando se trata da Rádio CBN Curitiba, por estar na capital do Estado e noticiar assuntos que interessam e afetam Ponta Grossa. Além disso, no Giro Regional, a CBN Curitiba é a responsável por organizar a ordem de entradas das afiliadas, sendo ela, na maioria das vezes, a primeira. “As notícias mais importantes era Curitiba, então eles pediam “pra” eu entrar ao vivo com eles, e eu entrava, ou gravava alguma reportagem “pra” mandar “pra” eles” (Repórter, 2023)⁵⁵.

Já o contato entre a Rádio CBN Ponta Grossa e a sócia União da Vitória é relativo às questões comerciais, porque no ano de 2023 a rádio alterou a transmissão da CBN e mudou para a Massa. A atividade de captação de informações na Rádio CBN de Ponta parte da busca de informações que podem ser relevantes para Ponta Grossa nos *sites* das CBNs da região, Curitiba, Maringá, Londrina e Cascavel. Nesse caso, a relevância está nas informações estaduais, de apelo ou que impactam o município de Ponta Grossa. “Principalmente nesses últimos tempos que a gente tinha mais tempo de jornal, eu já entrava no site CBN Curitiba, CBN Cascavel e CBN Maringá e via se tinha alguma coisa que pudesse render “pra” cá, uma notícia mais de Estado” (Repórter, 2023)⁵⁶.

Havendo estas, os profissionais entram em contato com a respectiva rádio e as

⁵³ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023.

⁵⁴ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

⁵⁵ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

⁵⁶ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

reportagens são compartilhadas ou os jornalistas fazem entradas ao vivo na Rádio CBN Ponta Grossa. “A maior parte das entradas eram nas outras aqui do Paraná. [Nome] repórter entrou muito em Curitiba. Eu entrei algumas vezes também em Cascavel, Maringá, a gente entrou com algumas informações aqui de Ponta Grossa que repercutia também “pra” eles” (Diretor de jornalismo, 2023)⁵⁷. O mesmo acontece quando há informações na cidade que interessava aos colegas, uma vez que a interação favorece todas as rádios – “quando eu chegava na rádio, se tinha alguma coisa importante eu já mandava no e-mail, né? Aí se eles se interessassem, eles mandavam no *Whats*, mensagem” (Repórter, 2023)⁵⁸.

Quanto ao programa esportivo, o contato com as rádios citadas se dá pela participação dos jornalistas com comentários e informações sobre os jogos de futebol antes ou depois das partidas, quando há disputa entre os times locais.

Nós contatamos também, pedimos a participação do Operário. Vai enfrentar o Londrina no início do Campeonato Paranaense. Primeiro jogo do Operário, no dia 18 de janeiro de 2024, é contra o Londrina. Evidentemente que eu vou fazer contato com a CBN de Londrina, pedir as informações, uma participação do jornalista de lá e evidente que ele vai pedir a nossa também, então sempre tem esse contato (Comentarista esportivo, 2023)⁵⁹.

O programa de sábado é o único que não interage com outras praças para a troca de notícias ou participação mútua. O contato envolve as rádios sócias para a inserção de comerciais que acontece por meio do técnico e não do jornalista.

5.3.8 O tempo e o espaço da produção jornalística da Rádio CBN Ponta Grossa

No jornalismo, o tempo está abrigado em múltiplas temporalidades inter-relacionadas, dentre outras, com a instantaneidade e novidade (Franciscato, 2005). Na seleção, produção, edição, distribuição das notícias, o tempo para realização dessas etapas recebe destaque no rádio. “A rádio é um meio efêmero, fugaz, volátil, imediato, instantâneo, irrepitível, de fluxo contínuo, um meio do presente com linguagem no presente, o meio da informação do aqui e agora” (Reis, 2011, p. 16).

A problemática da pesquisa relacionada ao tensionamento da Rádio CBN cabeça de rede sobre a Rádio CBN Ponta Grossa, envolve dois vetores de relevância quanto ao tempo, o meio rádio e o modelo *all news*. Sendo assim, o fator tempo assume dimensões específicas quanto ao processo de produção da notícia. A noção de notícia é conformada pelos usos do tempo na

⁵⁷ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023.

⁵⁸ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

⁵⁹ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023.

organização, produção, no consumo e na concorrência, não apenas pelos produtores e pela audiência, mas também pelos aparatos tecnológicos.

O condicionante temporal nas rotinas produtivas jornalísticas se manifesta pelo tempo cíclico diário de trabalho (Travancas, 1993). Portanto a dominância do tempo é essencial para o jornalista, “o fator tempo condiciona todo o processo de produção das notícias, porque o jornalismo é marcado por horas de fechamento”, e o imediatismo atua de forma a confrontar a perda do valor informativo (Traquina, 2020a).

Contudo, de acordo com Stamillo (2006, p. 115), a característica imediatista que acompanha o rádio é desafiadora à medida que o jornalista verifica as informações com agilidade e de maneira mais precisa possível. “É preciso cruzar dados, ouvir o maior número de pessoas envolvidas para tentar se aproximar ao máximo da verdade”. O improviso baseado na observação e na apuração dos fatos exige que o profissional identifique as informações mais importantes e transforme em notícia. Segundo o autor, a redação tem o compromisso de complementar, a partir de fontes, a informação central relatada pelo repórter. Na cultura jornalística, o planejamento é um auxiliar na constituição da dominância do tempo. O trabalho jornalístico e os jornalistas precisam ser práticos, capazes de cumprir com o *deadline* e informar conforme o vetor do imediatismo. A ação é contínua e muitas vezes, sem reflexão (Traquina, 2020a).

Com a internet o tempo no jornalismo foi realocado para um movimento de produção e consumo não só do imediato, mas os acontecimentos passados também podem ser revisitados e atualizados (Reis, 2011; Franciscato, 2007). No rádio, as notícias são transmitidas de forma fluída, o sentido é operado diante das sonoras e da ausência do som. Já na internet, a sequência de notícias publicadas possui realce no visual (Reis, 2011).

As notícias, transmitidas de forma improvisada ou não, devem encaixar em um espaço e tempo específico de acordo com a programação. Por esse motivo os profissionais padronizam os textos e homogeneizam os conteúdos apresentados de maneira a estimar o tempo que a informação ocupará (Ferraretto, 2014). Hoje, os *softwares* atuam no processo de contagem do tempo, o que operacionaliza o processo e o torna preciso. Na Rádio CBN Ponta Grossa isso ocorre com o auxílio do técnico, o qual tem acesso ao programa que fornece o tempo. O jornalista recorre ao profissional para ter ciência do tempo exato de cada matéria.

No caso desta pesquisa, a rede atua de maneira a garantir o tempo e o espaço estipulado para a transmissão das notícias na filial. A CBN matriz possui uma grade fechada e fornece espaço para a CBN Ponta Grossa no período da manhã e da tarde. Nesse tempo a rede impõe algumas programações obrigatórias, por exemplo o Repórter CBN e entradas específicas. Desse

modo, a filial é pressionada pela rede, a qual não possui liberdade de tempo mesmo no espaço reservado para o local.

O tempo é determinante na produção da notícia como um fator atuante na escolha dos acontecimentos que serão transformados em produto noticioso. A seleção do conteúdo na Rádio CBN de Ponta Grossa parte no sentido de relevância e pertinência da lógica local, que pode conflitar ou reforçar o modelo da rede e gerar distanciamento do público local. Quanto às diretrizes da cabeça de rede, os assuntos gerais que condizem aos interesses do público A e B, são ajustados na tentativa de cobrir acontecimentos do município, que são novamente condicionados pelo tempo com informações transmitidas várias vezes ao longo da semana.

As padronizações contam com o desinteresse em acontecimentos específicos e a atenção à generalidade do tema. Por exemplo, acontecimentos policiais, de crime ou acidentes de baixa intensidade não são tratados. Mas, se a mesma situação ocorre com frequência ou atinge parte numerosa da população, o tema entra em pauta com a participação de fontes autorizadas. Segundo os jornalistas, tais informações são realizadas de maneira com que o público formule as próprias opiniões, indicando que a rádio é isenta e imparcial.

Os jornalistas direcionam a causa da produção baseada em assessorias de imprensa na falta de profissionais, no tempo escasso, na sobrecarga de trabalho e na precarização da estrutura e materiais. “Não fiz mais reportagens especiais, era mais difícil de fazer séries, que foi perdido por causa de uma pessoa que saiu, que foi a [nome] ex-jornalista, e por causa do estúdio” (Repórter, 2023)⁶⁰. O diretor de jornalismo comentou - “aí chegou num determinado ponto ali que a estrutura não avançou. E aí ficou mais na parte dos releases e tentando aprofundar mais, mas nessa linha, né?” (Diretor de jornalismo, 2023)⁶¹

Eu acho que no mínimo, no mínimo deveria ter quatro jornalistas trabalhando no jornalismo diário, para dois jornais é pouco ainda, mas no mínimo teria, a gente “tava” em dois. Então, assim fazia o que dava, mas eu acho que, realmente, deveria ter pelo menos um âncora, porque tem que ter um âncora, mas um repórter pelo menos, um repórter em cada, em cada jornal na rua, independente do que do que tivesse acontecendo (Repórter, 2023)⁶².

Quando questionado sobre as coberturas externas, o repórter assinalou que o problema não é a autorização para as saídas - “não, não é autorização, é tempo. Porque não deu tempo” (Repórter, 2023)⁶³.

⁶⁰ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023

⁶¹ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023

⁶² Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

⁶³ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

Mas a questão de a gente acabar sendo limitado, né. E na sede nova não tinha um estúdio de gravação, não podia fazer, então daí a gente ficava mais no ao vivo e nos áudios que a gente recebia de assessoria, ou a gente pedia para as fontes, daí a gente editava para poder gravar o mínimo possível, porque daí o que acontecia, tinha que esperar toda a programação ao vivo acabar para ele usar o mesmo estúdio do ar, “pra” poder gravar. Então ela acabou ficando muito bonita no aspecto visual, mas não necessariamente a estrutura necessária para que a gente pudesse trabalhar (Diretor de jornalismo, 2023)⁶⁴

Em relação ao número de jornalistas, o repórter afirma, “se você não tem uma equipe mínima, [...] você vai começar a dar assessoria, a não, não escrever, você começa a ler na rádio, você começa a ler texto de assessoria que aconteceu comigo” (Repórter, 2023)⁶⁵.

O tempo do jornal local, sem contar os programas esportivos, 2h durante a manhã e 2h durante a tarde exigiria uma produção noticiosa própria intensa, visto que uma reportagem possui em média 3min.

5.4 A NOTÍCIA NA RÁDIO CBN PONTA GROSSA

A construção da notícia é baseada em fatores que a conformam e a definem de acordo com o ambiente econômico, social e cultural em que é produzida. O produtor, portanto, está condicionado a selecionar, produzir e difundir um material sob determinações e lógicas determinantes (Wolf, 1995) e que geram efeitos de interpretação sobre o público específico.

O âmbito produtivo pesquisado é influenciado e atravessado por condições tecnológicas, de concorrência, pela regionalidade, pela cabeça de rede e pelo tempo, onde os recursos estratégicos se voltam para a audiência acometida pelo setor agrário e empresarial que favorece parcela da população. As notícias sobre segurança são produzidas conforme a recorrência e intensidade, acompanhadas de fontes autorizadas. A imparcialidade aparece no momento em que as notícias são realizadas de forma a delegar ao consumidor a decisão de opinar sobre ela.

A Rádio CBN Ponta Grossa destoa no que se refere às características de natureza do meio, como por exemplo, a proximidade com o público. O distanciamento que ocorre é resultado do próprio perfil da rádio, da linguagem, do modo de transmitir e da falta de convite à participação dos ouvintes, enfatizado principalmente no entretenimento.

Ao cotejar os conceitos teóricos-metodológicos expostos neste trabalho com o empírico, observação e entrevistas, pode-se dizer que na Rádio CBN Ponta Grossa existe certo esforço pela realização de pautas locais/regionais, baseada em assuntos factuais de gênero de serviço, realizada pelo dito jornalista sentado (Renault, 2013). As notícias são genéricas, oriundas de

⁶⁴ Entrevista concedida à autora, em 23 de novembro de 2023

⁶⁵ Entrevista concedida à autora, em 20 de novembro de 2023.

fontes institucionais, em especial da prefeitura de cidade. O horário local compete ainda com notícias externas, sendo suplantado por conteúdos regionais, nacionais e internacionais.

Em condição de produção relativamente precária, a notícia realizada se aproxima da objetividade, princípio editorial da cabeça de rede, a partir de uma estrutura profissional que não tem a cultura de produzir conteúdo e que demonstra forte dependência em assessorias.

Em relação ao esporte, este aparece como catalisador local. O Operário Ferroviário Esporte Clube é hegemônico no programa, o qual fica insustentável quando a agenda do clube é encerrada. O programa esportivo e o de entrevistas aos sábados são constituídos basicamente por comentários, assim se diferem do restante da programação local. Ademais, são programações que possuem certa autonomia em relação à cabeça de rede quando comparadas com o restante da grade local, possibilitando a aproximação aos interesses do perfil local.

A Rádio CBN Ponta Grossa é subordinada à cabeça de rede. A programação 24 horas veicula, na maior parte do tempo, conteúdos nacionais. A afiliada inserida em uma cidade do interior, que possui um formato de notícia que se distancia do público, compete com praças que se apropriam do modelo radiojornalístico adjetivado e opinativo. O foco da produção informacional é preencher o espaço na grade e publicar nas redes sociais, não havendo interesse nas cobranças pelas demandas deficitárias do município.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto em que o jornalismo se encontra é desafiador, marcado pela abundância desenfreada de informações e desinformações que circulam diariamente, além da busca por entretenimento, o que torna o papel do jornalismo e do jornalista cada vez mais essencial.

A Rádio CBN Ponta Grossa, a única no modelo *all news* na cidade, inserida em uma lógica nacional e integrante de uma rede, possui um espaço de tempo pré-definido para veicular conteúdos locais pautada pelos princípios editoriais da cabeça de rede. Vale salientar que a Rádio CBN Ponta Grossa integrava a sociedade composta por outras duas cidades da região, Maringá e União da Vitória, desfeita durante o período de observação. A problemática deste trabalho envolveu compreender o tensionamento que ocorre entre a realização da produção noticiosa da Rádio CBN Ponta Grossa diante à grade nacional.

Para o cumprimento do objetivo geral foi necessário série de procedimentos metodológicos e da compreensão teórica acerca do tema e do objeto, implicados nos objetivos específicos. O primeiro passo foi retomar o contexto radiofônico e radiojornalístico contemporâneo, que possui como um dos principais atravessamentos a midiaticização. Compreender por meio da bibliografia e de pesquisas sobre o assunto como se encontra tal cenário auxiliou para verificar se a Rádio CBN Ponta Grossa atua conforme a evolução do meio. Tornou-se relevante também, entender o lugar da mídia radiofônica no município e seu desenvolvimento ao longo dos anos.

Logo, observou-se que a rádio pesquisada, apesar de dispor de equipamentos de última geração e topografia inovada, principalmente quando comparado com anos anteriores, estes não são explorados integralmente. Há a falta de materiais essenciais para a produção jornalística fora da redação, como celulares e fones de ouvido. Percebeu-se que a digitalização dos equipamentos utilizados pela parte técnica promoveu a não garantia da transmissão, a qual se encontrava no aparelho manual.

No que diz respeito a efetivação do objetivo geral, pode-se dizer que este foi cumprido. Por meio da aplicação da ferramenta metodológica etnográfica, seguida por entrevistas com os profissionais, pôde-se compreender como a notícia na Rádio CBN Ponta Grossa é realizada. O percurso se deu em três movimentos, iniciou na preparação para a observação, por meio da solicitação da autorização do Comitê de Ética da UEPG, seguindo para as negociações com o proprietário e com o diretor de jornalismo. Foi explicado a ele que a observação não envolveria a participação da pesquisadora no trabalho jornalístico e os envolvidos foram tranquilizados com a apresentação de documentos que asseguravam a não exposição de dados pessoais dos

profissionais. Após, realizou-se um pré-roteiro de observação empregue em três dias de observação teste, no qual delimitou-se o que iria ser observado e a quantidade de dia necessários. Com isso, foi possível conhecer o local e os profissionais para executar a etnografia no mês seguinte, durante seis dias.

A pesquisa de campo revelou que a produção noticiosa acontece antes, durante e após o horário de transmissão do jornal local, mas em menor escala. O que ocorre é a captação intensa de conteúdos pré-produzidos oriundos de *sites*, utilização de textos de assessoria de imprensa, de grupos de *WhatsApp* e a atualização constante de jornalismo de serviço, informações sobre trânsito, tempo e temperatura, busca realizada *online*. Os conteúdos que rendem ou que abordam temas que interessam à rádio são transformados em reportagens, o jornalista complementa o texto com a gravação do áudio, busca fontes e transmite a informação ao longo da semana. Essa atividade é desempenhada pelo repórter depois do jornal da tarde.

As colunas, as entrevistas de sábado e esporadicamente quando o programa esportivo recebe convidados, são feitas ao vivo no estúdio. No caso das colunas, são definidas e fixas, cada uma ocupa um dia da semana. Os temas de cada entrevista são enviados no mesmo dia para os entrevistados ou informados minutos antes de entrar ao ar. A escolha das pautas se baseia em critérios que já estão internalizados pelos profissionais, como assuntos gerais que interessam ao município e factuais, em sintonia com os princípios editoriais da CBN.

Raras foram às vezes em que o repórter apurou informações fora da rádio. Durante a observação aconteceu uma vez. A presença em eventos da cidade concede ao jornalista o contato com fontes diversas, um número considerável de pautas, além de contribuir com o relacionamento com possíveis fontes, o que facilita o desenvolvimento de matérias futuras. A falta de equipamentos impossibilita que seja realizada a transmissão na íntegra do jornal da manhã e da tarde, e o número reduzido de jornalistas dificulta a produção externa.

Este trabalho partiu da hipótese de que a Rádio CBN Ponta Grossa segue o padrão e o princípios editoriais da CBN cabeça de rede enquanto se dedica em produzir notícias de acordo com as necessidades do município em que se localiza. Ao longo da pesquisa descobriu-se que a CBN matriz tem prioridade sobre as afiliadas em entradas de última hora, inserções obrigatórias pré-definidas em horário local, e controle sobre a obediência das afiliadas às diretrizes. Já a Rádio CBN Ponta Grossa informa o público-alvo, com pautas que atendem as classes A e B, afastando-se de demandas que atendem a população em geral. Isso indica que a hipótese foi em parte confirmada.

A sistematização dos capítulos envolveu a necessidade de inicialmente introduzir a temática do trabalho, atualizar o recorte da pesquisa e compreender os movimentos realizados

no campo acadêmico sobre o assunto, especificar e problematizar o objeto, desenvolver os objetivos e as hipóteses, mapear os possíveis caminhos metodológicos, justificar a relevância da pesquisa, executar os procedimentos expostos e analisar os resultados.

O Capítulo 2 indicou a reconfiguração das rotinas produtivas radiofônicas e jornalísticas motivada pelo desenvolvimento tecnológico. Em seguida apontou atravessamentos culturais e sociais que influenciam a lógica dos meios de comunicação, bem como a cultura profissional. Debateu-se também sobre a inter-relação da midiática com os meios de comunicação e os atuantes, embasando a situação geral para que à frente pudesse ser verificado de que maneira a Rádio CBN Ponta Grossa a incorporou. Observou-se que a apropriação das tecnologias no radiojornalismo forneceu possibilidades de maior alcance de público, transmissão de conteúdos em multiplataformas, ferramentas que aceleraram a produção jornalística, mas que exigem um desempenho técnico do profissional, o que gera acúmulo de funções e sobrecarga de trabalho.

O capítulo se preocupou ainda em definir jornalismo local, regional e interior. Salientou a relevância do jornalismo local para a comunidade e demonstrou pesquisas relacionadas ao radiojornalismo desenvolvido nesse âmbito, um cenário pouco explorado em relação as capitais do país. Por fim, buscou-se entender o lugar do rádio no município de Ponta Grossa e as problemáticas do jornalismo em rádio nas pesquisas de TCCs da UEPG.

No capítulo 3, realizou-se uma revisão de caráter histórico sobre a Rádio CBN, demonstrou-se a abrangência da rede no Brasil e apresentou-se características que configuram o modelo de rádio *all news*. Revelou-se um mapeamento das rádios de Ponta Grossa ou que possuem antena retransmissora no município, onde foram apresentados dados referentes à programação informativa de cada rádio. Com o foco na Rádio CBN Ponta Grossa, o subcapítulo 3.3 foi dedicado à historicização e a programação local análoga à programação da cabeça de rede para que fosse possível identificar o espaço do local e do nacional.

O capítulo 4 teorizou e definiu as abordagens metodológicas utilizadas nesta pesquisa, a etnografia e a entrevista. A partir da pesquisa bibliométrica acerca dos trabalhos que investigam o jornalismo por meio da etnografia, pode-se compreender especificidades, fragilidades e potenciais da ferramenta metodológica em pesquisas do campo. O subcapítulo 4.3 foi dedicado a explicitar a utilização da entrevista em pesquisas sociais, sobretudo com jornalistas. Abordou estratégias que auxiliaram na execução da técnica como complementar seguida da inserção em campo. Ainda, foram expostos dados referente às entrevistas realizadas com os profissionais, como o comportamento e a situação em que os entrevistados se encontravam.

A observação em campo demandou negociações preliminares e reajustes de

cronograma, assim como a autorização institucional da universidade e dos responsáveis pela Rádio CBN Ponta Grossa. Na apresentação do relatório analítico consta as etapas que antecederam a observação. Dentre elas dificuldades, burocracias e negociações, e que acompanharam a parte relativa à empiria da dissertação, inclusive as alterações ocorridas no objeto do trabalho.

Durante a coleta de dados, o caderno de campo foi fundamental para a descrição densa do trabalho sendo desenvolvido na rádio, com foco na produção da notícia e os atravessamentos, fornecendo insumos para a construção do problema de pesquisa. Desse modo, viabilizou-se a observação da interação entre os jornalistas, o comportamento individual, as conversas e comentários, os dispositivos tecnológicos e a tecnologia. Conjunto este que diz respeito à cultura profissional e à cultura do município.

Após o período da execução da etnografia, houve a reconfiguração no quadro de profissionais e reorganização das programações, o que afetou relativamente o processo de produção. Essa condição evidenciou a importância da realização das entrevistas como forma de avaliar as mudanças ocorridas, apoiadas nas declarações de informantes que em parte, foram desvinculados da emissora. As entrevistas foram realizadas do dia 16 a 23 de novembro de 2023, de maneira individual com os profissionais observados. O registro se sucedeu com a gravação e a transcrição dos áudios.

O quinto capítulo apresentou o processo de aplicação da etnografia e das entrevistas. Foi descrito todo o trabalho em campo, informações acerca da Rádio CBN Ponta Grossa e dos profissionais. Em relação ao tempo de desenvolvimento da observação, relata-se que devido ao período de dois anos do mestrado e pela observação piloto realizada, seis dias foram suficientes para a recolha dos dados, tanto para a rotina constante quanto para as prováveis instabilidades.

Destacou-se o que foi percebido de pertinente para os resultados da pesquisa, considerando que os relatórios completos se encontram disponíveis nos apêndices. Dentre eles, salientou-se o primeiro contato com os pesquisados, a topografia da rádio e os dispositivos técnicos e tecnológicos. Assim como imagens da planta baixa do local, a qualificação das relações entre a equipe e a função de cada um, fatores externos que influenciam a produção da notícia, relatos de acontecimentos não previstos, a produção da notícia e os critérios de noticiabilidade. Problematizou-se o tempo e o espaço da Rádio CBN Ponta Grossa, características da esfera organizativa e os problemas encontrados. Seguiu-se para o tópico da realização das entrevistas, como elas aconteceram, o modo de registro e o que pode ser confirmado ou refutado com a observação.

Como resultados, identificou-se que a produção da notícia na Rádio CBN Ponta Grossa

tenta se aproximar do local, porém é objetiva e generalizada, apoiada em *releases* e assessorias, com ênfase em assuntos advindos da prefeitura. Condição que a torna limitada ao recebimento de informações que são raramente confrontadas, constituídas da repetição de jornalismo de serviço e de temas amplos, direcionados ao público específico. A rádio não possui cultura de produção de conteúdos próprios, o padrão se estabelece no desenvolvimento de notícias pelo jornalista sentado (Renault, 2013) e a exceção está na produção externa.

A Rádio CBN cabeça de rede gesta a Rádio CBN Ponta Grossa de modo a estabelecer o padrão de jornal local, salvo o programa esportivo e o programa de entrevistas. Nesses, a presença de temas locais e a forma de condução mais pessoalizada, possibilita a aproximação aos interesses do público local. Logo, a Rádio CBN de Ponta Grossa concorre com rádios que não focam na notícia e está inserida em um contexto de consumo massivo de entretenimento e música.

Esta pesquisa teve como pretensão contribuir com dados a respeito da produção noticiosa da cidade de Ponta Grossa e colaborar com o campo do jornalismo regional, a partir da preocupação em entender a produção noticiosa de uma rádio inserida em um modelo nacional, *all news* e singular no município.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**. São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

AGUIAR, Sonia. **Territórios do Jornalismo: geografias da mídia local e regional do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2016.

A Cidade. **Prefeitura de Ponta Grossa**, Ponta Grossa, [s.d.]. Disponível em: <https://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade#caracteristicas>. Acesso em: 15 nov. 2022.

ALMEIDA, G. C. C. **A mulher na pesquisa em jornalismo: teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-graduação em Jornalismo e Comunicação do Brasil (1972-2015)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2542>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ALSINA, Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

AS pesquisas de mídia da Kantar IBOPE Media. **Grupo de Mídia**, São Paulo, 2022. Disponível em: https://midiadados.gm.org.br/pesquisa_de_midia/ibope-pesquisa_1#r%20C3%A1dio--radio. Acesso em: 25 fev. 2023.

ASSIS, Francisco. Por uma geografia da produção jornalística: a imprensa do interior. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus: Intercom, 2013. **Anais eletrônicos** [...]. Manaus, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0810-2.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

AUDIÊNCIA de rádio. **Kantar Ibope Media**, 2016. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wpcontent/uploads/2016/02/audiencia_radio_NOVO.pdf. Acesso em: 24 fev. 2023

AVRELLA, Bárbara. **O Radiojornalismo Local Em Pequenas Emissoras: Um Estudo Das Rádios Luz E Alegria Am e Seberi Am**. 2014. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Mestrado em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129118>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BARBEIRO, H. O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo. In: MEDITSCH, E. O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo. **Prefácio**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

BARBEIRO, H. O desafio da ancoragem. In: TAVARES, M; FARIA, G. (orgs.). **CBN: a rádio que toca notícia**. 1. ed. Rio de Janeiro: SenacRio, 2006.

BARBOSA, C. Rádio Mundi comemora aniversário de 33 anos. **ARede**, 2019. Disponível em: <https://arede.info/ponta-grossa/304892/radio-mundi-comemora-aniversario-de-33-anos?d=1>. Acesso em: 14 jul. 2023.

BELISÁRIO, K. M; BIACHI, M. M. A cobertura jornalística da violência contra as mulheres: denúncia ou “naturalização”? *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO*, 24., 2015, Brasília. **Anais Eletrônicos [...]**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2015/trabalhos/a-cobertura-jornalistica-da-violencia-contra-as-mulheres-denuncia-ou-naturalizac?lang=pt-br>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BERTI, O. M. C. **Processos comunicacionais nas rádios comunitárias do Sertão do Nordeste brasileiro na Internet**. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Doutorado em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/win10/Downloads/OrlandoMCB_inteiro.pdf. Acesso em: 27 fev. 2023.

BETTI, J. G. Modelos de Rádio Informativo no Brasil: As Redes All-news. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 32., 2010, Caxias do Sul. **Anais Eletrônicos [...]**. Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <R5-3141-1.pdf> (intercom.org.br). Acesso em: 28 fev. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL, A; PAVLIK, J. V. Big Data, Código Computacional e Arquivos de Notícias Televisivas: implicações dos avanços nos métodos de investigação audiovisual para a qualidade do jornalismo. **Open Journal Systems**, ed. 8, v. 4, n. 2, jul./ dez. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/480>. Acesso em: 07 fev. 2023.

BRASIL. Lei n. 4.117, de 27 de agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 ago. 1962. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4117.htm. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo**. Brasília, DF, 12 set. 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13063-pces039-13-pdf&category_slug=maio-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRITO, N. C. R. Rotinas e produtos jornalísticos: radiojornalismo no interior do Maranhão. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 40., 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1975-1.pdf>. Acesso em: 13 já. 2023.

BRONOSKY, Marcelo; SCHOENHERR, Rafael. Indicações sobre a descrição de cenários de produção jornalística. **Famecos**, v. 23, n. 3, set. - dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.3.22650>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BUCCI, Eugênio. Manual de redação CBN. *In: TAVARES, Mariza (org.)*. Manual de redação CBN. **Apresentação**. São Paulo: Globo, 2011.

BUFARAH JR, Alvaro; CARVALHO, Marcus A. Considerações sobre o impacto das novas tecnologias no radiojornalismo. **Rádio-leituras**, v. 10, n. 1, p. 41-59, jan-jun/ 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/3992/3052>. Acesso em: 03 jan. 2023.

BURGESS, R. G. **A pesquisa de terreno: uma introdução**. Portugal: Celta Editora, 2001.

CABRAL, L. **Operário Ferroviário Esporte Clube: A cobertura do centenário alvinegro nas ondas da Rádio Clube**. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2012.

CALZADO, Mercedes. Produção da notícia televisiva na Argentina: Notas para um marco etnográfico. **Eco-Pós**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 109 - 131, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27921. Acesso em: 24 out. 2023.

CAMPOS, Rubens. De patinho feio a cisne para anunciantes. *In*: TAVARES, M; FARIA, G. (orgs.). **CBN: a rádio que toca notícia**. 1. ed. Rio de Janeiro: SenacRio, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, E; OLIVEIRA, U. T. V. A entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa-interpretativa: um guia de análise processual. **Entretextos**, Londrina, v. 22, n. 3, p. 25–45, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/46089>. Acesso em: 20 nov. 2023.

CEPE. **Aprova Novo Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Jornalismo, da UEPG**. Ponta Grossa, 27 mar. 2018. Disponível em: <https://www2.uepg.br/prograd/wp-content/uploads/sites/19/2019/05/Regulamento-do-TCC-Jornalismo-167.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

CEPE. **Aprova novo projeto pedagógico do curso de bacharelado em jornalismo, da UEPG**. Ponta Grossa, 26 fev. 2015. Disponível em: <https://www.uepg.br/cepe/atosoficiais/2015/005.pdf>. Acesso em: 27 maio 2023

CERVI, E. U; OLIVEIRA, J. S; GARCIA, M. D. **Rádio comunitária rural: uma proposta de rádio para Guaragi**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 1996.

CHAGAS, L. **Entre fontes e jornalistas: A seleção das vozes na construção das notícias na BandNews e na CBN**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) - Doutorado em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/8854#preview-link0>. Acesso em: 27 fev. 2023.

CHAGAS, L. Rádio Expandido e Jornalismo: as redações radiofônicas na fase da multiplicidade da oferta. **Comunicologia**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 29 – 45, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/7456>. Acesso em: 04 jan. 2023.

2022. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/menu/pesquisa/dissertacoes>. Acesso em: 20 fev. 2023.

DISSERTAÇÕES/teses. **Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/CCE**, Teresina, 2022. Disponível em: https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=369. Acesso em: 18 fev. 2023.

DISTEFANO, J. C; ANDRADE, M. L; ALVES, R. **Rádio Universitária**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 1992.

DORNELLES, B. **O futuro dos jornais de interior**. Intratextos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-36, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/2171/3372>. Acesso em: 29 jul. 2023.

DUARTE, A. B; MASSABKI, A. **A especificidade do jornalismo cultural no rádio e a cultura como notícia**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2001.

DURHAM, Eunice Ribeiro (org.). **Bronislaw Malinowski**: antropologia. São Paulo: Editora Ática, 1986.

EICHELBAUN, Melissa. Marcelo Rangel afirma que será candidato a prefeito de Ponta Grossa. **DCMais**, 2024. Disponível em: <https://dcmiais.com.br/ponta-grossa/marcelo-rangel-afirma-que-sera-candidato-a-prefeito-de-ponta-grossa/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

ERDAL, I. J. *et al.* Invisible Locative Media: Key Considerations at the Nexus of Place and Digital Journalism. **Media and Communication**. Estados Unidos, v. 7, n. 1, p. 166-178, fev. 2019. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/1766>. Acesso em: 13 dez. 2022.

FADINO, J. C.O. **O sopro de Aruanda**: rádio-documentário sobre a Umbanda. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2010.

FARIAS, K. W. 2020. **Do AM para o FM: adaptações do radiojornalismo na migração de dial em Santa Catarina**. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Doutorado em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220454>. Acesso em: 27 fev. 2023.

FERRARETTO, Luiz Artur. Inquietudes e tensionamentos: pistas para a compreensão do rádio comercial em sua fase de convergência. **Intexto**, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 34, p. 214-235, set./dez. 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132051/000981816.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 jan. 2023.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERREIRA, D. J. N. Rádio no contexto da convergência midiática: contribuições para o desenvolvimento local. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana, v. 09, n. 01, p. 93 - 115, jan. /jun. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/win10/Downloads/1070-Texto%20do%20artigo-3375-1-10-20180920.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2023

FERREIRA, S. V. Do projeto das DCNs a sua implantação: percepções sobre as transformações da identidade jornalística refletida nos TCCs. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 9, n. 25, p. 131-145, 24 dez. 2019. Disponível em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/362>. Acesso em: 22 dez. 2023.

FIDLER, R. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Granica, 1998. Disponível em: <https://idoc.pub/documents/06-roger-fidler-1998-mediamorfosis-jlkq9k987z15>. Acesso em: 04 jan. 2023.

FINO, C. M. N. FAQs, etnografia e observação participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação**, Portugal, n. 3, p. 95-105, 2003. Disponível em: <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/806>. Acesso em: 16 jan. 2023.

FRANCISCATO, Carlos. A participação dos leitores na construção de experiências temporais no jornalismo online. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. **Anais Eletrônicos [...]**. Santos, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/237378925_A_participacao_dos_leitores_na_construcao_de_experiencias_temporais_no_jornalismo_online1. Acesso em: 06 dez. 2023.

FRANCISCATO, Carlos. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos [...]**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/147309229542103229423892634820623515117.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2024.

GARSON, Marcelo. O conceito de convergência e suas armadilhas. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 40, p. 57-70, jan/abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/35324>. Acesso em: 01 mar. 2023.

GADINI, Sérgio Luiz. Três décadas e meia de formação jornalística nos Campos Gerais do Paraná: ensino integrado e extensão comunitária no curso de jornalismo da UEPG (1985-2020). *In*: AMARAL, M. E. P; BOMFIM, I; e BRONOSKY, M. E. **Extensão Universitária e Jornalismo**: caminhos coletivos. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2021, p. 15-34. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgjor/wp-content/uploads/sites/26/2021/08/Extensao-universitaria-e-jornalismo-UEPG.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

GADINI, S. L; ADAM, F; SANSANA, N. B. A contribuição da história oral na investigação e memória do rádio em Ponta Grossa (PR). **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 149-163, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/11298/7972>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A,

1989.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GODOI, L. **As vozes femininas no rádio**: análise da representação da mulher nas emissoras de Ponta Grossa. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2022.

GOMES, Rafael de Jesus. **O uso de dispositivos móveis no processo de produção de notícias**: um estudo de caso na Rádio Independente 950 AM de Lajeado/RS. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Mestrado em Comunicação - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/win10/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Rafael % 20 Gomes.pdf](file:///C:/Users/win10/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Rafael%20Gomes.pdf). Acesso em: 27 fev. 2023.

GONÇALVES, V. H. G. **Rádio Rio Negro**: 62 anos de história no ar” – Grande reportagem em áudio sobre a história da Rádio Rio Negro/PR. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2008.

GROULX, Lionel-Henri. Contribuições da pesquisa qualitativa à pesquisa social. *In*: POUPART, J. (orgs.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GUEDES, Rafael. Lagoa Dourada FM volta ao rádio com mais informação e enfoque apartidário. **DPonta**, 2020. Disponível em: <https://dpontanews.com.br/entretenimento/lagoa-dourada-fm-volta-ao-radio-com-mais-informacao-e-enfoque-apartidario/>. Acesso em: 09 jul. 2023.

GUIMARÃES, L. L. JORNALISTAS E XAMÃS: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais Eletrônicos [...]**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/jornalistas-e-xamas-a-performace-na-cosmologia-amerindia-e-a-invencao-de-um-jor?lang=pt-br>. Acesso em: 12 fev. 2023.

HAESBAERT, R. Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil. *In*: AGUIAR, S. Territórios do jornalismo: geografias da mídia local e regional no Brasil. **Prefácio**. Petrópolis: Vozes, 2016.

HERREROS, M. C. O rádio no contexto da comunicação multiplataformas. **Rádio-leituras**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/378/345>. Acesso em: 13 ago. 2023.

HJARVARD, Stig. Miatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143023787004.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

INSIDE Rad100 2022. **Kantar Ibope Media**, 2022. Disponível em:

<https://kantariobopemedia.com/brazil/#:~:text=O%20Inside%20Radio%202022%20%C3%A9%20o%20estudo%20da,marcas%20com%20novos%20insights.%20The%20Future%20Viewing%20Experience>. Acesso em: 12 jan. 2023.

INSTITUCIONAL. **CBN Ponta Grossa**, 2021. Disponível em: <http://gmcom.com.br/midiakit/cbn-ponta-grossa/institucional/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

IURK, M. C. **Carga de informação**: programa radiofônico para os caminhoneiros. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2005.

JAVORSKI, E. **A influência dos proprietários na programação jornalística de emissoras de rádio**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 1999.

JAVORSKI, E. **Radiojornalismo**: do analógico ao digital. Curitiba: Intersaberes, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOCELITO Canto faz desabafo após saída da Rádio Difusora. **aRede**, 2020. Disponível em: <https://arede.info/ponta-grossa/322633/jocelito-canto-faz-desabafo-apos-saida-da-radio-difusora?d=1>. Acesso em: 23 abr. 2024.

JOVEM Pan Ponta Grossa. **Grupo RIC**, 2021. Disponível em: <https://gruporic.com.br/midiakit/jovem-pan-ponta-grossa/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

JUNKER, B. H. **Introducción a las ciencias sociales**: el trabajo de campo. Santa Fe: Marymar, 1972.

KATZ, E. Os acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e histórias. Lisboa: Vega, 1993. p. 52-60.

KASEKER, M; HEITZMANN, P. Z. UEL FM no Facebook: curta, comente e compartilhe. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2249-1.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** - Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Apontamentos para a construção de metodologias de pesquisa em radiojornalismo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 19., 2021, Brasília. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/apontamentos-para-a-construcao-de-metodologias-de-pesquisa-em-radiojornalismo?lang=pt-br>. Acesso em: 11 jan. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. O discurso da convergência inevitável: a construção do jornalista multitarefa nas páginas de O Globo. **Revista Eptic**, v. 12, n. 3, set./dez. 2010. Disponível em: [26-Texto do artigo-2495-2-10-20210605.pdf](#). Acesso em: 04 jan. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO*, 15., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/598/399>. Acesso em: 18 jun. 2023.

KOZINETS, Robert. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**, 2000. Disponível em: <https://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.

LAGOA Dourada ressurge no lugar da Difusora. **aRede**, 2020. Disponível em: <https://arede.info/ponta-grossa/323083/lagoa-dourada-ressurge-no-lugar-da-difusora?d=1>. Acesso em: 02 dez. 2023.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; São Paulo: Edusc, 2012.

LEITÃO, M. Economia instantânea. *In: TAVARES, M; FARIA, G. (orgs.). CBN: a rádio que toca notícia*. 1. ed. Rio de Janeiro: SenacRio, 2006.

LEWIS, S. C; WESTLUND, O. Actors, Actants, Audiences, and Activities in Cross Media News Work. **Digital Journalism**, [s.l], v. 3, n. 1, p. 19-37, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/21670811.2014.927986?needAccess=true>. Acesso em: 19 nov. 2022.

LIMA, C. A. P. **Agricultura em Foco: rádio-documentário sobre o sistema plantio direto na palha na agricultura familiar**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2008.

LIVINGSTONE, S. Sobre a mediação de tudo: discurso presidencial da ACI em 2008. **Revista de Comunicação**, v. 59, n 1, p. 1-18, mar. 2009. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/59/1/1/4098519?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 19 dez. 2022.

LOPATA, M. **O radiojornalismo e o esporte em Ponta Grossa: análise dos programas esportivos locais nas emissoras CBN, Clube e Difusora**. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2019.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã: LabCom, 2010. Disponível em: https://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/2009_lopez_tese.pdf. Acesso em: 04 jan. 2023.

LUZ, C. E. G. I. **Desafios para vencer**: episódio de podcast jornalístico sobre paradesportos, com a atleta Pâmela Aires. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2022.

MACHADO, E. H. **Emoção nas ondas do rádio**: um documentário sobre as transmissões esportivas do rádio ponta-grossense. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2022.

MACHINSKI, G. R.; LASKOS, M. E. **Uma proposta radiofônica educacional para o ensino fundamental**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2004.

MAIA, C. E. **Notícias da Terra**: o rádio e a comunicação rural para informar e educar o homem do campo. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2002.

MARINHO, José Roberto. Rádio como exercício de cidadania. *In*: TAVARES, M; FARIA, G. (orgs.). **CBN**: a rádio que toca notícia. 1. ed. Rio de Janeiro: SenacRio, 2006.

MARTINS, A. K; ZAMBOLIM, P. M. F. **Saúde no Ar**: em busca do potencial radiofônico. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2002.

MASSA FM - PONTA GROSSA. **Sobre Massa FM Ponta Grossa**, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: https://web.facebook.com/Massafmpontagrossa/about_details?locale=pt_BR. Acesso em: 14 jul. 2023.

MASSARO, C. Massa FM estreia afiliada em Ponta Grossa nesta terça-feira (10). **Tudo Rádio.com**, 2017. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/18362-massa-fm-estreia-afiliada-em-ponta-grossa-nesta-terca-feira-10>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, C. L. G; CASTRO, P. A. (orgs.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: [GL1 A abordagem etnográfica na investigação científica.pdf \(usp.br\)](GL1 A abordagem etnográfica na investigação científica.pdf (usp.br)). Acesso em: 11 out. 2022.

MATSUKI, Edgard. Cem anos do rádio no Brasil: as novas tecnologias e a aposta no futuro. **Agência Brasil**, Brasília, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-novas-tecnologias-e-a-aposta-no-futuro#:~:text=J%C3%A1%20no%20final%20dos%20anos,5%20de%20outubro%20de%201998>. Acesso em: 24 fev. 2023.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. *In*: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina Silveira (orgs.). **Jornalismo e acontecimento**.

Florianópolis: Insular, 2010.

MENESES, G. S; MASTRELLA, B. C; COSTA, A. B. L. Contribuições da etnografia para pesquisas em jornalismo: uma análise das investigações etnográficas do GT de Estudos de Jornalismo da Compós (2011-2021). **Revista Eco-Pós**, v. 25, n. 3, p. 132-157, 2022. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27944/15328. Acesso em: 19 jan. 2023.

MENDES, G. A construção da notícia sob a ótica etnográfica: contribuições da antropologia para os estudos de jornalismo. *In: Comunicação e Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 283-303, jan/jun 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2790/3328>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIKAELLI, Aldo. **História do Rádio AM de Ponta Grossa**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2006.

MORAES, J. S. **Dos hertz aos bits: o radiojornalismo comunitário maranhense em ambiente convergente**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/231042/PJOR0168D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MUNICÍPIOS. **Associação dos Municípios dos Campos Gerais**, s.d. Disponível em: <https://www.amcg.com.br/municipios>. Acesso em: 03 dez. 2023.

NEPPEL, B. R; SANCHES, C. E. **Ampliação do espaço jornalístico da Antena Sul FM para melhoria da qualidade de informação**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 1992.

NEVEU, E. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NODARI, S; GODOI, E. R. **Rádio Pontal: uma rádio comunitária no litoral**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 1996.

OLIVEIRA, A. M. **Ponta Grossa vai à guerra: Rádio-documentário sobre os pracinhas ponta-grossenses na Segunda Guerra Mundial**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2006.

ORLONSKI, P. **Ipiranga Rural** – Uma proposta de programa radiofônico para agricultores de Ipiranga – PR. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2008.

ORTIZ, Renato. Um outro território. *In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (org.). Globalização e regionalização das comunicações*. São Paulo: Educ, 1999. p. 51-72.

PEREIRA, F. H; NEVES, L. M. A entrevista de pesquisa com jornalistas: algumas estratégias metodológicas. **Intexto**, n. 29, p. 35-50, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41898>. Acesso em: 02 jan. 2024.

POUPART, J. (orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

POUPART, J. L'entretien de type qualitatif. Réflexions de Jean Poupart sur cette méthode. **Sobre Jornalismo**, v. 1, n. 1, p. 60-71, 2012. Disponível em: [\(PDF\) Manutenção qualitativa. Reflexões de Jean Poupart sobre esse método \(researchgate.net\)](#). Acesso em: 21 nov. 2023.

PRATA, N. Panorama da *webradio* no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais Eletrônicos [...]**. Manaus, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/r8-0095-1.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

PRATA, N; DEL BIANCO, N. R. Inovação na tradição: a migração do AM para o FM como fator de renovação do rádio brasileiro. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 2. jul./ dez. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347738383_Inovacao_na_tradicao_a_migracao_do_AM_para_o_FM_como_fator_de_renovacao_do_radio_brasileiro. Acesso em: 05 fev. 2023.

PRINCÍPIOS editoriais do grupo globo. **CBN**, 2024. Disponível em: <https://cbn.globo.com/principios-editoriais/>. Acesso em: 16 mar. 2024.

PROGRAMAS. **Rádio CBN Ponta Grossa**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://www.cbnpng.com.br/programa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PROGRAMAS. **Rádio Jovem Pan**, 2023. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PROGRAMAS. **Rádio Mundi FM**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://mundifm.com.br/programas/>. Acesso em: 30 maio 2023.

PROGRAMAS. **Rede Aleluia**, 2023. Disponível em: <https://redealeluia.com.br/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PROGRAMAÇÃO. **Rádio Antena Sul FM**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://www.antenasulfm.com.br/programacao/>. Acesso em: 01 jun. 2023.

PROGRAMAÇÃO. **Rádio Clube Pontagrossense**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://prj2.com.br/web/noticia.php?cat=195517&cod=581/>. Acesso em: 30 maio 2023.

PROGRAMAÇÃO. **Rádio Massa FM**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://www.massafm.com.br/#programacao>. Acesso em: 31 maio 2023.

PROGRAMAÇÃO. **Rádio Mix FM**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://pontagrossa.radiomixfm.com.br/programas/>. Acesso em: 31 maio 2023.

PROGRAMAÇÃO. **Rádio Princesa FM**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://princesafmpg.com.br/programacao/0/>. Acesso em: 31 maio 2023.

PROGRAMAÇÃO. **Rádio T**, 2023. Disponível em: <https://radiot.fm/>. Acesso em: 29 maio

2023.

QUAQUIO, J. L. C. **Memórias do rádio**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2005.

RÁDIO CESCAGE. **CECAGE**, Ponta Grossa, 2023. Disponível em: <https://cescage.edu.br/site/nossa-historia/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

RÁDIO T. **Sobre Rádio T**. Ponta Grossa, 2011. Rádio T. Disponível em: https://web.facebook.com/radiotfm/about_details?locale=pt_BR. Acesso em: 14 jul. 2023.

RADDATZ, V. L. S; KISCHINHEVSKY, M; LOPEZ, D. C; ZUCULOTO, V. R. M. Uma (re)escrita da história do rádio. In: RADDATZ, V. L. (org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re) construção**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2020, p. 16 – 25. Disponível em: <https://www.editoraunijui.com.br/produto/2257>. Acesso em: 13 nov. 2023.

REDE ALELUIA. **Media Ownership Monitor Brasil**, 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/rede-aleluia/#:~:text=A%20Rede%20Aleluia%20pertence%20%C3%A0,sede%20da%20igreja%20desde%201989>. Acesso em: 13 jul. 2023.

REDE CBN. **CBN**, 2024. Disponível em: <https://cbn.globo.com/rede-cbn/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

REIS, Isabel. A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 20, p. 13–28, 2011. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1568>. Acesso em: 6 dez. 2023.

RENAULT, David. A convergência tecnológica e novo jornalista. **Brazilian Journalism Research**, vol. 9, n. 2, 2013. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/575>. Acesso em: 04 jan. 2023.

RIBAS, M. T. **Ponto de Partida**: proposta de programa radiojornalístico para os trabalhadores do transporte rodoviário de cargas da região de Ponta Grossa. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2016.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Sempre alerta**: condições e contradições do trabalho jornalístico. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SALAVERRÍA, Ramón; AVILÉS, José Alberto García; MASIP, Pére Masip. Concepto de convergência periodística. In: GARCÍA, Xosé López; FARIÑA, Xosé Pereira (Orgs.). **Convergencia digital**: reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago de Compostela, 2010. p. 41 - 64. Disponível em: cap3_concepto_de_convergencia_periodistas_pp41-64.pdf. Acesso em: 04 jan. 2023.

SANTOS, M. G. **A produção jornalística das webrádios piauienses: um estudo comparativo das emissoras Picos Mais, RTV Cris Sekeff, Impacto FM e Central Cerrado FM**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021. Disponível em: <https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa>

[/defesas.jsf?lc=lc=pt_BR&id=369](#). Acesso em: 27 fev. 2023.

SANTOS, M. F. **Temporada futebol feminino**: podcast jornalístico sobre a história e o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2020.

SANTOS, M. N. **Falando da Terra**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 1990.

SCANDOLARA, A; SOUZA, C. A. **Terceira idade em destaque**: uma proposta radiofônica para a pastoral da terceira idade de Ponta Grossa. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2003.

SCHREIDER, A. P. **Se as poltronas falassem**: videodocumentário sobre os programas de auditório nas rádios de Ponta Grossa. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2014.

SCROK, C; OLIVEIRA, M, C. **Interatividade no rádio**: reformulando os conceitos de comunicação participativa. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2002.

SILVA, E. J. M. **Dinâmicas produtivas do radiojornalismo sousense**: um outro ouvir sobre o sertão. 2020. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2020. Disponível em: <https://www.cta.ufpb.br/ppj/contents/arquivos/ENIOJOSMARQUEDASILVA.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

SILVA, M. A; SANTOS, V. A. **Economix, tudo sobre as notícias do mercado de trabalho. Uma proposta radiofônica para Ponta Grossa**. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2004.

SILVA, M. V. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/25629>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, N. M. A convergência das redações e as divergências nos jornalistas. **Prisma.com**. Portugal, n. 20, p. 3-20, 2013. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/1922/3196>. Acesso em: 01 mar. 2023.

SILVA, Y. **Especial Fantasma**: uma série de programas radiojornalísticos sobre as principais conquistas operárias desde 2015. TCC (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2019.

SILVEIRA, R. CBN Ponta Grossa: 20 anos tocando notícia. **CBN Ponta Grossa**, 2021. Disponível em: <https://www.cbnpg.com.br/post/cbn-ponta-grossa-20-anos-tocando-not%C3%ADcia>. Acesso em: 18 nov. 2022.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

STANKOWITZ, R. F. **Processo Bibliométrico aplicado à pesquisa acadêmica**. Curitiba, 2016. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~jrgarcia/bibliometria/2016_Curso_de_Pesquisa_Bibliometrica.pdf. Acesso em: 26 set. 2023.

SOARES, D. K. **Comunidade limitada**: panorama das rádios comunitárias na região dos Campos Gerais. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2007.

SOARES, S. V; PICOLLI, I. R. A; CASAGRANDE, J. L. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Raep**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2 p. 308–339, maio/ago. 2018. Disponível em: https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/970/pdf_1. Acesso em: 25 fev. 2023.

SOBRE Antena Sul FM 102,7. **Antena Sul FM 102,7**, 2023. Disponível em: <https://www.antenasulfm.com.br/sobre>. Acesso em 02 dez. 2023.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear em rede. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

STARCK, Daniel. Mix FM completa quatro anos de trabalhos em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais. **Tudo Rádio**, 2012. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/7787-mix-fm-completa-quatro-anos-de-trabalhos-em-ponta-grossa-e-na-regiao-dos-campos-gerais>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SPAUTZ, D. F; SINZKER, H. P. **Radiojornalismo policial**: proposta de um jornalismo ético. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2003.

STAMILLO, Leonardo. Cobertura local 24 horas por dia. *In*: TAVARES, M; FARIA, G. (orgs.). **CBN**: a rádio que toca notícia. 1. ed. Rio de Janeiro: SenacRio, 2006.

SYNDERSKI, C; DVULATK, N. **Presença feminina**: um rádio-documentário sobre a influência das mulheres no movimento tropeiro nos Campos Gerais. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2008.

TAVARES, Mariza. *In*: TAVARES, M; FARIA, G. (orgs.). **CBN**: a rádio que toca notícia. 1. ed. Rio de Janeiro: SenacRio, 2006.

TAVARES, Mariza (org.). **Manual de redação CBN**. São Paulo: Globo, 2011.

TECH, J. P. **Portal-Agência**: uma alternativa para as rádios comunitárias do Paraná. TCC

(Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2009.

TESES e dissertações. **Programa de Pós-Graduação em Jornalismo UFSC**, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://ppgjor.posgrad.ufsc.br/>. Acesso em: 02 jan. 2023.

THIBES, F. R. **A voz do sertanejo**: uma proposta de trabalhar as manifestações culturais através do rádio. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2009.

TRANSFORMAÇÕES no dial: panorama das mudanças nas emissoras de rádio em novembro. **SINDIRÁDIO**, 2023. Disponível em: [https://www.sindiradio.org.br/noticias/item/transformacoes-no-dial-panorama-das-mudancas-nas-emissoras-de-radio-em-novembro.html#:~:text=Curiosamente%2C%20a%20sintonia%20da%20rede,de%20Ponta%20Grossa%20\(PR\)](https://www.sindiradio.org.br/noticias/item/transformacoes-no-dial-panorama-das-mudancas-nas-emissoras-de-radio-em-novembro.html#:~:text=Curiosamente%2C%20a%20sintonia%20da%20rede,de%20Ponta%20Grossa%20(PR).). Acesso em: 14 nov. 2023.

TRAQUINA, N. **A tribo jornalística**: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2020. v. 2.

TRAQUINA, N. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2020.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: BARROS, A. DUARTE, J. (orgs.), **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006, p. 98-109. Disponível em: <https://marinasaraiva.files.wordpress.com/2013/04/etnografia-e-comunicacao.pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Sumus, 1993.

TRENTIN, L. P. **As vozes do rádio**: a participação do público na programação de emissoras de rádio da região Celeiro do Rio Grande do Sul. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) - Doutorado em Comunicação e Linguagens - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/win10/Downloads/TESE%20LIDIA%20PAULA%20TRENTIN.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

TRENTIN, L. P. **O processo de escuta online em relação com o sentimento de pertencimento e com a diáspora: o caso da Rádio Comunitária 87.9 FM de Frederico Westphalen, RS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Mestrado em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/win10/Downloads/O%20processo%20de%20escuta%20online%20%20Lidia%20P%20Trentin%20%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/win10/Downloads/O%20processo%20de%20escuta%20online%20%20Lidia%20P%20Trentin%20%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20(1).pdf). Acesso em: 27 fev. 2023.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas S.A, 1987.

VERÓN, E. **Esto no es un libro**. Barcelona: Gedisa, 1999.

VICENTE, E. R.; TEIXEIRA, M. H. F. **Fala Cidadão**: o radiojornalismo como vetor para a

mudança social. TCC (Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa. 2001.

VIEIRA, João Gabriel. Coluna Fragmentos: Rádio Clube Pontagrossense – PRJ-2. **aRede**, Ponta Grossa, 28 jul. 2023. Disponível em: <https://arede.info/vamos-ler/481040/coluna-fragmentos-radio-clube-pontagrossense--prj-2?d=1>. Acesso em: 26 dez. 2023.

VIEIRA, L. S; MÁXIMO, M. E. Etnografia e pesquisa em jornalismo: aproximações teórico-metodológicas para os estudos de newsmaking. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 41., 2018, Joinville. **Anais [...]**, Joinville, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1766-1.pdf>. Acesso em: 12 out. 2022.

VIZEU JR, A. E; LORDÊLO, T. S. 65 anos de telejornalismo: das “notícias fordistas” às “notícias flexíveis”. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO*, 24., 2015, Brasília. **Anais Eletrônicos [...]**. Brasília, 2015. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2015/trabalhos?lang=pt-br#q=&p=0&fR%5Btrack.title.pt-br%5D%5B0%5D=Estudos%20de%20Jornalismo>. Acesso em: 12 fev. 2023.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

APÊNDICE A – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO TESTE DO DIA 17 DE AGOSTO DE 2023

Cheguei na CBN às 8h e 6min com meu bloco de notas e uma caneta na mão, fui recebida pelo técnico que estava no estúdio, na mesa composta por dois computadores e uma tela com a mesa digital de som. Cumprimentei e me apresentei, na hora ele ficou um pouco receoso com a minha presença, mas já tinha conhecimento que eu iria fazer a observação, apenas não sabia que era hoje. Pediu para que eu me sentasse e esperasse na sala ao lado o diretor de jornalismo chegar. Nessa hora fiquei observando a estrutura da rádio, pelo menos o que estava no meu campo de visão naquele momento.

Logo notei que o lugar é reformado, novo, espaço bem dividido e com equipamentos atuais. Fiquei aguardando e ouvindo o som que saía da sala pelas caixas de som do estúdio, a programação da CBN de Ponta Grossa e mais algum som que não conseguia identificar. Aguardei alguns minutos e comecei a ficar inquieta, então tentei o segundo contato com o técnico, perguntei o que era o som sobreposto que saía apenas do computador. Esse segundo contato foi mais amistoso, ele me contou que estava inserindo os blocos com notas e previsão do tempo na grade de programação. Agradei e voltei para o lugar onde havia me indicado anteriormente.

Às 8 horas e 41 minutos, o diretor de jornalismo chegou, fui recebida muito bem e ele me acompanhou até o estúdio, onde pude ligar meu computador e mesclar as anotações entre o bloco de notas físico e digital. O diretor de jornalismo ligou a televisão no canal da *Globo News* e deixou o som mutado para não haver interferência de som. O técnico ficou mais à vontade com a minha presença e se desculpou por ter pedido que eu ficasse na sala ao lado e disse que eu poderia perguntar qualquer coisa. Eu respondi que entendia a situação e agradei a abertura, o que colaborou para que eu me sentisse à vontade em conversar com ele. Logo mais chegou o repórter que também me recebeu bem e também sentou na mesa do estúdio. Eu estava tranquila e tentando não ser inconveniente, por isso fiquei mais parada, buscando olhar o que todos faziam e o que o repórter que estava ao meu lado acessava em seu *notebook*. Os *notebooks* utilizados no estúdio são da empresa e ficam guardados na mesma sala. Neste momento, o espaço do estúdio era ocupado pelo técnico de jornalismo, sentado na minha diagonal, pelo repórter, sentado ao meu lado e pelo técnico, sentado na ponta da mesa em formato de L. *Os técnicos devem ocupar sempre o mesmo lugar tendo em vista a utilização dos computadores de mesa e a mesa de som digital. (Os asteriscos ao longo dos relatórios representam considerações a respeito da observação). Notei que o diretor de jornalismo sempre se senta no mesmo lugar e

os repórteres e comentaristas ocupam o mesmo lugar conforme quem está apresentando o programa. A Figura 5 mostra a distribuição das funções no ambiente citado.

Figura 5 – Representação da sala de estúdio da Rádio CBN Ponta Grossa



Fonte: Elaboração própria a partir da observação *in loco* da sala de estúdio da Rádio CBN Ponta Grossa (2023)

O jornalista usa *notebook* para buscar informações do dia e apresentar na programação CBN Ponta Grossa 1ª Edição que começa às 9h. O diretor de jornalismo me explicou que às 10h iria fazer uma entrevista por *Google Meet*, e solicitou que o técnico fizesse o link, o qual passou para o diretor de jornalismo. Os dois conversam de forma objetiva sobre a programação do dia. A partir das 8h e 55min, o diretor de jornalismo faz entradas ao vivo convidando o público para a programação local que começa às 9h. Também busca na hora a previsão do tempo e do trânsito no *Waze* e fornece as informações ao vivo. Tais entradas ao vivo são intercaladas com vinhetas, comerciais e programação da rede. O diretor de jornalismo divulga os canais de interação e convida o público para enviar mensagens e sugestões de pautas pelo *WhatsApp*, redes sociais e *e-mail*. A tranquilidade inicial é substituída para uma certa tensão. As conversas gerais e comentários são substituídos por orientações, indicações voltadas à preparação para o início do programa que se aproxima.

O diretor de jornalismo e o técnico conversam sobre futebol, assunto que estava sendo veiculado pela rede no momento. Eu sou incluída na conversa de forma leve e descontraída. Nesse momento, comecei a sentir mais liberdade para me comunicar com a equipe. O técnico saiu da sala de estúdio sem falar nada e eu me perguntei mentalmente aonde ele estava indo. A

porta do estúdio só fica fechada quando a programação local está no ar.

No início fiquei mais parada e observando o que o repórter fazia no computador. Percebi que o diretor de jornalismo e o repórter, logo que chegam, rapidamente começam a procurar informações sobre o dia, checar *e-mails* e *WhatsApp* (essa atividade é diária e segue essa ordem). O repórter confere as notícias enviadas pelas assessorias da prefeitura e seleciona algumas. O diretor de jornalismo e o repórter conversam sobre matérias que serão veiculadas.

Especificamente nesse dia, o técnico fez café e nos convidou (era esse o motivo da saída do estúdio), todos saímos da sala e fomos até a cozinha. Na hora fiquei cautelosa, mas em seguida comecei a ficar confortável. Assim pude conversar um pouco com os três. O técnico contou que seu horário de trabalho é de segunda a sábado das 6h às 13h. E das 13h às 19h quem atua é outro técnico. A não ser sábado, que a programação local só vai até meio dia. No período em que não tem técnico trabalhando, a CBN rede de São Paulo é transmitida. Eles utilizam o termo “rede” ao se referirem à “matriz”, localizada em São Paulo. Retornamos ao estúdio. Perguntei também quando foi feita a mudança de local e o que mudou. O diretor de jornalismo, o repórter e o técnico contaram que a mudança ocorreu no final de fevereiro de 2023, todo equipamento e materiais foram substituídos por novos e melhores, o que melhorou muito o trabalho. O lugar anterior era antigo e a antena antiga (98.1 FM) ficou lá e houve a troca de sinal (105,9). O que também melhorou a qualidade do sinal e aumentou a distância de área de abrangência. Percebi contentamento com a mudança. Todos voltamos ao estúdio depois de aproximadamente 10 min.

Todos voltamos a sentar nos mesmos lugares. O diretor de jornalismo inicia a programação, o técnico ajusta os áudios e insere reportagem gravada pelo repórter no dia anterior. A programação da manhã fica principalmente a cargo do diretor de jornalismo transmitir, enquanto o repórter auxilia com buscas de informações e atualizações de notícias já veiculadas. À tarde esse papel é invertido. Começou a veicular inserção de tempo e temperatura que já estava gravada (região do PR) e sobre Ponta Grossa quem buscou e atualizou foi o diretor de jornalismo.

Alguns assuntos sobre o que será veiculado são resolvidos na hora, o técnico avisa que horas volta do intervalo para que o diretor de jornalismo se prepare. Ele e o repórter editam e publicam no *site* as informações e matérias dos dias anteriores e o diretor de jornalismo é responsável pelas publicações nas redes sociais e pela realização das artes. O repórter conta que ele que fez o *site* quando era estagiário. Eu respondi com uma brincadeira e todos riram. Havia, até então, pouquíssima conversa que não era referente ao trabalho entre a equipe.

O diretor de jornalismo busca e fala sobre as matérias ao vivo. Não tem material físico

preparado previamente, ele busca a informação, lê e fala na hora. A preparação se dá nas escolhas dos conteúdos e na hora da edição da grade de programação do jornalista juntamente com o técnico, os quais precisam acertar o tempo de cada bloco, o que interfere na escolha do conteúdo. A desenvoltura apresentada por ele denota experiência. O repórter faz as reportagens e edita utilizando o programa *Sound Forge* instalado em todos os computadores. Enquanto o diretor de jornalismo continua ao vivo transmitindo as notícias, o repórter procura pauta de acordo com o que vai ter na câmara e busca contato de secretaria de prefeitura, entra em contato com conhecidos pelo *WhatsApp* em busca de contato de fonte.

O diretor de jornalismo ligou para o entrevistado via *Google Meet*, por volta das 10h e a entrevista começou às 10h e 5min, porque sempre tem a transmissão do Repórter CBN da rede e a vinheta. A transmissão do vídeo não foi feita para o público, apenas o áudio. A entrevista durou aproximadamente 10min. As perguntas sempre são feitas na hora para o entrevistado para que não se perca a dinamização da conversa e para que os entrevistados sejam “pegos de surpresa”. O diretor de jornalismo pesquisa antes sobre o assunto da entrevista para ter em mente o que deseja perguntar para a fonte.

O diretor de jornalismo busca e recebe via assessoria de imprensa notícias no mesmo dia, a maioria ele fala na hora e já faz a publicação. Quando são matérias mais elaboradas são feitas com antecedência, mas a maioria não, um dos motivos é a falta de jornalistas. O diretor de jornalismo retoma e veicula as matérias que já estão no *site*. A atualização de tempo e trânsito ocorre várias vezes durante o jornal local.

Ouvi diversas vezes algumas vozes que saiam das caixas de som que ficam dentro do estúdio, perguntei o que era sem direcionar a questão para alguém específico. O técnico de Ponta Grossa me explicou que na CBN matriz (São Paulo), o técnico responsável vai avisando quando tem alguma entrada específica e quanto tempo falta para a entrada onde todas as Filiais do Brasil devem obrigatoriamente retransmitir. O contato também é feito via *WhatsApp* em um grupo onde se encontram todos os técnicos do país.

O Giro Regional é um espaço de transmissão em rede reservado para as cidades do Paraná - Maringá, Curitiba, Londrina, Cascavel e Ponta Grossa. Quando alguma informação relacionada à alguma cidade vizinha é veiculada, a prioridade é do município que possui menor distância com a cidade. Hoje, uma entrevista regional transmitida da rede (matriz) por quase 10 min em horário que seria local ocupou o lugar de uma matéria de Ponta Grossa que estava prevista, a mesma teve que ser transferida para amanhã, o que gerou descontentamento por parte do diretor de jornalismo e do repórter. A CBN matriz possui preferência quanto à transmissão em rede, com assuntos nacionais, após Curitiba, com assuntos regionais e por fim a CBN local.

O pouco tempo que restou para o Giro Regional teve que ser utilizado com uma matéria disponível no *site*, enquanto a reportagem foi recolocada na grade de amanhã. Eu continuava sentada no mesmo lugar realizando as anotações no *notebook*. Quando eu perguntava algo, procurava não anotar enquanto estavam me respondendo para que permanecesse o interesse à pergunta e a dinâmica do diálogo não fosse interrompida.

Durante o Giro Regional, jornalistas abrem uma chamada via *Google Meet* e a transmissão é realizada por vídeo para as plataformas de *YouTube* e *Facebook*. Esse é o único momento de transmissão em vídeo e fica salvo no *Facebook*. O diretor de jornalismo enquadra a câmera do *notebook* para que apareça o cenário onde está escrito “CBN Ponta Grossa” com um fundo preto, como mostra a Fotografia 1. Ele se vira levemente e depois volta com a cadeira ao normal.

Fotografia 1 – Painel onde ocorre enquadro de vídeo da sala de estúdio da Rádio CBN Ponta Grossa



Fonte: Autoria própria

O local intensamente utilizado é o estúdio. A sala de edição é utilizada com menor intensidade durante o dia e utilizada depois que fecha o horário de programação local. Como são apenas dois jornalistas que apresentam as programações de jornal local, eles procuram ficar preparados perto dos microfones, caso algum não possa, o outro cobre. Às 11h e 28min, o diretor de jornalismo fala sobre fechamento de estrada para colocação de radar de Ponta Grossa para Curitiba, informação recebida em grupo de *WhatsApp* da Polícia Rodoviária Federal de Guarapuava. Matéria rendeu atualizações durante o dia, inclusive acidentes ocasionados pelo fechamento. Observei que durante a manhã o diretor de jornalismo se referiu aos ouvintes como “você morador de Ponta Grossa”, o que reflete na falta de proximidade da rádio com o público.

O diretor de jornalismo e repórter compartilham entre si imagens, notas e matérias por *WhatsApp*. Quando precisam que o técnico acesse, as matérias são repassadas por meio de uma pasta compartilhada. Algumas entradas e intervalos são decididos na hora pelo diretor de jornalismo e pelo repórter. Conforme as matérias são lidas, o repórter vai redigindo, procurando imagens e publicando no *site*.

Para a programação esportiva, Giro CBN Esportes 1ª Edição, o diretor de jornalismo convida público para a edição da tarde que haverá a reprodução de trechos de falas de jogadores do Operário. Após segue para assunto de esporte internacional (aproximadamente 10 min), segue para esporte nacional (aproximadamente 20 min), e faz poucos comentários e mais 2 min de informação sobre Operário Ferroviário Esporte Clube.

Sem eu ter perguntado, o repórter comenta que o proprietário não interfere no jornalismo, sugere pautas e ouve a rádio, inclusive expressa uma leve chamada de atenção quando necessário. Eu ouço atenta e demonstro interesse em ouvi-lo. *Ao longo da observação teste, durante os três dias, foi me passada a informação, pelo jornalista, diretor de jornalismo, jornalista-entrevistador e comentarista esportivo, em horários e dias distintos, de forma aleatória, que o proprietário não interfere no jornalismo. Durante a programação esportiva, o repórter saiu do estúdio sem avisar onde iria, permanecendo o diretor de jornalismo falando as notícias, e o técnico ajustando áudio e inserindo comercial. O diretor de jornalismo apresenta muita articulação ao realizar o trabalho, as matérias embora lidas (o que geralmente não acontece) dá a impressão que está falando e quando não são lidas, são passadas para o público de maneira muito compreensível.

O diretor de jornalismo comenta comigo que tem mais um jornalista esportivo que participa dos dois programas diários. Entretanto ele não pode comparecer, porque possui mais uma atuação profissional que exigiu sua presença naquele horário. Ele também explica que no horário de almoço, um jornalista e um técnico devem ficar no estúdio enquanto o outro sai para almoçar, porque pode ocorrer alguma entrada específica de programação local. Nesse momento entendi que o repórter havia saído para almoçar, o que foi confirmado depois. O diretor de jornalismo ficou produzindo matérias que complementem a grade para o repórter apresentar na programação da tarde. Nota-se auxílio mútuo o tempo inteiro entre o diretor de jornalismo e o repórter.

O diretor de jornalismo conta que a entrevista realizada por *Google Meet* pela manhã foi atípica, geralmente entrevistas são a tarde, entretanto a fonte só tinha aquele horário disponível.

O repórter volta do almoço e eu pergunto sobre a instalação de câmeras para a

transmissão do conteúdo em vídeo. Ele conta que há ideia para implementação de câmeras para a transmissão de vídeo, mas acha que ficaria um programa mais engessado por conta disso. Ainda não foi instalada por falta de equipamento. Não há previsão de instalação.

Às 12h e 08min eu saí para almoçar e voltei às 12h e 43min. No estúdio estavam o técnico e o diretor de jornalismo, o qual saiu para almoçar às 12h e 45min. Às 13h, o técnico finaliza o horário de trabalho e o segundo técnico inicia com o mesmo trabalho. Ele entra no estúdio tomando água me dá um oi de longe com a face séria e senta no lugar onde o técnico deve ficar. O repórter estava utilizando o computador de mesa localizado na sala de edição e editou entrevista realizada pela manhã, reduzindo o tamanho dos áudios para transmitir a tarde. Eu fui com ele e pedi permissão para ficar ao seu lado observando, ele tranquilamente aceitou a solicitação. Fiquei em pé sabendo que o trabalho de edição seria rápido e logo ele voltaria para o estúdio. O diretor volta para a Rádio e entra no estúdio. Nas saídas para almoço os *notebooks* ficam em cima da mesa em modo suspenso.

O repórter explicou que a CBN de Curitiba fica responsável pelo Estado, até por estar mais próxima da Assembleia. O repórter volta para o estúdio e senta no mesmo lugar e eu também. O repórter e o diretor navegam nos *sites* CBNs Paraná e principalmente Curitiba, com intuito de encontrar alguma matéria de interesse, o repórter entra em contato com o colega da outra cidade e ele passa a matéria para publicação em Ponta Grossa. O contrário também acontece. O repórter escreve matérias para falar no jornal da CBN Ponta Grossa 2ª Edição.

A publicação no *site* é feita facilmente pelo sistema *Wix*. O diretor de jornalismo e o repórter conversam sobre ideias para título de matéria. Além do *notebook* da empresa, o celular pessoal é utilizado para publicações em redes sociais. O repórter busca matéria em *site* de esporte da prefeitura e publica no *site* com poucas edições e depois transforma para as redes sociais, ele também faz a publicação. O diretor de jornalismo recebe as dois visitantes e apresenta o estúdio para eles, a comunicação é silenciosa, visto que o repórter está no ar. Os visitantes possuem parentesco com o proprietário da emissora e vieram de Portugal, aproveitaram e visitaram a CBN de Ponta Grossa. *Durante a semana é o diretor de jornalismo quem recebe entrevistados ou visitantes. Aos sábados as entrevistas ficam a cargo do jornalista que só vai à CBN nesse dia da semana, portanto é ele quem recebe as fontes.

O diretor de jornalismo lê matéria do *site* da prefeitura no ar, atualiza informações sobre tempo e hora. Ele conta que quando há narração do futebol, eles assistem pela televisão que fica dentro do estúdio enquanto narram, a não ser que o jogo seja em Ponta Grossa, nesse caso a transmissão é realizada no estádio. Sendo no estádio em Ponta Grossa, o diretor de jornalismo e o repórter esportivo vão até o local e comentarista esportivo narra do estúdio ao mesmo tempo

que acompanha pela TV, no estúdio também fica um dos técnicos.

No momento em que os jornalistas locais estão no ar, o único som que fica no estúdio é a voz, mesmo quando há som de fundo, nesse caso, pode ser ouvida a programação tal qual está sendo transmitida pelos fones de ouvido que ficam na mesa.

Às 14h e 32min, o técnico faz ligação por telefone para fonte e transfere para o repórter, 30s antes de entrar no ar, o repórter explica para a fonte (colunista de indústria da CBN) que ele vai cumprimentar e em seguida começa a fazer as perguntas.

O repórter lê matéria do *site* da prefeitura de Ponta Grossa sobre evento da cidade que foi transmitida de manhã. Também lembrou aos ouvintes sobre entrevista feita com secretário da cultura realizada pela CBN. Ele fala sobre programação de eventos da cidade. Em seguida, pede matéria “sobrando” para diretor de jornalismo, o qual passa matéria. O mesmo atualiza informações sobre notícia já transmitida e já publicada no *site*. O repórter repassa matéria feita por CBN de Curitiba.

As matérias são o tempo todo buscadas em *sites* da prefeitura de Ponta Grossa, G1, UEPG, CBN de Curitiba e outras do Paraná, AERP, Agência estadual de notícias Paraná. Enquanto não dava o tempo do Repórter CBN (rede) entrar, o repórter ficou esticando fala.

O repórter comenta comigo sobre escassez de conteúdo hoje, tem dias que sobra conteúdo. Segundo ele e o diretor de jornalismo teve um período da pandemia que a CBN de Ponta Grossa ficou sem jornal local, após foi colocado apenas pela manhã, depois passou para a tarde também, transmitido das 14h às 15h e voltava às 16h até 17h para o esporte, depois aumentou o tempo de transmissão de jornal local, segue direto das 14h às 17h, com esporte das 16h às 17h.

O repórter reprisa entrevista e atualiza notícia transmitidas pela manhã. Em seguida, lê matéria do *site* da prefeitura de Ponta Grossa e chama reportagem pronta da rede. Ele não fazia o jornal a tarde, começou porque o diretor de jornalismo tirou férias e acabou permanecendo, assim as vozes ficam menos cansativas, tanto para os jornalistas, quanto para os ouvintes. Antes o diretor apresentava sozinho o jornal da manhã e da tarde. Perguntei ao diretor se poderia sentar ao seu lado, ele respondeu que sim, peguei o caderno de anotações, a caneta e me sentei próxima ao diretor de jornalismo, de maneira que eu conseguisse visualizar a tela do *notebook*, mas tentando não ser invasiva. O diretor demonstrava muito profissionalismo e apresentava reserva em relação aos membros da equipe. De todo modo, não criou empecilhos quanto a minha visualização perante seu trabalho.

Uma dificuldade encontrada na observação, que representa o atual cenário tecnológico nos processos de produção dentro das empresas como um todo, é o uso de dispositivos que

minimizam a troca de materiais e o diálogo entre os funcionários e agentes frente à frente, substituindo-as por canais de contato *on-line* e digital.

O diretor de jornalismo passa duas notas realizadas a partir de informações publicadas no *site* da prefeitura para o repórter. Eu volto para a cadeira onde estava anteriormente, local que passei maior parte do tempo e volto a realizar as anotações no *notebook*. O repórter liga para fonte para entrevista por telefone sobre mesmo assunto já transmitido de manhã, entretanto outra ramificação – entrevista ao vivo. Este anotou o assunto para seguir uma ordem, mas não realizou perguntas previamente. Após, ele atualiza sobre hora e temperatura e lê mais matérias do *site* da prefeitura. Ao final da programação ele sai do estúdio e volta para a mesa de edição.

O comentarista esportivo entra no estúdio e senta no lugar onde o repórter estava (ao meu lado). O diretor me apresenta ao comentarista, o qual me cumprimenta e me dá boas-vindas, apresentou ser simpático e receptivo. Fiquei um pouco retraída no início com uma nova presença no estúdio, mas logo me senti à vontade. Observei de forma disfarçada o que o comentarista fazia no *notebook*. A programação esportiva inicia. O diretor de jornalismo volta ao microfone, o qual abre o programa e comenta sobre futebol sem seguir roteiro por escrito. O bate-papo acontece na hora, nada combinado ou ensaiado antes. No comercial, o diretor me conta que a função dele é acompanhar os jogos de futebol. O comentarista começa a pesquisar sobre o que está acontecendo em relação ao futebol em âmbito internacional, nacional, estadual e municipal. O técnico da CBN de Ponta Grossa insere fala de técnico de time nacional que o comentarista havia enviado anteriormente para ele. Seguiu comentário e outra fala gravada. O diretor de jornalismo e o comentarista pesquisam sobre times nacionais no *site* do G1 enquanto comentam, nessa hora circulei pelo estúdio para ver o que o diretor acessava. Durante a transmissão há também opinião. O comentarista se refere aos ouvintes como “amigos”, expressando certa proximidade com o público.

Em relação a postura dos funcionários no primeiro dia, notei que o comentarista possui um perfil descontraído e solto em relação aos colegas, os quais permaneceram mais sérios e cautelosos. Durante a programação o comentarista enviou abraço para três ouvintes/amigos. O diretor e o comentarista transmitem notícias e comentários sobre o Operário, a partir do quadro brasileiro. Enquanto eles estão no ar, o repórter está editando matéria para o dia seguinte na sala de edição.

O diretor de jornalismo e o comentarista durante a transmissão esportiva se olham, fazem expressões, riem e gesticulam como em uma conversa. O programa esportivo é mais descontraído. Durante o intervalo, eles navegam na aba esportiva do *site* G1 para informar as notícias na volta do programa. O comentarista dá boas-vindas à “mestranda que está

acompanhando” no ar duas vezes.

Comentários sobre interclubes de Ponta Grossa, o comentarista esportivo passou abraço de amigos para diretor no ar. Ao final do programa ele se despediu de todos de forma amigável e foi embora.

O diretor e o repórter ficam gravando matérias para dia seguinte das 17h até às 18h ou mais. Os boletins gravados são colocados na grade pelo técnico. O repórter estava fazendo uma matéria no computador da sala de edição sobre tombamentos em Ponta Grossa, foi buscar informações em fontes e quando percebeu a prefeitura já tinha divulgado. Reclamou com um sorriso amarelo que perdeu tempo. Ele volta para a mesa do estúdio no lugar em que estava o comentarista esportivo. O repórter buscava notícias para transmitir/publicar no dia seguinte sobre eventos que terão em Ponta Grossa nos próximos dias, escrevia texto sobre e procurava em vídeos a forma correta da pronuncia dos nomes das bandas (assunto da matéria). Eu, nessa hora já cansada, sento ao lado do diretor, o qual produzia reportagem sobre personagem de Ponta Grossa.

A comunicação de colegas operadores da rede (matriz) ocorre pelo microfone (a voz sai no estúdio) e não é transmitida obviamente, e por meio do canal do *WhatsApp*. O repórter inicia as gravações de matérias e notas para o dia seguinte com auxílio do técnico. Os assuntos foram a Feira de Ponta Grossa, Ponta Grossa Memória, sessão pública de tombamento, crônica dos Campos Gerais, aproximadamente 1min cada de notícias e informações já transmitidas antes. Quanto às notícias novas foram gravadas matérias sobre centro turístico, 2min aproximadamente; teatro (peça 1) 10s aproximadamente; ingresso teatro (peça 2) 1min aproximadamente; teatro (peça 3) 1min aproximadamente; teatro (peça 3) 30s aproximadamente; teatro marista 30s aproximadamente; cinema filmes em cartaz 10s aproximadamente. Matéria sobre evento realizada pelo diretor e gravada pelo repórter. Câmara - políticas públicas, duração de 1min aproximadamente. Durante a fala das matérias errou 3 vezes, parou e continuou para editar depois.

O diretor de jornalismo entrou ao vivo às 17h 55min para informar tempo e trânsito e boletim sobre bolsa de estágio. O repórter edita áudios para o dia seguinte. O técnico ajusta grade para amanhã à tarde.

Depois que os jornalistas gravam e editam as matérias, salvam-nas na pasta compartilhada, onde os dois técnicos também têm acesso. O repórter busca matérias para o dia seguinte em *sites* da prefeitura, copia texto, altera algumas frases e acrescenta outras. O diretor e o repórter começam a desligar os *notebooks* para ir para casa. Percebendo a movimentação, eu desligo meu *notebook* e guardo minhas coisas, fico aguardando todos saírem do estúdio para

ver se não iam fazer mais nada. Eles guardam os computadores no armário que fica dentro do estúdio. Despedem-se do técnico, eu me despeço também com um tchau de longe. Saímos às 18h e 16min. Na saída dos jornalistas a única porta que é trancada é a frontal do prédio, já que o técnico fica até às 19h.

Para um primeiro dia achei produtivo, visto que consegui absorver aspectos do trabalho na rádio. O clima entre os colegas é agradável, notei profissionalismo e respeito por parte de todos. O estúdio é utilizado como sala de redação.

APÊNDICE B – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO TESTE DO DIA 18 DE AGOSTO DE 2023

Cheguei na CBN de Ponta Grossa às 8h e 18min, cumprimentei o técnico/operador, o único que ali estava, liguei meu computador no mesmo lugar do dia anterior. Ele estava mais receptivo, eu aproveitei para perguntar sobre o funcionamento do seu trabalho, o qual me explicou apresentando disposição em falar. Fui ao lado dele e fiquei em pé enquanto ele mostrava nos computadores o que era a grade de programação, os blocos e a mesa digital de som. O técnico demonstra muita segurança em seu trabalho, até porque tem experiência de 12 anos de serviço na área. A rede vai ao ar na CBN de Ponta Grossa das 19h às 6h, período em que não há técnicos operando na CBN de Ponta Grossa. Cada bloco local ou da rede possui a duração de 5min a 10min. É função do técnico ouvir a rede mesmo quando está sendo transmitida a programação local caso haja alguma notícia obrigatória e ele não seja informado deve priorizar a rede e deixar a programação local prevista reservada para outra hora e também, para que quando é inserida uma trilha sonora, tanto na rede quanto no local, as programações devem voltar na mesma hora. Por exemplo, a programação em rede está sendo transmitida, após toca a trilha sonora, enquanto a rede dá continuidade à programação da matriz, o local deve dar continuidade na mesma hora à programação de Ponta Grossa. O sistema utilizado é o *Playlist*, ele oferece um cronômetro que facilita o trabalho. Os comerciais locais de Ponta Grossa são programados pelo técnico de União da Vitória, visto que a cidade é quem gerencia os comerciais, ele tem acesso à grade de Ponta Grossa. O técnico deve ter o cuidado de não transmitir um comercial da rede em horário local.

O diretor de jornalismo chega perto das 9h, cumprimenta a mim e ao técnico (eu ainda estava em pé ao seu lado) apresenta movimentações rápidas, como se estivesse com pressa, logo pega o *notebook*, dei espaço para a passagem do diretor, não quis atrapalhar, se senta no mesmo lugar de ontem e começa a trabalhar. *O motivo do diretor de jornalismo ter me sentado à sua diagonal pode ter a ver com o fato de eu não ter acesso facilitado ao seu computador. Por um lado, achei bom porque a câmera de segurança não pega a tela do meu *notebook*, já que a posição em que eu estava não me impediu de me movimentar pelo estúdio com o caderno de papel. O técnico avisa ao diretor que inseriu os boletins na grade. O diretor começou a buscar informações sobre tempo, temperatura e trânsito e às 8h e 56min informou no ar. Eu volto para o lugar onde estava sentada. O diretor informa sobre evento que irá ocorrer em Ponta Grossa (tempo de 1min – 8h e 57min às 8h e 58min. O comentarista esportivo chegou, entrou no estúdio, cumprimentou a todos de longe e foi andar pela rádio, não vi o que ele foi fazer. *Antes

da programação local das 9h e 30min iniciar, a partir das 9h, notas de serviço são veiculadas e possuem a duração de 1min ou 2min. Às 9h 8min o diretor de jornalismo, o comentarista esportivo e o técnico foram tomar café e me chamaram. Entra o funcionário que trabalha na rádio ao lado, conversa com o técnico e toma café. Eles mantêm boas relações e conversam sobre café. O diretor de jornalismo e o comentarista esportivo conversam sobre futebol, eu tomo café e ouço a conversa. O café foi rápido e o diretor continua passando a sensação de inquietude e pressa. O diretor e o técnico voltam para o estúdio, eu volto atrás deles mantendo certa distância e quieta. O diretor de jornalismo senta no lugar que parece pertencer a ele e faz cronograma das notícias do dia e reportagens gravadas em programa de computador no dia anterior. O técnico pergunta para o diretor de jornalismo onde está o repórter e ele responde que está em evento da diocese. Por esses dois pontos (lugar e ter pergunta direcionada sobre paradeiro de colega), posso perceber que o diretor está acima no nível hierárquico, como se espera considerando a função atribuída.

O comentarista esportivo liga *notebook* pessoal em mesa fora do estúdio, eu vou até ele, procurado não ultrapassar nenhum limite que faça com que ele desaprove a minha presença e com educação e cautela pergunto se está fazendo algo relacionado à CBN. Ele responde que não e que possui em seu contrato permissão para não vir ao trabalho (CBN) quando estiver atuando em sua outra profissão. Ele responde com tranquilidade e amistosidade, eu fico à vontade em continuar a conversa. Pergunto sobre sua experiência em rádio, o comentarista responde que há 24 anos trabalha com rádio como comentarista. Além do valor do salário, o comentarista esportivo recebe por comercial que vende na parte de esporte. Sem eu perguntar ele fala sobre carinho que tem pelos colegas e pelo proprietário. Ele conta também sobre a cultura das rádios de Ponta Grossa, onde o comercial na CBN do município tem pouca procura, porque segue o valor padrão de rede. Já outras rádios da cidade cobram um preço bem abaixo. Eu ouço atentamente, agradeço a conversa e volto para o estúdio. Ao perambular pela rádio, percebo que há caixas de som distribuídas pelo ambiente, as quais também ficam tocando a CBN de Ponta Grossa. Durante o período em que eu estava conversando com o comentarista, o diretor de jornalismo iniciou a programação local.

A representante comercial entra no estúdio, cumprimenta à distância e fala sobre dor de cabeça com diretor de jornalismo, enquanto busca matéria para veicular em seguida, ele não a ignorou, mas continuou o seu trabalho. A representante sai. Às 9h e 54min o diretor de jornalismo fala sobre utilidade pública no ar e após chama repórter de Curitiba. A alimentação do site e redes sociais acontecem na hora. O diretor volta a falar no ar sobre atualização da estrada, convite para participação do público pelas redes sociais, *site* e *WhatsApp*, convite para

ouvinte “ficar ligado”. Eu permaneci só observando com indiferença. Notei uma tentativa sem esforço de fomentar o contato com o público, um dos motivos pode se dar pelo fato de não ser da cultura da CBN. Quando ocorre é muito pontual. Por exemplo uma sugestão de pauta e pouca interação em redes sociais com comentários. O diretor de jornalismo informa sobre aeroportos e voos do Paraná e novamente atualiza a situação de trânsito de Ponta Grossa.

Começamos a conversar sobre as mudanças com a antena, o técnico e o diretor destacaram a melhoria de sinal e maior área de abrangência. Perguntei se eles medem a audiência de alguma forma e se com a nova antena teve aumento do público. O diretor respondeu que a maior preocupação da CBN não é com o a quantidade de público, mas com a qualidade da informação para o público-alvo. O ambiente estava sério e o diretor estava concentrado. O técnico sai do estúdio rapidamente e interage com o comentarista esportivo e com a representante comercial enquanto toca reportagem já produzida pelo repórter. Diferentemente de ontem, sem pedir permissão eu me sento ao lado do diretor para ver o que ele estava fazendo, ele estava procurando matérias nos *sites* da prefeitura de Ponta Grossa e G1. Em seguida, o diretor de jornalismo informa o que tem de destaque no *site* da CBN de Ponta Grossa e prefeitura, atualiza tempo e trânsito. 10h e 30min entra o Repórter CBN (notícias a cada meia hora transmitidas em rede pela CBN matriz). O diretor de jornalismo liga o *Meet* e juntamente com cidades do Paraná passam um giro, único programa transmitido por vídeo. Antes de ele ligar o vídeo eu volto para o meu lugar, o diretor vira a câmera para pegar o cenário do painel da CBN.

Às 10h e 34min o repórter chega de maneira apressada da reportagem externa, cumprimenta a todos, liga o *notebook* que estava guardado no estúdio, vai até a cozinha para tomar um café e conversa com a representante comercial. Eu observei isso de dentro do estúdio. O diretor de jornalismo passa matéria ao vivo. O repórter volta e senta ao meu lado, no mesmo lugar em que ele se sentou ontem. No intervalo perguntei a ele quais equipamentos ele utiliza nas externas, se são equipamentos próprios e como ocorre a locomoção. Ele responde que a locomoção é por carro de aplicativo, pago pela empresa. Utiliza celular próprio, o gravador do celular e às vezes bloco de anotações para anotar nomes ou dados específicos. O repórter é mais comunicativo, pelo menos na minha presença, do que o diretor. Ainda apressado ele começa a ouvir e editar os áudios que ele gravou. Em seguida, começa a escrever um texto para matéria e organizar o lugar dela em meio a outras matérias na grade de programação.

O diretor de jornalismo e o repórter pesquisam matérias para colocar no ar, enquanto o técnico fica o tempo todo ajustando áudio, colocando e tirando da rede, colocando e tirando da CBN local. Eu continuo observando do meu lugar. Percebi apoio mútuo entre o repórter e o

diretor de jornalismo. O repórter comenta com o diretor que a externa de hoje não vai render muita pauta, mas foi bom ele ter ido para fazer o papel social e caso ele precise de alguma entrevista da diocese sabe que terá retorno positivo. O diretor concorda, mas não fala muito. O técnico avisa quando o diretor de jornalismo deve falar a hora no ar e avisa quanto tempo ainda falta para a hora do diretor de jornalismo falar. *Em relação aos dois técnicos, este avisa os horários e tempo exato para cada bloco, já o outro técnico que possui menos experiência precisa que seja lhe perguntado e responde sem exatidão, o que é motivo para brincadeira entre ele, o diretor e o repórter.

O diretor de jornalismo fala hora, o técnico coloca chamada e matéria sobre personagem de Ponta Grossa. O diretor de jornalismo fala sobre evento de Ponta Grossa. *Há repetição de assuntos e atualização de trânsito e temperatura. O tempo é crucial principalmente no rádio, onde não pode haver silêncio, a não ser pausas intencionais. Então, o preenchimento ocorre com a repetição de assuntos. O diretor de jornalismo fala hora, agenda cultural de Ponta Grossa. Em relação aos temas das informações, notei entradas em trânsito, tempo, temperatura, cultura e esporte. O Operário é citado em diversos momentos, percebi uma atenção ao esporte, principalmente ao futebol de Ponta Grossa. Assuntos políticos só foram percebidos na transmissão em rede, com notícias nacionais.

O comentarista esportivo continua na sala de edição realizando um trabalho pessoal, nisso percebo a chegada de um ouvinte. Fui até a sala e sentei na mesa da frente para ouvir a conversa. O ouvinte foi bem recebido pelo comentarista, eles conversavam sobre um evento de futebol de bairro que iria acontecer em Ponta Grossa e pediu para que alguém fosse cobrir. O comentarista respondeu positivamente, mas não foi realizada. *Acredito que a pauta não possui ênfase suficiente para que um jornalista se desloque até o local, sendo que há poucos profissionais na rádio e o assunto não seja relevante e não se encaixa no modelo da CBN de Ponta Grossa.

Eu volto para o estúdio e o clima é de concentração e pouca conversa, eu sento no mesmo lugar e fico observando quieta. O trabalho no estúdio era desprovido de correria/movimentação física. Realizado principalmente pelo computador e celular, trabalho que exige rapidez mental e improvisado. A experiência deixa a fala natural e facilita a exposição e as escolhas sobre os conteúdos. As decisões sobre as entradas de intervalos, às vezes, são feitas na hora, tais como entradas imprevistas e isso demanda flexibilidade, adaptabilidade e estratégia por parte dos profissionais. Geralmente ocorrem em dois momentos: a) quando os blocos gravados estão sendo transmitidos e o jornalista precisa realizar uma fala no tempo determinado do espaço entre eles e b) quando o jornalista que está locutando precisa alongar a

fala até a próxima entrada.

O repórter envia por *WhatsApp* as matérias para o diretor de jornalismo veicular. O diretor de jornalismo e o repórter conversam sobre matéria gravada que irá ao ar à tarde. Os assuntos já gravados são inseridos conforme o tempo disponível na grade de programação. A decisão ocorreu em relação a qual matéria se encaixava no tempo disponível. O diretor de jornalismo e o repórter acessam as matérias realizadas por eles por meio de uma pasta compartilhada, o que facilita o planejamento e a roteirização das falas.

O repórter sai do estúdio e entra o comentarista para fazer o programa esportivo, ele senta ao meu lado, no lugar onde estava o repórter.

Hoje eu saí para almoçar às 11h e 38min, diferentemente de ontem para notar qual a diferença entre os profissionais nesse horário, já que o diretor de jornalismo e o repórter revezam o horário de almoço para que sempre fique alguém de prontidão caso precise realizar entrada ao vivo. Voltei às 12h e 18min. O repórter estava em horário de almoço e o diretor estava no estúdio juntamente com o comentarista esportivo e o técnico. Por algum motivo, quando voltei o clima no estúdio parecia tenso e estava silencioso. Falei boa tarde, todos me responderam, eu me sentei ao lado do comentarista. O diretor de jornalismo e o comentarista esportivo estavam fazendo pesquisas sobre o Estado no computador.

O repórter chegou do almoço e se sentou na sala de edição. Eu ainda estava no estúdio, lá a visualização do ambiente de edição e parte da entrada da CBN é facilitada, porque as paredes da sala são de vidro.

O técnico avisou quanto tempo faltava para entrar no ar e o diretor de jornalismo disse para o técnico que ia falar tempo e trânsito. 50s depois o diretor de jornalismo falou tempo e temperatura. Depois disso ele foi almoçar, avisou e saiu.

Eu fui até a mesa da sala de edição onde estava o repórter. Perguntei se poderia ficar ali, ele respondeu que sim (fiquei ao lado em pé fazendo anotações no caderno) e me mostrou o que estava fazendo. O repórter estava editando o texto para a matéria do dia e pesquisando sobre os dois assuntos que seriam tema das entrevistas da tarde. Esse processo, desde que o repórter chegou do trabalho durou aproximadamente 1h. Quando ele terminou, voltamos para o estúdio. O repórter se sentou no lugar de sempre e eu ao lado, onde estava meu *notebook*. O repórter e o técnico conversam num clima mais descontraído, fazem piadas e riem. Perguntei aos dois como funcionam as ligações realizadas por telefone para as entrevistas. O técnico respondeu que depois que os equipamentos de Maringá foram digitalizados, em Ponta Grossa os pontos telefônicos também foram digitalizados e as ligações passaram a ser feitas de dentro do estúdio. O operador/técnico realiza a ligação e passa para o jornalista. Antes a ligação era feita na

recepção por telefone e passada para o telefone do estúdio.

O repórter começou a fazer matéria para publicar no site. Às 13h e 30min, o outro técnico chegou e o técnico do turno da manhã se despediu de nós de forma alegre e saiu. A descontração no clima continua, o repórter e o técnico conversam sobre a reportagem externa que foi realizada pela manhã e colegas de imprensa que estavam no local, “não tinha quase ninguém”. O repórter volta a trabalhar nas entrevistas que serão realizadas. Estão marcadas duas entrevistas no estúdio. O repórter anotou no *Word* tópicos para lembrar das perguntas que vai fazer aos entrevistados.

O diretor de jornalismo volta do almoço em menos de 1h, entra no estúdio, cumprimenta a todos e se senta no mesmo lugar em que estava. O repórter e o diretor conversam sobre assuntos que serão abordados nas próximas entrevistas. Um dos assuntos é motivo de graça entre eles por possuir um nome difícil. Também achei engraçado, rio de forma discreta que não pareça intrometida, mas suficiente para que fiquem confortáveis em continuar com a atitude espontânea.

O repórter escreve texto para publicar no site e redes sociais. Toda sexta-feira tem a agenda cultural de Ponta Grossa. O que necessita de aproximadamente 10min do tempo. O diretor comenta que na sexta-feira a impressão é que o tempo passa mais rápido.

O diretor de jornalismo e o repórter buscam matérias em G1 e site da prefeitura de Ponta Grossa. O repórter faz publicações em redes sociais. Nos horários próximos e durante as transmissões ao vivo, as conversas diminuem ou cessam e há concentração e seriedade. O técnico sai da sala de tempo em tempo para tomar e encher a garrafa de água.

Começa o programa CBN Ponta Grossa 2ª Edição e o repórter lê os destaques. Ele sabe quais são porque o programa da tarde é preparado principalmente por ele e o que não é, fica salvo na pasta compartilhada que é vista antes do programa iniciar.

O técnico avisa sobre a entrada do jornalista de Curitiba quase na hora de acontecer, o repórter e ele se comunicam por sinais, o técnico abre o som de Curitiba e o repórter passa a falar para o colega.

Volta para a transmissão local, o repórter atualiza informações sobre trânsito de rodovias. Eu me sento ao lado do diretor novamente, ele cria publicações e faz postagens em *site*, depois pesquisa sobre times brasileiros para o programa sobre esportes. Ou seja, a preparação para os comentários e notícias esportivas do programa que inicia às 16h começou durante a apresentação do programa anterior. O repórter informa a previsão do tempo e situação dos aeroportos.

Eu volto para o lugar onde estava para acompanhar o trabalho do repórter. Percebo que

quando olho de maneira chamativa para o comutador que ele está utilizando, o repórter explica o que está fazendo ou comenta alguma coisa. Nessa hora ele falou que uma das entrevistas foi um *release* enviado pela assessoria da UNIMED e a outra um convidado entrou em contato e sugeriu. A primeira diz respeito a um novo tipo de cirurgia cardíaca e a fonte é um médico e a outra sobre a nova cigarrinha encontrada nas lavouras que tem como fonte um professor da UEPG.

O repórter pesquisa no *site* da UEPG informações que possam ser veiculadas. Não encontra algo para o momento e lê matéria do *site* da prefeitura de Ponta Grossa. O diretor de jornalismo observa que a colunista da CBN chegou para fazer entrevista, levanta-se, sai do estúdio e vai recebê-la. A colunista entra no estúdio, cumprimenta a todos e se senta para realizar entrevista para a coluna CBN Comportamento. Ela é direcionada para o lugar onde o diretor estava. *Os entrevistados sempre são orientados a sentar em frente ao jornalista-entrevistador. O repórter explica rapidamente como será a partir da entrada ao vivo. Ele vai dar boa tarde para a entrevistada e iniciar a entrevista. Ela um pouco nervosa e com um rascunho sobre o assunto, pede como ajustar o microfone, o diretor de jornalismo explica e a entrevista se inicia.

O repórter pede para o técnico gravar o áudio da entrevista para que possa ser postado no *site*. O repórter dá boa tarde e pede para a entrevistada comentar sobre o assunto, a entrevistada introduz o assunto e o repórter abre o texto de apoio sobre o assunto e faz a pergunta. A pergunta não está escrita, pode ter sido previamente pensada, o repórter elabora na hora. O repórter faz outra pergunta em forma de conversa, entrevistada responde. A naturalidade é um aspecto eminente. A entrevista segue dessa maneira. O técnico apenas escuta e ajusta os áudios. O diretor de jornalismo fica fora do estúdio.

Essa entrevista faz parte de um quadro que tem toda semana na sexta-feira na coluna CBN de Ponta Grossa. O diretor entra e faz rápida gravação de entrevistada para postar em rede social. A entrevistada se despede de todos e vai embora.

A programação continua. O repórter tinha três sonoras prontas, as quais foram intercaladas com as informações lidas na hora. Quem fala no ar puxa o microfone e afasta com medo que vaze algum áudio, porque antes da mudança os equipamentos eram mais antigos e às vezes, mesmo desligados o áudio vazava. O repórter fez esse comentário logo após ocorrer essa situação.

O diretor de jornalismo volta para o estúdio. Eu continuo observando e não pude deixar de ficar preocupada com a demora do próximo entrevistado, mas não falei nada. O repórter lê uma matéria pronta enviada por *e-mail* por assessoria, mas adaptada por ele. Enquanto a rede

está no ar, o repórter tenta contato com próximo entrevistado, que está previsto ir presencialmente ou por telefone como plano B. Enquanto o entrevistado não responde, o diretor de jornalismo fala nota do site da prefeitura. Eles utilizam de estratégias para contornar a situação que parece ser recorrente. Ninguém ficou nervoso, apenas incomodados com a situação.

O entrevistado não chegou e não responde mensagens ou ligações, enquanto isso, o diretor de jornalismo fica passando notícias buscadas em *site* da prefeitura de Ponta Grossa e enviadas por assessoria. O diretor de jornalismo procura reportagem para colocar no ar. O repórter faz a chamada da reportagem gravada e o técnico coloca no ar. O repórter lê uma matéria do *site* DC+.

Como o entrevistado não apareceu, foi colocada uma reportagem extra que fica reservada para esse tipo de situação. O técnico desliga a fala da rede quando está no ar e acompanha os recados pelo *WhatsApp*.

A fonte para próxima entrevista já chegou e aguarda no lado de fora do estúdio. Percebi de dentro do estúdio. O diretor de jornalismo fala ao vivo sobre matéria já publicada relacionada com o assunto da entrevista.

O entrevistado entra no estúdio, cumprimenta com um aperto de mão o repórter, o técnico e a mim. O entrevistado explica um pouco sobre o assunto e repórter pega tópicos anotados e fala um pouco sobre o contexto e diz rapidamente como a entrevista vai ocorrer e o tempo de entrevista.

O repórter começa a entrevista. Introduz o convidado e entrevistado começa a falar. A entrevista segue nessa linha. O diretor de jornalismo entra no estúdio e faz fotos e vídeos para postagem em rede social. O responsável principal pelas redes sociais é o diretor de jornalismo.

Depois da entrevista, o convidado se despede e o diretor o leva até a porta. Eu mudo de lugar e fico ao lado do diretor acompanhando o trabalho. Ele utiliza o *notebook* empresarial e celular pessoal para realizar postagem no *Instagram*. Depois de publicado, ele me mostra um programa gratuito chamado *Meistertask*, utilizado para gestão de tarefas. Eu acho interessante e realizo anotações no caderno. Toda vez que eu me sento ao lado do diretor, prefiro manter certa distância, porque ele apresenta um comportamento mais restrito em relação aos colegas. Enquanto o repórter continua o programa, o diretor busca informações do Estado do Paraná no *site* do G1 e envia por *WhatsApp* para o repórter veicular. Após esse serviço, ele edita áudios utilizando fone de ouvido para não atrapalhar a locução do repórter.

O programa termina e começa o intervalo, no estúdio fica tocando a rede, o local e as falas dos programadores da rede, todos os sons ao mesmo tempo. O programa esportivo está

próximo de começar. O repórter sai do estúdio e o comentarista entra e se senta no mesmo lugar. O diretor de jornalismo e o comentarista esportivo entram no ar para o programa esportivo, enquanto o técnico fica ajustando áudios e inserindo notas da rede. No intervalo eu pergunto para o técnico se ele acha a mesa de som digital funcional. Queria saber a opinião de um técnico mais novo e comparar com a opinião do técnico mais antigo e mais velho. Ele respondeu que gosta da mesa de som nova, mas sente falta dos botões da mesa física.

Eu saí do estúdio e convidei o repórter para tomar café, comer pão de queijo que eu havia comprado e conversar. A comida ajuda a reunir os colegas e é um motivo para eu fazer perguntas e observar sobre o que eles conversam em momentos de pausa. Conversamos sobre Ponta Grossa e as rádios. Perguntei se tinha arquivos sobre a história da rádio ou algo relacionado, ele disse que não e que também sente falta. Mas que talvez o técnico mais velho tenha algo guardado em arquivo pessoal, ele ia ver, mas achava que tinha se perdido. O repórter também contou que depois que passou a integrar o grupo começou a se vestir de maneira formal para parecer mais velho e assim ser levado a sério. O assunto partiu para a época de graduação e depois ele voltou ao trabalho. Seguiu para a mesa de edição e eu fiquei ao seu lado observando. O repórter edita áudio e escreve matéria para o *site* sobre a entrevista realizada a tarde.

Eu volto para o estúdio e me sento ao lado do comentarista esportivo. O diretor de jornalismo e o comentarista esportivo estão no programa ao vivo, falam enquanto olham o quadro brasileiro e *site* do G1 na aba dos times. O comentarista esportivo se refere aos ouvintes como amigos e amigos inteligentes da CBN. Em comparação com os colegas é quem utiliza com frequência expressões de proximidade. Acredito que seja pela experiência como comentarista em outras rádios de Ponta Grossa, onde havia maior liberdade e linguagem menos formal do que a CBN.

O diretor de jornalismo e o comentarista esportivo praticamente não cometem erros no ar, quando os fazem corrigem na hora. O comentarista fala da minha presença no estúdio no ar com tom alegre. O diretor não expressou nenhuma reação, continuou sério olhando para o *notebook*.

O comentarista esportivo pede áudio de jogador do Operário para o técnico, o qual insere o áudio, os quais são procurados antes do programa em *sites* de notícia. Intervalo – volta e fechamento. O diretor me fala que faltou tempo para noticiar tudo o que tinha sobre o esporte de Ponta Grossa hoje, apenas as principais notícias. Inclusive não foi retransmitido o Repórter CBN (rede), algo que não pode acontecer com recorrência, podendo gerar multa.

O comentarista se despede, sempre alegre, e vai embora. O repórter entra no estúdio e se senta no lugar onde estava o comentarista. O lugar parece disputado e ninguém se senta ao

lado do diretor, não sei se por causa dele ou porque há uma câmera apontada para o lugar e isso deixa os funcionários desconcentrados. O que é diferente quando o diretor o comentarista está locutando, porque isso ocorre como uma conversa e se estivessem de lado, atrapalharia.

O repórter faz reportagem com material coletado em externa hoje de manhã. Após, realiza matéria sobre outra entrevista ocorrida hoje, pede para entrevistado fotos e texto simples para realização da reportagem, por meio do *WhatsApp*. *O comentarista e o repórter utilizam o mesmo *notebook*.

Eu vou mais um pouco ao lado do diretor de jornalismo, o qual faz publicações para redes sociais, *Twitter* e *site*. A publicação é realizada primeiramente no *site*.

O repórter grava destaques e matérias que escreveu durante a tarde. Essas gravações serão acrescentadas na grade de amanhã. O diretor de jornalismo e o repórter passam notas, por meio da pasta compartilhada, para técnico colocar na grade de programação.

Às 18h e 06min o diretor de jornalismo começa a desligar os equipamentos e o repórter logo em seguida. Saímos por volta das 18h e 30min. Percebi que hoje todos já estavam mais acostumados com a minha presença, apresentando comportamento menos engessado e mais descontraído.

APÊNDICE C – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO TESTE DO DIA 19 DE AGOSTO DE 2023

Cheguei na CBN às 8h e 54min, visto que a programação inicia às 10h. O diretor de jornalismo também chega próximo do horário de início do programa. O técnico chega às 7h e o repórter não trabalha no fim de semana.

Entrei no estúdio e apenas o técnico havia chegado, cumprimentamo-nos e eu me sentei no mesmo lugar de sempre, na primeira cadeira próxima à porta. Perguntei se poderia acompanhar o seu trabalho até o início do programa ao vivo, ele aceitou, eu fiquei ao lado do técnico em pé enquanto ele me explicava que todo sábado são recebidos áudios via *WhatsApp* com falas de professores do colégio Sepam, que possui o mesmo proprietário da Rádio CBN de Ponta Grossa, sobre temas de vestibular para o bloco “Papo de Vestiba”. O técnico recebe os áudios, corta e edita, a duração é de 5min a 6min. Já foi acertado com a rede que no sábado não é transmitido Repórter CBN em Ponta Grossa. chamado de “programa enlatado”. O sábado é o único dia em que não é necessário seguir o modelo de Maringá e União da Vitória, onde os comerciais e outras programações são transmitidos nos mesmos tempos.

Logo o jornalista-entrevistador chegou na porta principal do prédio que fica trancada e sem recepção aos sábados. Abri a porta para ele e de forma séria me disse “oi”. Nessa hora já senti a insatisfação dele ao me ver. Falei “bom dia” e me apresentei. Ele foi entrando, cumprimentou o técnico de forma séria também e se sentou ao meu lado (mesmo lugar que se senta toda semana).

O jornalista-entrevistador ficou receoso com a minha presença, pediu que quando o convidado chegasse eu saísse do estúdio, no mesmo momento, o técnico explicou que o meu trabalho é justamente acompanhar a produção e a programação, explicamos para ele que aceitou de forma apreensiva. Começou a falar que a minha geração é complicada, em outro momento falou que já teve problemas com jornalistas que, segundo ele, distorceram o que ele falou, mas que hoje se sente à vontade em processar caso aconteça outra vez. Senti como tom de ameaça, mas permaneci em silêncio. Depois disso, ficou por pelo menos meia hora querendo me dar uma aula de história. Eu ouvi tudo o que ele tinha para falar olhando para ele e apenas demonstrando interesse mesmo que irreal. Enquanto ele falava seguia arrumando suas coisas e se ajeitando no lugar, ele não utiliza *notebook*.

A representante comercial chegou, foi ao estúdio, disse bom dia a todos e saiu comprar comida para receber o entrevistado.

Após a “aula” de história, perguntei como funciona a escolha dos assuntos e fontes das

entrevistas. Segundo o jornalista-entrevistador, ele acredita que jornalismo também seja formação, por isso gostaria de trazer para o sábado entrevistas que ensinem algo. Já o dono prefere temas voltados à sociedade. O jornalista-entrevistador e o proprietário pensam juntos durante a semana, em reunião de *WhatsApp*, em pautas que, de acordo com ele buscam agregar à sociedade. Ele disse que antes as entrevistas eram voltadas para temas de justiça e os convidados eram advogados e juízes, porém devido ao tempo de cada entrevista ser longo, com duração de 1h e aos sábados, havia dificuldade em ter aceitação de fontes em realizar a entrevista. Depois, segundo o jornalista-entrevistador, houve a tentativa de realizar debates, porém também houve a falta de aceitação entre as fontes em confrontar assuntos durante o programa. A alternativa encontrada foi realizar duas entrevistas a cada sábado e mesmo assim, nem sempre há aceitação. O jornalista-entrevistador tem 53 anos de idade e trabalha com rádio desde 2006.

O primeiro entrevistado chega e é recebido com café e comida, o jornalista-entrevistador sai do estúdio e vai cumprimentá-lo, os dois realizam conversa descontraída. O entrevistado o leva até o estúdio, o qual cumprimenta a mim e ao técnico com um aperto de mão e simpatia. O jornalista-entrevistador aponta para a fonte o lugar onde ela deve se sentar (em frente ao jornalista-entrevistador, no lugar que o diretor de jornalismo senta durante a semana). O jornalista-entrevistador senta e o técnico avisa que já é quase 10h e que vai colocar a chamada. Ele coloca a chamada e a entrevista inicia. O assunto é reforma tributária e a fonte é um advogado tributarista. O jornalista-entrevistador utiliza um roteiro no próprio celular, as perguntas não são prontas, apenas o assunto é passado e falado na hora. Ele utiliza dois celulares. Ao final da manhã perguntei se os dois celulares são dele, ele disse que sim e que um ele deixa o roteiro e tópicos, porém não falou sobre o outro. Mas notei que ele usava o *WhatsApp* do mesmo aparelho de celular durante a entrevista, talvez com perguntas que alguém (talvez o proprietário), tenha enviado durante ou não da programação. O outro celular não o vi usar.

O jornalista-entrevistador olha e ouve atentamente o entrevistado e a partir das respostas desdobra para outras perguntas. O diretor de jornalismo entra no estúdio, faz vídeo e fotos para redes sociais e site. Sai em seguida. *Não sei onde ele ficou durante a entrevista, mas não foi na sala de edição. O jornalista-entrevistador fez duas perguntas de uma vez para que o entrevistado não mudasse de assunto. *Depois da entrevista confirmei com o jornalista-entrevistador e ele falou que esse era o motivo. *Todos podem tomar água dentro do estúdio, algo que em algumas empresas são proibidas.

O jornalista-entrevistador é sério e não sorri, mesmo quando o assunto se torna leve e a fonte sorri (durante o programa e fora dele). Às 10h e 54min a entrevista termina, o entrevistado

conversa sobre assunto exposto e o jornalista-entrevistador vai educadamente indo em direção a porta e levando a fonte que não para de falar. E às 11h começará a próxima entrevista.

A próxima entrevistada já chegou e trouxe a assessora com ela. O tema da entrevista é o saneamento de Ponta Grossa e a fonte é gestora de educação socioambiental da Sanepar. Além dela, a gerente geral sudeste da Sanepar participou da entrevista por Meet. O jornalista-entrevistador acompanhou a entrada das convidadas e direcionou a principal em frente a ele e a assessora que não participou da entrevista ao lado dela. Ele saiu e buscou água para as entrevistadas e surpreendentemente, para mim também. O técnico fez a chamada para a gerente geral da Sanepar, enviou o link para a assessora, a qual ficou acompanhando a tela do Meet. A entrevista foi realizada até a metade com perguntas direcionadas para a gestora e depois intercalada entre a gestora e a gerente geral. No meio da entrevista, o jornalista-entrevistador entrou no estúdio e gravou um vídeo da entrevista. Durante as entrevistas, o jornalista-entrevistador conduz o assunto conforme determinado tempo para as respostas. Outro aspecto percebido é que próximo ao horário de término das entrevistas, o jornalista-entrevistador olha para o relógio, acredito que na intenção de que a fonte perceba que não deve se alongar na fala e seguir para a conclusão, até porque o entrevistado fica com o celular na mão o tempo todo, onde facilmente poderia visualizar o horário.

O diretor de jornalismo, na sala de edição, edita os materiais realizados em sábados anteriores, corta a data e a hora dos áudios e salva na pasta compartilhada para que possa ser utilizada caso algum entrevistado não compareça.

A primeira entrevista, sobre direito tributário, abordou um assunto direcionado para um público específico, entretanto voltado não só para Ponta Grossa, mas para todo o Brasil. A segunda entrevista foi voltada ao interesse público de Ponta Grossa,

Ao final da entrevista, o jornalista-entrevistador encaminhou as fontes até a saída e voltou para seu lugar. Ele me contou que as fontes da segunda entrevista foram indicadas por um colega e amigo. Eu saí do estúdio e vi que o diretor de jornalismo estava tomando café próximo à porta. Eu resolvi pegar um café e conversar com ele. Perguntei sobre o critério de noticiabilidade. Ele respondeu que o critério de noticiabilidade diz respeito aos assuntos de serviço, de interesse público local e que abrangem a população de Ponta Grossa de um modo geral. Acontecimentos específicos, principalmente de segurança pública não são noticiados, como acontece nas outras rádios do município. Além disso, são priorizados assuntos que rendam reportagens. Quando tem algum acontecimento que se repete muitas vezes em um curto período de tempo, é realizada uma reportagem com fontes especializadas que debatem sobre o tema de maneira ampla, sem entrar em casos específicos. A CBN possui um padrão de

noticiabilidade específico que deve ser seguido pelas afiliadas, que atinge um público-alvo interessado nesse formato.

O técnico e o jornalista-entrevistador também vão até a área de café. O entrevistado voltou ao assunto sobre a escolha das pautas e fontes e disse que o proprietário não limita ou censura o trabalho jornalístico. O técnico e o diretor de jornalismo relatam que proprietário abre espaço para todas as vertentes políticas, inclusive nas eleições não teve censura, ou seja, mesmo o dono tendo feito campanha para determinada política, todos os partidos foram ouvidos e recebidos de igual forma. A insistência no assunto demonstra preocupação em que eu entenda que a CBN de Ponta Grossa não é voltada a transmissão de ideologias. O diretor de jornalismo conta que os assuntos que são recebidos por assessorias de prefeitura via *e-mail* ou *WhatsApp* são selecionados e divididos em os que serão transformados em notas e reportagens. São primados assuntos que rendam reportagens e conteúdos extensos. Por exemplo, assuntos de segurança pública, não são informadas notícias de casos particulares. Quando um assunto é muito recorrente e toma grande proporção em Ponta Grossa, aí o assunto é transformado em tema e feito entrevistas. As entrevistas de sábado são transformadas em matérias e reportagens para a semana. Os áudios são editados pelo repórter ou pelo diretor de jornalismo e publicados nos sites e redes sociais.

O manual da CBN de Mariza Tavares (2011), via de regra, não é mais utilizado desde que a ex-diretora saiu da emissora. Porém, o comportamento dos profissionais coaduna com os ensinamentos. Toda conduta é adquirida pelo consumo da Rádio CBN e quando há alguma alteração repentina na grade ou algum acontecimento específico que a Rede comunica às afiliadas, essas posturas são repassadas na hora, via *e-mail* ou *WhatsApp* direto para o diretor de jornalismo ou para o proprietário.

Em relação ao ponto de entrada e saída dos funcionários, o controle é realizado de forma digital e o registro é por meio de um aplicativo instalado nos celulares particulares.

Durante os três dias de observação teste realizei as anotações de maneira mesclada. Utilizei o *Word* do *notebook* pessoal nos momentos em que permaneci sentada ao lado do repórter e em momentos em que me movimentei, utilizei o caderno físico. Para os próximos dias de observação utilizarei apenas o caderno, visto que o *notebook* limita a movimentação, enquanto o caderno permite maior mobilidade e apresenta características a respeito dos momentos de anotações por meio da letra. Por exemplo, escrita rápida, percebidas quando há abreviações e letras fora da linha, se eu estava em pé, em movimento ou sentada, que quando relacionadas com o conteúdo das anotações revelam aspectos ou tensões da produção. Além disso, ao transcrever do bloco de notas para o relatório, a eficiência aumenta quando as

anotações se encontram em apenas um lugar, onde há um seguimento das informações.

A observação permite também maior entendimento sobre os conteúdos jornalísticos quando se compreende a produção.

APÊNDICE D – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 18 DE SETEMBRO DE 2023

No primeiro dia de observação, depois de 29 dias passados desde a observação teste, estava na expectativa para saber se o clima por lá havia mudado. Saí da fase do teste tendo boa relação com a equipe da CBN de Ponta Grossa, entretanto surgiu a dúvida se aconteceram conversas ou reuniões que podem vir a interferir no modo de tratamento e relacionamento dos funcionários comigo.

O dia estava ensolarado e agradável. Cheguei no prédio da rádio às 8h e 24min com o caderno de campo e com a caneta em mãos. A porta da entrada estava trancada, estranhei, porque o horário de chegada do técnico é às 7h. Pensei que ele pudesse estar fechado dentro da rádio, mas percebi ao observar pelas paredes de vidro que as luzes estavam apagadas. Perguntei ao recepcionista do prédio sobre o técnico, ele também estranhou a ausência e foi até a porta de vidro lateral observar se avistava o profissional, fazendo o mesmo movimento que eu. O recepcionista confirmou que ele não estava. Eu resolvi me sentar e aguardar na recepção. *No local anterior onde se instalava a Rádio CBN de Ponta Grossa havia um recepcionista próprio, contudo não há volume considerável de público ou visitantes que justifique a função. Isso se deve principalmente ao formato *all news* e ao padrão da CBN. Às 8h e 35min o recepcionista pegou o telefone e falou em voz alta, o suficiente para que eu ouvisse, que iria ligar para o diretor de jornalismo. Na mesma hora eu avistei o diretor chegando e avisei o recepcionista, o qual desligou o telefone.

O diretor de jornalismo chegou apressado e o recepcionista brincou com ele perguntando se o motivo da ausência no trabalho seria a derrota do Operário que aconteceu no jogo do dia anterior. Enquanto caminhava em direção à porta da Rádio CBN o diretor riu e falou que o técnico foi fazer exames de saúde, mas não especificou quais. Eu me levantei e cumprimentei o diretor de jornalismo com um “bom dia”, o qual me respondeu e aguardei ele abrir a porta. A interação foi fria e distante. Eu estava apreensiva nesse momento, porque o diretor possui um perfil sério e havia pedido, nas semanas anteriores, via contato por meio de redes sociais para que alterássemos a data da observação mais de uma vez. Entramos, ele acendeu as luzes, ligou os computadores do técnico, ligou a televisão e eu fui andando atrás dele e perguntei se poderia me sentar no mesmo lugar que eu me sentei durante os dias da observação teste. O diretor disse que sim e perguntou se eu estava bem, falei que sim, devolvi a pergunta e ele respondeu positivamente apesar da correria e que ainda estava com sono devido à transmissão que realizou do jogo de futebol no dia anterior (domingo), mas que precisaria acordar para trabalhar. Eu me

sentei e continuei as anotações.

O diretor de jornalismo se sentou no lugar de técnico, colocou os fones de ouvido (deixou uma orelha sem fone) e começou a organizar a grade de programação. Aparentava nervosismo, roía as unhas. Eu perguntei se quando o técnico se atrasa é ele quem faz o trabalho. “Sim, não é muito agradável, mas a gente improvisa”. O diretor revezava entre o computador dele e o do técnico. Não estava à vontade naquele momento para ir atrás dele observar já que transitava entre os espaços. Eu deixei meu celular ao lado do caderno para acompanhar os horários das programações, chegada e saída dos profissionais, entre outros.

Notei que tem um vaso de flor na mesa da sala de edição e alguns jornais impressos. Perguntei para o diretor sobre os jornais e ele falou que recebem, mas não leem e não utilizam para a produção jornalística da rádio. Um eletricista entrou na Rádio CBN, o diretor se levantou, explicou onde era o local e o eletricista começou a trocar uma lâmpada na entrada da rádio. O diretor voltou rapidamente para a sala de estúdio e se sentou em seu lugar.

Às 8h e 58min o repórter chegou com um sorriso no rosto, deixou a mochila na sala de edição como de costume, cumprimentou-nos com alegria. O repórter pegou o *notebook* no armário onde ficam os *notebooks* dentro do estúdio e se sentou ao meu lado, no seu lugar de sempre. O diretor falou em tom de brincadeira para o repórter que se o técnico não viesse era para ele se preparar. O repórter reagiu com uma leve risada. Comentou que o dia estava lindo para uma segunda-feira e o diretor retruca dizendo que o dia está lindo para ir para o litoral. O diretor foi realizar o pagamento para o eletricista e o repórter percebeu que havia sido alvo de um pombo. A alegria foi substituída por uma sutil braveza e indignação. Ele levantou, brincou com a situação, pegou um papel no banheiro e voltou para o estúdio para limpar a sujeira. O repórter levantou e falou que iria fazer café, atividade realizada geralmente pelo técnico. Na ida até a cozinha o diretor e o repórter conversam. Eu fiquei observando e ouvindo o diálogo de dentro do estúdio, o que não é difícil já que a rádio é silenciosa, tem apenas o som do rádio tocando. O diretor alternou entre realizar o pagamento para o eletricista e falar com o repórter sobre um texto que ele vai escrever sobre um carro que caiu num viaduto em Ponta Grossa, ainda não sabem ao certo o que aconteceu. O repórter foi até a cozinha, abriu os armários, aparentemente não encontrou o que precisava e foi até a sala de edição.

Já eram 9h e 9min e o técnico ainda não havia chegado, por causa disso o diretor não fez fala ao vivo de horário e trânsito. Pouco se presta atenção na televisão, ela saiu do ar e demorou para alguém perceber. O repórter volta à cozinha e tenta dar continuidade ao café enquanto assovia, mas sem sucesso. Ele volta para a sala e abre o *e-mail*. O diretor de jornalismo envia matéria em texto para o repórter via *WhatsApp*. O repórter perguntou ao diretor a data de

início da feira do TransformaAgro em Ponta Grossa. O diretor responde que começará amanhã (terça-feira, dia 19 de setembro), às 10h. Eu perguntei ao repórter se ele vai à feira e ele respondeu que acha que sim. De minutos em minutos o diretor olha para a passagem das pessoas em um evento que está tendo no prédio ao lado, como as paredes são de vidro, a visualização é facilitada. A televisão volta ao normal sozinha.

O diretor e o repórter brincaram sobre o tempo ensolarado durante a estação do inverno. Depois da chegada do repórter o clima ficou mais descontraído. O diretor foi até a mesa do técnico e enquanto organizava a grade de programação falou para o repórter que atrasou o início do jornal local e talvez tenham que pagar multa. O assunto rapidamente mudou e os dois comentaram sobre uma ameaça de bomba ocorrido na cidade vizinha, mas que ainda não haviam obtido informações concretas sobre o acontecimento. O repórter buscou informações no *site* do G1 e da UEPG e falou que a maioria das informações de Ponta Grossa ainda eram relacionadas aos 200 anos da cidade.

Às 9h e 22min o técnico chegou. Ele entra cumprimentou a todos e caminhou em direção ao seu lugar, onde estava sentado o diretor. O diretor comentou que o jornal local iria começar atrasado (o horário de início seria às 9h e 30min). O técnico tranquilizou o diretor que estava aparentemente preocupado e falou que aos poucos iria “matando” (expressão que significa transmitindo) os blocos atrasados. O diretor ainda sentado no lugar do técnico e o mesmo em pé atrás dele, pede ao técnico para fazer o café antes de começar a trabalhar, porque o repórter não encontrou o coador. *Todos os dias a equipe faz piadas em relação ao café, que parece ter forte influência no trabalho, mantendo os funcionários atentos e despertos, além de ser motivo de rápidos encontros e interações durante o dia.

Nesse momento eu estava começando a ficar à vontade e ganhando abertura para me movimentar e fazer perguntas. Perguntei ao diretor quanto tempo de duração do programa Personalidades da História e ele respondeu que varia entre 1min e 1min e 40s, contando com a vinheta de entrada e saída. Trata-se de uma série especial gravada pelo diretor de jornalismo em comemoração aos 200 de Ponta Grossa que visa destacar pessoas que contribuíram com a construção da “identidade do município” (CBN Ponta Grossa, 2023).

O repórter vai até a cozinha e logo volta, nessa hora o diretor inicia uma conversa descontraída sobre o Operário e depois mudaram de assunto para *lives* que viralizaram nas redes sociais. A conversa termina e eu pergunto ao repórter sobre a flor que estava na mesa da sala de edição. *O motivo da minha curiosidade em relação à flor se constituiu pela dúvida se havia existido algum encontro ou comemoração que tivesse envolvido a rádio ou os funcionários. O repórter respondeu que um entrevistado trouxe a flor como presente do evento de Ponta Grossa

“Expoflor” e disse que o técnico da tarde havia dito que cuidaria da flor, mas ela estava morrendo. O ponto é que não há tempo sobrando para cuidar da flor.

No rádio estava sendo transmitido um programa de entrevista da rede e o repórter me falou que a entrevista estava prolongada e já eram 9h e 33min. Um minuto depois começou o programa de retransmissão obrigatória “Repórter CBN”. O técnico voltou para a sala do estúdio e comentou com repórter sobre o exame que havia realizado, eu perguntei se ele estava bem de saúde, o técnico disse que sim e falou que foi fazer um exame demissional. Eu perguntei o motivo e ele e o repórter responderam que a sociedade entre a CBN de Ponta Grossa, Maringá e União da Vitória será desfeita. Eles não souberam ou não quiseram me informar o porquê. A resposta foi dada de forma receosa, em voz baixa e com olhares voltados para fora do estúdio. O técnico perguntou ao repórter se ele não iria fazer o exame também, o qual respondeu que não, já que o pedido havia sido feito de forma informal por *WhatsApp*. Perguntei se Ponta Grossa terá que contratar administradores, já que quem realizava a administração do local era a Rádio CBN de Maringá e o repórter responde que não sabe, mas seria o certo. O diretor voltou para a sala do estúdio comentando sobre o evento que estava acontecendo na cidade, no Lago de Olarias.

Às 9h e 44min notei que o horário fixado na tela da Globo News está com 1min de diferença em relação aos horários dos computadores do estúdio e do meu celular. O técnico avisa ao diretor que só faltam mais dois blocos para completar o que estava programado e o diretor responde positivamente. Eu apenas observei com certa distância.

O programa local iniciou às 9h e 46min com fala de horário do diretor. Seguiu para destaques e convite para a participação do público e acesso ao *site* da CBN de Ponta Grossa. Às 9h e 48min foi inserida uma reportagem gravada. O estúdio seguia em silêncio, apenas com o áudio da programação. O repórter editava texto para publicação. Ao final da reprodução da previsão do tempo, o diretor de jornalismo complementou, algo que nem sempre acontece. Geralmente a previsão do tempo é reproduzida uma vez ao dia e os locutores transmitem durante os jornais locais no período da manhã e tarde. O diretor perguntou ao técnico quanto tempo falta até o intervalo para que saiba o tempo de fala e o que ainda pode transmitir.

O diretor conversou com o repórter sobre uma matéria de gaveta produzida pelo repórter que seria transmitida hoje, mas será aproveitada amanhã. Isso se deu por conta do atraso do início da programação local, então o tempo será mais bem ocupado pela reportagem amanhã, porque haverá espaço na grade. O repórter concorda. O assunto referente ao café foi retomado entre o diretor, o repórter e o técnico, o qual comentou que o filtro estava furando, portanto, ele teve que separar o pó que caiu na água. O repórter dirige a palavra a mim e falou em tom de

brincadeira que como o técnico também é químico, ele aproveita o conhecimento e aplica na realização do café. Eu achei engraçado. Rapidamente o assunto mudou para alimentação e almoço, sobre os locais onde cada um almoça. O clima no estúdio segue numa linha entre descontração e conversas e preocupação, concentração e silêncio, o último é predominante.

Às 9h e 57min o diretor voltou ao vivo e transmitiu tempo e temperatura. O técnico decide e avisa diretor que não vai voltar com ele ao vivo antes da transmissão do Repórter CBN e o diretor concorda. Os três funcionários ficaram em silêncio, concentrados, cada qual trabalhando em seu computador. Eu continuo ao lado do repórter observando. O tempo no rádio é crucial, sendo assim cada segundo importa e as decisões e realização do trabalho é feita de maneira ágil e controlada. O controle se dá entre o que precisa ser transmitido sobre o local, o que deve ser retransmitido da rede e o que pode ser comunicado em relação à região do Paraná. Às 10h o técnico avisou ao diretor que o Repórter CBN seria transmitido e enquanto isso, decidiram juntos a ordem dos blocos e intervalos de acordo com o tempo restante até o término do programa. Às 10h e 2min o repórter se prepara para falar nota no ar, aproxima o microfone, abre texto pronto e editado no *Word* e apresenta nota de 1min após o sinal mímico do técnico.

Quem realiza a locução do programa local da manhã, CBN Ponta Grossa 1ª Edição, é o diretor de jornalismo e o técnico auxilia com a captação e envio de matérias e durante a tarde no programa local CBN Ponta Grossa 2ª Edição acontece o inverso. Entretanto, a semana é atípica, visto que o repórter irá entrar em período de férias a partir de quarta-feira, dia 20 de setembro (informação obtida no dia seguinte), então o repórter realizou algumas entradas ao vivo no período matutino, assim é possível poupar a voz do diretor que irá realizar a locução durante a manhã e tarde durante a ausência do repórter.

A representante comercial chega na rádio, vai até a porta do estúdio e faz sinal de cumprimento, pega e a flor na sala de edição e coloca no sol. O assunto da flor vira piada entre a equipe. O técnico avisa que vai voltar a programação com a sonora de aeroportos e quem faz fala é o repórter e o diretor faz o fechamento. O texto já tem um formato pronto, apenas os dados desatualizados são alterados.

O repórter sugestionou que seja inserida na grade uma matéria de duração maior, mas o diretor decidiu deixar para o dia seguinte. Às 10h e 12min o programa volta do intervalo e o diretor fala matéria sobre vestibular. O celular do técnico acidentalmente tocou durante a transmissão ao vivo local, mas rapidamente desligou o som. A locução não foi afetada e o diretor continuou falando normalmente.

Em 4min foram transmitidas 5 notas relacionadas ao município de Ponta Grossa, instituição de ensino, sendo a última uma nota gravada antecedida por intervalo, a qual o técnico

avisou ao diretor de jornalismo sobre sua vez.

A representante comercial entrou no estúdio e deu ideia a todos, mas olhando para o diretor, de entrevistar a equipe organizadora da *Münchenfest* que acontece tradicionalmente em Ponta Grossa. O diretor e o repórter aceitaram a sugestão e solicitaram para que ela entrasse em contato e marcasse um horário para uma entrevista ao vivo. Depois, comentaram que ano passado não conseguiram realizar entrevista. A representante comercial perguntou qual dia ficará melhor para marcar a entrevista e o diretor e o repórter respondem que quando a organização puder, menos amanhã, porque tem a abertura do evento TransformaAgro. Ela acata e sai. A representante comercial pontualmente auxilia com proposta de pauta e com contatos.

O repórter pediu ao diretor de jornalismo se pode ir tomar um café, surpreso com a pergunta não corriqueira o diretor responde que sim, o repórter vai até a cozinha, pega café e volta. O diretor de jornalismo pediu para que o técnico inserisse uma matéria longa para que todos pudessem tomar café. Ele fez entrada ao vivo com atualização de tempo e temperatura e chama reportagem gravada. O diretor me convidou para tomar café, todos levantamos e fomos até a cozinha. 2min depois voltamos para o estúdio.

O *link* para o giro do Estado sempre é criado pela Rádio CBN de Maringá, este foi enviado para o técnico que aguardava aceitação para entrada e depois passou para o diretor, o qual posicionou o *notebook* em direção ao painel da CBN Ponta Grossa e aguardou. A ordem das entradas do giro do Paraná é decidida pela Rádio CBN de Curitiba e comunicada para os jornalistas por meio do *WhatsApp* e segue dois critérios, a relevância do assunto para o Estado ou particularidade e a aproximação dos temas. Dessa vez, Ponta Grossa abriu a veiculação das notícias do giro com informação sobre morte de mulher que estava em carro que caiu no viaduto. A matéria foi captada no grupo do *WhatsApp* da polícia e reescrita pelo diretor na linguagem radiofônica e jornalística.

Enquanto o giro acontecia, o repórter repassava mentalmente e revisava texto escrito e editado por ele no *notebook*. Depois, buscou notícias em *sites* da prefeitura, UEPG e G1. Após anunciar a matéria, o diretor foi buscar um café, sempre atento ao que acontece em volta da rádio, qualquer barulho ele olha em direção ao som. O diretor voltou e conversou com o repórter e com o técnico sobre notícia transmitida no giro pela CBN de Curitiba, eles fizeram piadas e me contaram que tinham receio de falar algo que eu me sentisse ofendida. Eu respondi que a conversa era tranquila e nada ofensiva.

O técnico avisou ao diretor que a próxima entrada seria o tempo e temperatura. Ele precisou estender a fala para ocupar o tempo até a entrada do Repórter CBN. Em seguida, o repórter e o diretor iniciaram uma conversa sobre a cápsula do tempo dos 200 anos de Ponta

Grossa e pensaram em algo que deixe marcada a CBN da cidade, por exemplo algumas fotos. Às 11h e 5min, depois de falar a hora, o diretor diz ao repórter para transmitir matéria ao vivo sobre obras nas estradas do Paraná e nas BRs. O repórter havia buscado informações em *sites* e grupos de *WhatsApp* e a partir delas construiu uma matéria. Digitou no *Word* e leu ao vivo.

Após o fechamento do jornal local, o diretor comentou com o repórter que na próxima semana fará os dois programas, porque o repórter não estará, mas até então não havia comentado que nesta semana o repórter também não estaria.

Eu perguntei ao diretor se poderia sentar ao seu lado e ele respondeu que sim. O diretor pegou uma notícia no *site* da Associação das Emissoras de Radiodifusão do Paraná (AERP) sobre Ponta Grossa e editou para transmitir no jornal local da tarde. Ele comentou em tom de aceitação com o repórter e com o técnico que um ouvinte enviou uma sugestão no *WhatsApp* da rádio. Referia-se às narrações dos jogos de futebol realizadas pelo diretor, o qual apontou um vício de linguagem (ali). O diretor deu razão ao ouvinte, agradeceu e falou que irá corrigir.

Perguntei ao diretor se o repórter esportivo é jornalista. Ele respondeu que o repórter esportivo está fazendo graduação em jornalismo em Curitiba e vem para Ponta Grossa apenas em dia de transmissão de jogo do Operário e recebe em cachê por jogo trabalhado, além disso ele é estagiário na BandTV em Curitiba.

O técnico chama o diretor por um apelido carinhoso. Perguntou qual é o próximo bloco, o diretor respondeu e o técnico inseriu na hora. Às 11h e 27min o comentarista esportivo chegou e cumprimentou a todos com aperto de mão e amistosidade, como sinal de respeito, o técnico, o diretor e o repórter se levantam para cumprimentá-lo. Ele iniciou a conversa com o diretor sobre o jogo do Operário que ocorreu no dia anterior e o parabenizou pelo trabalho de narração e comentários. Às 11h e 30min o diretor fez o fechamento do programa. O comentarista se sentou no lugar do repórter, o qual havia acabado de sair do estúdio. O diretor abriu o site do G1 na aba esportes. A conversa entre ele, o comentarista e o técnico sobre o jogo de futebol continuou até às 11h e 32min. Em seguida, o silêncio prevaleceu com a captação de informações sobre esportes. 2min depois o comentarista iniciou o programa esportivo.

*A personalidade é pouco percebida nas falas dos jornalistas, entretanto pode ser notada principalmente nas falas do comentarista esportivo e do jornalista-entrevistador, além de haver um nível maior, mesmo que escasso de proximidade com o ouvinte, esses abrem e realizam o fechamento dos programas esportivos e de entrevistas respectivamente, com a apresentação de direção e técnica da Rádio CBN de Ponta Grossa.

Durante o programa esportivo da manhã o assunto foi focado no jogo de futebol do time da cidade e no final se estendeu para equipes que se encontram na série C do quadro do

Brasileirão. O diretor de jornalismo citou o repórter esportivo no ar por diversas vezes. O comentarista leu participação por *WhatsApp* e discordou da opinião do ouvinte de maneira respeitosa. No término do programa, perguntei ao comentarista se ele estava lendo a participação no celular particular e ele respondeu que passa no ar o próprio contato telefônico.

Ao longo da manhã notei que os jornalistas quase não olham para a TV que permanece ligada o dia todo. O comentarista e o diretor conversaram sobre o alcance de mais de 80km do sinal de transmissão da Rádio CBN de Ponta Grossa e o assunto logo mudou com críticas sobre a opinião de colegas de outras emissoras de rádio sobre o time do Operário.

O técnico e o diretor saíram do estúdio, ficando apenas eu e o comentarista. Perguntei a ele se a Rádio CBN de Ponta Grossa possui algum contrato com o Operário. Ele respondeu que não, inclusive nem com empresas que o responsável pelo time para evitar qualquer tipo de vínculo que possa vir prejudicar a isenção do programa transmitido. Enquanto me respondia, o comentarista guardava seus pertences e o *notebook* e se preparava para sair.

Saí para almoçar às 12h e 8min. Nessa hora o diretor, o repórter que já havia voltado do almoço, a representante comercial e o técnico estavam tomando café em frente à cozinha.

Voltei por volta das 12h e 50min. O técnico e o repórter estavam no estúdio. Cumprimentei os dois e me sentei ao lado do repórter. O diretor de jornalismo chegou em seguida e o repórter comentou com ele que o colunista de hoje não poderá fazer a entrevista ao vivo, porque vai se casar. Então a fonte enviou os áudios via *WhatsApp* e o repórter gravou as perguntas de acordo com a resposta do colunista. A gravação foi feita no estúdio com auxílio do técnico, o qual salvou os áudios no programa de computador chamado *Playlist* (todos os computadores têm acesso às pastas salvas no programa mencionado). Em seguida, o repórter foi até a sala de edição (eu fui atrás dele e pedi para ficar ao seu lado, ele aceitou e me explicou o que estava fazendo), construiu a reportagem para transmitir como se fosse ao vivo. Durante a edição o repórter brincou sobre a “mentira do rádio” por construir uma matéria em vez de realizar ao vivo, o diretor chegou e participa da conversa. O clima era leve. *Essa foi uma das estratégias utilizadas para contornar uma situação específica de ausência do colunista.

O técnico da manhã foi embora e logo mais o técnico da tarde chegou. Perguntei ao repórter o que acontece quando a internet cai durante alguma transmissão por internet, *Meet* ou ligação via *WhatsApp*. Ele respondeu que é raro acontecer, mas já ocorreu. Para reverter o problema, foram utilizados os dados móveis do celular. O repórter refaz pergunta ao diretor, ele confirma e aponta que quando a rádio sai do ar, o plano b é realizar a transmissão por internet. O diretor volta para o estúdio.

Após a edição do material o repórter e eu voltamos para o estúdio. O diretor e o técnico

estavam em seus lugares de sempre, o repórter se sentou em seu lugar, em frente ao diretor e eu sentei ao lado do repórter. O diretor e o repórter buscavam notícias para transmitir no jornal da tarde e apenas o som da rádio predominava no local. O repórter começou a editar matérias já publicadas no *site* da Rádio CBN de Ponta Grossa para transmitir no jornal local.

*Há uma ambiguidade. Ao mesmo tempo que o trabalho exige rapidez/agilidade mental, incentivado pela instantaneidade do rádio e até mesmo pela falta de profissionais e pelo tempo que precisa ser preenchido, as matérias e notas são frequentemente atualizadas, os assuntos acabam por serem repetidos, existe um padrão e uma fórmula que automatizam o trabalho e encurta a possibilidade de os jornalistas realizarem reportagens externas ou que reflitam de forma aprofundada sobre os conteúdos.

Às 13h e 41min o repórter pediu para o diretor encaminhar para ele a gravação da previsão do tempo que o diretor recebeu da rede. O diretor salvou na pasta compartilhada, o que permitiu o acesso do repórter.

O repórter me chamou para visualizar em seu *notebook* o *site* que ele utiliza para noticiar a situação dos voos. O *site FlightAware* fornece dados em tempo real referentes voos de todo o mundo. O repórter encontrou o *site* e utiliza para transmitir informações sobre os voos de Ponta Grossa, já para as notícias dos aeroportos do Paraná o *site* utilizado é o da Infraero. Para informações referentes ao trânsito, o repórter diz ser trabalhoso, porque antes Ponta Grossa possuía pedágio. Assim, era possível acompanhar as atualizações do *site* que apresentava ruas trancadas, movimentadas ou não, entre outras informações. Quando o pedágio deixou de existir a coleta passou a ser pelo *Twitter*, porém não é atualizado constantemente, a busca também é feita no aplicativo *Waze* como suporte e complemento. *Os jornalistas acabam confiando nos aplicativos, o diretor comentou que já aconteceu de estarem desatualizados ou errôneos e o ouvinte reclamar da informação equivocada. Mas como o jornalista pode agir para confirmar a informação de dentro do estúdio? A solução seria ter pessoas em pontos da cidade para informar a cada momento como está o trânsito, o que seria praticamente impossível nos termos, custos e condições que o rádio exige.

O diretor observou que a mesa precisa de uma passada de pano antes da entrevista gravada. *É perceptível a responsabilidade geral que o diretor possui com o espaço e limpeza com a rádio. Além desse momento, o diretor fica responsável por identificar e acionar problemas de manutenção do local, orientar a pessoa que duas vezes por semana realiza a limpeza da rádio e todo final de tarde ele quem tira os lixos das salas, do banheiro e da cozinha. Ele precisa ficar sempre atento também ao redor e realizar a recepção das pessoas.

Durante a transmissão gravada o diretor, o técnico e o repórter conversaram sobre

assuntos aleatórios e engraçados e me incluíram na conversa, o que gerou certa aproximação. Eu interagi, mas procurei manter determinado distanciamento para não fortificar o vínculo com a equipe a ponto de prejudicar a pesquisa e sim o suficiente para gerar pertinente nível de confiança.

Às 14h e 5min o repórter colocou os fones de ouvido, falou a hora e fez as chamadas no ar. Diferentemente do técnico da manhã, o técnico da tarde não se comunica de forma tão intensa com os jornalistas durante as transmissões, quando eles precisam saber do tempo de cada bloco ou do que será inserido em seguida, precisam perguntar. Isso pode ser dever a experiência/idade do técnico da manhã. O repórter avisou ao técnico para inserir 2 notas e depois a entrevista, intercaladas por sonoras de 5s para fechar o tempo.

O repórter pediu via *WhatsApp* para o jornalista de Curitiba, colega da Rádio CBN, enviar uma matéria sobre um acontecimento específico da cidade, mas que afetou Ponta Grossa. Ele enviou em áudio, porém com longa duração. O repórter terá que realizar cortes e inserir sonora gravada ou ao vivo, adaptando para a CBN de Ponta Grossa.

No momento em que estavam sendo veiculados comerciais, o repórter buscou informações atualizadas sobre notas já transmitidas pela manhã. Quando o técnico liga o microfone do repórter, ele faz sinal com a mão para avisar que o jornalista pode falar (sempre). Percebi que de tempo em tempo o diretor me olhava disfarçadamente para ver o que eu estava fazendo, o que não me incomodava, até porque dificilmente alguém conseguirá ler as minhas anotações.

Durante a transmissão ao vivo realizada pelo repórter, o diretor deixou o som do celular escapar por 2s. O repórter continuou concentrado realizando a fala e o diretor expressou descontentamento consigo e fez sinal de negativo com a cabeça.

A semana foi dedicada principalmente às informações da feira TransformaAgro que estava acontecendo no município, da mesma forma quando há outros eventos na cidade, principalmente quando possuem conteúdo aproximado com o modelo da Rádio CBN de Ponta Grossa.

Às 2h e 30min a pessoa responsável pela limpeza da rádio entrou e nós saímos para dar espaço a ela. Um dos entrevistados chegou e foi recebido pelo diretor, o qual pede para que aguarde na cadeira de espera que é localizada na entrada. Enquanto isso, eu e o repórter esperamos na sala de edição e conversamos sobre o calor e que a expectativa era que a feira rendesse várias pautas. Por volta das 2h e 40min voltamos ao estúdio, o repórter falou uma nota e montou um texto para mais tarde. O diretor acrescentou mais uma cadeira para que coubessem todos os entrevistados no estúdio e para que eu não precisasse sair e depois saiu do estúdio.

Os dois entrevistados e mais uma assessora de imprensa entraram no estúdio e cumprimentaram a todos. O repórter explicou como será a entrevista e disse que não fará perguntas direcionadas, ou seja, quem quiser pode responder. O repórter abriu o roteiro produzido por ele em seu *notebook* e orientou que os entrevistados colocassem os fones de ouvido se assim preferissem, mas que não seria necessário. Um dos entrevistados perguntou o nome do repórter, o qual respondeu. Eu continuei ao lado do repórter observando e realizando as anotações. A assessora ficou em pé para fazer fotos e vídeos da entrevista. Nas horas em que ela filmava e fotografava, eu saía da mesa para não aparecer. Aproveitei e fechei a porta do estúdio, porque estava entrando barulho de fora. A entrevista segue e o repórter escuta atentamente as falas das fontes e acena positivamente com a cabeça. O diretor entrou no estúdio e eu dei espaço para ele fazer a filmagem para publicar nas redes sociais. Há alternância no tom de voz do repórter ao longo da entrevista, o que representa a ênfase dada para cada pergunta e torna o som e a fala menos cansativos. A entrevista iniciou às 15h e 8min e encerrou às 15h e 24min. O assunto foi o vestibular da UTFPR e os entrevistados são professores.

As fontes se despediram, a assessora falou para o repórter que possui um cronograma e que irá enviar para ele, o qual agradeceu. Os três saíram do estúdio. O diretor os acompanhou até a porta de saída da rádio, voltou para o estúdio e sentou em seu lugar. O repórter confirmou com o diretor o horário de abertura do evento de amanhã. A TV pausou sozinha.

A representante comercial entrou no estúdio e falou que entrou em contato com a equipe da *Münchenfest*, mas os horários que eles podiam não combinavam com os horários disponíveis. O repórter falou para então deixar para marcar na próxima semana, já que esta seria focada no evento do TransformaAgro.

O repórter entrou ao vivo novamente e depois de algumas notas, ele chamou a série de reportagens, produzida por jornalistas de Curitiba, que está sendo reproduzida durante as semanas e foi vencedora de um prêmio. Como o programa já estava chegando ao fim e o próximo seria o programa esportivo, perguntei ao diretor de poderia sentar-se ao seu lado e ele respondeu que sim. *Mesmo à vontade, para manter o respeito resolvi pedir autorização. Ele estava editando algumas matérias para o *site* e para as redes sociais. Eu procuro não ficar o tempo todo olhando fixamente para o *notebook* do diretor, observo ele pelo reflexo da parede de vidro e alterno com observação direta. *Nem todas as anotações eu realizo no exato momento em que os fatos ocorrem. Algumas vezes, eu aguardo alguns minutos para que não pensem que eu estou anotando determinadas situações ou quando alguém conversa comigo diretamente, prefiro manter a atenção na pessoa.

Teve sobra de tempo na grade, então o repórter resolveu inserir uma matéria com

duração aproximada de 9min e 30s sem cortar. O diretor conecta o fone de ouvido no *notebook* e edita áudio. O comentarista chega na rádio e se senta na sala de edição. O jornalista-entrevistador vai à CBN e cumprimenta todos no estúdio com um sinal, ele não entra na sala. Na hora em que o vi fiquei levemente tensa devido à sua desconfiança em relação a mim no dia em que realizei a observação teste. Mesmo assim o cumprimentei e sorri e ele retribuiu, o que me deixou menos preocupada.

O comentarista, receptivo, entrou na sala do estúdio, cumprimentou a todos e se sentou no lugar no repórter, o qual havia saído minutos antes. Eu fui até o repórter, na sala de edição e me sentei ao seu lado. Ele começou a me explicar o que estava fazendo. Editando entrevista realizada mais cedo (colunista que não pôde comparecer fisicamente) para publicar no *site*. O texto das colunas é padrão, apenas as informações principais são alteradas. Quando o entrevistado vai ao estúdio pela primeira vez, uma foto é realizada na parede do painel da CBN de Ponta Grossa, ela é chamada de foto padrão, e outra foto é feita durante a entrevista. Como o colunista não compareceu, a foto utilizada nas publicações do *site* e nas redes sociais foi a padrão.

O repórter me mostrou um *e-mail* recebido pela rede de São Paulo sobre o pronunciamento do presidente Lula que ocorrerá amanhã. No *e-mail* constava que as filiais poderiam decidir transmitir ou não, o horário não foi especificado, apenas informado que será a partir das 10h. Só saberão se irão transmitir amanhã, dependendo das matérias. Ele me contou que certa vez, a Rádio CBN de São Paulo transmitiu durante o Repórter CBN, uma notícia sobre a morte de determinada atriz, sem deixar respiro (sonora/vinheta de fechamento) e sem avisar as filiais, a rede emendou a reportagem referente ao assunto, o que desorganizou e atrapalhou as grades das filiais. Isso ocasionou no atraso do giro regional. Em contato com as filiais da região pelo *WhatsApp*, onde ninguém sabia o que fazer, o técnico de Maringá avisou que no próximo respiro era para todos saírem da rede e conectar o local. Assim foi possível realizar o giro.

O repórter continuou editando as matérias para publicações. *Um jornalista não revisa a matéria do colega, apenas trocam ideias e às vezes um colega pergunta a opinião do outro. O repórter produz texto a partir de notícias prontas para gravar depois. Ele me contou que está participando de um grupo de *WhatsApp* com mais de 200 pessoas entre jornalistas e assessores de comunicação, criado por uma assessora de Curitiba que ele conheceu em um evento da Frísia. No grupo, são enviadas fontes para diversos assuntos, basta solicitar que alguém sugere um ou mais entrevistados rapidamente. Entretanto, a maioria dos participantes e das fontes sugeridas residem em Curitiba. Caso a notícia seja uma *hard news*, a fonte de fora do município pode ser

acionada, já que as fontes de Ponta Grossa raramente aceitam convites de última hora para entrevistas. Mas como o foco da rádio é no local, nem sempre essas fontes podem ser utilizadas. O assunto surgiu, porque a criadora do grupo enviou para o repórter, via *WhatsApp*, áudios para que ele possa realizar matérias frias de gaveta. Uma das matérias que ela enviou, o repórter a avisou que não iria transmitir, porque estava comercial.

Ao término do programa esportivo, o comentarista vai embora depois de se despedir de todos e o repórter e eu voltamos para o estúdio. O repórter gravou as matérias para o dia seguinte. Após, ele e o diretor editaram as reportagens para publicação no *site* e nas redes sociais. Às 17h e 36min o repórter transformou uma notícia publicada no *site* do G1 em nota para transmitir amanhã e comentou com o diretor sobre a notícia e pergunta como ele pode republicar o vídeo, já que o repórter solicitou à Globo o vídeo, mas não teve retorno. O diretor fala para ele publicar e citar a fonte. Nessa hora, 17 e 50min, todos já estavam cansados. O diretor perguntou ao repórter se ele ainda iria usar o *notebook*, depois da resposta negativa, ele guardou o equipamento. Às 17h e 54 min, o diretor avisou ao técnico que antes de ir embora irá falar a previsão do tempo, trânsito e o que eles chamam de cidade (notícias sobre Ponta Grossa), hoje foi atualização de saúde.

Em conversa eles decidiram que é vantajoso que o repórter vá até a feira amanhã durante a manhã para produzir notícia. Eu irei acompanhar. O repórter comentou com o diretor que seria interessante realizar o programa do jornal da tarde no local da feira, caso possua espaço para a imprensa. Ele tentou contato com assessoria para confirmar essa informação, mas não teve resposta. Irá confirmar no dia seguinte. A escolha da manhã foi decidida porque além de ser a abertura do evento, à tarde o jornal local é de responsabilidade do repórter.

Quanto aos programas do jornal local e o esportivo, pode-se notar diferenciações em relação à locução, ao formato e obviamente ao conteúdo. O programa esportivo é apresentado de maneira empolgada, em contrapartida o jornal local possui característica de apresentação formal e séria. O tempo de duração do jornal local permite a inserção de quantidades superiores de comerciais em relação ao programa esportivo, o segundo segue de forma corrida e fluída.

Depois disso, o diretor e o técnico começam a ajeitar materiais para sair, pegam suas mochilas que ficam guardadas na sala de edição e por volta das 18h e 20min vamos embora, apenas o técnico permanece. Neste dia de observação percebi moderada resistência no início, principalmente por parte do diretor. Ao longo do dia a equipe foi se soltando e eu também fui tendo maior liberdade. O diretor intercalava entre um comportamento reservado e aberto. Já os técnicos e o repórter mantiveram um comportamento menos engessado.

APÊNDICE E – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 19 DE SETEMBRO DE 2023

Hoje, inicia em Ponta Grossa, a feira TransformaAgro, o repórter irá no local para coletar informações e realizar reportagens e eu vou acompanhar. Combinamos que eu o esperaria às 9h próximo à casa dele e que iríamos com um carro de aplicativo pago pela empresa. Foi o que aconteceu.

O evento inicia às 10h, mas chegamos por volta das 9h e 30min para que fosse possível encontrar um lugar adequado e contatar as fontes e conhecidos no local. Chegando lá não encontramos lugar específico para a imprensa, então começamos a circular no local. Todo movimento o repórter avisava o diretor de jornalismo por meio do *WhatsApp*. O repórter me falou que o ideal seria se a CBN tivesse um estúdio móvel para que as transmissões pudessem ser realizadas de diversos lugares e assim seria possível aumentar o número de externas.

O repórter partiu em busca do secretário de agricultura e eu a todo momento o acompanhando com meu caderno de anotações. O repórter levou apenas o celular particular e um fone de ouvido simples. Como eu tinha que anotar em pé, a descrição foi feita em tópicos. Rapidamente, 6min depois de chegarmos localizamos o secretário e fomos até ele. O repórter pegou o celular, abriu o aplicativo de gravador de áudio (o mesmo que já vem instalado no celular) e solicitou uma entrevista com o secretário, o qual concedeu. A entrevista foi gravada pelo celular, em pé e eu permaneci ao lado do repórter. A entrevista teve duração de 5min aproximadamente e logo que foi encerrada o repórter enviou o áudio para o diretor, também via *WhatsApp*. As perguntas giraram em torno do que é e do que se espera do evento.

O repórter comentou comigo que não irá realizar entrevista com a prefeita de Ponta Grossa, porque na semana anterior conversou bastante com ela sobre os 200 anos do município. Após a entrevista com o secretário, continuamos a andar pelo local e o repórter encontrou e cumprimentou colegas de outros meios de comunicação da cidade.

Às 10h o repórter perguntou ao diretor via mensagens de *WhatsApp* se poderá realizar uma entrada ao vivo, o diretor respondeu que sim, caso o pronunciamento do presidente Lula inicie, a transmissão ao vivo do repórter pode ser interrompida e continuada depois. O técnico liga para o *WhatsApp* do repórter para realizar um teste e às 10h e 8min inicia a transmissão.

Coloquei meus fones de ouvido e escutei a rádio enquanto escutava também a fala do repórter no local. Há um *delay* no sinal. O diretor fez a chamada para o repórter, o qual falou que estava ao vivo do evento e que conversou com o secretário, após a fala, a sonora do secretário foi inserida. Depois da fala do secretário, o repórter continuou explicando sobre o evento e narrando o que estava acontecendo. Ele passa para o diretor, o qual faz o fechamento

e encerra a transmissão.

Em seguida continuamos a circular no local. O repórter foi até o *stand* da Maltaria Campos Gerais e pegou entrevista com a equipe presente no local. Ele não decidiu anteriormente com quem realizaria as entrevistas, realizou as perguntas na hora da entrevista.

*Na Rádio CBN de Ponta Grossa perguntei ao repórter o motivo da escolha da Maltaria e ele respondeu que o secretário citou no momento da entrevista e que é um assunto que está em alta.

Depois da entrevista continuamos a circular pelo local e acabamos encontrando a representante comercial. Ela nos cumprimentou e seguiu o repórter até a parte externa do evento, o qual gravou um vídeo rápido para publicar mais tarde nas redes sociais. Em seguida, nós três voltamos para o local onde seria a abertura da feira e aguardamos o pronunciamento do secretário da agricultura. O repórter começou a fotografar e fazer vídeos do local e enviou para o diretor, o qual editou e publicou nas redes sociais.

Os pronunciamentos iniciaram e o repórter gravou parte deles. Ele me contou que não aplaude em eventos. A representante se distanciou. O repórter seguiu em busca de novas fontes e encontrou a secretária de segurança pública de Ponta Grossa. A abordou e ela se desculpou por não ter respondido mensagem de *WhatsApp*. O repórter comentou comigo após a entrevista que havia solicitado fala da secretária sobre a semana do trânsito e ações da prefeitura referente ao assunto. A fonte justificou que não teve tempo de responder. O repórter falou que não tinha problema e perguntou se poderia gravar a entrevista agora. Ela respondeu que sim e a entrevista foi realizada por meio da gravação de áudio no celular.

O repórter e o diretor trocavam mensagens o tempo todo. Demos mais voltas em torno do evento no lado interno e ele decidiu aguardar o cooperativista que estava conversando com outras pessoas e coletar entrevista. Aguardamos por 20min aproximadamente, enquanto isso encontrou um colega de faculdade e conversou com ele sobre trabalho e estudos. Eu permaneci ao lado aguardando.

Saímos da parte interna do evento, comemos e seguimos para a rádio. Chegamos lá por volta das 13h e 40min. O diretor e o técnico estavam no estúdio. O diretor perguntou como foi e o repórter respondeu que conseguiu algumas pautas, mas não teria espaço para transmitir o programa da tarde no evento.

O repórter se sentou na sala de edição e começou a editar as entrevistas e transformar em reportagens, eu fui com ele. As entrevistas com o secretário de agricultura, com o cooperativista, sobre a Maltaria dos Campos Gerais e a entrevista realizada com a secretária de segurança pública foram transmitidas à tarde.

Em torno das 13h e 50min o repórter e eu voltamos para o estúdio. O repórter e o diretor

ficaram conversando sobre o evento até às 14h e 8min, quando iniciou o programa do jornal local da tarde. O repórter recebeu do grupo de *WhatsApp* da polícia rodoviária federal a informação de um acidente próximo à Ponta Grossa que ocasionou o bloqueio das estradas. Ele editou a entrevista, digitou no *Word* e leu a matéria em um momento oportuno. Durante os intervalos o repórter captou informações na Agência de Notícias do Paraná.

O repórter me falou que quando ele começou a trabalhar na CBN realizava reportagens externas com frequência. Porém, depois que começou a apresentar o jornal local da tarde não teve mais tempo. Também ressaltou que no início ele levava as perguntas prontas e um bloco de notas físico para fazer as entrevistas. Com o passar do tempo passou a improvisar.

Do mesmo modo que ontem, o colunista de hoje não poderá participar da entrevista presencialmente. Por esse motivo será reproduzida uma entrevista antiga atemporal. O repórter perguntou ao diretor se ele poderia editar uma entrevista longa, tirando a entrada e o fechamento para transmitir no programa. Ele respondeu que sim, encontrou a matéria, trocou ideia com o repórter se poderia ser aquela, eles decidiram que sim e o diretor encaminhou para o repórter por meio da pasta compartilhada.

O diretor seguia sério atualizando as redes sociais. Tempo depois, o diretor sugeriu ao repórter pergunta para outra entrevista que realizará mais tarde. O repórter anotou o tópico e pediu para o técnico ligar para o entrevistado.

Durante a tarde o repórter falou para o diversas vezes sobre o quão interessante seria se alguém pudesse ir todos os dias na feira, porque renderia muitas pautas. O diretor ignora.

Após as entrevistas o noticiário da tarde seguiu com a apresentação do repórter, os conteúdos transitaram em série de reportagem da CBN de Curitiba, saúde, serviço e a transmissão de uma reportagem de gaveta, cujo assunto foi escolhido pelo diretor.

Enquanto o repórter apresentava, o diretor seguiu realizando publicações no *site* da Rádio CBN de Ponta Grossa e nas redes sociais. No momento do intervalo o repórter comentou que na próxima semana os jornais locais seriam de inteira responsabilidade do diretor. Eu perguntei o motivo e o diretor me respondeu que o repórter entraria em férias a partir do dia seguinte. O repórter, feliz por entrar em férias, estava sorridente e alegre, fazia piadas sempre que conseguia.

Quase na hora de iniciar o programa esportivo, perguntei ao diretor se o comentarista não iria, ele me respondeu que não, porque o comentarista estava ocupado com seu outro ofício. O repórter foi até a sala de edição e o diretor se sentou no lugar do repórter, porque hoje o programa esportivo será sobre o basquete e dois entrevistados irão à CBN, um de cada vez. Eu me sentei ao lado do repórter e acompanhei o trabalho. Perguntei a ele como define se uma

notícia vai ser veiculada ou não. Ele respondeu dizendo que não tem uma regra e que a escolha acontece de forma natural. Mas, em seguida disse que prioriza as notícias factuais, o que aconteceu recentemente ou está acontecendo. Como segundo critério, ser notícia de Ponta Grossa ou no Paraná. Notícias do Estado apenas quando é um assunto extraordinário ou as vezes que é possível deslocar o tema para o município. Disse que diariamente não chegam muitas notícias (referia-se as assessorias), por isso ocorre a atualização constante das notícias já veiculadas. O repórter também prefere começar o programa com uma notícia ruim, de preferência de assunto policial.

O primeiro entrevistado chegou e o diretor foi até a porta, o recebeu e o conduziu até o lugar onde o diretor costuma sentar-se, por causa do cenário para fazer as fotos e vídeos. O repórter começou a escrever a reportagem sobre o evento TransformaAgro. Minutos depois foi até o estúdio e fez as fotos e os vídeos para enviar ao diretor e realizar matérias e publicações. O repórter voltou (eu fiquei o aguardando na sala de edição e observando através da parede de vidro) e iniciou a edição do áudio do secretário da agricultura para montar reportagem que irá ao ar ao longo da semana.

Ao final da última entrevista, o repórter voltou ao estúdio e o diretor, depois de ter encaminhado a fonte até a porta de saída, voltou para o estúdio, tirou o lixo e sentou-se em seu lugar de costume, eu me sentei ao lado do repórter.

Às 17h e 15min o repórter avisou ao diretor que havia deixado matérias prontas para serem transmitidas no decorrer da semana e os dois decidem a ordem e o dia de transmissão de cada reportagem. O diretor avisou ao técnico quais os dois últimos blocos ele quer que sejam veiculados até às 18h, um será gravado e o outro ao vivo (nota de serviço).

O repórter avisou ao diretor que deixou uma reportagem agendada para ser publicada automaticamente no *site* sexta-feira. O diretor falou a previsão do tempo que constava a ausência de chuva e olhou para o céu escuro duvidando da previsão.

Às 17h e 55min o diretor começou a guardar os equipamentos e o repórter em seguida. Por volta das 18h nos despedimos do técnico e fomos embora. Todas as noites o diretor leva o repórter para casa.

APÊNDICE F – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 20 DE SETEMBRO DE 2023

Cheguei na Rádio CBN de Ponta Grossa às 8h e 28min, o técnico e o diretor já estavam no estúdio. Hoje iniciou o período de férias do repórter, por esse motivo o diretor que costuma chegar por volta das 9h chegou mais cedo. O diretor ficará responsável pela programação matutina e vespertina.

Cumprimentei os dois e pedi para o diretor se poderia me sentar ao seu lado e ele respondeu que sim. *Nos dias anteriores, eu passava a maior parte do tempo próxima fisicamente ao repórter. De hoje em diante a perspectiva será a partir do diretor. O clima está silencioso e tenso em relação aos dias precedentes. A partir de hoje a disposição dos lugares na maior parte do dia ficou como mostra a Figura 6.

Figura 6 – Disposição de lugares utilizados na sala de estúdio da Rádio CBN Ponta Grossa



Fonte: Elaboração própria a partir da observação *in loco* na Rádio CBN Ponta Grossa (2023)

O diretor buscava notícias no *site* da Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa (ACIPG) para compor uma matéria que estava escrevendo. Às 8h e 35min o técnico se levantou, perguntou se eu estou bem, eu respondi que sim e devolvi a pergunta, em vez de me responder, ele me devolveu novamente a pergunta e falou que vai fazer um café para animar o ambiente. O diretor, com postura tensa e sem desviar o olhar do *notebook*, manifestou um sorriso levemente forçado. E em seguida locutou a previsão do tempo.

Notei que algumas vezes o diretor virava levemente o *notebook* em sua direção, o que dificultava a minha visão ainda mais. *O diretor apresenta maior resistência à minha

aproximação. O técnico voltou para o estúdio (para chegar ao seu lugar ele precisa passar por trás da minha e da cadeira do técnico), eu aproveitei para arrastar a cadeira que é de rodinhas para mais perto do diretor ao mesmo tempo em que simulava dar espaço para o técnico passar e assim aumentar meu campo de visão no *notebook* do diretor.

O técnico perguntou ao diretor se ele “vai fazer a próxima”, estava se referindo ao tempo e cidade. *Como o diretor segue um roteiro já naturalizado e memorizado, além de ter acesso à grade, nem toda informação repassada entre o técnico e o jornalista precisa ser detalhada. Ele respondeu com a fala arrastada e sem desviar o olhar do computador que sim, após o *break*. O diretor estava produzindo material para alimentar as redes sociais. Salvava textos, áudios e imagens no *WhatsApp Web* particular, na conversa para ele mesmo.

O técnico avisou o diretor para se preparar para entrar ao vivo. O diretor puxou o microfone para perto e falou a temperatura, o tempo, o trânsito e cidade (informações sobre evento gastronômico que estava acontecendo em Ponta Grossa).

O diretor se levantou apressadamente e foi buscar um *pen drive* no carro, assim que voltou, o técnico nos convidou para tomar café. Quando ele sai do estúdio, eu e o técnico permanecemos em silêncio em nossos lugares, apenas com o som da rádio tocando. Fomos até a cozinha, tomamos rapidamente o café, o diretor fez uma piada, eu e o técnico rimos. O diretor mudou de assunto para um quadro transmitido na CBN de Ponta Grossa chamado Personalidades da história, em comemoração aos 200 anos do município, gravado por ele. O diretor perguntou para o técnico como é a pronúncia correta do indivíduo homenageado. Como o técnico é morador da cidade há muitos anos e conhece muitas pessoas, soube responder ao diretor, o qual se contentou por ter proferido de forma correta. Voltamos para o estúdio e nos sentamos nos mesmos lugares. *As saídas para o café, mesmo que ligeiras, ajudam para amenizar a tensão, pelo menos naquele momento. Para voltar ao estúdio não há alguém que fale, avise ou peça para que isso seja feito. Apenas terminam o café e um volta ao estúdio (geralmente o diretor primeiro) e os outros terminam e vão na mesma hora ou o café é levado para o estúdio.

O diretor comentou, como se fosse um pensamento em voz alta, que estava com a cabeça cheia. O técnico fala sobre carro que estava com problema e foi consertado, o assunto circunda esse tema por um breve período. O diretor perguntou ao técnico se no sábado passado o jornalista-entrevistador realizou entrevista com determinada fonte e o técnico respondeu que sim. A tensão que estava presente foi sendo substituída aos poucos por um clima leviano. O diretor desviou o *notebook*, o que facilitou a minha visão. O diretor pegou o áudio gravado e salvo no programa *Playlist* pelo técnico e começou a editar para transformar em reportagem. O

receptionista do prédio entrou para entregar encomenda particular vinda de transportadora realizada pelo técnico da tarde. O técnico ofereceu café para ele. A relação entre a equipe e o receptionista do prédio é cordial.

O diretor me mostrou e explicou o roteiro realizado por ele pela manhã (feito toda manhã). Eu senti que estava ganhando maior abertura por parte do diretor. A programação fixa é inserida previamente no programa *Meistertask*, onde o roteiro é realizado. Inclui o tempo, reportagens gravadas e colunas. Já as notas e boletins são improvisados, apenas é colocado “nota”, “boletim”, sem o assunto. O assunto é inserido depois de feitos, porque o diretor pode ter acesso dias depois e visualizar o que foi veiculado.

O diretor comentou sobre acidente que acessou no grupo de *WhatsApp* da polícia rodoviária federal e chamou o técnico para ver as fotos. Nessa hora ele virou novamente o *notebook* na direção contrária à minha. Eu intercalo a observação entre um olhar direto no computador do diretor e observá-lo pela parede de vidro.

O diretor avisou ao técnico que tem uma chamada salva e feita pelo repórter, o técnico confirma o nome da pasta. Os dois colocaram o fone de ouvido e o diretor falou a hora, fez as chamadas (leu no cronograma), convidou os ouvintes para acessarem o *site* e as redes sociais.

No ar, o diretor fez sinal para o técnico que significava que ele iria continuar falando. Após a fala, o técnico confirmou o próximo bloco. O diretor contou que perguntou no grupo de *WhatsApp* da polícia como estava o trânsito, mas ninguém respondeu. O técnico colocou o fone de ouvido para ouvir o momento em que a rede irá transmitir o Repórter CBN. Enquanto isso precisa inserir programas para completar o tempo. Ele fez sinal para o diretor falar ao vivo e vai completando o a programação com trilhas sonoras.

O diretor fala para o técnico que se houver rabicho é para deixar. *Rabicho é um termo criado por eles para dignar a continuação da programação da rede depois do Repórter CBN quando esta for referente ao assunto do Repórter CBN e que seja de interesse nacional e não apenas de São Paulo. O rabicho pode ser identificado quando a rede não insere a sonora de fechamento do Repórter CBN. Dessa vez não teve rabicho, então o diretor entrou ao vivo e noticiou acidente.

O técnico soltou uma reportagem já prevista de 8min e pediu para o diretor se poderia tomar café. O diretor fala que sim, os dois saem, o diretor me convida, mas eu fiquei no estúdio realizando as anotações e ouvindo eles. Os dois tomam rapidamente o café e 2min depois retornam ao estúdio. O diretor continuou a publicar nas redes sociais. Depois fez o fechamento da reportagem que estava sendo veiculada, falou a hora, a temperatura e chamou o intervalo.

Eu pedi para o diretor se ele poderia me enviar um *print* do cronograma de hoje. A

resposta foi positiva, mas ele não me enviou. O diretor brincou perguntando se eu queria para fazer o meu e apresentar o programa da tarde. Eu ri e falei em tom de brincadeira que não posso interferir no trabalho deles.

Na hora do giro do Estado o diretor virou o notebook para o cenário do painel da CBN de Ponta Grossa como de costume. Hoje o jornalista de Curitiba decidiu que quem iria iniciar seria o diretor, porque considerou o assunto relevante (acidente com caminhões e mortes em Ponta Grossa). Os assuntos são encaminhados antes do giro para Curitiba por meio do *WhatsApp*.

Depois do giro e do comercial, o técnico perguntou ao diretor o que seria transmitido e ele respondeu que a hora e uma nota. O técnico encaixou as sonoras e o programa seguiu. *A produção noticiosa própria é baixa, então as notícias se reduzem à informações de assessorias de imprensa, *sites* institucionais e atualizações de informações já publicadas.

Alguns blocos são reorganizados durante a programação conforme o tempo restante. O técnico e o diretor se comunicam principalmente por meio de gestos e sinais (durante o programa ao vivo) e pela fala quando o microfone está desligado. A comunicação entre o técnico da manhã e o jornalista é intensa.

O diretor abriu reportagem e fez sinal para o técnico colocar o áudio gravado. Há agilidade, habilidade e entrosamento entre os dois. São transmitidos áudios da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP). O diretor inicia a reportagem e realiza o fechamento. Após, ele avisou o técnico que irá reforçar a nota de serviço e chamar a reportagem gravada. Rapidamente o diretor mudou de ideia e falou para o técnico inserir um comercial antes da reportagem.

Ouvimos o barulho de alguém chegando na rádio. O diretor olhou em direção à entrada (provavelmente as paredes de vidro foram pensadas para que se tenha uma ampla visão de praticamente todo o local). Era o comentarista chegando alegre e cantarolando. O diretor foi até ele, o cumprimentou e conversaram sobre futebol.

Eu e o técnico permanecemos no estúdio. O comentarista entrou no estúdio sozinho e com um copo de café, cumprimentou-nos com um aperto de mão e pediu ao técnico se ele poderia alcançar o *notebook* (o técnico fica ao lado do armário onde são guardados os computadores), o técnico alcançou de boa vontade.

O diretor voltou para o estúdio, abriu reportagem e fez chamada para o programa esportivo (11h e 27min). O comentarista e o diretor de jornalismo iniciaram uma conversa descontraída sobre viagem. A rede atrasou o Repórter CBN, o que atrasou o início do programa esportivo em 3min, mas não gerou prejuízos.

O diretor começou a procurar informações na aba esportes do G1. O comentarista abriu o programa, fez as chamadas e citou mais de uma vez empresas que apoiam o Operário (Keima, Sicredi, Lojas MM e Pontarollo Cereais).

Às 12h o técnico fez sinal para encerrar o programa para a entrada do Repórter CBN. O comentarista e o diretor de jornalismo não paravam de falar e o técnico fez sinal novamente. O comentarista fechou o programa.

Às 12h e 5min eu saí para almoçar e voltei às 12h e 50min. Assim que eu voltei, o diretor saiu em horário de almoço e às 13h e 1min o técnico se despediu e foi embora. O técnico da tarde ainda não chegou e eu estava sozinha na rádio. Às 13h e 4min o outro técnico chegou, cumprimentou-me e se sentou em seu lugar. Ficamos em silêncio durante 30min até que o diretor chegou. Ele nos cumprimentou e apressadamente começou a publicar no *site*. Depois, ele pegou o roteiro feito e impresso pelo repórter para apresentar o jornal da tarde. O diretor de jornalismo pegou o celular enviou um áudio descontraído para o repórter, o qual respondeu na hora. Em seguida, pediu vídeo que o repórter havia produzido. O diretor contou que essa é uma estratégia para quando precisa pedir algo para alguém, iniciando com um assunto bom ou engraçado e depois o pedido.

O diretor de jornalismo continuou as publicações no *site* da Rádio CBN de Ponta Grossa enquanto conversava com o técnico. Eles faziam piada sobre colegas de outra emissora. O clima da tarde começou a ficar mais leve. O diretor de jornalismo compartilha as notícias publicadas no grupo de *WhatsApp* da rádio, onde já existe um formato pronto, ele apenas altera as informações principais.

Às 2h e 4min, o diretor de jornalismo falou a hora e os destaques. Depois, partiu para a captação de informações no *Facebook* da prefeitura de Ponta Grossa. *Pode-se notar que o diretor de jornalismo busca informações principalmente nas redes sociais dos órgãos governamentais e institucionais, além de prezar pela reprodução de áudios prontos e apenas realizar a chamada e o fechamento da matéria, enquanto o repórter navega nos *sites* dos mesmos grupos e utiliza de forma moderada os áudios publicados, ele redige a fala e lê a matéria ao vivo.

O diretor avisou ao técnico para que deixasse encaminhada reportagem gravada e já veiculada sobre a feira TransformaAgro e disse que utilizará mais tarde se sobrar tempo na grade. O diretor atualizou o tempo e a temperatura, aeroportos, nota e reportagem gravada. Como não houve sobra de tempo, a reportagem não foi retransmitida.

O técnico faz sinal para diretor no momento em que está no ar para avisar a entrada do Repórter CBN. Após, o diretor atualiza informação transmitida no giro do Estado e ao sair do

ar, juntos ajustam as notas e intervalos que serão veiculados. *A organização da grade do jornal local da tarde foi sendo modificada ao longo da programação, visto que o repórter está de férias e a locução matutina e vespertina se torna cansativa para uma pessoa apenas realizar e apresentar.

Às 2h e 45min, a representante comercial chegou, mas não foi até o estúdio. O diretor se comporta de forma inquieta e busca inserir reportagens gravadas para descansar a voz, também se movimenta constantemente dentro do estúdio para, segundo ele, “esticar as pernas”. Mais algumas notas são transmitidas. O diretor vai até a representante e conversa com ela.

Poucos minutos depois ele retorna ao estúdio. O diretor repetiu por diversas vezes para o técnico que se tiver rabicho (no Repórter CBN) pode retransmitir, como forma de ocupar a grade. *Alguns programas/séries especiais necessitam da gravação de assinatura com a voz padrão. Para isso, o diretor envia o texto seco para a rede realizar a gravação, e após, a matriz devolve para Ponta Grossa que edita o áudio e envia para Maringá inserir na grade de programação.

O colunista de hoje chegou. Ele é professor de economia da UEPG e o assunto do dia será o Produto Interno Bruto (PIB). O diretor mudou de lugar e se sentou onde o repórter e o comentarista sentam e eu fui ao seu lado. Ele foi receber o entrevistado e o direcionou até a cadeira posicionada em sua frente (onde o diretor estava sentado anteriormente). O colunista, ao entrar, cumprimentou a todos de longe e se sentou. As perguntas não são enviadas antes da entrevista. A fonte revisa o bloco de notas e o diretor inicia um assunto sobre o verão até chegar a hora de iniciar o programa.

*Quando o repórter assumiu o programa da CBN Ponta Grossa 2ª Edição, ele teve a liberdade de decidir o horário das entrevistas com os colunistas e as notas, respeitando o padrão e os horários do Repórter CBN.

O colunista falou para o diretor ficar à vontade para realizar as perguntas durante a entrevista. O diretor respondeu que irá desenvolvendo ao longo da entrevista. Todos aguardam em silêncio. O diretor ouviu atento as falas do entrevistado para que pudesse perguntar. Não houve filmagem e fotografia hoje.

Ao final da entrevista o diretor acompanhou a fonte até a saída e voltou para o seu lugar inicial. Eu volto a sentar ao seu lado. O diretor buscou reportagem pronta e escolheu uma sobre o câncer. Perguntei o motivo e ele respondeu que reportagens e notícias sobre saúde possuem apelo e sempre são importantes.

A pessoa que realiza a limpeza da rádio chegou na rádio e o diretor perguntou a ela se poderia limpar o estúdio. Nós saímos e enquanto ela realizava a limpeza, eu e o diretor

conversamos sobre a entrevista transmitida anteriormente. Ele falou que quando é um assunto que não tem domínio, precisa redobrar a atenção durante o programa para conseguir fazer as perguntas certas, até porque o assunto não foi previamente enviado. Eu concordei e no aviso da pessoa da limpeza, voltamos para o estúdio.

Enquanto tocava uma reportagem gravada, o diretor publicava nas redes sociais e compartilhava no grupo de *WhatsApp*, ele fez a chamada e o encerramento da reportagem. O comentarista chegou, cumprimentou a todos com um aperto de mão e se sentou no mesmo lugar de sempre. Eu me sentei ao seu lado para acompanhar o trabalho. A conversa no estúdio é sobre reportagem transmitida durante a manhã e piadas, o clima é leve. O comentarista começou a buscar informações no site do G1, na aba de esportes. Nesse momento o local está silencioso. O diretor perguntou ao técnico quanto tempo para terminar a reportagem que estava sendo transmitida, o técnico avisou que poderia se preparar para realizar o fechamento. O diretor fecha a reportagem e logo o programa esportivo inicia (sempre que presente, o comentarista é quem inicia). O diretor mudou o canal da televisão para um jogo de futebol internacional.

O técnico fez um comentário aleatório durante o comercial, mas o diretor e o comentarista estão concentrados buscando informações nos *notebooks* e o ignoram. O programa segue com informações internacionais, nacionais, municipais e esportes de bairro de Ponta Grossa, nesta ordem. O técnico foi avisado que o Repórter CBN iria entrar, então avisou com sinais de que o programa precisava ser encerrado. Assim aconteceu. Os três conversam sobre o calor. O diretor comenta que o calor excessivo faz mal para a pressão dele. O estúdio possui um ar-condicionado que sustenta um clima agradável.

O comentarista rapidamente guardou o equipamento que utilizou, se despediu e foi embora. Eu voltei a sentar ao lado do diretor, o qual estava escrevendo uma matéria para o *site*, depois alimentou as redes sociais e o grupo de *WhatsApp*.

O diretor pediu para o técnico se poderia gravar uma matéria, o técnico respondeu que sim. O diretor falou que pretendia sair mais cedo hoje. Ele realizou as gravações dos áudios para o dia seguinte e salvou no programa *Playlist*. Depois disso, o diretor tirou os lixos da rádio e às 17h e 50min nos despedimos do técnico e saímos.

O diretor me contou que a noite, por volta das 19h e 30min, terá que retornar à Rádio CBN e inserir propagandas partidárias ao vivo, porque o técnico estuda à noite e não poderá realizar o trabalho, além disso a CBN não possui uma ferramenta que automatize a inserção de programas ao vivo. *Sempre que um funcionário não pode realizar alguma função, o técnico acaba assumindo o trabalho do colega.

APÊNDICE G – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 21 DE SETEMBRO DE 2023

Cheguei na Rádio CBN às 8h e 30min. Entrei e fui direto para o estúdio, onde estava apenas o técnico. Cumprimentei com bom dia e ele perguntou se eu estou bem. Falei que sim, devolvi a pergunta e ele respondeu que sim. Conversamos sobre o clima e a onda forte de calor. Eu fico à vontade com a alta receptividade do técnico. O recepcionista entrou na rádio com o jornal impresso rasgado por um cachorro. O técnico faz piada que a notícia já veio mastigada.

O técnico me convidou para ir com ele fazer o café e eu aceitei. Ele me perguntou sobre minha rotina, vida acadêmica e família. Foi uma conversa agradável. O técnico me falou que eles gostaram muito de mim e que pena que eu iria ficar apenas aquela semana. Nisso, o diretor chegou, foi até a cozinha, nos cumprimentou e foi até o estúdio. O técnico brincou para eu ficar trabalhando na rádio. Eu falei que gosto do ambiente e mais nada a respeito.

Nós voltamos para estúdio e eu me sente ao lado do diretor, o qual estava buscando notícias nos *sites* habituais. O técnico falou para o diretor que o café estava pronto e começaram a conversar sobre o clima e os pernilongos. Eles me incluem na conversa e o ambiente estava sem a tensão presente na manhã anterior.

O diretor passou a editar áudios, na hora que ele ia falar a hora no ar, o técnico avisou que o Repórter CBN iria entrar, o diretor afastou o microfone e começou o compartilhamento das notícias no grupo de *WhatsApp*. O diretor comentou que sábado à tarde ele terá que cobrir a abertura de esporte de bairro no município e que sábado de manhã não irá para a rádio, porque a noite irá narrar o jogo do Operário.

O técnico brincou que na minha “despedida” é para eu levar um barril de *chopp*. O diretor e eu rimos. O diretor estava captando notícias no site da AERP. No *notebook* do diretor, pude ver que ele intercala entre o *WhatsApp* da rádio e o pessoal. O diretor mantém silêncio e postura séria e concentrada, com a mão cobrindo a boca.

Eu perguntei ao diretor se poderia chegar mais perto. A visão é dificultada, visto que o *notebook* é pequeno e as letras também. Ele respondeu que sim e virou o *notebook* na minha direção para que eu pudesse enxergar melhor. O diretor resolveu limpar a caixa de *e-mail* da CBN, excluindo *spams* e antigos. Depois passou a completar o cronograma do dia.

O diretor abre o *release* da prefeitura, acha o nome do programa do Cras esquisito e pergunta ao técnico se ele conhecia. O técnico também acha estranho. O diretor pesquisa o nome e diz que não dá para confiar no que a prefeitura envia. Estava correto.

Ele abre o *Instagram* no celular e dá uma girada no *feed* da CBN. *A tecnologia conferiu aspectos que dificultam a observação, por exemplo o acesso limitado do observador nos

equipamentos utilizados pelos observados, no caso o *notebook*, uma das principais ferramentas do trabalho jornalístico da Rádio CBN. Característica esta que me obriga a me aproximar bastante do profissional, o que torna a relação desconfortável para mim e para o jornalista, porém necessária.

O diretor de jornalismo abriu a conversa do *WhatsApp* com o repórter e buscou uma reportagem enviada para o diretor transmitir durante a semana. Já são 9h e 30min e o diretor ainda não fez nenhuma entrada ao vivo. A utilização abundante da voz fez com que o diretor remodelasse a programação com a inserção frequente de reportagens gravadas, o mantimento dos rabichos do Repórter CBN e entradas ao vivo paulatinas e espaçadas.

O diretor abriu a conta do *Instagram* da Rádio CBN no celular e procurou a conta da prefeitura de Ponta Grossa, saiu e bloqueou a tela. Depois ele conversou com o técnico sobre as publicações esportivas da prefeitura. Às 9h e 35min o Repórter CBN estava no ar e depois dele o diretor iniciou a programação local. Nesse momento, ele confirmou com o técnico o assunto de hoje do episódio Ruas da História.

Alguns dos destaques também foram gravados pelo repórter. O técnico os inseriu e o diretor continuou com os outros destaques do dia. O diretor pergunta para o técnico que horas volta o ao vivo, ele responde (sempre com exatidão), e o diretor comenta que vai apenas fazer leitura. Na hora ele acabou falando o texto e não lendo.

O técnico e o diretor de jornalismo conversam sobre assuntos aleatórios durante a transmissão de programas gravados e pontualmente o diretor olha disfarçadamente para o meu caderno. Ele volta na conversa por mensagem com o colega e seleciona outro texto produzido pelo repórter. O diretor faz anotações no bloco de notas do computador. E, em seguida escreve notícia, a partir de informações coletadas previamente no grupo de *WhatsApp* da polícia rodoviária federal, sobre atropelamento na região para enviar para Curitiba e transmitir no giro do Estado. No mesmo grupo, o diretor de jornalismo pegou uma informação sobre um tombamento de caminhão e avisou ao técnico que irá falar a notícia.

Depois do ao vivo, o técnico e o diretor de jornalismo vão tomar café e me convido, mas eu fico ouvindo eles do estúdio e realizando as anotações. O técnico oferece trazer para mim, mas eu nego e agradeço. O ambiente permanece agradável e os profissionais focados intercalando com conversas rápidas descontraídas com duração de 2min ou 3min. O técnico retorna rapidamente ao estúdio e me entrega um copo de água e fala que é para eu sentir falta do grupo. Eu agradeço e respondo que vou sentir saudades. O diretor volta alguns segundos depois e realiza fechamento de entrevista e fala o tempo e temperatura.

O diretor recebeu o *link* do giro, enviou para o técnico que conectou e o diretor entrou,

fechou a câmera e o microfone, posicionou o *notebook* e aguardou. Cada jornalista leva aproximadamente 2min para informar. Após o giro, o diretor voltou na posição normal. Um colega de outro veículo de comunicação enviou para o diretor de jornalismo, por meio do *WhatsApp*, uma matéria e uma imagem sobre esporte. O diretor copiou e publicou no *site* o texto na íntegra, apenas alterou a aparência do texto. No *WhatsApp* estava salvo o nome da pessoa e eu perguntei ao diretor de jornalismo quem era. Também perguntei se ele utiliza a notícia da concorrência. Ele me respondeu que o colega é assessor de imprensa esportiva também e por isso utilizou o material na íntegra.

O diretor realizou publicações no *Instagram* pelo celular. Em seguida, participou de conversas descontraídas com o técnico. Após, voltou para as publicações nas redes sociais e no *site*. Perguntei de quem é a voz dos episódios do programa Ruas da História, o técnico respondeu que são rerepresentações, porque o narrador já é falecido. Ele não era contratado da CBN, mas realizava trabalhos de narração. O texto era enviado para o narrador, o qual gravava a fala e enviava para a rádio. O diretor fala nota enquanto não entra o Repórter CBN e volta para as publicações.

Às 11h e 11min, o comentarista entrou no estúdio, cumprimentou a todos com aperto de mão amigável. Saiu e foi tomar café. O diretor falou uma nota e foi tomar café também. O comentarista foi à sala de edição (não utilizada pelo diretor) e realizou trabalho pessoal. Eu continuei no estúdio observando pelo vidro.

O diretor de jornalismo voltou ao estúdio, confirmou intervalo com o técnico, e conversaram sobre duas matérias que sobraram e poderão ser transmitidas à tarde. O diretor entrou no aplicativo *Castbox* e inseriu áudio para *podcast* da Rádio CBN de Ponta Grossa. O diretor falou a última informação enviada por assessoria da prefeitura antes do início do programa esportivo sobre circuito gastronômico na região. Às 11h e 30min encerrou o programa do jornal local. O diretor saiu do estúdio e foi conversar com o comentarista sobre esportes, eu fiquei por perto para ouvir a conversa. Alguns minutos depois o técnico, de dentro do estúdio, gritou para os colegas comparecerem no estúdio e darem início ao programa esportivo, “vamos galera”. Em menos de 1min os dois voltaram ao estúdio, eu voltei junto e me sentei ao lado do diretor de jornalismo, o comentarista e o técnico fizeram piada. Enquanto o comentarista iniciou o programa, o diretor se concentrou em publicar mais notícias. O comentarista parabeniza no ar o diretor de jornalismo pelo dia do radialista, o qual devolve parabenização.

O programa se desenvolve como geralmente é. Iniciaram com esporte internacional e pesquisam informações na aba de esportes no *site* do G1. Partiram para notícias nacionais e o comentarista lê participação de ouvinte enviada por *WhatsApp*. Após isso, o assunto foi futebol

municipal, o diretor sempre é empolgado ao falar do Operário. O comentarista leu mais um comentário de ouvinte e o diretor continuou ajustando o cronograma. Depois do programa eu pedi novamente para o diretor me enviar o cronograma, ele disse que vai enviar, mas não aconteceu.

Ao meio-dia, o técnico levantou a mão e fez sinal avisando para encerrar o programa, 1min depois teve que repetir. Depois do encerramento entrou o Repórter CBN.

O diretor continuou a realizar as publicações de notícias e a editar áudio. Às 12h e 13min, o comentarista e o diretor saíram do estúdio e foram tomar café. O comentarista logo foi embora e o diretor de jornalismo voltou para o estúdio e continuou a editar o áudio.

Às 12h e 41min eu me despedi de todos e fui almoçar e quando voltei não havia ninguém na rádio. O técnico da tarde estava ao lado de fora do local. Entrei no estúdio e me sentei no mesmo lugar em que eu estava de manhã, já aproximei a cadeira perto da cadeira do diretor e aguardei. O técnico logo entrou no estúdio e me cumprimentou e ficamos conversando sobre a faculdade que o técnico faz.

Às 13h e 45min o diretor de jornalismo chegou e não entrou diretamente no estúdio. Ele falava ao celular na sala de edição. Poucos minutos depois ele entrou no estúdio, sentou-se no mesmo lugar que estava de manhã e começou a realizar publicações no *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*.

Alguém que eu não conhecia pessoalmente entrou na Rádio CBN de Ponta Grossa. Ele entrou no estúdio e nos cumprimentou com um aperto de mão, eu me apresentei, e ele, ao falar seu nome reconheci que era o administrador sócio do grupo das rádios CBN de Ponta Grossa, Maringá e União da Vitória. O administrador se apresentava feliz e sorridente, elogiou a equipe, mandou um abraço para o meu orientador e saiu. Perguntei ao diretor de jornalismo o que ele veio fazer e o diretor respondeu que não sabia, mas achava que haveria uma reunião com o proprietário da Rádio CBN de Ponta Grossa e que sempre fazem reunião e geralmente é na rádio. O diretor se levantou e saiu da rádio por 5min aproximadamente, assim que voltou, entrou no Instagram da CBN e observou o engajamento.

Às 14h e 5min o diretor fez a primeira fala ao vivo da tarde. Após, buscou notícia no *site* da Agência Estadual de Notícias do Paraná, encontrou um áudio sobre saúde e salvou o arquivo em pasta compartilhada. Seguiu com atualizações de notícias veiculadas no período da manhã. O técnico fez sinal com a mão para o diretor finalizar a fala, porque estava na hora do comercial. Durante o intervalo, o diretor checkou os *e-mails*.

O diretor olhou a hora e mudou para a cadeira que fica em frente de onde ele estava. Primeiro ele colocou o notebook e o celular esticando os braços e depois foi até lá. Eu dei

espaço para ele passar. O diretor estava apressado e ansioso. Para não atrapalhar, aguardei ele se acomodar e depois me sentei ao seu lado. Essa mudança é sinal de que em instantes chegará a fonte para entrevista.

A colunista do dia chegou e o diretor foi até a porta para recebê-la, direcionou a entrevistada até o lugar onde o diretor estava e saiu pegar água para eles dois. A colunista me cumprimentou e ao técnico e aguardou. Ela fala o assunto do dia para o diretor e o programa inicia em seguida. O assunto é acerca de inovações da indústria em Ponta Grossa e a participação em eventos da cidade. O técnico lembra de realizar a gravação e fotografia da entrevista, faz sinal para o diretor emprestar o celular pessoal. Ele desbloqueia, abre a câmera e entrega para o técnico. Eu me levanto e aguardo na porta do estúdio para não atrapalhar as capturas das imagens. O técnico realizou as gravações e voltamos para os nossos lugares. *As colunas possuem os temas específicos diários, os assuntos nem sempre são repassados para os jornalistas antes. De todo modo, devem estar relacionados com Ponta Grossa.

Ao final da entrevista a colunista agradeceu o diretor pelo espaço. O diretor solicitou um *release* da entrevista de hoje e ela falou que irá pedir para o assessor de imprensa enviar. O diretor a acompanhou até a saída, voltou e retornou para o seu lugar original. Eu me sentei ao seu lado novamente. A próxima inserção de programação gravada foi enviada pela assessoria da prefeitura.

Às 14h e 57min o sócio representante da CBN de Maringá retornou à rádio. Do lado de fora do estúdio, através da parede de vidro, o sócio fez sinal de beleza para o diretor que estava no ar, o qual respondeu com sinal de positivo. No intervalo, ele abriu a porta do estúdio e falou para o diretor “foi tudo bem lá”. Ele e o sócio estavam em reunião em algum outro lugar que não a rádio, talvez porque eu estava aqui. O sócio falou para o diretor ligar para ele depois das 18h para contar sobre a reunião e que agora ele vai viajar, estava apenas de passagem por Ponta Grossa e segundo ele, resolveu marcar com o proprietário. O sócio se despediu de todos com apertos de mão.

Durante o intervalo da programação o diretor contou uma história pessoal para mim e para o técnico. Depois, ficou alimentando o *site* e o grupo de *WhatsApp*. O diretor falou para o técnico inserir comercial após sua entrada ao vivo, o técnico responde que não há mais comerciais, todos já foram inseridos. O diretor avisa que então vai falar a hora e que o técnico deve inserir reportagem gravada e já transmitida nos dias anteriores sobre o evento do TransformaAgro para preencher a programação.

O diretor foi buscar água e nesse momento o comentarista chegou e nos cumprimentou com um aperto de mão e tomou um gole da água do técnico, os dois brincaram e fizeram piada.

Às 16h, quase na hora de iniciar o programa esportivo, o diretor muda o canal da Globo News para o canal esportivo que está transmitindo uma partida de jogo de futebol internacional. O comentarista abre o programa e o diretor realiza publicações nas redes sociais.

O comentarista leu participação de ouvinte enviada por mensagem para o seu contato particular. Durante a programação esportiva da tarde, que possui duração de 1h, diferentemente da programação da manhã que possui duração de 30min, há intervalos e uma entrada do Repórter CBN na metade do programa. Durante o intervalo, o comentarista conversou conosco sobre história pessoal e o diretor não parou de realizar as publicações. A representante comercial chegou na rádio, mas fica na mesa da entrada.

No ar, o comentarista virou o *notebook* para o diretor de jornalismo para mostrar que estava sem bateria e se desligou, o diretor desconectou o cabo que estava utilizando e entregou para o comentarista. O qual buscou as informações pelo celular particular enquanto o computador não iniciava. Provavelmente o cabo do carregador havia parado de funcionar.

Os ouvintes enviaram mensagens parabenizando os radialistas para o celular do comentarista que falou e agradeceu no ar. Mais um intervalo e o diretor contou para o comentarista sobre esporte na cidade local. O técnico fez sinal para volta do comercial. Uma vendedora de lanches entra na rádio, a representante vai até a porta do estúdio e faz sinal perguntando se alguém quer, o diretor faz sinal negativo.

O programa segue com assuntos internacionais, nacionais e municipais e depois se encerra. O comentarista guardou o *notebook*, se despediu e saiu. O diretor e o técnico saíram do estúdio e eu fui atrás. Eles pegaram água e conversaram com a representante comercial. Dois minutos depois, o diretor de jornalismo voltou ao estúdio e chamou o técnico para gravar áudio. Eu voltei junto com o diretor. O técnico colocou o microfone e o aplicativo para gravar e saiu. O diretor teve que realizar alguns ajustes na mesa do técnico durante a gravação. Eu perguntei se ele sabia mexer bem na mesa e o diretor respondeu que sim, mas que isso dá liberdade para que o técnico da tarde saia e o diretor tenha que fazer sozinho.

O diretor realizou seis gravações entre reportagens e notas para o dia seguinte e depois foi realizar as edições. O técnico voltou. Ao final, o diretor salvou as matérias no programa *Playlist* e enquanto ocorria o *download*, o diretor foi tirar os lixos da rádio.

Voltou, realizou publicações e o estúdio estava silencioso. Nessa hora é possível perceber extremo cansaço por parte do diretor. Ele finalizou as publicações, levantou-se, organizou as cadeiras do estúdio e da sala de edição, conversou com o técnico sobre futebol. Ele se sentou novamente e avisou o técnico que iria falar o tempo, trânsito e cidade. Às 17h e 46min guardou as coisas, eu guardei as minhas coisas, nos despedimos e fomos embora.

APÊNDICE H – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 22 DE SETEMBRO DE 2023

Hoje, sexta-feira, último dia da semana de observação. Estou ansiosa e animada. Cheguei na CBN às 8h e 34min. Entrei na rádio e fui direto para o estúdio. Entrei e cumprimentei o diretor e o técnico com bom dia, o diretor estava ao lado do técnico e os dois aparentavam preocupação e havia uma tensão no ar. Eu me sentei ao lado da cadeira do diretor e fiquei observando esperando a hora oportuna para perguntar o que havia acontecido.

O diretor de jornalismo perguntou ao técnico qual o sistema não estava funcionando, nessa hora entendi o motivo da seriedade dos dois. O técnico respondeu que o *Playlist* não estava funcionando. *O programa *Playlist* é utilizado principalmente pelo técnico, onde os comerciais, programas, reportagens, trilhas sonoras e efeitos sonoros são inseridos, organizados e veiculados. Também é o programa utilizado para salvar os arquivos e compartilhar entre a equipe. Portanto, é um programa e ferramenta de extrema importância para o trabalho na rádio.

O diretor falou que já estava entrando em contato com a pessoa hábil para resolver o problema. Essa pessoa é de Ponta Grossa, mas não é contratada da CBN, apenas realiza tarefas dessa esfera. Ele é irmão do proprietário de uma das rádios concorrentes.

O técnico me contou que expirou a licença do programa e não foi renovada por Maringá, que era responsável até antes da separação da sociedade, e ninguém foi avisado. O problema ocorreu desde a chegada do técnico, o qual tentou entrar em contato com a pessoa hábil, mas não obteve resposta. Sem o programa funcionar, o jornal local não acontece e os comerciais não são veiculados. A rede estava sendo transmitida, o que gera prejuízo não só comercial, mas informacional, já que os consumidores de Ponta Grossa precisam ouvir informações específicas da cidade de São Paulo, como por exemplo, o trânsito.

O diretor foi até a cozinha, pegou um copo de café e voltou. O técnico se levantou e me convidou para tomar café. Nós pegamos e voltamos para o estúdio. Os dois continuaram preocupados, porém enquanto o problema não se resolvia, o diretor começou a captação de informações no grupo de *WhatsApp* da polícia e encontrou uma informação sobre um bloqueio em determinada estrada. O diretor perguntou ao técnico se aquela estrada se localiza nos Campos Gerais e o técnico respondeu que sim.

Perguntei ao técnico se já aconteceu algum problema parecido com esse e ele respondeu que sim, na sede antiga da rádio, mas que a Rádio CBN de União da Vitória conseguiu resolver. Perguntei se mais alguma rádio estava sem poder utilizar o programa *Playlist* e ele disse que não, apenas Ponta Grossa. O diretor de jornalismo interrompeu nossa conversa para fala que

vai baixar as trilhas sonoras em outro programa (Aires), porque assim, ao menos as trilhas podem ser colocadas no ar. O técnico falou que tem como, mas a inserção no ar não ficará ágil. O diretor estava tenso e lendo texto em voz baixa. Ele e o técnico fazem brevíssimo comentário sobre assunto aleatório, mas a preocupação sobrepõe qualquer tipo de tentativa de descontração.

O técnico pergunta ao diretor de jornalismo quantas trilhas ele salvou e os colegas confirmam uma por uma pelos nomes. São 9h e 4min e nenhuma entrada ao vivo pode ser feita. O técnico avisou que vai inserir uma das trilhas.

O técnico perguntou ao diretor se o sócio ficou muito tempo aqui ontem (o diretor deve ter avisado ao técnico sobre a presença do sócio administrativo) já que no horário que ele veio, o técnico não estava em turno. O diretor respondeu que não, que ele só estava de passagem, conversou com o proprietário daqui e foi viajar.

O diretor começa a publicar matérias no *Facebook*. A tensão vai diminuindo à medida em que o diretor e o técnico conversam sobre assuntos diversos. O diretor de jornalismo levantou para “esticar as pernas” e aproveitava para olhar para o meu caderno, mas acredito que ele não consiga visualizar nitidamente.

O programa Aires serve como um apoio. O diretor saiu da sala do estúdio. O técnico me falou que sem o *Playlist* iria complicar, eu pedi para me sentar ao seu lado e ele aceitou sem nenhum impedimento ou restrição. Puxei a cadeira e me sentei do lado esquerdo do técnico, entre o diretor e o técnico, assim quando o diretor voltasse eu conseguiria ver o trabalho dos dois se necessário. O técnico me explicou que pelo programa do Aires todas as inserções terão que ser feitas manualmente, mas os comerciais não serão tocados.

O diretor havia saído para tentar contato com a pessoa que pode resolver o problema. O diretor voltou ao estúdio com ele no telefone. O especialista pediu para o técnico autorizar o acesso remoto dele no computador do técnico e o diretor encerra a ligação telefônica. Às 9h e 32min (dois minutos após o horário em que o jornal local deveria ter iniciado), o programa ainda não funcionava e a rede continuava sendo retransmitida. O diretor ficou observando atrás do técnico e eu ao lado. O especialista falou para o diretor, via *WhatsApp*, que era para aguardar 15min e depois o programa irá funcionar. O diretor continua a realizar as publicações. Enquanto isso, o técnico me perguntou sobre a minha pesquisa, eu comentei sem fornecer explicações aprofundadas. Ele me perguntou o que eu escrevo tanto no caderno e eu respondi que descrevo o que está acontecendo. O técnico me perguntou se poderia ver e eu falei que depois que a pesquisa estiver pronta e defendida, eu enviarei o *link* para acesso. Ele ri e concorda.

O técnico comenta comigo que no local antigo onde funcionava a rádio, a mesa de som era física e bem antiga, que não era própria para rádio, era uma mesa de baile que foi adaptada

para rádio. Contudo, o técnico contou que sente falta da mesa física, porque com ela bastava que um botão funcionasse para tocar a rádio (compara com o problema que aconteceu hoje com o programa). De acordo com o técnico, a mesa de som da Rádio CBN matriz de São Paulo é física até hoje.

Passados os 15min pedidos para acessar o programa *Playlist*, o técnico realiza uma nova tentativa de acesso, sem sucesso. O técnico fala que o problema maior é que está prejudicando a parte financeira, já que os comerciais não foram ao ar. O diretor contatou novamente o especialista. O técnico continua tentado, mas não funciona. Já são 9h e 51min e o diretor decide começar o programa da forma que é possível, utilizando o Aires.

O diretor de jornalismo e o técnico conversam e decidem o que será transmitido antes e resolvem iniciar com uma trilha (boletim gravado pela rede) e o técnico avisa que precisa aguardar uma brecha da rede para poder entrar no ar. Demorou para que se conseguisse uma brecha, então resolveram aguardar o Repórter CBN que iria entrar em menos de 2min. Nesse momento, o diretor fala para o técnico que eles vão começar “normal”, ou seja, com o diretor falando abrindo o programa. O técnico, preocupado com o comercial, reforça para o diretor que não terá como veicular e o diretor de jornalismo responde que tudo bem.

10h e 4min e o técnico colocou o fone de ouvido em uma orelha apenas, para ouvir quando poderá entrar ao vivo e avisar ao diretor. O programa iniciou e ele precisou procurar manualmente as sonoras que se encontravam desordenadas e ao mesmo tempo ajustar a mesa de som. Alguns efeitos sonoros o técnico não conseguiu colocar, porque estavam longe na lista.

O diretor e o técnico combinaram a ordem para soltar as matérias gravadas. O programa segue sem comerciais, com trilhas sonoras repetidas e trilhas de boletins gravadas selecionadas.

Eu fui à cozinha pegar água e notei que o comentarista estava na sala de edição trabalhando sem seu *notebook* pessoal. Na volta, cumprimentei o comentarista e perguntei se ele poderia conversar ou eu o atrapalharia. Ele receptivo, falou que poderíamos conversar. O comentarista sempre apresentou abertura em relação a mim, o que me deixa à vontade para fazer perguntas para ele. Perguntei o que ou qual programa na visão dele sustenta a Rádio CBN de Ponta Grossa. O comentarista colocou as mãos no rosto, olhou para cima e pensou. Eu falei, ou se fosse elencar em ordem de relevância para a Rádio, perguntei qual seria o principal programa. O comentarista respondeu o jornal local realizado pelo diretor de jornalismo e pelo repórter e elogiou os colegas. Falou sobre o cuidado que todos possuem com a pronúncia correta das palavras no ar e sobre a relação de amizade entre eles. Depois ele disse que o programa esportivo também possui credibilidade e tem um diferencial em Ponta Grossa por não transmitir apenas informações sobre o Operário, mas fornecer espaço a diversos esportes. Na opinião do

comentarista, o comercial necessita de mais um profissional de vendas para que se possa contatar um número maior de possíveis anunciantes. Além disso, os programas da rede atrapalham a venda de comerciais nos horários das 12h e 17h, porque não seguem a mesma posição política dos ouvintes da CBN. O comentarista também relata preocupação com a separação da sociedade das rádios de Ponta Grossa, União da Vitória e Maringá.

Uma mulher entrou no estúdio e começaram a conversar sobre o problema com o programa *Playlist*. Eu agradei o comentarista e voltei para o estúdio. O técnico me apresentou para a pessoa, ela trabalha na administração da Rádio CBN de Ponta Grossa. Até então ninguém havia falado sobre essa pessoa e função desempenhada. Assim que ela foi embora perguntei o que ela foi fazer na rádio. O técnico respondeu que foi ver se conseguiria resolver o problema, perguntei se ela auxiliou de alguma forma e o técnico falou que não.

O comentarista entrou no estúdio para dar início ao programa. Ele e o diretor se posicionaram e o programa esportivo seguiu sem anormalidades. O comentarista leu participação de ouvinte ao vivo. Eu ainda estava sentada entre o diretor e o técnico.

Depois do programa, o comentarista se despediu e foi embora. O técnico começou a relembrar do tempo em que não havia a digitalização no rádio. Ele me explicou como alguns equipamentos funcionavam naquela época e o diretor fazia comentários pontuais sobre o assunto.

De acordo com o técnico, em meados dos anos de 1998 os discos de vinil e cartuchos de fita foram sendo substituídos pelo MiniDisc. Enquanto na fita cabiam três áudios e no momento em que uma tocava a outra rebobinava, o MiniDisc não precisava rebobinar e no reproduutor do MiniDisc, em cada aparelho cabiam 200 comerciais em média. Ao mesmo tempo em que o técnico me explicava, ele buscava imagens no *Google* para eu entender melhor. O reproduutor também apresentava o número de faixas inseridas. Tanto na época no disco de vinil, quanto na época do MiniDisc, os técnicos precisavam utilizar folhas com mapas das programações para se localizarem. O aparelho do reproduutor de MiniDisc permaneceu durante cerca de 5 anos. Mas foi um salto na modernização das rádios, já que a partir dele era possível gravar música, programar mais de um comercial por vez, deixar reproduzindo as faixas e sair, assim os operadores poderiam ir ao banheiro. Antes dos anos de 1998, o gravador era com fita de rolo de rádio, quando o operador queria demarcar o final da gravação, ele deveria colocar um papel no aparelho. Depois de 1998, a marcação passou a ser por um cronômetro que já vinha inserido no reproduutor.

As trilhas eram gravadas de músicas e filmes e as edições eram feitas apenas ouvindo as sonoras e o MiniDisc possibilitava clicar no editar para realizar os cortes. Depois do

MiniDisc foi incorporado o computador. Em relação ao CD, de acordo com o técnico, a primeira rádio a tocar em Ponta Grossa foi a Rádio Mundi e a segunda foi a Rádio Santana. Com o CD o som saía limpo.

O técnico contou que sempre foi apaixonado por rádio. Inclusive ele se formou como químico, foi professor de química, mas voltou para a profissão de técnico. Com 18 anos, ele fazia parte do serviço de operação, como ele morava longe do trabalho, dormia embaixo da mesa do estúdio de uma rádio para que pudesse aprender além do seu trabalho da época. O técnico testou o programa *Playlist* e funcionou.

Para realizar as transmissões externas, que hoje são feitas pela internet, deveria ser feita uma solicitação para a Brasil Telecom de uma linha telefônica pelo menos cinco dias antes da transmissão. Depois de aceita, se a transmissão fosse em um estádio, por exemplo, o próprio operador e o narrador subiam no poste próximo ao local, puxavam a linha pela rua até o estádio e conectavam numa maleta portátil. Também constava um microfone. Às vezes acontecia de a linha ser rompida com a passagem de caminhões ou outra situação. Nesse caso, o profissional pedia para algum morador próximo ao local de transmissão emprestar o telefone e nele era conectado o cabo. Depois a rádio pagava parte da conta telefônica do morador. Se a transmissão fosse na cidade, uma linha era o suficiente, essa linha era chamada de TX. Se a transmissão fosse em outra cidade, eram solicitadas duas linhas, uma para a transmissão (TX) e outra como linha de retorno (LX).

O técnico conta que em 2019 ainda realizava transmissões externas por linha telefônica e que um dia antes ele tinha que ir até o poste liberado e realizar um teste. Caso a linha fosse rompida no mesmo dia da transmissão e não tivesse como a operadora de telefonia arrumar, o próprio profissional subia no poste e consertava. Com o tempo, surgiu a antena móvel para a transmissão de externas. A Kombi era muito utilizada.

Hoje é necessário apenas um programa, dois receptores, um fone de ouvido e um cabo de internet ou um celular com área telefônica e a transmissão pode ser realizada via telefone ou por *Meet*.

O diretor realizou uma entrada ao vivo durante a conversa com o técnico. E depois seguiu com a publicação de matérias. Às 12h e 30min ele conversou com o técnico sobre a cobertura de um jogo de golfe que acontecerá amanhã em Ponta Grossa. O diretor saiu para almoçar e eu me despedi do técnico e fui almoçar às 12h e 37min.

Retornei à rádio às 13h e 24min, cumprimentei o técnico da tarde e me sentei no lugar localizado ao lado do diretor. 8min depois o diretor de jornalismo chegou, veio direto para o estúdio, nos cumprimentou, foi ao banheiro e retornou ao estúdio.

O diretor de jornalismo avisou ao técnico que talvez a colunista não realize a entrevista de forma presencial e sim por *WhatsApp*. O técnico falou que estava tranquilo. O diretor foi buscar um café, na volta pegou o cronograma do jornal da segunda edição e se sentou em seu lugar. Ele abriu o cronograma e começou a ajustar. Não pedi novamente para ele me enviar um *print*, porque as vezes que eu pedi, ele falou que ia, mas não me enviou. O diretor perguntou ao técnico se ele lembrava qual horário o repórter coloca a agenda cultural. O técnico disse que não lembrava, mas que a partir da primeira inserção, contava-se de 30 em 30min.

O diretor abriu a conversa de *WhatsApp* com o repórter e procurou uma entrevista realizada pelo repórter. Salvou o áudio e editou. O jornalista-entrevistador de amanhã enviou a programação das entrevistas de sábado para o diretor por meio do *WhatsApp*. A partir dela, o diretor fez as publicações para as redes sociais.

Às 2h e 4min o diretor entra ao vivo pela primeira vez a tarde. Ele possui no *WhatsApp Web* uma conversa com o contato próprio para salvar arquivos da rádio. O diretor de jornalismo comentou com o técnico que já havia gravado a agenda cultural, mas o show foi cancelado e por isso ele terá que regravar. A nova versão terá menos tempo e ocasionou retrabalho.

A colunista acabou indo até a rádio. O diretor mudou de lugar como em toda entrevista presencial e eu me sentei ao seu lado. Assim que a colunista chegou, o diretor a recepcionou e a direcionou até a cadeira. Ela havia enviado o assunto da entrevista antes. A coluna segue normalmente. Ao final, o diretor e a colunista conversam sobre assunto relacionado à entrevista. O diretor levou a colunista até a porta, a qual se despediu e foi embora. O diretor voltou para o seu lugar de origem e eu me sentei ao seu lado. Ele comentou que gosta, está acostumado a sentar nesse lugar e se sente esquisito em outro. O diretor editou alguns áudios. Um dos áudios precisava ser transmitido naquela hora. O diretor salvou no programa da *Playlist* para que o técnico pudesse veicular, enquanto o *download* era realizado, o diretor teve que enrolar no ar.

Assim que o arquivo baixou e pode ser veiculado, o diretor comentou com o técnico que não deu tempo de publicar o *podcast*. A pessoa responsável pela limpeza chegou e nós saímos durante reportagem gravada para ela limpar o estúdio. O técnico e o diretor saíram da rádio e foram tomar um ar lá fora. Eu fiquei os observando pela parede de vidro de dentro da rádio. Eles rapidamente voltaram. O diretor me contou que hoje terá que novamente voltar à noite para realizar a inserção da propaganda política.

Ouvimos que a entrevista gravada está no final, então voltamos para o estúdio. O diretor voltou com a entrada ao vivo. Depois, pediu para o técnico dividir o intervalo em dois. 18min antes do início do programa esportivo, o diretor começou a procurar informações na aba de esporte do *site* do G1 e logo voltou a editar áudio.

Perto das 16h eu perguntei ao diretor se o comentarista não vai à tarde e ele responde que não, porque está em compromisso da outra profissão. O programa foi realizado apenas pelo diretor. Não teve participação de ouvintes. Após o programa, o diretor continua a editar o áudio, atualiza algumas informações de serviço no ar, grava alguns áudios e por fim realiza publicações no *site*. *O diretor também é narrador e comentarista esportivo, realiza matérias e presencia os eventos esportivos da cidade.

O diretor, às 18h guardou suas coisas. Eu me despedi do técnico e do diretor, já que não os verei mais. Agradei a receptividade e mostrei disponibilidade para qualquer dúvida ou algo que precisar. Os dois se despediram de maneira amigável e o diretor também mostrou disponibilidade.

APÊNDICE I – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO DO DIA 23 DE SETEMBRO DE 2023

Cheguei na Rádio CBN de Ponta Grossa por volta das 9h e 30min. No sábado a porta do prédio fica fechada, então eu fui até a lateral do local, o técnico me viu pela parede de vidro e foi abrir a porta para mim. Nos cumprimentamos, ele sempre receptivo, me ofereceu café. Falei que deixaria a minha bolsa no estúdio e logo voltava. Fomos até o estúdio e ao chegar lá, o jornalista-entrevistador estava sentado na cadeira situada ao lado direito da cadeira do técnico com a cabeça baixa e expressão séria. Eu o cumprimentei com um aperto de mão e após isso, ele abaixou a cabeça; senti certa tensão no ambiente. Eu estava receosa quanto a postura do jornalista-entrevistador em relação à minha presença, visto o nosso primeiro contato. Para não piorar o clima, perguntei se poderia sentar ao seu lado e ele respondeu que sim.

Eu e o técnico fomos pegar um café. Na cozinha, conversamos sobre uma entrevista concedida por ele, o qual ocupa a presidência da associação de bairro, para alunas da graduação em jornalismo da UEPG. 5min depois voltamos para o estúdio e o jornalista-entrevistador continuava na mesma posição de quando nós saímos. Eu me sentei, continuei as anotações e ele me perguntou, educadamente, se eu estava fazendo o trabalho para o mestrado ou faculdade, eu respondi que para o mestrado. O jornalista-entrevistador me contou da época em que ele estava na graduação e que logo após se formar foi professor.

A representante comercial chegou na lateral do prédio, o jornalista-entrevistador a viu e foi abrir a porta para ela. Ele voltou e continuou a conversa. Alguns minutos depois, o entrevistado chegou e a representante avisou o jornalista-entrevistador, o qual foi recebê-lo, conversaram durante aproximadamente 10min e vieram para o estúdio. Eles entraram, o jornalista-entrevistador nos apresentou, o direcionou até a cadeira fica à sua frente e eles conversaram sobre o tema da entrevista por alguns minutos.

O jornalista-entrevistador dirigiu a palavra a mim e me explicou sobre o assunto conversado que compreende a história de 200 anos de Ponta Grossa. O técnico avisou ao jornalista-entrevistador que o programa já iria começar. A fonte é historiador, pesquisador e judiciário e durante 14 anos realizou uma pesquisa e este ano lançou um livro. O entrevistado me explicou sobre o livro e o jornalista-entrevistador precisou interromper a conversa, porque precisava dar início ao programa. Para isso, ele fez duas tentativas, primeiro um sinal com a mão, mas a fonte não percebeu, porque estava falando com o olho fechado; a segunda vez foi um sinal com a mão aberta, seguido de um aviso de que começaria.

O programa começou as 10h e 15min. A fonte presenteou o jornalista-entrevistador com

seu livro, tema da entrevista, o qual utilizou como apoio para formular as perguntas. O técnico levantou e fez vídeos e fotos para que o diretor publicasse mais tarde nas redes sociais e no site. Eu dei licença para não aparecer nas imagens.

A entrevista seguiu normalmente e em alguns momentos o jornalista-entrevistador retomava o assunto e o nome do entrevistado para os ouvintes que não ouviram a entrevista desde o início.

Durante a entrevista, o jornalista-entrevistador perguntou meu nome completo e para evitar que minha voz vazasse no microfone, escrevi em um papel e mostrei a ele, que falou sobre minha presença no ar. A entrevista terminou as 11h e 1min e entrou o Repórter CBN.

O jornalista-entrevistador direcionou a fonte até a porta no intuito de finalizar a conversa, no entanto o entrevistado demorou para se retirar, mas não o suficiente para atrasar a próxima entrevista. Enquanto isso, a próxima fonte aguardava na sala de entrada. Assim que o entrevistado foi embora, o jornalista-entrevistador recebeu e direcionou a segunda fonte até o estúdio para o mesmo lugar do entrevistado anterior.

A entrevistada nos cumprimentou e o jornalista-entrevistador falou para a fonte que ela não enviou os tópicos relacionados a entrevista de hoje sobre as eleições para conselheiro tutelar. A entrevistada se desculpou várias vezes e disse que esqueceu.

O jornalista-entrevistador, ainda sério, buscou água para a entrevistada, para ele e para mim. Eu agradei a gentileza. A entrevista logo é iniciada e o técnico realiza gravação de vídeo e fotos para depois enviar para o diretor realizar as publicações nas redes sociais e no site. *Aos sábados a televisão não é ligada. A representante comercial foi encontrar o diretor em evento esportivo.

Às 11h e 30min entrou o Repórter CBN e intervalo. Enquanto isso, a fonte revisou e organizou as suas anotações. Ela comentou com o jornalista-entrevistador que ele apresentava aparência preocupada e ele confirmou a preocupação. A fonte disse conhecer ele há muitos anos e ofereceu ajuda. O entrevistado, não expressou reação.

O programa voltou e seguiu até às 12h. O técnico enviou os áudios para o diretor editar. O jornalista-entrevistador direcionou a entrevistada até a porta, ela se despediu e foi embora. O jornalista-entrevistador organizou os materiais e falou para o técnico entregar o livro que ele ganhou de presente para o proprietário. Os dois se levantaram, eu guardei minhas coisas e fomos até a cozinha. O jornalista-entrevistador falou sobre assunto aleatório e se despediu. Eu o agradei e me despedi dele. O técnico que deve ficar até às 13h conversou comigo sobre o período em que estive acompanhando o trabalho da equipe. Eu o agradei, ele falou para eu aparecer na rádio e nos despedimos.

Ao longo das observações foi possível compreender os modos de produção jornalística local da Rádio CBN de Ponta Grossa, identificar as relações internas de trabalho da equipe que contribuem para o desenvolvimento do jornalismo, bem como problemas que afetam as condições das peças jornalísticas realizadas.

APÊNDICE J – ENTREVISTA COM O DIRETOR DE JORNALISMO

Entrevista com diretor de jornalismo.

Data: 23 de novembro de 2023.

Horário: 13h e 40min.

Local: Cafeteria.

Tempo de duração da entrevista: 17min.

Pergunta 1: Pode começar falando um pouquinho sobre você, da sua trajetória profissional e acadêmica?

Resposta 1: Bom, eu sou de União da Vitória, né? Eu me formei em jornalismo em União da Vitória mesmo, em 2009 e comecei a trabalhar na área ainda no período acadêmico, né? Em uma das Rádios de União da Vitória. Eu estava no penúltimo ano se eu não me engano, no terceiro ano, se não me engano, daí comecei a trabalhar e daí surgiu a possibilidade de vir para cá, porque o meu patrão lá em União da Vitória, ele foi um dos parceiros aqui de Ponta Grossa, fizeram uma parceria, ele de União da Vitória e mais um grupo lá de Maringá para fazer administração aqui da CBN de Ponta Grossa. Daí meu chefe conhecia o meu interesse em mudar de cidade, em trabalhar com mais esporte, mais para o lado do Operário, daí fez um convite se eu queria vir morar “pra” cá, “pra” trabalhar no jornalismo, de certa forma contribuir na gerência também da rádio, né? Pelo fato de eles serem de outra cidade, eles não iam estar direto aqui, né? Então, daí eu basicamente era, ocupava a função de gerência, com o jornalismo aqui da rádio.

Pergunta 2: Então a tua primeira experiência com rádio foi na CBN de União da Vitória?

Resposta 2: Foi ainda antes da CBN, foi uma rádio AM que tinha, Rádio União que era uma rádio musical, daí eu fazia parte do jornalismo, né? E também narrava futebol e tudo mais, no esporte e no jornalismo em geral, né? E daí quando surgiu a CBN, surgiu em dois, faz cinco anos atrás, mais ou menos, e daí até não tem mais a CBN, agora já desativaram a CBN lá, virou Massa, agora, né? Mas daí surgiu uma possibilidade de passar “pra” CBN, né? Eu fiquei basicamente exclusivo para a CBN e fiquei dois anos e alguma coisa lá e daí vim para a CBN daqui.

Pergunta 3: Na CBN de União da Vitória você fazia só o jornalismo?

Resposta 3: Lá eu era só do jornalismo, o máximo que eu fiz além de apresentar e tudo mais, eu fui gerente de jornalismo. Daí eu só respondia pela gerência do jornalismo, outras coisas administrativas já não era comigo, era só questão de jornalismo mesmo.

Pergunta 4: Você pode explicar, de forma detalhada, quais eram suas funções aqui na Rádio CBN de Ponta Grossa?

Resposta 4: Bom, aqui em Ponta Grossa, além do jornalismo, de apresentar o jornal, né? Produzir, narrar os jogos também, era desde olhar se tinha coisa na despensa, comprar coisa “pra” despensa, verificar se o lixo “tava” cheio, verificar se a diarista fez o trabalho certo, estragou alguma coisa ter a iniciativa de comprar, deu algum problema na rádio, infelizmente me ligavam 4 horas da manhã, deu problema na rádio, mesmo não sendo da minha responsabilidade, mas acabavam, teve algumas situações que não eram minhas funções que depois que eu fiquei descobrindo que não precisava ter feito, mas aí me puseram fazer, entendeu? Daí, faz parte, faz parte também, né? Mas não era restrito só jornalismo, tudo que envolvia de ter compras ali, fazia, pegava a nota, encaminhava para o administrativo, ficava em Maringá, né? Tive que fazer tudo isso.

Pergunta 5: Que horas você chegava? E quando chegava, o que você fazia?

Resposta 5: Eu sempre chegava por volta das 8h da manhã, começava a verificar os *e-mails* do dia anterior para poder ser aproveitado no jornal e daí às 9h e 30min entrava no ar com o jornal e ia até meio-dia, né. Porém, na sequência de um programa de esportes e nesse entremeio, né, dando uma olhada no *site* da rádio, atualizando, mas quando tinha o [nome] repórter também, não precisava nesse aspecto, enquanto estava apresentando, o [nome] repórter estava vendo e administrando também, já aconteceu várias vezes, você tá apresentando o jornal ou o dono da rádio chegar reclamando de alguma coisa que tava faltando o café, ou alguma coisa assim, eu tenho que deixar de lado minha prioridade, o jornal “pra” poder resolver essas coisas, no meu ponto de vista eram bestas, mas que ganhavam uma proporção desnecessária. Eu tinha que dar preferência para isso algumas vezes ia criar problema, entendeu? Verificar se o lixo “tava” cheio, ter que dar preferência para isso, se não ia criar problema, entendeu?

Pergunta 6: Como você fazia a parte de produção das notícias?

Resposta 6: Bom, eu tinha como base o *release* que chegava da prefeitura, os grupos de *WhatsApp* que a gente participava, do grupo da polícia, polícia militar, civil, a rodoviária,

quando chegava era uma referência, né dava uma informação, corria atrás para poder aprofundar, né? E colocava no ar. Também quando tinha, sozinho não tinha como fazer né, mas quando tinha o [nome] repórter, a gente conseguia produzir coisas especiais, tinha a agenda cultural que o [nome] repórter produzia, então esses conteúdos que a gente conseguia fugir do que os outros acabavam fazendo também, porque daí eram *releases*, né, aí chegou num determinado ponto ali que a estrutura não avançou. E aí ficou mais na parte dos *releases* e tentando aprofundar mais, mas nessa linha, né?

Pergunta 7: No dia 21 de setembro você disse que não dá para confiar muito na assessoria da prefeitura, por quê? Como você checa a informação?

Resposta 7: Não é nem confiar muito, a assessoria por si só, ela vai falar a parte boa do assessorado, né? Então daí a gente vai ter que pegar informação ali, mas aí a gente vai buscar aprofundar para ver se realmente bate para poder ter um contraponto no assunto, né? Que não é tudo mil maravilhas, né. Por exemplo o setor de educação, tantas, não tem, evasão escolar algo assim, não dá para ficar só no que eles vão falar, né? Eles não vão falar do lado negativo, né? Tem que buscar para ver se realmente procede aquilo ali, se o número não “tá” tão distante assim, né?

Pergunta 8: E como você fazia essa verificação?

Resposta 8: A gente buscava fontes, né, o próprio pai de aluno, pegando um exemplo assim, né, de pessoas que vivem exatamente, que já conhecia para poder ver se batia as informações e isso seguia para outros setores também, né? Ia verificar quando era possível, né? Então dentro dessa possibilidade.

Pergunta 9: Nem sempre vocês conseguiam fazer reportagens externas. Quando que vocês decidiam fazer essas reportagens?

Resposta 9: Quando era um assunto muito fora da curva, entendeu? Porque, primeiro a gente não tinha um carro, a gente não teve um carro de reportagem, então muitas vezes eu tive que ir com o meu carro particular para poder, quando tinha a [nome] ex-jornalista desvinculada da rádio antes da data da observação, ainda levar o [nome] repórter em algumas situações ou até mesmo eu fazer a cobertura, né? Teve até recentemente a visita do ministro lá em Castro, né? Um evento lá da Castrolândia, né. Eu fui com meu carro para poder fazer a cobertura, né? Claro que daí a rádio, né, reembolsou na gasolina, obviamente, né? Mas a questão de a gente acabar

sendo limitado, né. E na sede nova não tinha um estúdio de gravação, não podia fazer, então daí a gente ficava mais no ao vivo e nos áudios que a gente recebia de assessoria, ou a gente pedia para as fontes, daí a gente editava para poder gravar o mínimo possível, porque daí o que acontecia, tinha que esperar toda a programação ao vivo acabar para ele usar o mesmo estúdio do ar, “pra” poder gravar. Então ela acabou ficando muito bonita no aspecto visual, mas não necessariamente a estrutura necessária para que a gente pudesse trabalhar.

Pergunta 10: Em relação às reportagens de gaveta, como que elas eram feitas e quais assuntos eram escolhidos?

Resposta 10: De gaveta, a gente conseguia ainda fazer algumas coisas mais produzidas na sede antiga, né? Na sede nova a gente ainda conseguiu fazer algumas coisas, mas quem mais conduzia a reportagem mesmo era o [nome] repórter, ele acabava produzindo. E o jornal da tarde era um pouco diferente, né, era mais entrevista, aí não era tanta reportagem, era mais leitura ao vivo e entrevistas e participação dos colunistas a gente fez nos últimos meses, né? Mas no Jornal da Manhã o [nome] repórter produzia. Enquanto a gente “tava” no ar com o programa de esportes, ele “tava” escrevendo, produzindo as reportagem e terminava o programa de esportes, ele vinha no estúdio principal para poder gravar, mas “pra” ele poder usar no dia seguinte, daí essa era a forma de a gente ter conteúdo para o dia seguinte para poder usar.

Pergunta 11: Você também apresentava o programa esportivo que terminava às 17 horas. O que você fazia depois desse horário?

Resposta 11: Eu preparava boletins para deixar para o período da manhã, para às 6h da manhã, que daí o [nome] operador chegava, daí como eu não “tava” lá “pra” poder veicular nos intervalos ali e ficava mexendo no *site*, atualizando alguma coisa do *site*, produzindo coisas para o dia seguinte, eu “tava” mexendo no *site*, mexendo nas redes sociais, né?

Comentário 1: Só você fazia as publicações nas redes sociais.

Resposta: Sim, só eu.

Resposta 11 - continuação: Programando alguma coisa, buscando já assuntos para o dia seguinte. Alguma matéria pronta, de agência, da Associação de Rádios a gente usava já a matéria pronta, só baixava, já pegava, preparava o enunciado, alguma matéria do governo,

pegava, reescrevia algumas situações ali, editava áudios, eu já deixava encaminhado muita coisa para o dia seguinte, né? Aí era dessa forma.

Pergunta 12: Vocês seguiam um roteiro de apresentação, o repórter de manhã e você seguia outro à tarde. Quem fez esses roteiros?

Resposta 12: Sim, a ordem do que acontecia no jornal, né. Era um roteiro para cada jornal. A estrutura era diferente. Nós que criamos. Daí tinha um horário fixo, dos colunistas, mais no período da tarde. Pela manhã as entrevistas eram gravadas, não tinha colunista ao vivo, né? Quando já tinha determinado horário que entraria aquele colunista, era tipo um horário específico que a gente fazia entrevista e os horários para poder desenvolver os conteúdos e a tarde daí num roteiro totalmente diferente, né? Era mais voltado para colunista, para entrevista, né? Era um jornal mais conversado, pela manhã era um jornal *hard news*, né. A estrutura era diferente.

Pergunta 13: Sobre os colunistas, quem decidiu os temas e as fontes?

Resposta 13: Surgiu em um primeiro momento pelo setor comercial com o objetivo de fomentar ainda mais conteúdo e oportunidade de comercializar esses colunistas, né? E daí os temas foram a nosso critério. E desde que começou a ver quem poderia se encaixar com as respectivas, os respectivos temas. A gente conseguiu reunir quase 10 colunistas e todos aceitaram de primeira, assim, entenderam a importância de participar, foi bem bacana, a gente conseguiu pegar colunistas de várias áreas. Os recursos humanos de setor industrial, o professor de português também tinha uma coluna, a gente conseguiu dar uma, pegar vários setores assim para poder fazer o quadro de colunistas.

Pergunta 14: Em relação ao programa esportivo, como ele era realizado?

Resposta 14: O programa esportivo, a gente fazia de certa forma, um pouquinho diferente. Pela manhã como era meia hora, era algo mais resultados e conversa rápida, análise rápida, né? Aí no período da tarde, era uma hora de programa daí a gente veiculava 1h de entrevistas, sonora do jogador, né? Basicamente mais a cobertura do Operário, a gente levava também atletas dirigentes para poder falar sobre os eventos, sobre as conquistas, a gente levava “pro” programa. Então daí a estrutura é diferente, pela manhã só o [nome] comentarista, só resultado. E algo mais pontual, né e à tarde algo mais abrangente, abria espaço com entrevista e tudo mais e qualquer ação esportiva a gente “tava” divulgando.

Pergunta 15: E como era relação entre a CBN de Ponta Grossa com a rede?

Resposta 15: Era uma relação bem interessante, porque sempre que acontecia algo que pudesse repercutir para a rede, eles faziam contato, tanto que a gente entrou várias vezes no Jornal Nacional da CBN, né? Eu entrei acho que uma ou duas vezes pela manhã, o [nome] repórter, entrou também no período da manhã alguma vez, à tarde também, um conteúdo gravado no período da noite, então não era sempre, mas é quando, a maior parte das entradas eram nas outras aqui do Paraná. [Nome] repórter entrou muito em Curitiba. Eu entrei algumas vezes também em Cascavel, Maringá, agente entrou com algumas informações aqui de Ponta Grossa que repercutia também “pra” eles.

Comentário 2: Até pelo Giro CBN com as outras CBNs do Paraná.

Resposta: Exatamente, que daí era a CBN Paraná, né? Que cada CBN dava uma notícia da região, né, mas com relação a São Paulo, né? “Pra” rede mesmo, a gente tinha algumas participações, mas daí partia deles, nós oferecíamos algumas situações, né? Mas era algo muito pertinente, né? Assim, que fosse impactar o país todo. Por isso que não era sempre que a gente entrava, mas as vezes também, foi bem bacana.

Pergunta 16: Você pode falar um pouco sobre como era a sua relação com os colegas e com o proprietário da rádio?

Resposta 16: Com os colegas sempre foi muito bacana assim, sempre foi muito bacana. Com o diretor da rádio foi meio distante. Sempre foi uma posição minha que eu trago desde União da Vitória. Eu acho que patrão é patrão e funcionário é funcionário. Eu quanto menos conversar com patrão é melhor, entendeu? No momento não era tão mal assim nada assim, mas eu procurava dizer olá, boa tarde, partindo dele algum ponto de vista ou algo assim, mas foi uma decisão minha assim, de manter um distanciamento, entendeu? Mas com os colegas sempre foi muito, muito colaborativo assim, muito, foi muito bacana assim, com o operador, foram dois operadores o [nome] e o [nome]. O [nome] comentarista esportivo também foi super parceiro do esporte ali, o [nome] repórter também nem se fala. Aí você acabava tendo um contato maior, né? Por estar basicamente, diretamente na produção, no ar, né. Que daí não tinham muitos funcionários também na rádio, né? Se eu conversava ficava mais pra parte de fora, né? Então, não tinha né? E a questão de patrão não. Basicamente, eu não era funcionário do dono aqui da rádio, né? Era funcionário dos outros, né? Mas com eles também eu não tinha muito contato,

também se fosse “pra” ficar falando toda hora com eles não precisava estar aqui, né? Então, eu só fazia relatórios mês a mês, mas algo mais pontual tinha contato. Então, era mais ou menos esse tipo de relação.

Pergunta 17: E o que você teria mudado no teu trabalho?

Resposta 17: No meu trabalho? Não me envolver em tanta coisa, até “tô” com perspectiva de no futuro também de não, não estender muita coisa, não abraçar muita coisa, eu acho que eu abracei muita coisa aí que não precisava.

Comentário 3: Você fazia transmissões fora do horário do trabalho.

Resposta: Exatamente, exatamente. Então eu poderia rever isso, não abraçar muita coisa, porque acaba te dando um nível de estresse muito grande, você acaba vivendo só “pro” trabalho, né? Então, essa é uma questão que eu faria totalmente diferente. Claro que pela função que eu vim, ser gerente, acabava sendo natural, né? Boa parte das coisas, algumas não, não algumas, né? Mas a minha ideia como agora eu pretendo ser só um jornalista, entendeu? Vai ter o período específico do trabalho, vou me concentra ali e pronto. E essa questão que é o crucial, assim, não abraçar muita coisa, porque chega um ponto que você fica muito estressado e numa eventual saída arrebenta todo um sistema, né? Porque daí ficou todo mundo dependendo de você, né? Como aconteceu agora, por exemplo, ficou a preocupação, porque o pessoal acabou se adaptando para poder fazer as coisas, porque era tudo eu que fazia, né? Então, não é uma coisa que é bacana acontecer, né?

Pergunta 18: E em relação a estrutura e equipamentos?

Resposta 18: O carro e o estúdio de gravação eram duas coisas que deveriam ter acontecido, mas não aconteceram, infelizmente. Mas questão do ar ali na estrutura, o estúdio ali era muito bom, né? Fazia as transmissões de futebol também no estúdio, ia para o estádio também tinha um equipamento, funcionava de boa assim, nesse aspecto nesse aspecto tranquilo, só pecou mesmo com o que poderia facilitar a produzir mais, né? Que nem eu falei, quando a gente “tava” no ar com o programa esportivo o [nome] repórter, poderia já estar gravando alguma coisa, se tivesse um estúdio, da mesma forma eu, o [nome] repórter estava apresentando o jornal, eu poderia estar no estúdio fazendo gravações, gravando entrevista, reportagem para ter um estoque maior de conteúdos, né? A gente não conseguiu ter esse grande estoque de conteúdo, porque não tinha uma estrutura adequada para poder executar isso.

APÊNDICE K – ENTREVISTA COM O REPÓRTER

Entrevista com o repórter.

Data: 20 de novembro de 2023.

Horário: 13h e 30min.

Local: Cafeteria.

Tempo de duração da entrevista: 1h 51min e 44s.

Pergunta 1: Pode começar falando sobre você e sua trajetória acadêmica e no rádio.

Resposta 1: Eu sou de Antônio Olinto que fica no sul do Paraná, dá umas 3h mais ou menos daqui de Ponta Grossa, perto de São Pedro e a única faculdade pública, universidade pública perto lá é aqui, porque tinha faculdade lá em União da Vitória, mas não tinha jornalismo e não tem pública, até acho que tem pública, mas não tinha jornalismo. E aí eu passei no Sisu, eu passei em Joinville, jornalismo. Mas daí não fui “pra” lá, porque meu irmão tinha passado aqui na UEPG, daí não tinha como a gente ir para uma cidade, um ir para uma cidade e o outro outra. Então eu vim para cá e fiquei, só que eu “tava” na lista de espera da UEPG, não tinha certeza que eu ia passar. Daí entrei de boa, daí beleza, isso foi em 2017. Meu irmão fazia economia na UEPG. Aí teve a pandemia no meio, então foi assim, aí a gente mudou “pra” cá eu e meu irmão só.

Pergunta 2: Você teve outra experiência com rádio antes da CBN?

Resposta 2: Não. Inclusive, a única matéria que eu fiquei em exame foi rádio, prática. E aí assim, essa história é interessante. Eu gostava de ouvir e tudo, mas também não era o ouvinte, sabia da programação. E eu consegui, fazia parte do projeto de extensão na UEPG, fazia pesquisa com o professor [nome], de foto. Então eu fazia pesquisa sobre foto. Era sobre imagem, não tinha nada a ver com rádio. E eu fazia pesquisa com ele, só que era pesquisa escrita e como eu recebia, eu tinha que ficar na universidade. Então eu ficava lá praticamente, acho que era três vezes por semana, né, que eu tinha que ficar lá e tal, fazendo pesquisa e ajudando lá. E aí teve um dia que uma conhecida, uma mulher aqui de Ponta Grossa, uma jornalista, ela pediu “pro” professor [nome] indicação de alguém “pra” fazer um *freela* que ia ter uma feira, Feira Paraná que precisava fazer assessoria de imprensa e precisava de alguém e ele como já me conhecia, já tinha, né. Daí eu fui e tal e participei como assessor de imprensa nessa Feira. Eram 10 dias. Isso foi em 2019, daí teve um dia que eu “tava” voltando da Feira com ela de

carro, né? A gente conversando e tudo, aí eu falei, ah, eu gosto de assessoria de imprensa, mas eu prefiro reportagem, é o que, não é tão legal assessoria de imprensa. Aí ela, ai que legal, bom saber, porque eu “to”, “to” começando uma parceria lá com a CBN e se tudo der certo eu posso levar você para lá, porque ela seria âncora do jornal que ele estava reformando, não sei o que, fazendo um monte de coisa e daí ela, se der certo eu te chamo. Aí passou, só que isso foi, sei lá, outubro, novembro, mais ou menos, daí começou as férias, né, e tal e daí eu ia para o último ano do curso, ia ter que começar a fazer estágio. Aí deu em janeiro, mas assim, primeira semana de janeiro, eu mandei uma mensagem para ela meio despretensioso e daí vai dar certo? E eu “tava” na praia inclusive. Mas tipo assim, começo de fevereiro junto com a universidade [se referindo ao que o entrevistado pensou que o contato iria falar]. Não, se você puder vir aqui semana que vem “pra” gente conversar. Mas aí eu conversei com ela no dia, no outro dia eu já comecei a fazer estágio, no fim não deu certo o jornal com ela, não quis mais e tal, mas eu fiquei lá como estagiário. Só que daí já começou a pandemia, que daí a UEPG meio que bloqueou por conta, né da pandemia, não podia fazer estágio. Mesmo assim fiquei lá, daí fique como estagiário um ano. Aí depois que, que terminou o estágio, daí eu ainda fiquei mais um mês sem fazer nada que daí já tinha me formado e tal, assim tudo, mas daí não tinha, daí depois eu voltei. Me chamaram de volta e eu voltei a trabalhar.

Pergunta 3: Nesse período que você voltou para a CBN ainda era na sede antiga?

Resposta 3: Sim, a gente se mudou para a sede nova agora esse ano, foi em fevereiro desse ano. Então toda, praticamente toda, a maioria da coisa foi lá na velha.

Pergunta 4: Como você sabe, eu passei um período observando vocês trabalhando, agora eu gostaria que você me contasse um pouco sobre o seu trabalho e qual era a sua função na rádio.

Resposta 4: Tá, então eu vou separar em duas etapas. A primeira etapa foi quando primeiro, eu era estagiário não fazia muita coisa. Escrevia e gravava boletins, eu ia de tarde, da uma e meia às cinco ou seis, acho que era cinco. Era pouco tempo, acho que eram quatro horas, enfim. Eu gravava para eles colocarem no ar os boletins, eu gravei vinte pilotos, assinava [nome próprio completo], não tá muito grande, tire um sobrenome, escolha um só, daí eu tive que escolher o [nome e um sobrenome] só, daí começou ir “pro” ar, mas daí dividia, tinha mais uma jornalista, não tinha jornal na época, eu era estagiário então a gente só gravava boletim e os operadores colocavam durante os intervalos da rede as notícias daqui. Então, basicamente fazia tudo, só que eu sempre gostei de fazer apuração, então não pegava boletim pronto, essas coisas, eu

apurava, ia atrás fazia entrevistas, conversava, né? Eu era estagiário então tinha tempo de fazer essas coisas e agente “tava” em três. Aí quando eu fui contratado que eles colocaram o jornal no ar, só que eu fui contratado como repórter. Então eu trabalhava, mesmo assim eu já trabalhava de manhã, eu entrava no primeiro jornal, a gente era em três, o [nome] diretor de jornalismo e a [nome] ex-jornalista da Rádio CBN de Ponta Grossa. E eu, então, eu já era jornalista, mas era repórter. Eles ancoravam de manhã o jornal e eu “tava” na rua, eu só ficava na rua de manhã.

Pergunta 5: Quando você começou o estágio na rádio o diretor de jornalismo já trabalhava lá?

Resposta 5: Não, o [nome] diretor de jornalismo foi contratado junto comigo. Daí, e a [nome] ex-jornalista também, juntos. Porque daí quem trabalhava antes quando eu era estagiário era a [nome] ex-jornalista 2, ela já não “tá” mais aqui em Ponta Grossa, muito boa também, mas foi para sei lá que cidade, daí enfim, daí eu fazia só fora então, tipo de manhã a gente fazer uma entrada ao vivo às 11h. Então, eu já comecei a trabalhar às 10h, então, só que eu não ia “pra” rádio, eu ia direto “pra” onde a pauta “tava”. Nove e pouco a [nome] ex-jornalista mandava mensagem e falava, vai “pra” tal lugar, e eu ia. Foi muito bom esse tempo, porque eu acho que todas as pessoas que me conheceram e que depois ficou fácil para mim, para eu fazer a apuração às vezes por ligação, porque as pessoas já me conheciam, foi porque eu conheci pessoalmente essas pessoas durante esse tempo de reportagem. Que é muito difícil eles responderem quando eles não te conhecem. Daí, nossa, “pra” mim era muito bom, cansava. Meio-dia eu voltava “pra” casa descansar e depois eu voltava “pra” rádio “pra” fechar a matéria. Fechava matéria “pro” outro dia, às vezes tinha gravada por telefone que eu fazia de tarde. E “tá”, mas sempre trabalhei 8 horas, né, mais do que deveria. Isso foi na primeira fase digamos assim, aí depois isso não tinha jornal de tarde, só tinha Jornal da Manhã, isso era o quê? Julho de 2021. Daí, no final do ano eles resolveram colocar um jornal à tarde também. Só que daí eles colocaram o [nome] diretor de jornalismo “pra” apresentar, o [nome] diretor de jornalismo e a [nome] ex-jornalista apresentavam de manhã e de tarde o [nome] diretor de jornalismo apresentava e eu fui, só que de tarde eu não ia “pra” rua, de tarde eu ficava lá e daí eu fui me inserindo nesse jornal da tarde. Ele me colocava falar ao vivo, o [nome] diretor de jornalismo que ia me ensinado, né? Que ele sabe fazer ao vivo, eu não sabia. E daí foi o [nome] diretor de jornalismo como apresentador, mas enquanto a [nome] ex-jornalista estava trabalhando lá. E era uma hora de Jornal da Tarde, ou era meia hora? Não, era uma hora. Só que era mais era mais, mais tranquilo assim de tarde, mais repercutindo o que já tinha sido de manhã, alguma entrevista, eu gravava entrevista, já

colocava no ar e daí como a sede era velha, a gente não chamava muitas pessoas para ir presencialmente, só fazia mais por *Meet*. Era só por *Meet*, porque daí só, era bem, enfim. Daí depois a [nome] ex-jornalista saiu e o [nome] diretor de jornalismo começou a apresentar sozinho o jornal da manhã, mas eu continuava fazendo ao vivo, na rua e tal e de tarde ele continuou por um tempo e aí teve um dia que ele, que ele foi viajar e aconteceu alguma coisa que ele não conseguiu voltar a tempo e eu apresentei o Jornal da Tarde. E daí ficou, aí outro dia eu apresentei de volta e ele, quer saber, se quiser apresentar pode apresentar, aí eu beleza então, né. Daí eu passei a apresentar o jornal. Acho que foi no final, acho que foi no final do ano passado, deve ter sido novembro, dezembro “pra” eu ter começado a apresentar de tarde, mas era uma hora. Daí, e daí que mudou um pouco, porque daí a gente começou a fazer assim, depois que a [nome] ex-jornalista saiu, eu só ia para a rua quando tinha alguma coisa extremamente necessária para ir para a rua. Então quando tinha algum evento naquele horário, tinha uma coisa acontecendo, porque antes por exemplo eu ia para a rua, eu ia falar sobre o INSS, eu ia na frente do INSS para falar e fazia vídeo “pra” coisa. Depois eu não fazia mais isso, ia fazer o que na frente do INSS? Não tem necessidade de estar em loco. Agora, se tivesse alguma coisa acontecendo, sei lá, manifestação, alguma coisa, né.

Pergunta 6: Passou a ser esporádico? Nem toda semana você saía?

Resposta 6: Não, ficava mais na rádio. Mas isso, mas mesmo assim, ali na sede, quando era a sede antiga, eu não ficava nem na rádio, eu ficava, eu fazia de casa. Eu não ia. É porque era por *Meet* mesmo que eu fazia, então eu ligava o computador em casa e fazia para não precisar ficar me deslocando, depois que a gente entrou na sede nova, daí que eu ia sempre, ambiente de trabalho melhor. E daí nesse ano, daí quando a gente mudou para sede nova, acho que ficou até mais difícil, porque daí como a gente tinha tudo ali nós conseguimos entrar ao vivo por *WhatsApp*. Eu conseguia, talvez, não precisavam muito para fora. Tinha, teve vezes que eu fui bastante, assim, operação da polícia do Gaeco que tinha que entrevistar o promotor que ia dar uma coletiva e ele não falava por áudio, aí tinha que ir lá na coletiva, precisava ir, daí ia, mas só de manhã, daí de tarde não saía mais, porque de tarde tinha o jornal. Só se assim, tivesse alguma coisa muito, visita do governador, visita de alguma coisa, daí, às vezes o [nome] diretor de jornalismo apresentava o jornal, daí de tarde para eu poder sair fazer ao vivo, às vezes o [nome] diretor de jornalismo ele saía para fazer ao vivo.

Pergunta 7: O diretor de jornalismo já fez reportagens externas também?

Resposta 7: Sim, saiu já, várias vezes. Quando saía alguma coisa na ACIPG que tinha visita de secretário, sei lá, alguma coisa, ele já foi, daí entrava ao vivo comigo, né? Fazer essa misturava, e eu gostava de sair, né? Só que daí não deu mais essa oportunidade. Só que daí o trabalho, né? Então agora vamos colocar no final, agora nesse último ano, né? Eu chegava às 9h e 30min mais ou menos. Então, a hora que eu chegava era a hora que “tava” iniciando o jornal, chegava um pouquinho antes, umas 9h e 20min, porque dava tempo de tomar café com eles, daí 9h e 30min iniciava o jornal, eu fazia o meu primeiro ao vivo que era o rodovias e aeroportos. Então, a hora que eu chegava nesse horário já começava a escrever que era fácil, né? Era só entrar nos acompanhamentos, né, nos *sites* e aí eu já ia atrás de alguma coisa para o meu ao vivo das 11h, enquanto [nome] diretor de jornalismo já “tava”. Porque normalmente era uma coisa mais factual que eu fazia, então quando não eram factuais, a gente sempre fazia no dia antes, já deixava pronto, mas quando era uma coisa mais factual que acontecia naquela manhã, normalmente policial acontece na madrugada, uma coisa mais factual, daí eu ia atrás de fonte, por ligação eu fazia pouca coisa, mais por *WhatsApp* tentava alguma coisa, fazer a sondagem dos outros veículos para ver o que eles tinham dado, porque teve aquela vez do, era uma segunda-feira, foi aquele professor da UEPG que foi expulso, o G1 publicou a notícia 5 horas da manhã de segunda-feira. E a gente tinha que dar no jornal essa notícia, de manhã. Então a hora que eu cheguei na rádio, eu já fui atrás eu consegui fazer apuração se precisar citar o G1, fazer a apuração no nosso. Aí eu conseguia, né, tipo. Eu fui no Diário Oficial do Estado. E aí entrei em contato com a UEPG e com os advogados do professor, e aí os advogados do professor, a única coisa foi que eu pedi para repórter do G1 o contato dos advogados do professor. Da UEPG já tinha, né, já conhecia, então foi relativamente simples. Daí o que eu tive que fazer, tive que escrever uma notinha no dia, “pra” gente dar no dia, mas depois a gente aprofundou, daí com os detalhes, era um caso “pro” outro dia fazer uma reportagem mais completa. Ficou mais completo “pro” outro dia. Mas era assim, era no dia, né tinha os grupos assim, isso que era o legal, mais bacana de fazer. Teve um dia também, a gente lembra dos mais legais. Teve um acidente na 277 eu acho e a gente entrou na hora do Estradas, então eu tinha uma reportagem de gaveta, de gaveta não, né, mas era uma reportagem que não era tão factual assim que a gente colocava no horário das 10. Então, só que depois das estradas, das condições das rodovias, como é que “tá” e nesse dia deu esse acidente e foi causado por, não sei o que que era, se era chuva, não sei o que que era. Eu liguei para o policial que “tava” atendendo lá e ele deu a entrevista ao vivo na hora das Estradas. Então eu falei que “tava” fechada e a gente ficou uns 10, 15 minutos falando com o policial sobre orientações e tal e aí não precisou nem colocar a reportagem, porque ela ficou de gaveta para outro, porque daí ficou esse mais factual, mas ao

vivo no dia. Naquele momento era o mais importante, não era um acidente, tinham sido acho que vários acidentes em um curto espaço de tempo. Essa Rodovia “tá” dando bastante acidente esse ano. E daí eu saía 11h e 30min, eu saía almoçar, voltava meio-dia e meia, voltava antes, mas meio-dia e meia eu voltava a trabalhar. Daí eu já começava a preparar o Jornal da Tarde, começava às 2h. Então, tinha que já “tá” tudo preparado as coisas, marcar entrevista, as entrevistas do dia eu marcava sempre um dia anterior ou dias anteriores, teve um dia que eu esqueci que “tava” marcado, os convidados, os caras esperando, tinha marcado entrevista e bateu os horários, aconteceu poucas, mas aconteceu. Consegui contornar. Mas tinha dias que a gente derrubava aquilo que “tava” programado para colocar uma coisa mais, mas teve um dia que a Rita Lee morreu, por exemplo. No dia que a Rita Lee morreu foi o Repórter CBN das 11h, se eu não me engano, que deu a notícia da morte dela e eles ficaram um tempão, daí a rede passa, fica em cima do local, eles ficaram um tempão falando sobre ela e tudo. E nisso, caiu o meu ao vivo, porque eles ficaram falando da Rita Lee e eu não tinha mais porque fazer o meu ao vivo. E eu comecei a ir atrás de informações, se ela já tinha vindo aqui para Ponta Grossa, se alguém tinha alguma lembrança dela, daí eu descobri que ela tinha feito um *show* aqui na *München Fest*. Só que eu precisava confirmar, daí eu comecei a ligar “pra” um monte de gente da cultura tudo para ver se confirmava, se ela tinha feito *show* na *München Fest*, aí eu consegui com a Casa da Memória um recorte de jornal da propaganda dela, né, da *München Fest* não consegui achar nenhuma foto dela, do dia, mas eu consegui achar um fã dela que tinha, que era um jornalista, que tinha encontrado com ela umas duas ou três vezes e ele era fã dela. Aí eu liguei para a esposa dele e falei, a gente consegue fazer um ao vivo? A gente abriu a edição da tarde com a entrevista com ele falando sobre as coisas dela, a gente colocou uma reportagem sobre ela, então já fiz todo o jornal só sobre a Rita Lee. Depois, na última hora também, a gente fez uma conversa com o repórter da CBN de Curitiba que é tipo, ligado na cultura e tal, essas coisas, que ele comentou sobre uma música que ela tinha escrito sobre Curitiba e falando sobre, bem bacana. A gente fechou o jornal “tá” até no *YouTube* e bastante visualizações da Rádio, a gente colocou o programa completo no *YouTube*, foi muito interessante, da Rita Lee que foi quando ela morreu. No dia do Pelé também, no dia que o Pelé morreu também foi muito interessante também, porque a gente “tava” com o jornal da tarde no ar e normal, jornal acontecendo e tal e terminava na época, terminava às 3h, não o jornal começava às 3h e terminava às 4h. O esporte era antes do jornal. Daí terminava às 4h, a gente entregava para a rede, né. Então, era 3h e 58min, mais ou menos, a gente “tava” com o [nome] locutor, gravado no ar, e deu na TV, na Globo News lá, né? Morre Pelé. Aí eu falei [nome] diretor de jornalismo, morreu Pelé. Aí ele, então fale, dê a notícia, antes do plantão. Daí eu falei, como uma última

informação para a gente finalizar o jornal, a Globo News acaba de dar a notícia da morte do Pelé. Aí entrou o Repórter CBN, entrou na reportagem especial da rede sobre a morte do Pelé. Então ficou como se eu tivesse chamado a reportagem de São Paulo, ficou nossa, encaixou. Morte, né, mas enfim. Essas eram as coisas que aconteciam esporadicamente. Mas, normalmente, assim. Daí eu chegava lá, agora, principalmente nesses últimos tempos que a gente tinha mais tempo de jornal, eu já entrava no *site* CBN Curitiba, CBN Cascavel e CBN Maringá e via se tinha alguma coisa que pudesse render “pra” cá, uma notícia mais de Estado, né, uma coisa mais importante que pudesse render “pra” cá. Eu já mandava mensagem “pros” jornalistas de lá que a gente já tinha contato, perguntando se eles tinham reportagem fechada ou se eles podiam entrar ao vivo em algum horário, mas normalmente eles mandavam fechada.

Pergunta 8: E o que você considerava importante?

Resposta 8: Era coisa que valia para Ponta Grossa, tipo, por exemplo alguma coisa que, eu acho que tivesse mais apelo no Estado do Paraná. Fosse uma notícia estadual, sabe por exemplo, um acidente no centro de Cascavel, não fazia sentido colocar aqui, entendeu? Mas, por exemplo, a explosão do silo lá em Palotina que Cascavel “tava” cobrindo as reportagens. Eles faziam, traziam “pra” cá, era uma coisa lá, mas era uma coisa que “tava” causando o negócio no Estado, né? Curitiba, principalmente, tipo tinha política, né? Então coisa do governador ou da Assembleia Legislativa, Curitiba acompanhava, a gente pegava. Alguma coisa mais, assim, apelativa também, um assassinato de grande repercussão, uma coisa assim, mas agora não lembro de assassinato, mas, assim por exemplo, alguma notícia que muitas, muitas vezes aconteceu, sei lá, um curitibano que morreu na guerra da Ucrânia, eles fizeram uma reportagem do cara que morreu na guerra da Ucrânia. Já coloquei reportagem disso, tinha essas, era isso assim. Maringá, também, Maringá quando acontecia também, alguma coisa pegou fogo no negócio histórico. Mas não, não um atropelamento na calçada. Maringá teve uma vez que caiu, fez uma cratera no meio de uma avenida em Maringá. Tipo assim, se fosse um buraquinho, mas foi uma cratera, um negócio curioso, daí realmente dá “pra” gente por aqui, porque nossa, olha que interessante, mas era coisa curiosa.

Pergunta 9: Mesmo acontecimentos de segurança, acidentes que aconteciam Ponta Grossa não eram noticiados?

Resposta 9: Não, primeiro porque não tinham pessoas suficientes para ficar correndo atrás de buraco na rua e segundo, assim, eu, particularmente, eu nunca achei que a CBN era um jornal,

um veículo de, popular, “pra” você fazer essas coisas. Porque, por exemplo, para você fazer essas coisas, porque por exemplo, você pega a TV é para a massa, né? Então, buraco de rua, buraco de calçada, faz sentido na TV, porque realmente, “tá” cobrando, mas eu acho que a CBN é mais para abrir alguma discussão então, por exemplo eu fiz reportagem sobre o plano diretor, nunca foi, nunca seria uma reportagem para a TV, porque é um negócio difícil de ser explicado, um negócio que poucas pessoas entendem e interessam para poucas pessoas discutirem. É claro que afeta todo mundo, mas interessa para algumas pessoas. Então, eu acho que a CBN tinha esse papel, né. Fazer entrevista, fazer debates, fomentar, fazer, trazer os fatos, então, eu, não sei, talvez outras pessoas tenham, mas eu não acho interessante você levar para a CBN uma informação que tipo, o cara que “tá” ouvindo, que é principalmente classe A, classe B, ouvir o que aconteceu no bairro do Caracará ontem à noite. É claro que todo mundo pode ouvir, né, mas assim, essa coisa de, até mesmo nos bairros, assim, por exemplo entrevistar, fazer “povo fala”, que as TVs fazem bastante, eu nunca, nunca me interessei, o que que me interessava colocar no ar uma pessoa falando do calor em Ponta Grossa?

Pergunta 10: Não teria sido interessante você ter continuado na rua e não ter assumido o jornal?

Resposta 10: Seria, eu acho que, eu acho que, assim, a minha opinião, né, é a seguinte, para um veículo como a CBN que tem isso que eu acabei de falar, essa, o dono sempre falava desse negócio da rádio útil, né? Rádio útil para as pessoas e para o debate da sociedade, “tá” pautando uma coisa mais elevada. Eu acho que no mínimo, no mínimo deveria ter quatro jornalistas trabalhando no jornalismo diário, para dois jornais é pouco ainda, mas no mínimo teria, a gente “tava” em dois. Então, assim fazia o que dava, mas eu acho que, realmente, deveria ter pelo menos um âncora, porque tem que ter um âncora, mas um repórter pelo menos, um repórter em cada, em cada jornal na rua, independente do que do que estivesse acontecendo. Tivesse nada, tivesse passando um selo no meio da rua, mas o repórter “tava” lá olhando e, dava essa noção de que você “tá” lá e as pautas sempre rendem mais, então o pessoal sempre dizia, quando [nome] se referindo a ele mesmo, ele, ele sempre traz uma série de reportagens e é verdade, porque você conversa com mais pessoas, você encontra mais pessoas, você tem por exemplo, muitas coisas de política, eu ia na câmara, na própria prefeitura, então muita coisa acontece no bastidor que se você tá por telefone ou você tá por *e-mail*, você não pega, mas se você “tá” lá, você pega no bastidor. Vou fazer uma pauta sobre isso, porque eu ouvi esse comentário aqui, outra pessoa comentou aqui e tal, você tem que estar atento, claro, um repórter tem que “tár”

atento, é, eu acharia extremamente necessário ter pelo menos um repórter na rua, eu gostei de ser repórter de rua, bacana.

Pergunta 11: Então você deixou de ter autorização para ir para a rua?

Resposta 11: Não, não é autorização, é tempo. Porque não deu tempo. Autorização, ali, ali assim, sempre foi isso, achei, eu não sei como é que é nos outros lugares, porque o único lugar que eu trabalhei foi ali, mas assim, eu nunca, nunca não. Poucas vezes que teve alguma coisa assim [nome] se referindo a ele próprio, você não pode fazer isso ou [nome] se referindo a ele próprio faça isso! Porque teve alguma coisa, por exemplo, nunca ninguém chegou e me falou assim, essa pauta você tem que fazer e eu falei assim, eu não quero e falou não interessa, você tem que fazer. Não, se eu falei, não, eu não quero fazer essa pauta, por causa disso, disso, eu não vou fazer. Beleza, você que é o jornalista e que sabe, você que é o profissional. Isso eu tenho que falar, porque foi, sempre foi assim. Né, claro que existe essas coisas de, por exemplo, política, a gente tem que ser, mas mesmo assim quando eu tinha que falar mal, por exemplo da prefeitura, eu falava e quando tinha que falar bem da prefeitura eu falava, independentemente do, eu não tinha, não me preocupava, nunca foi minha preocupação. E a mesma coisa ao vivo, né? Quando tinha, que era a gente que decidia se tinha tempo, se não tinha tempo, se não tinha muitas vezes, eu fui tipo, de noite fazer cobertura, recebia claro, né? Mas assim, mas fui fazer a cobertura de noite num evento mais importante que tinha, alguns não tão importantes assim, mas ia “pra” marcar presença que a CBN “tava” lá, às vezes eu não ia para cobrir, mas surgiu a oportunidade eu “tava” lá entrevistando as pessoas, sabia, muitas vezes eu ia cobrir alguma coisa e precisava daquela pessoa para uma outra pauta, eu já puxava a pessoa. Acho que você viu, né? O dia que eu fui. “Pra” aproveitar. Por isso é mais fácil, principalmente evento, você encontra pessoas que não necessariamente vão falar sobre aquele assunto daquela pauta daquele dia, mas de outras coisas que vão te conhecer e vão ter, enfim vão saber que você existe. Outro problema, eu acho que da CBN aqui é que muitas pessoas não sabem que a CBN existe. Tem que saber, você tem que se mostrar, foi o que a gente tentou fazer, mas não conseguiu, não teve tempo. Era impossível sair, ficar na rua, até porque um humanamente era impossível, eu ia cansar fisicamente, mentalmente e não ia render, né?

Comentário 1: E continuando a sua explicação sobre seus horários. Terminava o programa e ia entrar o esportivo, nesse momento o que você fazia?

Resposta: Então, daí a hora que terminava o esporte eu ia lá tomar café, né? Aí, às vezes ficava conversando um pouco, mas não conversava muito, né, a gente brincava uns minutos, mas não demorava, era só um cafezinho. Daí eu ia lá para o computador, daí era uma coisa que assim, na sede velha era bom, apesar de não ter tanta estrutura eu preferia a sede velha, porque tinha um estúdio de gravação. E na sede nova eles não fizeram esse estúdio. Não sei o porquê. Tinha um protótipo do estúdio, né? Eles deveriam ter fechado aquela salinha, né? E colocado um microfone, não sei por que não fizeram, não entendi. Eu acho que os arquitetos os engenheiros deveriam ter perguntado para os jornalistas do que eles precisavam, porque era extremamente necessário. Um estúdio de gravação era prioridade, primeira, “pra” mim, porque facilitaria muito o trabalho. Tive que me desdobrar muito para, nesse último período ali, tive que me desdobrar muito para fazer as coisas depois, porque o que eu fazia na sede velha. Terminava o jornal, eu já tinha uma entrevista para gravar, que era impossível na sede nova, porque na sede nova só tinha um estúdio de gravação que estava sendo usado pelo esporte. Então, eu não tinha como gravar entrevista depois. Então, eu tive que usar, aí que eu comecei a usar agência e assessoria de imprensa, “você podem mandar um áudio gravado?” E antes eu marcava entrevista. Uma que entrevista dá uns 15min, eu consigo usar como um conteúdo às vezes de gaveta ou um outro dia como uma entrevista completa, mas eu também consigo fazer uma reportagem, então eu conseguia fazer vários conteúdos com uma entrevista que eu demorava 10, 15min “pra” fazer, “pra” gravar. E como não tinha essa coisa como que eu fiz depois, daí, como não tinha o estúdio de gravação, eu gravava as entrevistas ao vivo no jornal, então era o horário da entrevista que tinha entrevista ao vivo e essa entrevista eu já pensava em uma reportagem para outro dia, então sempre, então a hora que eu ia para gravar lá no estúdio de gravação, porque não existia, eu baixava o áudio da entrevista já publicava no *site*, né? Porque sempre tinha que publicar no *site* e já ia cortando as sonoras e escrevendo o texto para gravar, né? Aí quando terminava o esporte se eu tivesse terminado a matéria, de escrever, eu ia lá no estúdio principal, pedia para o operador gravar “pra” mim. Ah e outra coisa, quando tinha o estúdio de gravação, eu mesmo colocava “pra” gravar, aí lá no outro ele que tinha que colocar, porque ele tinha que mudar tudo, era um trabalho a mais que a gente fazia, todo mundo. Era muito mais fácil quando tinha estúdio, tinha dias que eu emendava duas, três entrevistas. A gente fazia muito, teve tempos que a gente, porque como a gente gostava de fazer muita coisa da gaveta para caso acontecesse, assim sempre acontecia, por exemplo, se eu precisava um dia sair para fazer uma cobertura de um negócio para fazer uma série de reportagens, eu jogava uma entrevista gravada no jornal da tarde, então eu tinha esse tempo da entrevista gravada para fazer outra coisa, nesse período não tinha entrevista gravada, só de vez em quando que a gente

conseguiu gravar, mas era bem difícil, era tudo ao vivo, então tinha que “tar” o jornal inteiro ao vivo. Então teve tempo que a gente conseguiu de gaveta, assim 10 entrevistas sem entrevistas sem ir “pro” ar que ficou assim, muitos conteúdos bons assim, mas que eram de gaveta, que a gente podia colocar em qualquer tempo.

Pergunta 12: E principalmente nesse período que eu passei fazendo a observação, como eram decidias as reportagens de gaveta?

Resposta 12: Assim, de gaveta é o que não é necessário colocar hoje, por exemplo, sei lá o que “ta” acontecendo hoje, as chuvas, né, então se eu fosse fazer uma reportagem especial que era a reportagem que eu fazia, eu não ia fazer uma reportagem especial sobre os números da chuva, isso seria ao vivo, uma notinha, porque isso pode mudar de um dia “pro” outro, mas eu poderia por exemplo fazer uma pauta falando, sei lá, aquecimento global, um negócio que, ou *El Niño* explicando o que é *El Niño*, explicando o que é, né, porque que alaga a cidade, sei lá, fazer uma reportagem com meteorologista explicando porque que alaga a cidade, essa não é uma reportagem de gaveta, porque o negócio tá acontecendo agora, então tem que ir “pro” ar agora, né? Então é difícil, mas por exemplo uma reportagem sobre câncer na garganta, uma entrevista sobre cuidados do câncer ou fazer uma entrevista sobre café, não precisa colocar no ar hoje. Não tem necessidade. Uma entrevista sobre autismo, assim, é um tema importante, mas não necessariamente você precisa colocar hoje, porque pode ser que surja alguma coisa mais factual, claro, de repente acontece de, por exemplo, eu fiz várias entrevistas sobre problemas de, sobre educação, uso de telas para criança, né? Que é aquela coisa, perigo de as crianças usarem celular, usarem televisão, isso é gaveta. Porque qualquer momento isso vai ser importante. Não precisa ser no começo do ano, não precisa ser no final, mas quando deu os ataques nas nossas escolas em Santa Catarina, eu fiz entrevistas falando sobre o comportamento das crianças. Até poderia ser uma pauta fria, mas não era, na época foi uma pauta quente, do dia que vai acontecer e tudo, porque a gente não ia trazer as informações falando do ataque, até porque não dava para falar, porque depois saiu a norma que não dava “pra” falar sobre ataques, não foi aqui, né, mas era uma coisa que “tava” repercutindo. A gente trouxe a secretária de segurança pública, mas também fizemos outras pautas que eram sobre o negócio dos pais ficarem atentos nas crianças, aí então seria factual, mas veja, a mesma pauta pode ser factual e pode ser fria, mas depende o contexto. Aí eu conversava com o [nome] diretor de jornalismo, “tô” pensando em fazer essa reportagem, “tô” pensando em fazer essa pauta, aí ele dizia, pode fazer, pode fazer.

Pergunta 13: Você e o diretor de jornalismo sempre trocavam uma ideia antes de fazer as reportagens?

Resposta 13: Sim, nunca fiz uma coisa sem falar “pra” ele, e ele acho que também nunca fez, só o esporte, esporte também ele não falava, porque eu não queria saber. Mas sempre falava, acho que vou fazer isso, “tô” pensando em trazer esse tema. O [nome] diretor de jornalismo é uma pessoa muito boa, teve um dia que ele pediu para eu ir, agora no final, “pra” eu ir cobrir uma pauta no domingo, eu não fui, falei, eu não vou, não quero ir, não é minha obrigação e não fui. Nem ele, nem eu. Ele também não foi. Tinha uma outra coisa e tudo. Ele não mandou, ele falou, ó, se você puder e tal. Falei, até vou pensar se vou estar de bom humor no dia, mas provavelmente não vou.

Pergunta 14: Então como não fizeram o estúdio de gravação, onde você fazia as gravações?

Resposta 14: É, que eu pedi várias vezes. Aí eu gravava no estúdio do ao vivo, mas, às vezes, eu gravava com o próprio celular, tantas vezes eu me escondi lá no banheiro e gravava, no banheiro não, na cozinha. Eu gravava lá e tal que era um estúdio melhor do que.

Comentário 2: Eu não vi isso acontecer na semana que eu estava na rádio.

Resposta: Porque depois eu já tinha acostumado a gravar, principalmente no começo quando a gente mudou que deu aquele baque que não tinha estúdio de gravação. Uma vez, até foi bom que aconteceu, eu tinha marcado uma entrevista com não lembro quem que era. E na hora chegou o chefe e disse, olha, “tá” vindo um político para cá, ele vai chegar tal hora e tinha que entrevistar ele. Aí eu falei, impossível, porque a gente não tem estúdio de gravação, não tem como gravar. E não gravamos. E outra coisa também, a gente perdeu três secretários de Estado que ofereceram “pra” entrevista, mas só podiam em tal horário que era o horário que a gente não podia entrevistar. E porque “tava” em espaço de rede que a gente não pode abrir, eram 8 e pouco da manhã, era o jornal da CBN, a gente não pode colocar e porque não tinha, foram três secretários de Estado e que eu queria entrevistar, porque eram assuntos importantes. Porque a gente tem os horários de local que eles abrem, que a gente tem esse direito de pegar, aqui é das 9h até às 5h, das 9h da manhã até às 5h, mas o espaço do meio-dia até às 2h é rede, então até ao meio-dia e depois das 2h até às 5h. E todos os Repórteres CBN são obrigatórios e de noite parece que também tem espaço para caso, caso haja futebol essas coisas, daí você pode abrir para esportes que daí é jogo, essas coisas assim. Mas, e aí os intervalos também comerciais, né?

Então mesmo durante as transmissões da rede a gente tem os intervalos comerciais, acho que às 6h, 7h, que daí ele já vai colocando os intervalos que são daqui, Ponta Grossa. E tem os intervalos de rede que é São Paulo que vende e daí todas são obrigadas a colocar. Por exemplo, a gente teve no jornal da tarde, então era nosso horário, né? Horário nosso local teve agora nesses últimos meses, acho que era toda quarta-feira, 15h e 30min, se eu não me engano, no Repórter CBN das 15h e 30min a gente colocava uma reportagem de uns 3, 4min que era uma reportagem patrocinada obrigatória colocar na rede. Chamava por São Paulo e tinha que ficar esperando. Era espaço deles, mas eles avisam, então, por exemplo, quando vai derrubar o local, né? Acontece alguma coisa eles avisam assim e por exemplo, o Lula foi fazer, aquele dia, lembra? O Lula foi fazer um pronunciamento, eles escolhem ou não colocar. Às vezes eles obrigam, mas no tempo que eu fique lá, não sei se aconteceu de eles falarem assim, todo mundo tem que colocar. Na Copa, na Copa do Mundo eles transmitiram vários jogos e era obrigatório. Tinha que sair do ar 1h antes do jogo, foi bom que a gente ficou ouvindo os jogos, tinha vários jogos, foi bem legal. Mas acho que é isso, daí a gente entra, por exemplo das 9h até meio-dia e das 14h até às 17h. A gente usava das 9h e 30min, então nessa meia hora, a gente tinha direito, a gente não usava. Curitiba usa. O jornal de Curitiba começa às 9h. E se a gente quisesse, a gente podia começar o jornal às 10h também, porque o jornal da CBN começa às 6h e vai até às 10h. Então a gente terminava a última meia hora do jornal CBN, foi um pecado, porque antes era até às 9h e 30min, então dava certinho terminar o jornal da CBN a gente começava com o local, aí eles mudaram a programação agora no começo do ano, mudaram para terminar às 10h e na sexta-feira tem o recorte, a Rádio Sucupira que é uma sátira que eles fazem da política brasileira, um quadro muito legal, tradicional na CBN e não vai mais “pro” ar aqui na CBN em Ponta Grossa, porque eles colocam às 10h. Quando foi para fazer o jornal da tarde, mais tempo, né? Duas horas, eu perguntei para o [nome] diretor de jornalismo se a gente podia colocar a Rádio Sucupira, só que daí a gente, nem foi para frente, esquecemos na verdade. Mas era bem legal.

Comentário 3: Mas o diretor de jornalismo fazia algumas entradas às 9h, não é?

Resposta: Era 8h e 30min, eu acho. A partir das 9h acho que ele não fazia mais, acho que fazia uma entrada grande às 8h e alguma coisa, só às 9h tempo e temperatura, chamando “pro” jornal. Não só nesse horário, entre meio-dia e 2h entrava no intervalo do CBN Brasil, do meio-dia às 2h, se tivesse tempo a gente entrava, mas daí era o operador que dizia, vocês têm 1min, vocês têm 30s. Depende quanto comercial que tem, né? Se tiver vendendo bem e “tá” cheio de

comercial a gente não entrava. De tarde principalmente tinha entrada grande, de tarde, antes a última entrada terminava às 18h. Era uma entrada acho que de 5min, 10min. Então a gente fazia. Eu ia embora às 18h, às vezes até mais. Já chegou na sede velha, principalmente, chegou dias que eu saí depois do [nome] técnico 2, ele saía às 19h, eu saía depois, eu fechava a rádio. Porque eu ficava fechando, mas quando eu ia fazer alguma coisa mais especial, série de reportagem. Tinha que fazer alguma coisa até mais, mas depois eu nunca mais, daí depois que a gente fez toda essa mudança ali do jornal, não fiz mais reportagens especiais, era mais difícil de fazer séries, que foi perdido por causa de uma pessoa que saiu, que foi a [nome] ex-jornalista, e por causa do estúdio.

Pergunta 15: Voltando para o período que eu estava observando, você pegou férias bem naquela semana e você deixou algumas reportagens prontas, alguém pediu para você deixar ou foi por conta própria?

Resposta 15: Eu ia ficar cinco dias fora, eu deixei, eu ia ficar cinco dias foras. Tanto é que depois eu não voltei mais, né? Que como “tava” no aviso eu não precisava fazer os últimos, as últimas semanas pela lei lá, CLT, você não precisa trabalhar na última semana. Então, eu fiquei cinco dias e deixei cinco reportagens, mas ele não usou todas. Mas depois eu fiquei então mais uma semana, isso é bom, o [nome] diretor de jornalismo ficou um mês a mais que eu, depois que eu saí, ele vai ficar um mês a mais, foi um mês sozinho sem as reportagens, então ele trabalharia tranquilamente sem as reportagens, mas eu deixei, porque ajuda. Tanto que agora com essas novas pessoas que estão ali eu falei, se quiserem alguma coisa, eu não tenho problema nenhum, pode usar.

Pergunta 16: Gostaria que você falasse um pouco sobre a relação da Rádio CBN de Ponta Grossa com a rede.

Resposta 16: Achei muito interessante, porque assim, a gente, como que funciona, por exemplo para a gente poder entrar em São Paulo com alguma notícia daqui, tem um *e-mail*, então de manhã chega, umas 6h da manhã, 7h horas da manhã, eles mandam um *e-mail* falando, gente, “pra” rede inteira, né, Brasil inteiro, mandem sugestões de pautas, e ela não fazia isso, porque eu entrava às 9h, 9h e 30min, né? 6h não entrava, mas quando eu chegava na rádio, se tinha alguma coisa importante eu já mandava no *e-mail*, né? Aí se eles se interessassem, eles mandavam no *Whats*, mensagem, ah, aqui é produtor do programa tal, você pode falar sobre isso?

Pergunta 17: No *Whats* da rádio?

Resposta 17: Não, no meu *Whats* ou no *Whats* do [nome] diretor de jornalismo. Eles já têm e quando eu mandava pauta, eu mandava meu contato embaixo, era a praxe, era assim que eles pediam “pra” fazer. Porque daí já mandavam o número do repórter quando precisava. E daí o que eles falavam? Então eles se interessavam, ah, você pode entrar ao vivo tal hora? Posso, imagina, poderia estar fazendo qualquer coisa, parava. Ou eles falavam manda consolidado. O que é consolidado? A gente gravava a reportagem e mandava reportagem gravada. Aí eles colocavam o horário que desse, aconteceu várias vezes, várias vezes mesmo, assim, muitas coisas aconteceram que a gente conseguiu colocar. Uma vez deu uma pauta aqui, eu fiz toda a apuração, uma apuração tão boa, entrevistei, foi uma descoberta de uma floresta antiga de não sei quantos anos, 400 anos, aqui na região, uma cidade, Ortigueira. Eles descobriram, uma pesquisadora da UFPR descobriu essa, esse sítio arqueológico, é com araucárias, de data de não sei quantos anos. Eu fiz uma reportagem assim toda trabalhada, mandei “pra” rede, a repórter de Maringá tinha feito a mesma coisa, a mesma reportagem e ela entrou na rede, só que Ortigueira é nossa região, mas a reportagem foi “pra” rede. Outra vez também aqui no Parque Nacional dos Campos Gerais eles acharam umas pinturas rupestres que também tinha Araucárias lá tudo, eu fiz uma reportagem sobre esses caras, foi para a rede, das coisas boas, mas a maioria era coisa ruim, então morreu cinco pessoas no acidente, caiu um ônibus na ribanceira. Guarapuava foi a minha primeira, até essa semana eu “tava” vendo as notícias aqui, pensei se eu tivesse na CBN eu que ia fazer essa, porque Guarapuava foi, eu acho que eu já contei para você, mas não gravando, foi a primeira vez que eu fiz ao vivo, foi aquele assalto que teve em Guarapuava que mataram um policial. Foi num domingo esse assalto, daí na segunda-feira, o repórter da CBN de Curitiba foi “pra” Guarapuava, porque ele trabalhava na RIC, foi pela RIC, mas daí aproveitou e fez para a CBN também e foi “pra” nacional, né, que daí deu uns estouros e não sei o quê. Então, em Guarapuava, só que Guarapuava é Campos Gerais então era nossa. Só que Curitiba fez, porque o repórter “tava” lá e tal, mas nisso nós entramos na apuração também, então a gente começou a acompanhar as buscas dos suspeitos, quantos eram, o policial “tava” no hospital, a gente teve que acompanhar qual que era o estado de saúde dele, então todo dia a gente tinha que atualizar falando qual que era, no primeiro dia eu entrei ao vivo na rede, em uns três, quatro jornais, entrando ao vivo falando assim, porque tinha atualização cada pouco, eles prenderam a primeira pessoa no mesmo dia, então quando prenderam, eu consegui a informação, entrei ao vivo na hora, não tinha feito nenhum texto, tive que fazer no improviso e aí nessa semana daí o policial tinha levado um tiro na cabeça, e ele

“tava” internado em estado grave. E aí na sexta-feira de tarde eu tinha publicado uma atualização que a polícia tinha achado um carro abandonado não sei aonde, numa cidade lá e no sábado de manhã o pessoal da CBN rede, CBN lá de São Paulo mandou uma mensagem para mim, perguntando se eu podia entrar ao vivo, eu “tava” dormindo, acordei, eu não “tava” trabalhando, né? Se eu podia entrar falando ao vivo daquele caso. Só que era tal horário, tipo, sei lá, eles mandaram 9h, era “pra” eu entrar ao vivo às 10h e 30min, deu umas 10h o G1 publicou, o G1 não, “tava” saindo não sei em que jornal, “tava” saindo que tinha morrido o policial e nós não tínhamos essa confirmação, eu fui atualizar, porque daí assim, quando a gente não tinha informação, o único portal que a gente confiava “pra” dar a notícia era o G1, que fazia parte do Grupo Globo, o grupo da CBN, os outros jornais a gente não dava, só quando era extremamente necessário, e eu atualizando o G1 “pra” ver e não atualizava nada. Liguei “pro” batalhão de Guarapuava, “pro” assessor lá do batalhão de Guarapuava, e falei assim, ó, “tá” um boato que o cabo morreu, confirma? Ele só falou assim, confirma. E eu tipo assim, “tá”, meus pêsames. Aí eu entrei, falei com a produtora da CBN, “tava” quase entrado ao vivo. Mas eu ia falar sobre o carro, né, falei, o policial morreu acho que é até a notícia mais importante, ela falou, não, beleza, pode fazer o que você quiser. Só que a apresentadora não sabia, não avisaram ela qual que era a pauta. Aí ela falou, agora a gente vai “pra” Ponta Grossa, porque o [nome] repórter tem as informações atualizadas sobre o caso de Guarapuava. E eu, acabou de morrer o policial, vão doar os órgãos e tal. Ela fez uma cara depois no vídeo, tem o vídeo, uma cara de susto. E foi na hora que aconteceu o negócio, mas depois várias vezes aconteceu. Outra vez teve a visita do Bolsonaro para cá, eu fui, eu ia entrar ao vivo era, foi a primeira vez que ele falou, um pouquinho antes, ele veio em 2021 para cá e ele atacava as urnas, falou um monte de coisa das urnas eletrônicas que não eram confiáveis e quando ele veio para cá, ele falou no discurso dele que eles tinham feito alguma coisa que as urnas na eleição iam ser confiáveis, porque o exército ia fazer, e foi aqui em Ponta Grossa que ele falou e eu ia entrar ao vivo falando sobre isso na rede. Só que daí morreu a Marília Mendonça, a rede entrou com a cobertura, daí eu não entrei.

Pergunta 18: E a relação da CBN de Ponta Grossa com a região do Paraná?

Resposta 18: Eu gosto muito dessas outras assim, porque todo mundo é muito, assim eu não tenho nada o que reclamar. Maringá, Cascavel era do mesmo grupo nosso aqui, mas a que mais, o mais legal assim de trocar ideia era Curitiba. Claro Maringá, eles sempre mandavam. Só que o que aconteceu? As notícias mais importantes era Curitiba, então eles pediam “pra” eu entrar

ao vivo com eles, e eu entrava, ou gravava alguma reportagem “pra” mandar “pra” eles, pelo menos uma vez por semana acontecia alguma pauta que eles também podiam usar lá e eu entrava com eles no jornal da tarde, porque no jornal da manhã, as notícias mais de Estado elas ficam no CBN Paraná, então não precisa dessa, às vezes a gente entrava no começo, por exemplo esse negócio de Guarapuava, a gente entrava várias vezes a gente entrou no início do jornal em Curitiba. Eles ligavam “pra” mim, “pra” fazer uma conexão agora com Ponta Grossa, não sei o quê. E acontecia o mesmo também, porque teve aquele dia que caiu o avião na serra. Então o que aconteceu? No dia anterior, sumiu o avião, o avião tinha saído de Apucarana? Apucarana. E aí sumiu. E tinha boatos que ele tinha, que o ponto final dele seria em Ponta Grossa que ia abastecer e não sei o quê, aí isso a coordenadora de jornalismo lá de Curitiba, a [nome] ela mandou mensagem era 5 e pouco da tarde. viu, tem esse boato, veja se você consegue me confirmar, vocês têm alguma coisa aí? Se esse avião caiu e tal. Eu liguei “pro” superintendente do aeroporto aqui, o seguinte, como que “tá” e tal? E aí ele falou, não, não ia pousar aqui, não tinha nada, Ponta Grossa não tinha nada a ver. Daí eu mandei “pra” ela, não tem nada a ver com Ponta Grossa. Só que nisso, como era uma notícia Estado, ela mandou o que ela tinha para mim, então eles lá em Curitiba, já eram 5h, já estava quase indo embora, já era rede, né? Parece que eles abriram um plantão lá em Curitiba falando sobre isso e eu abri um plantão aqui em Ponta Grossa. Então eu abri um plantão, eu podia fazer isso, né, porque era plantão, toca a vinheta a gente entra falando. Não precisa avisar a rede. Enquanto eu tive na CBN, a gente abriu, a gente abriu três plantões. Um foi no segundo dia de jornal, no segundo dia que a gente “tava” gravando junto, morreu o ex-prefeito, até é uma história interessante. Ele “tava” internado com covid e já tinha saído o boato que ele tinha morrido uma semana antes, mas era mentira, era *fake news* e aquele dia morreu o ex-prefeito, falei, vou entrar com um plantão, daí “tava” a [nome] ex-jornalista e o [nome] diretor de jornalismo.

Pergunta 19: Por que vocês só fizeram três plantões em todo esse tempo?

Resposta 19: A gente só fez três, porque não foi necessário. Esses três foram necessários. Porque plantão é quando a gente tem que derrubar a rede e não precisa derrubar a rede sempre, só quando é uma coisa extraordinária. Então, ou a gente fazia quando não era uma coisa tão extraordinária a gente esperava o intervalo, dava no intervalo, mas quando era mais urgente ainda que a gente queria dar em primeira mão, aí era plantão. Aí na morte do ex-prefeito a gente “tava” na rádio, a [nome] ex-jornalista não “tava”, porque ela trabalhava de tarde, mas ela “tava” bem interessada, porque apuração, ela é produtora, né? Daí ela começou a apurar e tal,

e ela ligou “pro” hospital, nisso eu mandei mensagem “pro” [nome] coordenador de jornalismo, e falei, olha, está “pra” morrer o homem, a gente pode abrir plantão caso aconteça? E eu já fiz o texto, eu já tinha o texto pronto uma semana antes, quando ele tinha, quando “tava” o boato, já “tava” pronto. Aí, o que que eu fiz? “Tava” dando o meu horário de ir embora, a gente não conseguia confirmar, e aí eu deixei gravado, deixei gravado, né? Morreu nessa tarde, não sei o quê e tal. E o [nome] técnico ia ficar até às 19h. Eu fui embora, eu falei, [nome] técnico, eu vou te mandar, caso a gente confirme ainda hoje até as 19h, eu vou te mandar uma mensagem para você colocar o conteúdo, você coloca. Tira do ar e coloca o plantão. “Tava” gravado. Daí a [nome] ex-jornalista, o que que ela fez? Ela ligou e o médico, conhecido, ele falou “pra” ela, confirmado, morreu, mas a gente não contou para a família ainda. Então espere, quando a gente contar para família, eu vou mandar um joinha no teu *Whats*. E aí vocês podem publicar. E a gente ficou esperando, aí ele mandou um joinha para ela e a gente colocou no ar, foi antes das 19h. a gente conseguiu colocar plantão. Aí no outro dia foi o jornal totalmente só por causa da morte do homem. Daí, o segundo plantão, foi durante o CBN Brasil, uma e pouco da tarde, meio-dia e pouco, explodiu uns postes no centro ali da cidade e o [nome] diretor de jornalismo “tava” almoçando num restaurante perto, aí que que ele fez? Ele gravou com o bombeiro e foi muito feio, tinha não sei quantas pessoas que ficaram sem luz ali, a gente abriu o plantão, eu fiquei 5 min falando, coloquei a entrevista com bombeiro durante o plantão, né? Pelo menos não morreu ninguém. E o terceiro plantão foi esse do avião, foram três plantões que a gente deu nesse tempo que eu fiquei, porque, e aí nesse do avião, daí o que aconteceu, a gente fez esse plantão dia, terminou o plantão e a gente foi embora. O avião tinha desaparecido e acho que eles foram encontrar dois dias depois, não lembro, quando eles encontraram o avião na serra, Guaratuba e tal, eu entrei ao vivo com Curitiba no jornal da tarde. “Tava” no nosso jornal. Eu entrei ao vivo com Curitiba e ela, a repórter de Curitiba deu a informação de que tinham encontrado e tal, que “tava” sem vida, eram servidores do Estado ainda que estavam no avião, era o governo do Estado que “tava” no avião, daí o governo teve que fazer nota, decretar luto, fazer um monte de coisa. Mas eu dei a informação porque o G1 tinha confirmado, então eu falei no ar, ó o G1 acabou de confirmar que o avião foi encontrado e tal, mas daí ele foi para o Repórter CBN, um intervalo, e eu já voltei com a repórter lá de Curitiba. Eu fiz toda essa volta “pra” falar da relação, né, por quê? Porque eu pedi “pro” produtor de Curitiba, eu falei ó, vocês têm alguma informação? Não, tem a [nome] jornalista de Curitiba que “tá” acompanhando, ela pode entrar ao vivo com vocês, beleza? Beleza.

Pergunta 20: E em relação as informações que vocês recebem pela assessoria? Eram confiáveis? Vocês checavam?

Resposta 20: É que depende a assessoria, né? A prefeitura eu sempre tive problema, alguns assessores eram confiáveis, ok? Mas, principalmente nesse governo da prefeita, era mais complicado. Não por conta dos profissionais, todos eles são, assim muito bons, eu não tinha problema com eles, mas muitas informações são retidas que a gente não consegue, por isso que eu disse “pra” você a questão de ir pessoalmente, às vezes no lugar, é melhor do que ficar esperando assessoria. Antes dessa administração, do prefeito anterior, mesmo quando era uma notícia, uma informação que eles não queriam dar, enfim, alguma coisa mais polêmica, eles respondiam, então eles mandavam um *e-mail*, “infelizmente a gente não tem essa informação agora” ou pedia uma entrevista, “não vai dar essa entrevista agora”. Mas respondiam. Agora eles nem respondem mais. Então a gente pede e fica no escuro, essa é a coisa. E não pode por *Whats*, só *e-mail*, uma coisa mais protocolar. Assim, às vezes eu mando *e-mail* e aviso, ó, mandei *e-mail* lá. Porque a gente tem o *Whats* ou eu ia diretamente com a pessoa que eu precisava, por exemplo eu precisava falar com o secretário da fazenda, mandava mensagem “pra” ele, oi, secretário, vamos gravar uma entrevista? Ele, vamos, tal dia e tal hora. Não, beleza, combiando. Só manda lá “pra” assessoria “pra” confirmar. Aí eu mandava “pra” assessoria, mas eu já tinha, era só para protocolizar. Alguns secretários me conheciam e eu os conhecia, aí era mais fácil, outros não. Teve secretário ali que eu nunca consegui entrevistar. Mas enfim. Daí as outras assessorias são mais legais, porque assim chove, chove no *Whats*. Você falou, precisa checar? Não necessariamente, porque era mais por especialista. Então tipo assim, as assessorias que a gente trabalhava, a maioria de Curitiba, porque aqui em Ponta Grossa era mais difícil. Tinha, dependendo, primeiro vou falar em Curitiba, depois eu falo em Ponta Grossa. Mas a de Curitiba, ela era mais assim, então aconteceu que nem o negócio da explosão lá de Palotina. Eu mandei lá para assessora e falei assim, olha eu preciso para hoje um especialista para falar o porquê que pegou fogo no grão, porque que grão pega fogo. Ela conseguiu para mim, professor e tal, naquele dia. Se eu fosse esperar por exemplo, assessoria da UEPG, não porque eles são ruins, porque eles fazem de má vontade, mas porque é um processo totalmente diferente, você achar um professor da UEPG que não esteja dando aula. Universidade estadual não tem obrigação de ficar dando entrevista sobre temas que não concerne a eles. Agora, uma universidade privada que precisa que o professor, sei lá, eles têm assessoria e vendem, né. Mas, então não necessariamente que a gente teria que confirmar as informações, porque não eram as informações, era tipo assim, a gente usava, como um

especialista para falar sobre algum tema que já tinha uma confirmação. Diferente de prefeitura que a gente precisa de dados e tal, as assessorias privadas não necessariamente tinham dados, até porque não servia para nós, por exemplo se a gente quisesse falar sobre um professor de uma universidade privada, alguma coisa da universidade privada, a gente não ia fazer uma reportagem falando, não, essa universidade tem 59 cursos e tal, não faz sentido, porque era privada. Mas diferente da pública, se a gente fosse falar do vestibular da UEPG. Aí os outros assessores, se a gente precisava da polícia, nesse caso de Guarapuava que eu falei, a polícia militar é um desastre, “pra” dar informação, só por nota oficial, boletim de ocorrência, entrevista assim, eles deram uma vez uma entrevista para nós, os policiais, que foi um caso que deu bastante repercussão, fomos nós que demos a primeira notícia por causa da Cracolândia na Praça dos Polacos, não sei se você lembra? Foi um colosso aquela vez, que eu consegui, acho que foram duas, três reportagens falando sobre a insegurança nas praças de Ponta Grossa, dando ênfase na Praça dos Polacos, na praça Barão do Rio Branco que tinha moradores de rua, né, encontravam facas, brigas e agora voltou, parece que veio uma notícia que esfaquearam dois lá, mas enfim. Sobre a segurança, a gente conseguiu entrevistar a secretária de segurança pública. Ela é superacessível, quando foi via assessoria eles só mandaram uma nota oficial, mas daí depois eu consegui com ela, ela foi lá na rádio, fez entrevista ao vivo. Não tem o que reclamar. E depois ainda conseguiu resolver o problema, mas essa primeira reportagem entrevistei algumas pessoas na rua, daí sempre podia, né? Pegar na rua e entrevistar, porque era um tema que “tava”, só que eu consegui imagens de dentro da igreja, desses moradores de rua entrando no confessionário e roubando ventilador do confessionário, dentro da igreja, eu consegui a imagem de câmera de segurança e daí, nisso essa imagem foi “pra” TV. E daí eu comentei com o superior da igreja que “tava” fazendo reportagem sobre segurança e tudo, aí ele tinha me falado, eu falei, vou publicar. Essa deu no Estado. A RPC fez uma reportagem que deu o Paraná inteiro falando sobre isso. Foi ano passado, metade do ano passado. Então a gente ficou uma semana falando sobre isso. Mas fomos nós que, e depois foi “pra” todos os jornais. Depois a secretária, passou um mês, dois meses depois, ela me encontrou e falou, e daí? Foi resolvido o problema da praça? “Tá” na hora de fazer outro, porque esses dias passei lá na frente, e “tá”, mas enfim, foi bem legal. Daí nesse que a polícia deu entrevista “pra” nós. Aí como tinha dado uma repercussão, a gente fez de várias vertentes, então, o que que a gente fez? A gente fez uma reportagem falando sobre aquilo que eu falei da CBN tentando sair do factual e levar o assunto “pra” debater, né? A gente fez o factual, falando da insegurança, da questão do tráfico de drogas, essas coisas, a gente fez a segunda reportagem falando sobre o roubo, do furto dentro da igreja. Aí uma terceira reportagem a gente entrevistou o pessoal da UEPG, os professores da UEPG

que tinham feito uma pesquisa falando sobre como que a pandemia, como que tinha aumentado o número de pessoas pedindo em ruas por conta da pandemia, então tipo a questão da pobreza, da extrema pobreza em Ponta Grossa. Como que as pessoas se beneficiam disso, do tráfico de drogas, não sei o quê e aí a gente entrevistou a polícia, porque para falar sobre a questão de que a polícia não pode levar uma pessoa em situação de rua para um abrigo, porque a pessoa em situação de rua ela tem autonomia, ela não pode ser levada, e daí eles falaram por causa disso, porque por exemplo, tudo bem, tá inseguro, mas a polícia não pode fazer nada, porque eles não estão cometendo crime. Então a gente levou toda essa situação “pro” ar, “pro” ouvinte que decida o que ele vai querer ver, mas espaço a gente colocou. Quando tinha tempo de fazer, depois não deu mais “pra” fazer.

Pergunta 21: Às tardes tinham as colunas, os assuntos e as fontes eram decididas de que forma?

Resposta 21: Agora as colunas estão de manhã. Então, as colunas foi um pedido da direção, porque daí, eles chegaram “pra” nós e falaram, tem muito esporte, vocês precisam fazer alguma coisa. Nós falamos que não dava “pra” fazer nada, porque nós estamos em dois e não tem como fazer. Né, nós estamos fazendo nossa parte. Só que não foi a direção de jornalismo, foi a direção do comercial, a questão da venda, né? Do comercial. Porque Maringá não tinha esporte. Porque Ponta Grossa vale a pena você ter o programa esportivo como tinha ali, você tinha meia hora antes do meio-dia e depois uma hora inteira de tarde, só que eles não falavam só sobre futebol. Eles falavam variados, traziam convidados, então era muito misturado. E como era um programa esportivo, eu, na minha opinião que também não gosto de esporte, era mais um programa também de entretenimento, porque tinha coisas de outros esportes e tal, não era só aquele factual. Quantos gols fez, e ponta-grossense, muita coisa de Ponta Grossa que outras rádios não faziam, que muitas cidades não fazem, que “pra” nós era uma coisa muito boa, eu achava, eu que não gosto de futebol. Mas o pessoal, enfim. Daí eles pediram “pra” aumentar o horário do jornal, daí nós falamos, impossível, não tem como aumentar o horário do jornal e uma hora de esporte, como que vai equivaler uma hora de esporte e uma hora de jornal? Tem que ter duas horas de jornal e uma hora de esporte. Daí o que que a gente achou, a gente falou, não, já que vai ter que aumentar, então vamos colocar colunistas, porque colocando colunistas a gente consegue, já era um desejo nosso colocar colunistas, e a gente consegue pegar esse tempo e colocar conteúdo, vai falar o que em duas horas? Não tem.

Comentário 4: Eu não entendi o interesse de Maringá em tirar o esporte de Ponta Grossa.

Resposta 4: Acho que era a opinião da direção, não podia ter, né? Não que não podia, é que não era interessante o esporte. Mais interessante era o jornalismo. Mas a gente permaneceu o esporte 1h (duração), batemos o pé, o [nome] diretor de jornalismo principalmente o [nome] comentarista esportivo, bateram o pé, o esporte vai continuar, porque é, isso que eu disse “pra” você àquela hora, né que mesmo assim, eles faziam os pedidos, faziam as coisas, mas, né. Mas enfim, né? Aí a gente aumentou o jornal com os colunistas, a ideia era fazer dois colunistas por dia, teve dias que a gente não conseguiu, porque ainda não tinha convidado, não tinha pessoas em mente e tal. Aí foi até difícil, porque a gente começou a convidar as pessoas e falavam tal pessoa pode ser legal para isso e quando a gente viu só tinha homem. Aí falei, a gente vai ter que pensar em mulher, aí depois foi, as mulheres, a gente conseguiu e só pessoas, assim que eu, particularmente achei importantíssimas. Então como que era, eles foram convidados, aceitaram, tinham o horário deles. E como não é um negócio pago, porque colunista é uma contribuição, né que eles estão dando, por serem profissionais, né? Daquele assunto e tal, então eles tinham essa liberdade deles fazerem como eles quisessem, eles podiam ir no estúdio para fazer ao vivo, eles podiam fazer por ligação e eles podiam gravar. Deixar gravado e a gente colocava gravado. A maioria sempre ligava na rádio e fazia por ligação ao vivo, não fazia gravado. Porque gostava, para você ver como é também a importância das pessoas se sentirem honradas de “tar” participando do negócio, ter esse compromisso e tal, porque foi uma coisa que eu fiquei bastante frustrado quando eles tiraram o jornal da tarde do ar, porque fazia um mês que a gente tinha colocado os colunistas, não dois meses. Se eles sabiam que ia acontecer isso, por que que eles fizeram nós colocarmos os colunistas, né? Por que que eles fizeram a gente convidar essas pessoas? Eu fiquei bastante frustrado com isso. Mas agora que está de manhã, graças a Deus, eles convidaram os mesmos, até outros novos, tem uma de *fitness* não sei o quê. Colocaram assim tudo que, enfim, tomara que dê boa. Mas enfim, daí eles mandavam. Iam lá ao vivo, mandavam o tema, eles que escolhiam, o único era o de português que era eu que escolhia. Ligava, professor, vamos falar sobre isso. Mas os outros chegavam lá ou me mandavam mensagem no dia, um pouco antes ou na hora chegava, hoje vamos falar sobre isso, pergunta o que você quiser. Daí eu perguntava.

Pergunta 22: Os temas foram vocês que escolheram?

Resposta 22: Eu e o [nome] diretor de jornalismo. A gente fez uma lista dos nomes e o que que eles eram. E mandamos “pra” direção, a direção deu ok. A única pessoa que assim, que a gente, até o [nome] diretor de jornalismo ligou depois “pro” [nome] diretor geral “pra” explicar tudo

foi a [nome] presidente da Casa da Indústria, porque ela é presidente da Casa da Indústria que é da FIEP. Daí a gente teve que perguntar “pra” ele, pra ver se podia por ser vinculada a uma instituição. Mas podia, tranquilo. A gente queria colocar também uma coluna sobre pequenos negócios, inovação, com a [nome] secretária municipal só que a gente não conseguiu, porque ela é secretária municipal, faz parte da administração daí não pode por conta do manual da CBN, não pode fazer parte. Mas não deu “pra” fazer a coluna, “pra” essa coluna seria só “pra”, não tem outra pessoa em Ponta Grossa, na minha opinião que falaria o que ela iria falar. Tanto é que a [nome] presidente da Casa da Indústria continua na CBN fazendo coluna, mas ela é ainda mais, ela é presidente do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Ponta Grossa, foi eleita e tal, “pra” ver o nível das pessoas que a gente coloca. A psicóloga ia na CBN, ela ia na CBN, ela ficava nervosa, assim é muito gente boa. Quando a gente falou que ia sair e tudo, ela ofereceu até consulta psicológica “pra” nós. Muito legal. Mas que bom que eles colocaram de manhã, porque assim, é conteúdo, eu acho que é uma coisa que ocupa o tempo, mas também não ocupa com baboseira, é com coisa daqui de Ponta Grossa, assunto importante, assunto bacana, eu acho legal. E eu, o tempo que eu quisesse, tinha colunas que davam 20min. Imagine, jornalismo dar uma entrevista de 20min é. Mas porque eles gostaram, o professor da economia [nome], a gente ficava conversando até o fim do jornal, porque ele sempre tinha assunto e ele era um que no começo ele combinou de fazer por telefone, porque ele não ia conseguir ir para a rádio todo dia e no fim ele foi em todos, porque ele gostava de ir para conversar olho no olho, “pra” render, né.

Pergunta 23: Como é era a sua relação com os teus colegas e com o proprietário da rádio?

Resposta 23: Muito boa, assim. O proprietário, o [nome] que não era chefe, foi ele que me colocou lá, “pra” eu entrar na CBN foi ele que, me conhecia já, porque eu era estagiário e tal, daí ele gostava de mim, eu sempre gostei dele, tem as questões práticas da vida, mas comigo nunca, tanto é que assim, sempre, ele é uma pessoa muito inteligente e sempre vinha com sugestão de pauta, sugestão de pauta, não era determinação, só que pautas boas, ótimas. Ele via alguma coisa, ah podia fazer, uma pessoa, ele não é jornalista, mas podia ser. Teve uma vez só que eu não fiz, ele entendeu e assim, sabe? Era uma entrevista com um político que não era aqui do Paraná e “tava” meio, falei, não vou fazer. Não vou fazer, porque eu não acho correto. E assim, a minha relação pessoal, não tem nenhuma, nada assim, nada, nada o que reclamar. Até porque ele ia na rádio, mas assim não ia muito e eu posso dizer a questão de que ele é político também. Entendeu? Essa questão da política poderia envolver às vezes. Eu “tava” lá na rádio,

era estagiário, em 2020 na época da eleição municipal, daí a gente fez a cobertura da eleição municipal, não tão, assim, a gente não foi tanto atrás da eleição, porque não tinha jornal, mas tinha boletim. Daí a gente acompanhava agenda dos políticos, acompanhava e na época da eleição, daqueles meses, não sei quantos meses que foi, dois meses, ele não foi nenhum dia, não foi lá, para ver assim, a questão de que ele não quis, não sei se foi por isso, mas não foi. Ano passado teve eleição também presidencial de deputado e tal, tudo, também ia poucas vezes lá e também não se discutia a questão das entrevistas com os candidatos a governadores, foi em rede, então os candidatos a governadores não vieram para Ponta Grossa. A gente não fez entrevista aqui, né? Ah, não, teve uma que foi, eu tive que entrevistar. Foi boa a entrevista ao vivo. Mas ele não foi. Acho que até ele foi, mas assim, ficou do lado fora, o Álvaro Dias foi também, mas não é aquela coisa que você tem que entrevistar, porque ele é meu amigo, não. Era a entrevista assim, eles marcavam com a gente, assessoria dos candidatos marcavam com a gente e falavam, ó vai vir tal pessoa, vai vir o Sérgio Moro e tal, e aí, então. E com os colegas também, não tem o que dizer, todos, todos, todos, então assim, chegava lá “tava” o [nome] técnico 1 e o [nome] diretor de jornalismo, a gente tomava café, ficava conversando, coisas aleatórias, depois meio-dia quando o [nome] diretor de jornalismo ia almoçar, às vezes eu ficava conversando com o [nome] técnico 1. Essa relação eu não tenho, todo mundo teve uma amizade depois né, [nome] representante comercial, a gente teve uns embates, por conta de coisa de ideias de comerciais, né? Mas, tipo não embate assim de brigar, por favor. Coisas que a gente não concordava e que ela tentava convencer a gente. Na questão do obituário, a CBN não tem obituário, porque, né? Aí ela queria colocar obituário. Daí, eu não queria, jornalisticamente é uma coisa, eu falei, eu não vou gravar, eu não vou gravar. Daí acabou que não foi gravado, não fizeram. Daí a gente conseguiu convencer ela disso. Ela sugeriu também, fazer um programa na sexta-feira, de trazer músicos de Ponta Grossa “pra” entrevistar, eu falei não, beleza, a gente pode até fazer, mas assim, tudo bem, podemos fazer entrevista e tudo, mas assim, vai ter música o suficiente “pra” fazer toda sexta-feira? Então foi uma ideia que talvez poderia ser melhorada, mas música. Até quando a gente foi, quando teve o show do Gian e Giovani. Eles ficaram no hotel ali na frente da rádio, e eles “tavam” ali na frente e a gente com o jornal no ar, e ela, vão lá, entrevistem eles. Ainda se fosse, sei lá, o Roupa Nova que a gente tentou e não conseguiu, com o Daniel também a gente não conseguiu, com o Humberto Gessinger também não conseguiu, mas tentei. Agora, sertanejo, eu não gosto, daí foi o meu lado um pouco parcial. Não, mas assim, entende que teve essa coisa. Gabriel Sater, eu entrevistei Gabriel Sater em Ponta Grossa, então tipo, porque a gente não vai falar sobre, sei lá, música deles em si, mas é mais sobre um conceito, ela é uma coisa, é diferente, uma coisa mais, e aí então. Aí tinha o

[nome] ex-técnico, também acho que ele foi um dia lá na rádio. Aí o [nome] comentarista esportivo, ele também, pelo amor de Deus, se você tivesse se sentindo mal era só pedir “pra” ele te elogiar, no dia do meu aniversário ele fez uma declaração que eu tenho gravado até hoje, quando eu “to” triste eu ouço. Ele é uma pessoa, todos. O [nome] diretor de jornalismo é o que mais eu, o [nome] diretor de jornalismo e a [nome] ex-jornalista, a gente tem um grupo nós três e até essa semana acho que vamos sair. Daí é o grupo mais, é o primeiro, a gente começou os três juntos, daí os outros também, claro. O [nome] técnico 2, o jornal da tarde, o [nome] técnico 2 que era o operador, muito do jornal da tarde foi a invenção dele, ele como operador e tal de pegar o e fazer as coisas, ele dava ideia, podia fazer isso, podia colocar isso ou eu mesmo falava alguma coisa, a gente precisa fazer tal coisa, ele entendia, a gente “tava” num momento que só de olhar para ele, ele já sabia o que fazer, muito bacana. E nossa, foi muito bom, muito bom. Tanto é que teve uma vez que, acho que saiu de férias e contrataram um *freela*, né “pra” ficar no lugar dele, colocar as vinhetas na hora certa e eu sempre fui louco por vinheta. Então assim, tem que colocar vinheta, rádio é assim. As colunas, hoje eu ouvi, ontem eu ouvi a rádio e não “tão” colocando vinhetas, eu fiquei muito bravo, “pras” colunas, tipo coluna CBN não tem vinheta. “Pra” determinar o que que é. Eu gostava, então, por exemplo no tempo, no início do jornal eu falava “pro” [nome] técnico 2, vamos colocar tempo e temperatura, vinheta, tempo e temperatura e daí tinha a trilha que era própria do tempo e da temperatura, se eu fosse falar do tempo e temperatura na segunda parte do jornal, eu já não colocava vinheta. Só colocava a trilha sozinha, porque na rede eles fazem isso, então a gente tem que ter essa noção da rede e como ele ouvia a rede ele sabia, ele também dava essa sugestão. Vamos fazer igual, a parte do final lá que a gente fazia subir os créditos, né? Produção, produção técnica, direção tal. O [nome] diretor de jornalismo, falava apresentação, eu não falava meu nome, fazia que nem a rede fez, colocava vinheta. Apresentação [nome] se referindo a ele mesmo, aí ele soltava.

Pergunta 24: O que você teria mudado no teu trabalho?

Resposta 24: Eu acho que cabe a cada um. Que nem eu falei, trabalho para melhorar ele precisa de mais pessoas e eu acho que a valorização das pessoas. Então, por exemplo, se você tem veículo de comunicação, qual que é o teu produto? A notícia. Então o principal instrumento do teu produto é o jornalista, o profissional. Então eu acho que tem que ser, não porque sou eu ou porque é qualquer pessoa, mas assim, tem que ter essa valorização e não é valorização, claro, salário é muito importante tem que ter, mas a valorização mesmo, tem que ser entender o trabalho. Porque, eu acho assim, que muitos professores realmente são né, beleza, médico fala,

advogado também, mas jornalista todo mundo dá palpite no trabalho, tinha que ter feito isso, tinha que ter feito aquilo, não. O jornalista que sabe. Claro, ajuda sim, mas são profissionais também, nada impede de você dar um palpite, mas não, né? E a valorização de você não sobrecarregar, porque hoje muito jornalistas estão ficando doentes, porque estão ficando sobrecarregados, porque têm esse peso de você estar correndo atrás de tudo, todo momento, tendo que “dar” a notícia naquela hora, não sei o que, e assim é impossível você não ficar doente, é impossível. A gente gosta de fazer isso, mas tem limite. Se você terminou o teu horário de trabalho e isso não é só questão de chefe mandar, mas do próprio profissional ter isso em mente, terminou teu horário de trabalho você não vai mais trabalhar, não interessa se é 10h da noite e tem um acidente na estrada, você tem que cobrir, não tem. Não é o teu papel, não é o teu horário, eu acho que o jornalista tem que aprender isso também. E por isso que eu acho que mais profissionais, é cíclico, por exemplo se você pega uma CBN que sobrevive basicamente de anunciantes, você precisa ter um conteúdo de qualidade, uma coisa que atraia “pra” ter anunciante. Então você precisa ter um investimento nisso, né. Agora, não adianta você querer anunciante “pra” depois você pagar o profissional. Você quer ter “pra” faz o quê? “Pra” anunciar piada do Ary Toledo? Não existe. Você tem que ter o, tanto é que essa semana parece que a CBN de São Paulo demitiu uns jornalistas, né? Claro tem a crise, né? Do jornalismo. Mas eu acho que se todo mundo ver essa importância de ter a notícia, de ter a apuração, de saber que, né, esse negócio de *fake news*, ter uma apuração, porque por exemplo, se você não tem uma equipe mínima, você não vai ter tempo de apurar uma notícia, você vai começar a dar assessoria, a não, não escrever, você começa a ler na rádio, você começa a ler texto de assessoria que aconteceu comigo, você começa a publicar texto de outros veículos, que isso eu nunca fiz graças a Deus. Ou textos mesmo de assessorias assim, eu nunca publiquei texto de assessoria, ou no máximo eu reescrevia o texto com uma versão mais de jornalística, mas eu nunca vou li o texto de assessoria. Uma coisa minha. Tem uns que fazem, outros veículos que fazem mas eu não “tô” trabalhando para isso, não “tô” trabalhando para copiar os outros, né? Eu acho que principalmente a valorização e o próprio profissional saber os limites, então eu tentaria ver os meus limites, até onde que eu iria para não sobrecarregar, para não, porque tudo bem, beleza. Hoje você “tá” lá, se você tá sobrecarregado. Foi isso que eu ouvi até. Nossa o [nome] se referindo a ele próprio trabalha na CBN, nossa. Eu saí de lá, hoje em dia eu não sou mais nada. Não, claro que, pelo amor de Deus, não é uma coisa assim, até hoje o pessoal conhece e tal, mas não é aquela coisa, se eu chegar num lugar e falar, sou jornalista, ninguém vai, né. Mas eu digo, a gente não tem que dar a vida pelo trabalho. Muitas pessoas dão a vida pelo trabalho, não precisa, não é necessário. Eu acho que o conteúdo fica até melhor você sabendo o teu lugar, o

teu horário, o teu limite. O teu trabalho é até tal horário ou até tal coisa e você não vai fazer mais do que isso. Principalmente, né? O jornalismo tem essa de você 8h da noite tá indo em jantar, negócio e tal. Principalmente nesse último ano, eu não ia mais, me convidavam “pra” ir em coisas assim tudo, não, tenho que ter o meu tempo de ficar em casa, fazer as minhas coisas e ter uma vida fora, final de semana também e não é só, são todos os veículos de comunicação. Te sobrecarregar. É perigoso, principalmente. Daí fica saindo *fake news*, notícias ruins essas coisas, porque os profissionais, acaba que o profissional acaba perdendo até a paixão, né? Porque o jornalismo também tem uma coisa de você querer fazer alguma coisa, quando você tá sobrecarregado você faz, você faz o mínimo, o automático.

Pergunta 25: E em relação aos equipamentos?

Resposta 25: O que eu pedi no início foi um celular “pra” poder fazer gravação, eu não tive, então tive que fazer com o meu. Quando eu fazia ao vivo, eu usava o meu fone de ouvido, aí meu fone de ouvido estragou, aí eu falei, não vou comprar outro, então não vou mais fazer ao vivo, aí eles compraram “pra” mim. E aí o celular da rádio até “tá” lá ainda, tenho que ir buscar, é meu. O do *Whats* da rádio. E o estúdio de gravação, principalmente. Uma vez eu ouvi de uma pessoa que quando você começa a trabalhar em alguma coisa, independentemente de onde seja, você pedir o mínimo de estrutura.

Comentário 5: Teve um dia da observação que você comentou comigo sobre ter um veículo para conseguir transmitir fora da rádio.

Resposta: Devia ter também, carro da reportagem “pra” ir “pra” outros lugares. Vários lugares, né, várias coisas longe, porque no centro de Ponta Grossa, muito perto você até consegue às vezes ir a pé até ou pegar um Uber assim tranquilo, mas, assim sei lá, às vezes acontecia alguma coisa no parque de Vila Velha, como que você vai de Uber no parque de Vila Velha? Não vai. Teve uma vez, um evento na Fazenda Escola da UEPG que é longe, eu consegui ir de Uber, na volta eu pedi, peguei carona com o pessoal da Rede. Você tinha que “tar” dependendo das caronas, porque não tinha carro. Mas não era prioridade, sabe? “Pra” mim a prioridade era o estúdio de gravação.

Pergunta 26: O estúdio de gravação era prioridade para você antes mesmo dos profissionais?

Resposta 26: É, sim, realmente. É que profissionais parece que talvez não precisasse ter estúdio de gravação se tivesse mais pessoas. Porque talvez a gente poderia ir até as pessoas.

Pergunta 27: Você pode comentar um pouco sobre aquele dia que eu acompanhei você na cobertura do Evento TransformaAgro?

Resposta 27: Aquele dia era assim, tinha acontecido o aniversário da cidade que eu já tinha saído, já tinha ido na semana anterior, né? Que tinha sido. Aí tinha esse evento do agro que estava cobrindo desde o início do ano, porque eles tinham anunciado no início do ano que estavam preparando e tal, o secretário já tinha ido conversar com o [nome] jornalista-entrevistador, como que era e aí eu ia pegar férias. Então, logo depois eu ia terminar o aniversário da cidade e falei “pro” [nome] diretor de jornalismo, essa semana eu pego férias. Aí o [nome] diretor de jornalismo falou, viu, você não consegue pegar férias depois? Porque vai ter esse evento do Agro e precisaria ir pessoalmente por ser interessante, porque é um evento grande, é né, que muitas pessoas vão e “tá” beleza, aí fui. O evento do Agro, eu acho, na minha opinião que a CBN poderia estar cobrindo todos os dias *in loco*, a gente deveria ter montado um estúdio lá e feito os jornais de lá. Porque era totalmente o perfil da CBN, mas isso depende, não depende de nós, questão comercial. No ano anterior, eu já tinha ido para Curitiba no evento de Agro que a gente foi convidado pela Frísia para ir e eles levaram nós para lá. Eu fui “pra” lá e eu fiquei um dia inteiro lá fazendo reportagem tudo e de lá saiu uma série de reportagens que eu fiz sobre o Agro e tal, tecnologia, foi bem legal, eu fiquei o dia inteiro lá, conversei com as pessoas, então eu gosto, por isso até que eu resolvi ficar, eu gosto dessas coisas. Sempre tem bastante conteúdo. Nesse dia eu fui, precisava falar com o secretário primeiro para entrar ao vivo. Daí falei com ele, falei com os caras da Maltaria e não sei se você lembra, mas o cara da montaria falou que eles iam abrir em 24 de fevereiro de 2024. Lembra? A gente colocou no ar a entrevista, esses dias, foi essa semana passada ou retrasada, eu vi num jornal, não sei se era Diário dos Campos ou aRede, A Machete do jornal “Maltaria vai abrir em fevereiro”, a gente já tinha entrado naquele dia. Porque foi *in loco* sem eles, não dependei de assessoria trazer o material, já foi conversar com o cara lá. E aí, e aí no dia anterior era, ah, e naquela semana “tava” acontecendo a semana nacional do trânsito, no dia anterior tinha pedido “pra” secretária “pra” ela mandar para a gente um áudio falando sobre as ações que eles iam fazer, palestras e ela não tinha me mandado, daí eu encontrei ela pessoalmente naquele dia e aproveitei e falei com ela. E sempre foi comum acontecer isso nas apurações ou não necessariamente entrevistar as pessoas, mas às vezes eu conversava, você tem que ir lá na rádio falar sobre isso e tal. Vamos marcar? Aí chegava na rádio no outro dia, mandava mensagem marcando.

Comentário 6: No evento você fez uma entrada ao vivo por meio de ligação do *WhatsApp*.

Resposta: E era bem legal, porque antes, quando era no estúdio velho, não tinha essa de fazer por ligação de *Whats*, era só por *Meet* mas mesmo assim a gente fazia. Porque não tinha mesa digital, aí era mais difícil. Era igual, só que era por *Meet*. Um pouquinho mais difícil, porque tinha que ter o *Meet* baixado no celular. Daí era o [nome] técnico 1 que mandava o *link*, depois por *Whats* muito bom, a qualidade é muito boa, eu gostava de fazer. O ao vivo da rua, no começo quando eu comecei a fazer seguindo o texto, né? Depois a gente fica mais, vai pegando o jeito, a gente fazia, claro, com as informações que eu precisava falar, mas ia falando ou às vezes, por exemplo pensava que a gente tinha um roteiro no ao vivo muito curto que não rendia. E a [nome] ex-jornalista falava, você tem que ficar 5min no ar. O que que eu vou falar em 5min? E eu ia enrolando, porque rádio, eu aprendi isso, você pode repetir. A pessoa pode ter ligado na hora. Mas “pra” preencher o tempo. Na época da eleição presidencial, a gente fez a cobertura eu e o [nome] diretor de jornalismo, 6h, 5 e 30min da tarde até 11h da noite ao vivo. Falando e sem texto sem nada e a eleição acontecendo. E nós íamos comentando e falando ao vivo. E foi só por causa da experiência, porque você chega hoje sem experiência vão falar. O [nome] diretor de jornalismo, falou assim, quando você chegou no primeiro dia, você não sabia, não seguraria um jornal, se precisasse segurar, não seguraria. E realmente, porque você tem que ter essa malandragem, você saber se principalmente, cai uma entrevista. Foi esses dias que caiu, a gente fez por telefone, “tava” muito ruim o sinal, muito ruim mesmo, muito ruim. E eu falei, não vou deixar no ar, tirar a entrevista do ar e continuar fazendo outra coisa. Tirei a entrevista do ar, pedi desculpa “pro” ouvinte. Isso era uma coisa que se fosse tipo, sei lá, um ano atrás eu não ia fazer, eu ia tentar na entrevista, porque eu não ia ter conteúdo para colocar naquele espaço.

APÊNDICE L – ENTREVISTA COM O COMENTARISTA ESPORTIVO

Entrevista com o comentarista esportivo.

Data: 23 de novembro de 2023.

Horário: 10h e 30min.

Local: Rádio CBN de Ponta Grossa.

Tempo de duração da entrevista: 15min e 43s

Pergunta 1: Você pode começar falando um pouquinho sobre você. De onde você é, um pouquinho da sua trajetória acadêmica.

Resposta 1: Então bom dia. Eu sou o [nome], nascido em 17/12/1972. Daqui a pouquinho 51 aninhos, eu sou nascido na cidade de Ponta Grossa. E com relação as minhas formações acadêmicas especificamente, a primeira delas foi educação física, eu era do esporte, né? Tive oportunidade de ser atleta do próprio Operário Ferroviário e fiz o curso de educação física e durante o curso que eu estava fazendo eu passei num concurso do exército para ser oficial de educação física do exército. Fiquei em determinado tempo lá, é uma questão temporária e enquanto isso eu fui convidado além de depois dar aulas, né, no Colégio Marista, no Colégio Regente Feijó, no Colégio Borel também na própria UEPG, onde eu fiz a situação de substituir um professor, isso foi rapidamente, mas foi uma honra “pra” mim, eu fui convidado para trabalhar na secretaria de esportes como treinador da seleção Ponta-grossense de base, nesse ínterim, eu participei de uma competição no Rio de Janeiro e uma emissora aqui de Ponta Grossa, a Rádio Clube Pontagrossense que é a emissora mais antiga do Estado do Paraná ainda em vigência, e que bom, felizmente para emissora. Eles fizeram a situação de cobrir este evento lá no Rio de Janeiro. E aí eu fui convidado pelo Maurício Reis, na época jornalista profissional da Rádio Clube, para ser o comentarista da emissora. E aí eu comecei exatamente no ano 2000 como comentarista do esporte também da Rádio Clube. E observando isso eu percebi que eu precisava buscar o estudo de jornalismo, porque eu penso, tenho certeza absoluta que quando você se forma de uma maneira profissional ali no superior, naturalmente você vai ter uma condição, uma bagagem maior, evidentemente uma condição técnica mais qualificada, aí eu fui estudar jornalismo na faculdade Secal. Fechando o curso de jornalismo da faculdade Secal, trabalhava ainda na Rádio Clube Pontagrossense, nesse ínterim, em que eu estudava fui convidado pela TV educativa para trabalhar lá, fiquei oito anos como comentarista do esporte, todos os dias no jornal da TV educativa. Fiz também uma programação do esporte lá que ainda hoje existe na TV Educativa e mais especificamente no ano de 2013, eu fui convidado pela

Rede Massa para iniciar o esporte chamado Show de Bola na TV Massa aqui em Ponta Grossa. Eu tive a honra de ser aquele que iniciou isso. Depois, em 2017 com uma situação de uma modificação dos trabalhos na Rádio Clube, eu estava completando 17 anos já na emissora e que chegou coordenar a emissora, o diretor-geral disse que alguns que trabalhavam, né? Pessoas estavam ganhando muito e eu era um desses alguns que, segundo ele, estávamos ganhando muito, aí eu acabei não acertando a minha renovação de contrato com a Rádio Pública e convidado por [nome] proprietário da Rádio CBN de Ponta Grossa, a trabalhar na CBN. Estou desde janeiro de 2018 aqui na CBN e acredito que permaneceremos por mais algum tempo, né? Essa é a história, do [nome] refere-se a ele próprio. Mas também eu tive no ano de 2012 uma formação aí no curso de direito, onde eu não tinha intenção de ser um advogado efetivamente, eu queria ganhar conhecimento da área de direito até mesmo da área de direito esportivo, mas aconteceu que por ter sido um militar, né? Temporário do exército e por ter me apaixonado pelo direito penal, eu fiz uma pós-graduação direito penal, estou no mestrado agora de direito penal e penal militar e não largo do rádio esportivo, porque eu sempre brinco com os meus colegas, até acredito que mencionei isso para você aqui na CBN, que isso é uma cachaça impressionantemente qualificada, então nós nos apaixonamos por demais, a minha correria diária não é fácil, né? Eu tenho escritório em Ponta Grossa, um escritório em Castro e faço a participação todos os dias aqui na CBN e também fui convidado há dois anos já e continuo fazendo uma participação todo final de tarde na Vale do Mel FM de Irati, que é uma emissora muito importante muito respeitada também em Irati. Então, esta é a vida profissional do [nome] refere-se a ele próprio, que é o âncora aqui no esporte da CBN.

Pergunta 2: Você vai para Irati todos os dias fazer a participação?

Resposta 2: Não, eu faço uma participação virtual, online, todas as cidades, 6h e 15min da tarde até às 7h da noite, no Vale Esportiva, que é da empresa, repito, na emissora, perdão, Vale do Mel 100,7 FM.

Pergunta 3: Sobre o período que eu passei observando vocês trabalhando, na época, com o diretor de jornalismo, com o repórter e com os técnicos, eu gostaria que você me falasse um pouquinho sobre o seu trabalho e sobre a sua função daquele período de observação.

Resposta 3: [nome] o diretor de jornalismo é sensacional, o [nome] repórter, jornalista da mais altíssima qualidade. Então, desde que eu assumi a CBN no esporte, eu sou o âncora do esporte, dos programas manhã e tarde, eu faço ancoragem, com o [nome] diretor de jornalismo, eu

sempre brincava que nós batíamos bola, né? Conversávamos muito sobre o esporte. Ele também é um apaixonado, é outro viciado no esporte também, no melhor sentido da palavra e essa é a minha função, ser o âncora da CBN. Nas transmissões, eu fazia o pré-jogo chamado Enquanto a Bola Não Rola, você estava aqui conosco nessa época também, fazia os comentários da partida e o chamado Central da Bola, ou seja, sempre comandando jornalismo esportivo, tanto nas transmissões dos programas de arte chamado Giro CBN Esportes, são duas, diariamente são dois programas, perdão, e também nas transmissões era eu que fazia a ancoragem da transmissão do Operário na CBN.

Pergunta 4: Como você fazia a captação das informações passadas no ar?

Resposta 4: Isso é o vício, né? Todos os dias buscar as informações, tenho um costume de ouvir muito a rádio esportiva em Ponta Grossa, as chamadas coirmãs, né? Não vejo como inimigos, não vejo como concorrentes, não vejo nada. Eu gosto de ouvir, gosto de acompanhar, sou um fanático por leitura do esporte, busquei me aprimorar cada vez mais no esporte e isto para mim é algo, assim, maravilhoso. Além de ter que todos os dias, e os advogados é assim, tem que estudar todos os dias, porque todo dia tem uma situação diferente no teu escritório e graças a Deus por isso, mas no esporte não é diferente. Você tem que buscar as informações todos os dias, mas antes do programa sempre [nome] diretor de jornalismo e eu fazíamos contato, nós fazíamos contato, para nós pautarmos os problemas. WhatsApp para

Pergunta 5: Vocês faziam contato por *WhatsApp*?

Resposta 5: Isso, WhatsApp. Passava informação um para o outro. [Simula conversa entre ele e o diretor de jornalismo] “Olha, teve uma situação de uma briga lá no Maracanã no Rio de Janeiro, eu penso que nós começamos a ponderar isso”. E depois, conseguimos dar sequência nas outras informações, mas sempre o [nome] diretor de jornalismo e eu, nós antes do programa, fazíamos contato sobre a pauta do programa aqui na CBN.

Comentário 1: Eu percebi que o Operário é muito forte aqui em Ponta Grossa, mas que o programa esportivo não se detinha ao Operário e nem ao futebol.

Resposta: Não. O jornalismo esportivo, numa emissora como a CBN, né, uma grife como a CBN, e eu gostaria que fosse assim nas outras emissoras, porque nos 17 anos que eu ordenei o Jornada Esportiva da Rádio Clube também, com todo respeito ao Operário, que todos os dias têm informações, não é somente o Operário que existe em Ponta Grossa, na região dos Campos

Gerais, no Paraná, no Brasil e no mundo. Então, a emissora que no meu ponto de vista, isso é meramente uma crítica de um ouvinte de emissoras, que se foca exclusivamente no Operário, por exemplo, quando termina a temporada, vai fazer o quê? Vai trazer quais informações? Então, a CBN você teve, né? A possibilidade de acompanhar isso presencialmente, nós tínhamos uma pauta muito extensa, que não somente o Operário Ferroviário que como você muito bem disse, realmente é importantíssimo aqui para Ponta Grossa, nos representa com muita honra, sem dúvida alguma.

Pergunta 6: Na sua opinião, qual é a relevância do programa esportivo para a Rádio CBN de Ponta Grossa?

Resposta 6: Desde o primeiro dia que teve CBN em Ponta Grossa, com o nosso diretor é? [nome] proprietário, ele sempre foi um apaixonado pelo esporte, né? A família dele, aliás, sempre teve uma situação com o Operário Ferroviário, foram presidentes, diretores, do Operário Ferroviário, mas especificamente [nome] proprietário, apaixonado por esporte, então ele nunca deixou de ter o esporte na CBN, é uma situação assim muito tradicional da CBN, o programa de esportes, que era o CBN Esportes e depois nós transformamos para o Giro CBN Esportes.

Pergunta 7: E como é a relação entre a Rádio CBN de Ponta Grossa e a rede? A rede tinha impacto sobre o programa esportivo?

Resposta 7: Aliás, honestamente, muito pelo contrário. Nas vezes em que o [nome] diretor de jornalismo e eu éramos chamados pela rede para fazermos participações, vamos admitir, o Operário, por exemplo, ele iria enfrentar o Figueirense em Santa Catarina. A CBN de Santa Catarina, lá de Florianópolis, entrava em contato conosco para nós fazermos uma participação, modestamente, nós sempre fomos muito elogiados e sempre disseram, “o programa de vocês nós sempre acompanhamos”, até teve uma situação de um treinador de futebol que no ano retrasado, ele conversou comigo aqui no Operário Ferroviário, nós estávamos presencialmente no Operário, no jogo da segunda divisão e ele disse, “eu conheci tua voz, porque eu estava ouvindo você a semana toda, você, eu sei quem é você, agora estou vendo quem é você”, porque, claro, eles ficam ouvindo, por quê? Não somente a CBN, outras emissoras também, mas modestamente, a CBN tem uma audiência também no esporte muito intensa, muito qualificada e para eles teve informações, né? Do Operário Ferroviário, do clube que eles vão enfrentar, então foi um negócio assim muito interessante e modestamente, digo de novo, a CBN, ela tem uma qualidade muito grande também no jornalismo esportivo.

Pergunta 8: E em relação as CBNs da região do Paraná?

Resposta 8: E, nós temos, nós contatamos também, pedimos a participação do Operário. Vai enfrentar o Londrina no início do Campeonato Paranaense. Primeiro jogo do Operário, no dia 18 de janeiro de 2024, é contra o Londrina. Evidentemente que eu vou fazer contato com a CBN de Londrina, pedir as informações, uma participação do jornalista de lá e evidente que ele vai pedir a nossa também, então sempre tem esse contato e a rede CBN, ela nunca fez qualquer intervenção com relação ao jornalismo esportivo aqui da CBN em Ponta Grossa.

Pergunta 9: E agora falando da relação sua com os seus colegas na época que eu estava fazendo a observação e com o proprietário, como é a relação de vocês?

Resposta 9: Assim, a começar por [nome] dono, nós nos conhecemos pelo menos há mais de 30 anos, né? Porque ele sempre foi envolvido com o esporte. Eu fui também, parte do meu tempo antes de uma lesão gravíssima que eu tive de um atleta aqui da cidade de Ponta Grossa, então nós nos conhecemos, a família [sobrenome da família do proprietário], aliás, eu morava no prédio onde o tio dele era meu vizinho de frente ali, eu passei a conhecer [nome] proprietário, do Colégio Sepam, evidentemente, que é da família dele e construímos uma amizade e eu não imaginava que eu iria trabalhar na emissora que ele é o diretor, mas tenho um relacionamento extraordinário com ele que é um grande amigo, sem dúvida nenhuma. Você vivenciou conosco por um tempo, né? Do relacionamento dos colegas da CBN, eu não considero nenhum deles meramente meus colegas, são meus grandes amigos, eu tenho amizade com todos da CBN, o nosso ambiente que, reitero mais uma vez, você teve a oportunidade de acompanhar, muito, muito positivo, né? E nós nos ajudávamos muito um ao outro. A começar pelo [nome] técnico 1, que entre aspas, é o funcionário mais velhinho aqui da CBN, não de idade, mas de tempo aqui da CBN, todas as demais pessoas extraordinárias, [nome] diretor de jornalismo e repórter, que infelizmente, né, para nós, seguem a vida deles, a vida é assim, né? Saíram da CBN, mas pessoas fantásticas, extraordinárias, um relacionamento maravilhoso.

Pergunta 10: E para finalizar, o que que você mudaria no seu trabalho?

Resposta 10: Assim, no formato que é a CBN, hoje, modestamente, eu não mudaria nada. Se meramente eu continuasse trabalhando e isto não é algo que eu estou criticando não, mas que eu continuasse trabalhando com o jornalismo, inclusive, eu já teria saído daqui, porque eu recebi em 2014 um convite da Rádio Bandeirantes de São Paulo, um grande amigo meu, Nei Costa,

que foi um dos grandes jornalistas esportivos da história do Brasil, que fez várias copas do mundo e que por coincidência acabou casando com uma ponta-grossense e encerrou os trabalhos dele aqui, já mora no plano espiritual. Ele me indicou para a Rede Bandeirantes que era parceira da Rádio Clube na época. A Rádio Clube tinha uma programação que ela inseria também, como faz também a CBN Ponta Grossa, mas na Rede Bandeirantes e eu tive oportunidade de ir para lá. Eu me especializaria ainda mais, né? Buscaria mestrado, porque não doutorado em jornalismo. Eu gosto muito de estudar, sem dúvida alguma. Estou fazendo isso no direito hoje, porque realmente é uma área que ela traz, né, uma situação até mesmo, posso falar desta forma, financeira, muito boa, né? Quando você se especializa no direito, eu nunca consigo entender como alguns advogados dizem “eu não tenho o que fazer nessa semana”, meu Deus do céu. Hoje, por exemplo, conversando com você, eu tenho uma audiência pesadíssima à tarde, aí fiquei desde o início da semana me preparando para essa audiência. Mas, apesar disso, objetivamente falando do jornalismo esportivo, hoje no formato que é a CBN, estou muito contente, modestamente, até mesmo com meu trabalho.

APÊNDICE M – ENTREVISTA COM O JORNALISTA-ENTREVISTADOR

Entrevista com o jornalista-entrevistador.

Data: 18 de novembro de 2023.

Horário: 12h e 15min.

Local: Recepção do prédio onde se situa a Rádio CBN de Ponta Grossa.

Tempo de duração da entrevista: 38min e 45s

Pergunta 1: Gostaria que você começasse falando um pouquinho sobre a sua trajetória. De onde você é?

Resposta 1: Eu sou de Blumenau, Santa Catarina. Eu nasci em 1970, morei em Blumenau até 1985. E com 15 anos eu já comecei a perceber que eu tinha uma certa habilidade redacional, minha ideia era ser escritor e não jornalista. Então a minha opção inicial era estudar letras português, virar professor e na sequência escritor. Eu acabei pegando outro rumo, em 1986 morando em Jaraguá do Sul, Santa Catarina, eu comecei com apenas 16 anos a trabalhar como repórter em um jornal, na época semanal, chamado A Gazeta de Jaraguá. E esse jornal era conduzido de forma muito eficiente, diga-se de passagem, por um jornalista, que lamentavelmente morreu agora durante a pandemia, chamado [nome] e eu comecei de forma muito diferente, por orientação do [nome], normalmente jornalistas começam fazendo pequenas reportagens sobre assuntos de interesse comunitário e eu não, eu comecei fazendo grandes reportagens. Eu me lembro de estudar com muito carinho na época o manual de redação do Jornal do Estado de Santa Catarina e foi passado pelo proprietário através de Jaraguá e obviamente o seguia as orientações por ele à medida que ia executando os trabalhos. Sempre tive, desde aquela época como filosofia o caminho do meio, ou seja, a ponderação. Isso acabou guiando o resto da minha vida. E é óbvio que se um rapaz de 16 anos começa a trabalhar como jornalista, isso acaba influenciando depois na opção de um curso superior. Então, eu optei em 1988, em julho, em fazer o vestibular Universidade Estadual de Ponta Grossa, porque era na época, a faculdade pública mais próxima da minha casa em Jaraguá do Sul que fica em Santa Catarina. E eu poderia executar então o curso de jornalismo. Era o curso disponível no vestibular de inverno mais próximo de Jaraguá do Sul. Então, eu me desloquei para Ponta Grossa, não por causa do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, que na época estava apenas começando, não tinha sido nem reconhecido pelo MEC, mas por causa da distância geográfica, por isso que eu optei por Ponta Grossa e por isso que eu optei por jornalismo, porque eu já estava trabalhando na área.

Pergunta 2: E quando você veio para Ponta Grossa, seu primeiro trabalho foi em rádio?

Resposta 2: Não. Eu era do jornalismo impresso como eu expliquei, eu trabalhava no jornal impresso e sinceramente eu nem tinha a intenção de trabalhar com rádio, nem com TV. Dentro do curso de jornalismo, eu apenas aperfeiçoei a minha habilidade redacional no jornalismo impresso e o meu foco era trabalhar ainda na época do curso com jornalismo impresso de revistas. Eu gostaria muito de trabalhar na época, esse era o meu foco, com revistas de artes plásticas especificamente esse segmento, nesse tipo de veículo. Isso acabou não se concretizando. Quando eu saí da Universidade Estadual de Ponta Grossa, eu consegui dois empregos, um na Associação Comercial Industrial Empresarial de Ponta Grossa, como assessor de imprensa e o outro na TV Esplanada de Ponta Grossa, isso em 1º de agosto de 1992, eu consegui os dois empregos naquele dia. E na TV Esplanada eu consegui um emprego como produtor, eu fiquei como produtor durante dois meses e depois eu passei para edição, e na edição eu fiquei mais uns três anos e dois meses aproximadamente, três anos e três meses e na sequência eu passei para a reportagem. Então a minha experiência profissional acabou se desenvolvendo por acaso em TV. E quando eu saí da TV eu conversei com o proprietário da Rádio CBN [nome], em 2006 eu comecei a minha experiência com radiojornalismo, tendo obviamente passado pela disciplina de radiojornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, mas a minha experiência com rádio começa em 2006. Dentro desse programa de sábado aqui. Na época o programa era o CBN Debate, eu tinha antes do CBN Debate, o CBN Justiça, que era um programa para divulgar as ações do Poder Judiciário, que era das 9 horas às 10 horas e das 10 horas ao meio-dia tinha o CBN Debate e depois de alguns anos foi transformado em Sábado CBN, porque debates todos os sábados eram difíceis de serem produzidos pelo número de participantes e pelo tempo de duração do programa que era de duas horas, então nós fragmentamos, eu e o diretor da rádio [nome], em dois trechos de 1 hora cada para facilitar a vida dos entrevistados e a permanência deles na emissora para o intervalo mais curto de tempo.

Pergunta 3: Eu gostaria que você falasse um pouco sobre o seu trabalho na Rádio CBN de Ponta Grossa. Qual é a sua função?

Resposta 3: Eu não sou funcionário da Rádio CBN, apenas presto serviços para a Rádio CBN de forma autônoma e apenas nos sábados de manhã. Então de segunda a sexta eu tenho outra atividade hoje. Eu sou corretor de imóveis por uma necessidade profissional, infelizmente dentro da nossa profissão, existe uma coisa muito triste chamada etarismo, que é o preconceito com pessoas mais velhas, que nem começa aos 50, começa aos 40 anos. Quem tem mais de 40

anos tem uma dificuldade imensa de se situar dentro do mercado do trabalho e após os 50 anos essa dificuldade aumenta consideravelmente. Então por isso que eu tive que migrar de área, eu tenho uma família para sustentar. Sou jovem demais para me aposentar e velho demais para o mercado de trabalho, segundo alguns. É uma situação que só no Brasil mesmo para a gente ter a desvalorização de mão de obra experiente. Mas, enfim isso acontece. Então, ao longo da semana eu faço a produção nos meus horários vagos do programa de sábado e no sábado pela manhã, eu venho e trabalho como mediador ou entrevistador, mediador de debates quando os debates ocorrem ou entrevistador. Procuo intervir o menos possível na entrevista, mas às vezes eu sou obrigado a falar um pouco mais para compensar às vezes, o silêncio do entrevistado com objetivo de preencher sempre com qualidade o tempo de duração do programa. Então eu costumo dizer que esse programa de sábado ele é literalmente orgânico, vai depender muito do desempenho do entrevistado e também no meu próprio desempenho é claro, naquela temática específica. Como modéstia parte eu tenho uma cultura geral razoável e uma experiência longa, são 37 anos, eu tenho condições de interagir com diferentes tipos de assuntos. Mas eu procuro sempre me distanciar desses assuntos, então eu dou um passo para trás e olho para o assunto como um todo e faço a desconstrução desse assunto. É uma técnica que eu aprendi ainda na faculdade lendo Discurso Sobre o Método de René Descartes, então o pensamento cartesiano que é considerado por muitos, pobre, eu considero um equívoco, ele pode ser adaptado nessa forma para que você consiga dissecar um assunto de maneira racional.

Pergunta 4: E como que é feita a escolha das pautas para os programas de sábado?

Resposta 4: Durante muitos anos eu fiz a escolha das pautas sozinho, o diretor da rádio [nome] não interferia nesse assunto, mas o diretor da rádio [nome] ele tem uma preocupação grande, ele é engenheiro de origem, tem uma empresa no ramo da educação que é o Sepam e é sinceramente, um dos homens mais inteligentes que eu conheço. Ele colabora positivamente com a rádio nesse sentido, ele já foi secretário de planejamento, já foi presidente da Câmara Municipal de Ponta Grossa, já foi vereador, é óbvio, para ter sido presidente da Câmara deve ter sido vereador. Como já falei, no executivo com larga experiência dentro do campo da educação, mas também do ponto de empreendimentos imobiliários e ele tem uma preocupação com a comunidade que se todos os empresários tivessem, o Brasil seria um país muito melhor. Então com um fato nisso, ele passou nos últimos dois anos, eu posso dizer, a colaborar toda semana com a escolha das temáticas. Então, ele escolhe as temáticas e eu apenas sugiro. E normalmente nós temos nos focado em assuntos que são vitais para a cidade, como por exemplo,

contratos públicos, contrato do lixo, contrato de transporte coletivo, o plano diretor que são assuntos que são vitais para o desenvolvimento com qualidade de vida para a cidade de Ponta Grossa e que podem ser obviamente replicados para outras cidades. Normalmente como Ponta Grossa é a praça principal da região, a rádio pega em outros municípios, mas o foco é Ponta Grossa, então nossas pautas são direcionadas para Ponta Grossa. Porém, em alguns casos podemos ter faltas de interesse, nem só regional, mas também estadual e nacional. Alguns dias atrás nesse mês de novembro de 2023, no primeiro sábado de novembro, eu entrevistei, por exemplo, um urologista, falando sobre a importância do novembro azul e dos exames bem feitos, diga-se de passagem, para que o homem consiga preservar sua saúde ao longo da vida. Em outubro fizemos a mesma coisa em relação ao outubro rosa. Então existem alguns assuntos que são de interesse geral, outros de interesse restrito à comunidade de Ponta Grossa e isso é natural já que a rádio está inserida nesse contexto. Então, hoje as pautas são definidas pelo diretor da emissora. Eu apenas faço a sugestão. Mas com esse viés, o viés é um interesse comunitário.

Pergunta 5: A CBN rede, pensando no padrão CBN, interfere no programa de sábado?

Resposta 5: Eu procuro seguir o padrão da CBN e a carta de princípios da CBN rigorosamente, então não há razão para interferência, né? Porque nós nos adaptamos perfeitamente a isso. Quando eu digo que o diretor da rádio faz essas sugestões, ele faz por interesse comunitário, repito. E seguindo padrões que são os jornalísticos, ele é responsável pela CBN desde o ano de 2003, se eu não me engano, então o [nome] já tem uma experiência razoável de 20 anos como gestor de uma empresa de jornalismo. Embora ele não seja jornalista, né? Ele colabora no processo definindo as pautas. Ele tem uma larga experiência como executivo e como político, então por isso a intervenção dele é sempre perfeita, do meu ponto de vista. Não existe, importante frisar isso, nenhum limite na atividade jornalística. Compreende? Então assim, eu simplesmente me aproveito, entre aspas, da experiência que ele tem em determinados campos para que eu possa executar um programa que tem esse viés estrutural, ou seja um assunto que seja vital na estrutura da sociedade. Eu sou humilde o suficiente para reconhecer que todos podem contribuir dentro da história do jornalismo. Pode ser alguém do departamento de *marketing*, pode ser alguém do departamento de engenharia, do departamento administrativo, mas as pautas elas não são vinculadas apenas ao jornalismo, as pautas estão vinculadas à sociedade e quando a sociedade propõe essas pautas, e a sociedade está representada dentro da empresa pelos seus funcionários, diga-se de passagem, de outros departamentos, enquanto a

sociedade produz as pautas, mais interessantes as pautas são para própria sociedade.

Pergunta 6: Acontece o confronto com a fonte? Como?

Resposta 6: [Suspiro profundo]. Veja, eu nunca minto para fonte. Eu digo mais ou menos o que eu vou perguntar. De novo, entrevista orgânica. Então, dependendo das declarações da fonte, a fonte vai ter que ser confrontada com a realidade que ela mesma colocou em volta, né? E existem pessoas que obrigatoriamente vão ser questionadas por suas incoerências. Eu vejo, no entanto, no jornalismo brasileiro e não apenas no radiojornalismo, uma necessidade muito grande do jornalista se transformar numa estrela e não no jornalista que ele é, jornalista é um meio, não um fim dele mesmo. E é importante valorizar a função do jornalista como meio, porque hoje nós vivemos numa sociedade que é retroalimentada por mentiras justamente porque os jornalistas não entenderam a importância deles dentro da sociedade. Se preocuparam demais, em alguns casos com o viés comercial, ou seja, assuntos que vendam apenas, se preocuparam de menos com assuntos que são estruturantes, como aqueles ligados à política e economia, que não são assuntos de interesse popular na sua grande maioria e esses assuntos nem sempre foram traduzidos da forma adequada ao público ao longo da história do jornalismo brasileiro. Isso é uma crítica que eu faço ao jornalismo e eu acho que é uma crítica legítima, então nós temos problemas que são concretos dentro do radiojornalismo, do jornalismo impresso, do telejornalismo, do jornalismo de internet. Nós temos uma carência de interpretação da realidade que é dramática nos dias de hoje e isso atrapalha a dinâmica de funcionamento da profissão, compreende? Recentemente nós passamos por uma situação muito inusitada, o deputado federal Marcelo Crivella do Rio de Janeiro, procurou diversas emissoras de rádio no país para falar sobre o projeto pessoal dele que favorece igrejas e as igrejas, eu sei disso por experiência própria, são fundamentais na assistência à comunidade mais pobre do país, com a doação de cestas básicas de roupas e outras ações sociais. E por conta disso nós fizemos então a entrevista com Marcelo Crivella, mas ao mesmo tempo, Marcelo Crivella é conhecido por ter questionado a liberdade de imprensa e por ter processado jornalistas, diga-se de passagem, de maneira indevida do meu ponto de vista e eu o questionei sobre isso. Afinal de contas quem é Marcelo Crivella, aquele que procura o apoio da imprensa ou aquele que busca punir a imprensa? E ele respondeu que jamais foi a intenção dele punir a imprensa, foi fruto de um momento e coisa que o valha. Então eu precisava questioná-lo em relação a isso porque era um assunto grave. Já outros assuntos surgem durante a discussão, não há como evitar isso. Nós temos problemas graves por exemplo, em Ponta Grossa no que se refere a planta genérica de valores. Ainda hoje

eu entrevistei o secretário municipal da fazenda. Não é justo que um terreno pague 10 vezes mais IPTU que outro, sendo que os dois são idênticos, isso acontece em Ponta Grossa. O terreno do centro paga menos IPTU do que o terreno do bairro. A prefeitura tentou fazer uma revisão isonômica da planta genérica de valores em 2021 e não foi aprovado na Câmara Municipal de Ponta Grossa. Eu estou citando isso como exemplo. Então, hoje por exemplo, eu questionei o secretário em relação a essas disparidades, porque a correção dessas disparidades por si só aumentaria o fluxo de caixa da prefeitura. Veja, eu não falo de aumento de impostos, eu falo em ajustes e equalização. Porque se tem um terreno que paga 10 mil reais de IPTU, terreno grande eu falo, de 100.000m² e o outro de 100.000 m², paga 1.000 reais, eu sinto muito, existe algum erro, né? Então, é lógico que aquele que paga 1.000 reais precisa pagar os outros 9.000 reais, né? Ou aquele que paga 10.000 reais ter que ter um desconto de 9.000 reais, mas os dois devem pagar na mesma coisa. Então, é preciso sim tratar os desiguais na medida da sua desigualdade, porque cada um tem um peso, porém não desta forma, entendeu? Direito e deveres iguais para todos os cidadãos. Então o entrevistado, ele vai ser confrontado por questões técnicas, não com questões políticas ou morais e eu vejo que muito jornalistas acabam sendo uma estrela na parte. Então eu preciso buscar uma incoerência. Eu preciso achar uma incoerência, porque através da incoerência eu vou demonstrar que eu sou inteligente, que eu sou um astro. Porque eu sou a personalidade principal do *show* jornalístico. Jornalismo também entretenimento, mas os seus atores não são estrelas. Então, é preciso ter a clara compreensão disso, então, isso é uma falha do jornalismo brasileiro e talvez mundial, em outros países também acontece, você não precisa ficar demonstrando que você é um escorpião à procura de uma vítima o tempo todo, isso não é necessário. Você não precisa ser traiçoeiro com as pessoas, você deve ser legítimo, eu vou indagar assuntos que são pertinentes ao público. E o entrevistado já vem sabendo disso, porque daí ele já vem preparado, porque o objetivo de uma entrevista é informar o público. Compreende? O objetivo de uma entrevista não é humilhar ninguém. Não é se demonstrar superior ao entrevistado, isso é desnecessário, então, eu acho isso é muito comum, por exemplo em grandes telejornais, onde o entrevistador parece que está examinando um aluno um exame de TCC. Num exame de TCC até cabe essa exigência absurda, é um profissional que está sendo formado. Às vezes aquela incoerência não tem conexão direta com o assunto ou não tem importância dentro da realidade.

Pergunta 7: No âmbito de relações profissionais e pessoais, como é sua relação com os funcionários da rádio e com o proprietário?

Resposta 7: O proprietário da rádio eu considero como amigo pessoal. Os funcionários da rádio, todos eu considero como amigos pessoais. A equipe é muito enxuta, mas é muito qualificada. Eu lamentei muito a saída do [nome] diretor de jornalismo, ele voltou para União da Vitória, porque ele é um profissional dentro do jornalismo esportivo que é ímpar, é difícil achar alguém tão qualificado no interior do Estado. Reportagem, locução de jogos, enfim, excepcional, com conhecimento profundo da história do esporte local, estadual e nacional, é difícil achar alguém com esse perfil. A substituta dele [nome] é mais ligada à área de Economia, é uma excelente jornalista, trabalhando muito tempo no Diário dos Campos, estava trabalhando, não sei se ainda está no Jornal da Manhã, ou seja, no Portal aRede. Tenho um carinho muito grande por ela, conheço desde a época da faculdade, ela foi minha colega e depois minha aluna, então respeito muito o trabalho que ela que ela está começando a executar na rádio, ela não tem experiência em rádio então eu espero que ela se saia bem. E a equipe enxuta o [nome] repórter, que estava antes trabalhando como repórter é também um excelente profissional, muito versátil. As pessoas do departamento comercial todas elas muito empenhadas, inclusive nas sugestões de pauta, excelentes sugestões, diga-se de passagem, de interesse comunitário e os técnicos da rádio eles são muito competentes e também proativos e é fundamental tanto [nome], rapaz jovem, vinte e poucos anos, quanto o [nome] técnico que não é apenas um operador de áudio, [nome] é professor de química. Ele tem uma capacidade, um intelecto diferenciado e é um ser humano muito acima da média. Todos são excelentes pessoas, nós tivemos uma perda muito grande durante a pandemia, perdemos dois colegas de trabalho no intervalo de uma semana, o dono da rádio ficou tão desanimado que pensou em fechar a emissora. Porque eram dois amigos pessoais dele também. E foi um surto de covid que tivemos na rádio, morreram dois funcionários, então isso foi muito pesado, um deles [nome] tinha quase 50 anos de profissão, o outro [nome], ele era uma pessoa muito proativa que resolvia diferentes problemas, trabalhava no departamento administrativo. Então nós sentimos muito essas duas mortes. Então, equipes pequenas tendem a ficar coesas e nesse caso aqui a coesão é perfeita.

Pergunta 8: Você trabalha diretamente aos sábados com o técnico [nome], e trabalhava com o diretor de jornalismo [nome].

Resposta 8: O diretor também participava na programação de sábado a pedido do diretor da rádio [nome]. A função dele era muito complicada, ele era o diretor, na prática o diretor de jornalismo e também fazia todo o trabalho operacional. Isso é muito difícil. Então essa é uma realidade de pequenos veículos do interior do Brasil. As pessoas têm que ser multitarefa, porque

os empresários eles não se sentem à vontade de pagar o salário que os jornalistas merecem. Nosso piso já é baixo. A comparar, no Brasil está em 4.000 reais, mas em alguns lugares do país jornalista ganha menos que motorista de ônibus, nada contra os motoristas de ônibus. É um trabalho digno, decente, muito importante, diga-se de passagem, é preciso estar atento o tempo todo, é um ônibus, seres-humanos dentro. Mas o nosso trabalho meche com milhares de vidas, então assim, é importante que o jornalista tenha uma remuneração que seja adequada. Do meu ponto de vista, hoje uma remuneração adequada para um profissional deveria ser no mínimo, no mínimo, na casa de 5.000 dólares, ou seja, uns 25 mil reais. E você não vai ver ninguém ganhando isso no Brasil, pelo menos não no cotidiano operacional, talvez alguns medalhões dentro da imprensa, aquelas pessoas que viraram artistas dentro do jornalismo. Mas o salário-mínimo, mínimo, mínimo para o indivíduo que é solteiro, sem filhos, deveria ser de pelo menos cinco mil reais.

Pergunta 9: E para finalizar, o que você mudaria para melhorar o seu trabalho?

Resposta 9: Eu gostaria de poder trabalhar na rádio a semana inteira, só na rádio, fazendo esse programa de sábado. Então assim eu poderia enriquecer esse trabalho com reportagem, né, ao longo da semana. E talvez até estender o tempo do programa das 9 horas ao meio-dia. Talvez isso fosse possível. Ampliando então o campo de produção, incluindo reportagens especificamente. Então eu gostaria muito de poder fazer isso. Se eu tivesse condições de permanecer na rádio, apenas na rádio ou talvez fizesse isso e discutindo com a direção de jornalismo, com direção da emissora, criaria outros programas, um voltado ao mundo corporativo, um voltado à necessidade de estimular o empreendedorismo. Que algumas pessoas estão sendo obrigadas a empreenderem na nossa sociedade, não tem o apoio adequado, eu acho que a imprensa pode colaborar nesse processo com divulgação de informações. Acho que o agronegócio não é tratado na imprensa ponta-grossense, acho que cabe um programa de agronegócio na rádio também, ainda mais um rádio como a CBN, então talvez usasse um intervalo durante a semana para isso. O programa de sábado se fosse apenas o programa de sábado eu trataria dessa forma com maior riqueza de produção, produção de materiais específicos para inserção dentro do programa que hoje é inviável, porque ao meu acordo com a CBN prevê apenas no sábado e algumas horas durante a semana para produção. Então, mas talvez eu fizesse isso. Há muitos anos atrás [pausa para recordar], eu ainda era estudante de jornalismo, eu vi uma declaração do Jânio de Freitas, um dos maiores jornalistas da história do Brasil. Falando sobre o arrependimento que ele tinha de ter feito o jogador. Já tinha acho que

30 anos de atividade ou mais. Hoje eu entendo já por uma série de fatores, salarialmente falando a nossa profissão é horrível. Enfrentamos a falta de compreensão do tecido social por falhas de educação no sistema brasileiro de educação, enfrentamos a dificuldade de sermos aceitos pelo restante da sociedade. E existe um embate que é justo em determinados aspectos e injusto em outros. Por conta dessa polarização política que dividiu o país nesses últimos tempos, tivemos a extrema direita principalmente maculando a reputação dos jornalistas. O que é um combate visível à liberdade de expressão, é interessante que eles usam a liberdade de expressão para combater a liberdade de expressão, é interessante isso, que o objetivo deles é que todas as demais opiniões sejam suprimidas. Eu me posiciono, mas perto da política hoje dentro da centro direita, mas assim, eu não sou cego e eu vejo o que a extrema direita está fazendo, eu não vejo nada de bom nos extremos. Extrema esquerda e extrema direita, mas o que a extrema direita está fazendo no mundo como um todo é mais do que perigoso, eles estão reacendendo a chama nazifascismo. É sempre bom lembrar que os aliados de Donald Trump quase aplicaram um golpe nos Estados Unidos, invadindo as instalações federais no mês de janeiro, se eu não me engano de 2021, acho que foi isso. Então, absurdo. Não há cabimento naquilo que foi feito. Aqui no Brasil tivemos essa cena lamentável no dia 8 de janeiro quando morreu um dos maiores símbolos do esporte nacional, o Roberto Dinamite, né? Alguém fez muito pelo esporte no Brasil, a morte dele ficou completamente apagada diante dos eventos de 8 de janeiro que foram dramáticos, aquilo foi uma tentativa de golpe de estado, não foi uma manifestação que saiu do controle. E então eu vejo que, por que que eu estou citando isso? Porque essas pessoas junto com elementos da extrema esquerda, questionaram ações legítimas da imprensa e o direito da imprensa, principalmente dos bons comentaristas, aqueles que tem formação teórica e prática dos bons comentaristas, questionaram a habilidade deles de botar contra a parede aqueles que precisam ter as suas incoerências apontadas. Lembra que eu mencionei antes que você não deve fazer disso um show, mas se a incoerência existe, ela deve ser apontada pelo jornalista, compreende? E dentro desse contexto, o governo Lula e os governos do PT foram sim colocados contra a parede para que a transparência acontecesse de fato, mas esses governos de esquerda nunca vieram para cima da imprensa. Como os governos de extrema direita vieram e isso é para lá de ruim. Eu recebi uma denúncia esses dias atrás que em Santa Catarina o governador do Estado, junto com secretário de educação estavam recolhendo das escolas O Diário de Anne Frank. Por quê? Então não há cabimento, é um completo absurdo, se é que isso está de fato acontecendo, porque no volume de *fake news* que existe hoje, a gente precisa pegar e checar informação, eu não tive tempo para checar isso, mas a probabilidade que isso tenha acontecido é grande. Pelo grau de ignorância que foi perpetrado de novo pela extrema direita, existe muita

coisa estúpida e a perpetrada pela extrema esquerda. Eu conheço extremistas de esquerda que querem impor para os outros o veganismo, com todo o respeito eu como o que eu quiser, se não fizer mal para o meu organismo, “tá” tudo bem. Eu adoro uma picanha e não vou abrir mão de um churrasco, porque meia dúzia de pessoas acham que o mundo deve comer grama. E aqui foi um leve desabafo, eu respeito muito a comunidade vegana, mas acho que tudo tem limites e normalmente estão ligados sim a extrema esquerda, a gente “tá” falando de dieta alimentar e as pessoas querem impor, né? Na época da faculdade, colegas meus de extrema esquerda implicavam com o fato de eu gostar do Lulu Santos, eu gosto do Lulu Santos até hoje e não vou parar de ouvir as músicas do Lulu Santos porque eu recebia patrulhamento ideológico dentro da faculdade de colegas que achavam que eu devia ouvir só Sá e Guarabyra. Eu também gostava de Sá e Guarabyra, mas eu não vou vir apenas Sá e Guarabyra se o Lulu Santos tem todo talento musical que tem, né? Para você entender o grau do ridículo. Do outro lado agora, com extrema direita se manifestando, colocando a cabecinha para fora nesses últimos tempos, né, ou seja, eles estavam nos porões da história depois da segunda guerra mundial e voltaram à tona, porque se identificaram com o Bolsonaro, a verdade é essa, então, o Bolsonaro é um líder de extrema direita? Sim, é nazifascista? Não, eu não acho que o Bolsonaro seja nazifascista. Ele é um profascista, mas um nazifascista é difícil de dizer, até porque Mussolini era um redator de jornal, Hitler era um artista plástico, Bolsonaro não tem nem de longe o intelecto dos dois, então Bolsonaro é ignorante demais para ser considerado um nazifascista, não tem cultura geral para isso, os seus filhos eu já não sei, talvez tenham. Mas o fato é que essa movimentação que eu considero nazifascista ao redor do mundo causou cenas lamentáveis como a de 8 de janeiro aqui no Brasil. E de novo, é papel nosso como jornalistas apontar o caminho para a sociedade que é sempre o caminho do meio, o caminho do diálogo e da ponderação. Se alguém da extrema esquerda quer sufocar a voz da direita está errado, mas se alguém da extrema direita quer sufocar a voz da esquerda, também está errado. Sentar para conversar e dialogar é fundamental, sem diálogo não existe sociedade, não existe Estado Democrático de Direito. Então, a nossa profissão vem passando por um xeque-mate, você me perguntou e por isso que eu fiz toda essa explanação, eu seria jornalista então com base nesse cenário? Não, é claro que não, eu voltaria no tempo, faria direito, né? Passaria em um concurso público para virar juiz, ganharia regamente, trabalharia o que é necessário trabalhar e pronto, né? Então não, se eu pudesse voltar no tempo eu jamais seria jornalista. Talvez eu ficasse com o plano original, ser professor de português que também é uma lástima do ponto de vista salarial, mas eu ficaria feliz por estar escrevendo os meus contos e isso é importante que seja frisado. Acho que muitos jornalistas, se pudessem voltar no tempo não seriam jornalistas por conta do desencanto com a profissão, né?

Do ponto de vista salarial, do ponto de vista do desrespeito profissional. Eu acho inconcebível profissionais com 40, 50, 60 anos não serem aproveitados dentro das redações por causa da sua faixa etária. [O entrevistado simula um diálogo], 1. “Ah”, mas eles não podem fazer a cobertura a pé de uma maratona. 2. Nem os novos fazem. 1. Mas tem jornalista que participa da maratona. 2. Bom, é um caso raro. Tradicionalmente na nossa profissão sempre fomos bons em *happy hour*, ou seja, depois da redação, a gente vai tomar uma cervejinha. Depois de fechar a edição do dia. Então, mas assim, existe tudo um processo de combate ao jornalismo que é feito pelas razões mais torpes possíveis. Jornalismo independente é o monitor da democracia. Não existe democracia sem jornalismo independente, e essa independência inclui estar livre das orientações ideológicas da esquerda e livre das orientações ideológicas da direita, embora isso pareça muito difícil, né? Qual deve ser a regra, o fato real. [O entrevistado simula um diálogo], 1. Não, mas a interpretação do fato. 2. Não estou falando da interpretação, eu estou falando do fato real, o fato real deve ser noticiado e se não há provas por uma denúncia você não publica a denúncia. É simples assim, basta olhar o que aconteceu no episódio da Lava Jato, a imprensa como um todo deu uma cobertura fabulosa para a Lava Jato, porque a sociedade estava sendo passada a limpo, hoje com base em tudo que aconteceu nesses últimos cinco anos, podemos dizer que a Lava Jato no mínimo, na melhor das hipóteses, exagerou. Então a história do triplex era falsa. A história do sítio também não convence e eu não estou dizendo que o atual presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva é inocente de todas as acusações. Eu estou dizendo que ele não é culpado daquilo que lhe imputaram, então existiu aí uma falha jurídica, e essa falha jurídica foi retroalimentada pela imprensa que não estava nem qualificada tecnicamente para analisar o processo. Essa é uma outra falha grave na nossa profissão. A gente precisa estar mais qualificado tecnicamente, talvez mais assessorado tecnicamente para entender aquilo que está acontecendo para que nós não possamos depois alimentar desgraças desse país. É claro que o julgamento foi injusto, é claro que o julgamento foi parcial, não há o que questionar em relação a isso, o Sérgio Moro condenou Lula em um determinado momento e depois virou ministro de Bolsonaro. Então, não há o que contestar. Um defensor de Sérgio Moro pode negar que houve parcialidade no processo. [O entrevistado simula um diálogo], 1. Não, mas ele estava defendendo o bem do Brasil, porque o PT é corrupto. 2. Isso é uma leitura da realidade completamente tacanha e absurda, algumas das pessoas mais honestas que eu conheço são petistas, né? E tem muita gente honesta na direita também. Não podemos satanizar ideologias, isto é um erro, no entanto a ideologia não pode conduzir o trabalho jornalístico. O que conduz o trabalho jornalístico é o fato e o estudo do fato, pelo menos deveria ser assim, compreende? Então, existem algumas decepções ao longo do mundo com a nossa profissão. A principal delas

é salarial, não existe esse problema só no Brasil. Isso é um problema Mundial. E para você ter uma ideia, até nas histórias em quadrinho, todo mundo sabe que jornalista ganha mal. Num episódio da Liga da Justiça, eu vi isto em um recorte de vídeo. A *Supergirl*, prima do Super-Homem, ela quebra uma máquina muito cara do *Batman* que é um milionário chamado *Bruce Wayne*, aliás um bilionário. E o Super-Homem que é o Clark Kent, que é um jornalista, diga-se de passagem, diz “não se preocupe eu pago pelo computador” e o *Bruce Wayne* responde para o *Batman*, com um salário de jornalista? Então, se até dentro das histórias em quadrinho isso acontece, nesse caso foi um episódio de vídeo, desenho animado, né? Imagine como que é a reputação por fora, né? Então nós precisamos discutir vários aspectos da nossa profissão, mas de novo, mesmo com todas as falhas, o jornalismo independente continua sendo o monitor da democracia, compreende? Então, não é porque o jornalismo tem falhas que eu vou descartar o jornalismo, como quer a extrema direita. A extrema direita quer retroalimentar a sociedade apenas com um discurso e eu vejo os jornais caminhando nessa direção. Tragicamente aconteceu, por exemplo com A Gazeta do Povo. Os colunistas da Gazeta do Povo, aí eu falo dos colunistas especificamente, não necessariamente da redação do jornal, os colunistas eles são partidários de uma forma absurda. São panfletários. Comentaristas não podem ser panfletários, o comentário tem que ter base, de novo, né? Na realidade, não que ele pretende, ou sonha a realidade, é diferente.

APÊNDICE N – ENTREVISTA COM O TÉCNICO 1

Entrevista com o técnico 1.

Data: 16 de novembro de 2023.

Horário: 13h.

Local: Rádio CBN de Ponta Grossa

Tempo de duração da entrevista: 1h 9min e 43s

Pergunta 1: Gostaria que você falasse de onde você é e sobre sua trajetória acadêmica e profissional.

Resposta 1: Eu nasci aqui em Ponta Grossa, em 2 de outubro de 1976 e me interessei no rádio, primeiro ouvindo rádio em casa e uma coisa interessante, porque eu até levei uma bronca da mãe quando eu comecei a ter gosto pelo rádio, a mãe tinha uma vitrola, uma vitrola antiga e eu peguei essa vitrola e comecei a treinar com os discos de vinil da minha mãe, sabe e daí eu fiquei pesquisando como que trabalhava em rádio. Fui visitando rádio e eu vi que os operadores para ajeitar a música, os operadores colocavam agulha no vinil, quando começava a música, eles paravam com a mão e voltavam para deixar no ponto e ficavam segurando, daí o locutor anunciava a música, ele soltava e eu fui treinar em casa, né? Só que o equipamento da minha mãe não era igual da rádio, né? Eu tinha meus 13 anos mais ou menos. E eu fui treinando. E daí como não tinha locutor lá na sala de casa, eu ia falando, falava meu nome né, aqui na mesa de som [nome] se referindo a ele próprio, agora vem a música e eu soltava. O que que aconteceu? Aconteceu que a vitrola estragou. E a gente, daí a minha mãe não teve condições de comprar outra, né? E daí eu fiquei o período sem treinar no meu estúdio lá com a vitrola da mãe. Levei uma bronca e depois eu fui atrás para eu ver como é que faz para aprender a trabalhar com técnica de rádio na operação. Eu fui na Rádio Difusora, falei com [nome] que era um diretor lá dos operadores, né? Isso foi em 1993. Eu passei o de 1993 inteiro indo lá na Rádio Difusora. Olha, eu queria aprender a trabalhar. Ele, olha, venha daqui três meses, daqui quatro meses, daqui cinco meses e acabou de 1993 passou batido, não me deram essa oportunidade, né? E no ano de 1994 ele abriu uma oportunidade para mim, eu fui aprender a fazer a operação técnica lá na Rádio Difusora. Tinha antiga, “tava” no final já da carreira dela, né? A comadre [nome] que é muito das antigas do rádio, né? Acho que até falecida, mas ela foi muito importante para o rádio, mas quando eu entrei aprender ela já “tava” se aposentando, né? E eu continuei ali aprendendo com o [nome] que era o rapaz que “tava” me ensinando, né, no período da tarde, na Rádio Difusora em 1994. E 1994 foi um ano de eleição para presidente, deputado estadual,

federal e o [nome] apresentador da Rádio Difusora foi candidato nesse ano a deputado estadual, foi a primeira campanha dele e daí eu ingressei na rádio no final de semana, porque sozinho, sem aprender trabalhar mesmo, né? Porque o operador da noite era de um, apoiava um candidato oposto do [nome] apresentador da Rádio Difusora. E eles na sexta-feira, a eleição era no domingo, na sexta-feira eles não queriam que o operador trabalhasse, porque tinha tudo aquele negócio do ouvinte ligar lá, qual que é o número do candidato que eu não tenho? Porque era voto no papel ainda, né? E daí eles ficaram com medo de que o operador da noite passasse o número do candidato dele, né, daí poxa, vamos chamar o [nome] se referindo a ele próprio, já começaram a me chamar de [apelido do nome] se referindo a ele próprio na época, né? Daí vamos chamar o [apelido do nome]. Ele fica aqui o final de semana inteiro. Daí eu fui lá e “pra” trabalhar era só era programação de pastor e realmente, a noite toda de sexta a domingo, de sexta, sábado dois dias antes da eleição foi só a ligação pedindo o número de candidato tal e em especial ao do [nome] apresentador da rádio Difusora que era o candidato da rádio, né? E daí eu fui orientado para isso. Daí passou a eleição, voltei para casa, daí na segunda-feira eu voltei lá, e daí, né? Meu emprego. Aí, vamos dar uma segurada. Voltei triste, mas tudo bem, não desisti, daí em 1995, em maio de 1995, eu fui chamado para trabalhar na Rádio Difusora de forma, de maneira formal mesmo, assim sabe? Para ser registrado tudo e eu peguei um período de folga, eu fazia as folgas para os operadores, o operador folgava “tava” eu, né? Mas já “tava” trabalhando, né? Não era, foi em 95 isso, no meu primeiro registro Rádio Difusora e quando eu trabalhava de manhã, a rádio de manhã começava às 5 horas da manhã e a gente tinha que estar lá às 5h. E não tem ônibus esse horário. Acho que até hoje não tem ônibus. Não sei, mas na época não tinha o ônibus daí ou a gente sair a pé de casa, é 4h da manhã, de madrugada para chegar na rádio ou fazia o que eu fiz, eu posava na rádio embaixo da mesa de som, dormia ali chegava com pegava o último ônibus saindo de casa, como ela sofrido e pegava o último ônibus, chegava na rádio era meia-noite e 15min, colocava lá um travesseiro e uns cobertores, assim para ficar mais fofinho embaixo da mesa, né e dormia ali, daí acordava lá 4h e 45min. Abria a rádio, fazia até meio-dia, daí voltava para casa. Em 1995, veio em 96, em 1996 eu fui despedido da Rádio Difusora, mas o [nome] apresentador da Rádio Difusora tinha ganhado a eleição para prefeito e daí ele montou um estúdio na Garagem da Esperança e daí me contratou lá. Mas como que o [nome] apresentador da Rádio Difusora soube de mim? Veja a bucha que eu peguei, lá em 1995, eu aprendi fazer todos os programas, eu ficava na rádio de manhã, ficava tarde e ficava a noite, então todos os programas que eu pude aprender eu fui lá e aprendi, esporte, eu queria saber tudo e assim eu me interessei, né? Novo na época, né? Então daí no programa, uma vez bem na época de *München* o operador oficial do [nome] apresentador da Rádio Difusora

que era um programa mais difícil de fazer que era o jornalismo, né? Faltou, acho que ele foi na *München*, bebeu uns goles demais e não foi trabalhar no outro dia e daí chegou o [nome] apresentador da Rádio Difusora para apresentar o programa com toda a equipe de repórter, né? E não tinha operador. E na época o [nome] apresentador da Rádio Difusora era meio exigente, ele não queria que todo mundo, qualquer um fizesse, só que nesse dia não tinha ninguém para fazer realmente, aí o [nome] jornalista que hoje imagino que esteja na Rádio Mundi, ele falou, olha, tem o [nome] se referindo a ele próprio que é operador bom, né? Daí ele, poxa, será que vai conseguir segurar? Piá novo. Ah, vamos testar. Daí ele ficou, me chamaram, foram me buscar em casa, daí eu fui todo tremido, que não sabia muito, sabia o programa dele, mas eu nunca tinha trabalhado. Daí quando eu trabalhei tipo, ele se apaixonou por mim, sabe? Esse meu operador, eu quero ele para mim, quero que fique no meu horário. E daí eu acabei trocando, aí esse menino que faltou, né? Ele foi para o horário da tarde, parece e daí eu passei a assumir o horário dele. Isso foi no final de 1995, né? 1996 também foi uma briguinha assim política que causou minha a minha saída da Difusora, né? Que a dona da Difusora na época apoiava um candidato e eu era operador do [nome] apresentador da Rádio Difusora, então deu um conflito e acaba sempre sobrando para o mais pequeno sempre e daí eu fui mandado embora, daí como eu falei, o [nome] apresentador da Rádio Difusora já havia montado o estúdio na Garagem da Esperança. E daí passou eu para lá, daí então eu já “tava” melhor, porque eu já fazia das 6h até as 10h, depois não trabalhava mais, já melhorou, porque daí já iam me buscar em casa, eu já “tava” mais, então, mas daí eu fiquei de, nesse período inteiro, de 1996 a 2007, eu fiquei na Garagem da Esperança e daí nesse tempo também estudei, só que eu me formei em outro, em química no caso, em outro curso, né? Não fui para jornalismo, fui em química e daí para eu poder apresentar projeto, TCC, eu precisei sair da garagem, eu não tinha interesse em trabalhar com jornalismo, saí da garagem e daí eu fui para outro campo que gostava também de cálculos, gosto até hoje, né? E fui para o lado da química, daí eu parei para eu poder estudar em 2007, daí 2008, eu entrei na Central na extinta Rádio Central. Entrei na Rádio Central e já o [nome] dono da Rádio Mundi, na época, soube que eu “tava” trabalhando na Rádio Central, onde o pai dele fazia o programa. Aí ele, poxa, conheço o trabalho dele, quero trazer ele aqui para a Rádio Mundi e daí ele me levou para trabalhar na Mundi. Só que a Central, na Rádio Central quem apresentava o jornalismo de manhã era o [nome], né? Daí o [nome] dono da Rádio Mundi sempre “tava” por lá e soube, né? Que eu “tava” trabalhando. E o [nome] dono da Rádio Mundi arranjou na época, com pretensão também política, queria, ele fazia, ele fazia, apresentava o programa dele na Mundi de manhã no jornalismo, só que ele era *disc jockey* e ele queria que alguém fizesse a operação técnica para ele poder só falar, só fazer os comentários políticos, né?

E caía na mesma coisa quem vai fazer, entende? Não tinha, daí quando soube que eu “tava”, não ele é bom e tal, pode trazer para cá e realmente fui. Fui lá fiz o período, fiquei fazendo uns quatro, seis meses mais ou menos até a campanha, daí ele saiu, eu saí também, e daí dá Mundi não fiquei mais, daí eu saí da Mundi, fiquei só na Central e daí nesse período eu saí de Ponta Grossa, em 2009 e 2009 eu saí de 2010, eu saí de Ponta Grossa. Fui morar no Mato Grosso, em Lucas. E de lá não deu certo também meu trabalho lá, voltei para rádio, lá eu trabalhava com química. Voltei para Ponta Grossa, né, desempregado, 2014, né? Não sabendo o que fazer da vida. É tão curioso, porque quando eu voltei logo a minha esposa ela recebeu um convite para trabalhar na loja de um padrinho meu de casamento que soube que a gente “tava aqui e foi lá em casa e ofereceu um emprego para ela e daí a minha filha estudando, pequena, a minha esposa trabalhando e eu desempregado, né? E daí certo dia eu fui levar ela, eu fui subir levar ela de ônibus até o trabalho e o [nome] dono da CBN me viu e daí ele me viu assim, “tava” dirigindo e só deu um grito assim, vai na CBN, daí eu não imaginava que ele queria e daí em 2014 isso, eu cheguei, deixei ela no trabalho que era perto, fui lá e ele, não sabia que você estava aqui e tal, né? Quero que você venha trabalhar na CBN, daí foi em 2014, daí eu desempregado, né? Eu falei não, com certeza, vamos começar já aí, né? Daí 2014, eu iniciei na CBN, daí eu “tô” até agora, que era na Rua XV, daí a CBN mudou, teve todas essas transformações, mudanças de CNPJ, mas de 2014 até hoje eu não sei mais, mudou CNPJ das empresas tudo mais, mas eu continuei aqui.

Pergunta 2: Mudou o CNPJ por causa da sociedade que foi desfeita? Quando você começou na CBN era Sociedade Pitangui?

Resposta 2: Sociedade Pitangui, depois virou da TVM e agora voltou a Pitangui e eu “to” aqui. Mas nesse período eu já fiz tipo tanta coisa, já trabalhei em TV, já fiz a TV Massa, hoje eu faço, eu trabalho na TV Massa, tipo terceirizado, no programa da Hiper Sorte, então tipo, o ambiente de comunicação para mim, “tá” muito atrelado comigo, né? Acho que até mais do que a química mesmo, sabe? De todo esse período, porque depois eu fui lendo muito sobre jornalismo, fui, li muitos livros, uma das coisas que eu gosto é de leitura, né? Então daí eu fui ouvindo muitas rádios de fora também, a gente foi, eu fui aprendendo as coisas ouvindo outras rádios de fora também, então fui aprendendo algumas coisas assim tipo que eu posso usar hoje, aprendendo por conta disso.

Pergunta 3: E agora sobre o teu trabalho daqui, eu gostaria que você falasse sobre o teu trabalho e sua função na Rádio CBN de Ponta Grossa.

Resposta 3: Eu nesse tempo eu “tô” aí com uns 25 anos de rádio, fiquei assim, posso dizer que eu fiquei fora do ambiente de rádio menos de um ano, né? Então, não deu tempo de mudar muito o sistema aonde eu trabalhava, da forma que eu trabalhava, não fiquei um bom tempo assim longe para ele ter uma mudança de eu chegar, isso nunca vi, então quando eu saí, fui acompanhando essa evolução do rádio, fui acompanhando desde quando era sinal AM, acompanhei a mudança do FM, entende? Então, inclusive na CBN, essa mudança do AM para o FM eu “tava” lá na CBN, nesse último contrato de 2014, mas na difusora era bem, sistema bem, como posso dizer? Bem trabalhado mesmo, assim. Hoje é tudo computadorizado, informatizado. Para a gente bater comercial, soltar os comerciais, a gente se soltava com umas fitas grandes que chamavam de fita de cartucho, fita de cartucho que é era cada cartucho, tinha uma média de 30cm mais ou menos, né? Então cada cartucho daquele era uma propaganda. Então vamos imaginar, se tinham 10 propagandas, eram 10 fitas, daí a gente tinha que pegar e ir colocando e fora as vinhetas que tinha entendeu? Se você quisesse ir ao banheiro, tomar café, tinha que fazer tudo antes de começar os programas, né? Tipo, eu falo por mim que sempre trabalhei com jornalismo, raramente com música, então jornalismo e futebol não dava “pra” sair e deixar tocando. Se fosse música colocava um *Guns n' Roses* de 8min e o cara ia fazer, mas no jornalismo e quando era futebol também, era muito, era muito trabalhado mesmo. Daí não tinha condição, tinha que segurar e até dar um intervalo para você, né? Um intervalo de troca de operador se tivesse alguém, né? Para segurar ali para você poder tomar um café, ir ao banheiro e tal, mas se não tivesse, era daquele jeito mesmo, tinha que mandar ver e daí depois dessas fitas de cartuchos, eu acompanhei a mudança do MiniDisc, chegou os MiniDiscs, que eram uns disquetezinhos parecidos com computador, tipo, parecido com um computador não, não era de computador, era parecido, daí eu vivi essa mudança, esse MiniDisc eu acho que durou no rádio, se durou um ano foi muito e daí já veio o computador e daí já atropelou todos os equipamentos que tinha. Eu, como o computador “tá” até hoje, né? Na época do MiniDisc eu estava na Garagem da Esperança, em 1998, e sempre teve toda, quando mudou a gente começou a trabalhar, porque a gente, eu nunca tive um treinamento, os caras iam lá, instalavam, e ó, se vira, a gente ia aprendendo e mexendo, não tinha que nem hoje, ah, vou entrar no *YouTube*. Antigamente, eu lembro que o MiniDisc, eles colocaram três aparelhos de MiniDisc e eu coloquei, fui lá, programei os três assim certinho, né, para entrar na abertura do programa bem certinho e ia só apertando o *play* em cada um, né? Mas eu tive a brilhante ideia de usar o controle e o controle acionava os três e daí entrou os três, daí eu não sabia o que fazer, eu trouxe os três, né? Vai entrar um na sequência do outro, daí no meu comando, né? Mas daí eu apertei o controle. Daí foram os três juntos, né? Foi uma das coisas que assim no começo eu não sabia

como fazer, né? E fui me ajustando, daí eu fui só no manual mesmo, né? Mas eu trabalhei nessa esteira da fita de cartucho, nós tínhamos também a fita de rolo. Eu falei para você, eu não sei se você lembra, a fita de rolo era uns rolão grande e a gente usava muito para gravar futebol, porque cada gol a gente tem que marcar, hoje a gente faz também, mas é mais fácil no computador, só vai apertando uma tecla no teclado, ele vai marcando os gols que estão saindo, né? E eu aprendi a fazer futebol no jogo de salão de futsal, e jogo de futsal, não é um gol e daí a gente gravando naquela e daí então o que que tinha que chegar e fazer? Cortar vários papeizinhos, vários, fazer um papelotinho pequenininho e a cada gol que ia, que ia saindo, você ia colocando na fita para você voltar, porque depois no intervalo “tava” lá o comentarista, vamos ouvir os gols, daí tinha que voltar lá no papelzinho e para poder reprisar. Então, tipo foi uma época bem interessante assim da minha vida, porque no rádio, porque não dava para perder, eu usava papel, tinha que colocar bem certinho. Tinha gente que colocava palito de fósforo, tudo valia “pra” marcar, né? E era bem tipo, hoje assim no rádio, nossa, não, eu trabalho aqui na CBN com mesa digital.

Pergunta 4: Quando você chegou na CBN era a mesa de som física e agora é digital. Qual você prefere?

Resposta 4: O que eu prefiro é a física, a digital é muito boa, tem os recursos bons, mas não tem uma resposta que eu preciso, principalmente nos jogos, não é tão rápido, ele tem um atrasinho que um segundo atrapalha bastante, um segundo atrapalha muito para quem “tá” no ar, então tipo, mas é, a gente tem que ir se adaptando do jeito que eu fiz, eu fui me adaptando, tipo saiu lá da fita de cartucho, foi “pro” MiniDisc, eu me adaptei. Saiu do MiniDisc, foi para o computador, tive que me adaptar também, né? Como eu, cada programa, eu tive que me adaptar a cada locutor e nessa mesa digital também ninguém me ensinou. Mas nessa eu já tinha o *YouTube* que deu uma boa aula para mim na época, mas nos outros não tinha nada, daí era mesmo, tipo você ficar além do teu horário e lendo o manual ali que às vezes, se tinha manual português ainda beleza, mas daí mexendo, toda a questão do interesse mesmo, né? Você aprender algo mais.

Pergunta 5: Então, você chega às 7 horas na rádio?

Resposta 5: Daí eu começo, eu chego 6 h e 30min aqui e já vou dando uma olhada no *e-mail*, todos os, que o meu trabalho é com áudio, né? Então tudo que tem o áudio que vai entrar no jornal das 9h das 9h e 30min, eu faço *download* e já vou ajustando a altura, editando as falhas,

os espaços, as falhas que tem para que não fique aquele vácuo, né? No começo, no final, então, já vou soltando os comerciais a partir das 7, né?

Pergunta 6: E agora que a sociedade foi desfeita, você quem está inserindo os comerciais?

Resposta 6: Não, ainda é União da Vitória, tem uma moça em União da Vitória. Ela “tá” fazendo até dezembro. E depois eu não sei. Mas eu sei fazer isso, foi outra coisa que eu aprendi fazer opec, eu aprendi a fazer também e eu aprendi na Mundi isso. Fazer essa programação, então tipo, saindo do estúdio do ar. É onde tipo, é minha área, né? Fora dali eu aprendi também outras coisas, né? Aprendi a fazer uma programação do comercial, a ver se um comercial começa hoje vai até quando, como que faz para ele ir até quando, a programação, então eu consegui, mas isso tudo foi um interesse, porque eu podia bem terminar meu horário e ir para casa, mas não, eu queria aprender. E aí o [nome] diretor de jornalismo chegava às 8h e 30min, né? Desde o momento que eu chego, já tenho que ficar monitorando a linha de serviço da rede e a gente também tem o suporte do *WhatsApp* que tem o grupo do *WhatsApp* da CBN que tem o Brasil inteiro, mas eu preciso ficar monitorando também a linha de serviço que muitas coisas não passam pelo *WhatsApp* e é dito, ali pela linha de serviço que às vezes a coisa é muito rápida, entende? Tipo, ele chama, o locutor de São Paulo chama o intervalo comercial, eu “tô” preparado para soltar o meu, mas às vezes a empresa comprou um comercial que é para sair no Brasil inteiro, nas CBNs do Brasil inteiro, eu tenho que deixar vazar isso. Mas a gente tem que estar atento, porque não pode deixar, tipo se tiver ele chama lá, tem três comerciais na rede, esses três tem que sair, né? Fora o Repórter CBN que é uma lei, né? Quem corta o repórter CBN? É só a cabeça, a soberana que é a CBN São Paulo que é central, né? Ela sim, pode, eu não posso sacar o CBN fora, isso dá uma multa. Eu já soube de algumas broncas que a Mariza Tavares, quando estava na CBN, deu aqui em Ponta Grossa, principalmente naquela época de protestos, lembra? Quando tinha aquele pessoal que ia protestar nas ruas, aí um jornalista fez uma cobertura e ela não gostou muito, achou que a nossa rádio estava um pouco tendenciosa, mas foi o único episódio que eu lembre que ela, na época da Dilma. Aí ela ouviu, né? E teve outro episódio também que a gente furou o Repórter CBN e aí acho que algum ouvinte ligou “pra” ela, fez a denúncia, porque quem ouve é o diretor, né? Daí o diretor veio falar, o gente, mas também foi um episódio que foi quando o Operário subiu, quando ganhou o Paranaense contra o Coritiba, e na segunda-feira, não era o locutor que “tá” hoje, era outro, né, uma equipe que apresentava o esporte, eles começaram às 11h, né? E passaram. Mas não foi culpa minha, né? É uma das cobranças que eu faço, “o Repórter CBN, o Repórter CBN”.

Pergunta 7: Como que acontece a comunicação entre você e o jornalista que está no ar?

Resposta 7: Durante o programa eles já sabem que 11h e 30min, 11h, 10h e 30min, de meia em meia hora tem o Repórter CBN então se “tá” chegando ali, 10h, vamos imaginar o Repórter CBN de 11h. 10h e 58min e eu “tô” ouvindo a rede e a rede chamando “pro” Repórter CBN e o meu locutor falando, eu já começo a levantar a mão e dizendo para ele mandar para mim. Pode encerrar o assunto, eu sempre oriento os jornalistas que estão no ar. Falo, olha, 10h e 56min, 57min não leiam nota comprida, leiam notinhas pequenas, porque eu vou precisar de tempo para mim, para o Repórter CBN e não soltem sonoras, não chama isso, né? Porque senão vai me atropelar o Repórter CBN, então quando eu vejo que ele “tá” avançando, eu já tô chamando. Eu já “tô” chamando há casos que eu acho uma brecha assim, eu corto. Porque eu prefiro cortar do que pegar uma, tipo ter uma um de digesto assim, por que que não entrou Repórter CBN, mas o corte, Luiza, é tão imperceptível que o cara que está em casa nem percebeu, entende? Então tem que ter esse molho, assim de você saber aonde vai cortar isso, tudo se adquire com experiência, isso não foi do dia para noite, você cortar uma pessoa que “tá” falando ao vivo é mais difícil do que cortar uma sonora que tá rolando no ar, né? Então, qual que é o nível de dificuldade maior? Aquele que “tá” lendo um texto, você não tá acompanhando o texto que ele “tá” lendo. Então você tem que ficar ouvindo o outro, a linha de serviço para ver se não, já não entrou. O nosso jornal aqui da CBN local começa às 9h e 30min, até 9h e 56min, mais ou menos, eu me despreocupo um pouco da rede, porque se tiver algo que vá, que a rede peça a atenção para chamar, eles já vão avisar lá no *WhatsApp*, no grupo do *WhatsApp* então nesse período de 9h e 30min até 9h e 56min eu desligo a minha linha de serviço, porque eu sei que ali eles não vão chamar, porque daí São Paulo está com o local deles, Brasília também, Minas Gerais, Rio de Janeiro, “tá” todo mundo com o local, né? Então se o presidente for falar 9h e 45min, eles vão avisar e eu já “tô” sabendo, já vem comunicado para mim. Ele, olha vai ter uma intervenção da rede, porque o presidente vai falar na ONU, discursar na ONU, então a gente já fica sabendo e são só esses, esses casos assim que a gente atropela o local para entrar com a rede ou um fato extraordinário, não é qualquer coisa, então tipo de 9h e 30min até 9h e 56min eu fico mais tranquilo, eu fico prestando atenção mais no local mesmo. Daí eu volto para rede lá por 9h e 57min, eu já vou ligando minha linha de serviço e ouvindo, para eu poder. A gente tem aqui 10h e 30min tem o Repórter CBN de 10h e 30min no nosso jornal, né? E daí a gente entra em cadeia com as CBNs do Paraná, que é o CBN Paraná que entra a CBN Curitiba, Londrina, Cascavel e Ponta Grossa. A gente ainda tem esse Giro CBN.

Pergunta 8: Você que passa a ligação do *Meet* para o diretor de jornalismo fazer o Giro CBN?

Resposta 8: Não, esse é Maringá que faz essa, que gera isso, Maringá gera o *Meet*, né? E Curitiba faz a ancoragem.

Pergunta 9: E quem que faz o envio do *link*?

Resposta 9: Daí tem o grupo no *WhatsApp* do CBN Paraná. Daí eles mandam ali e todo mundo entra por ali. E quem faz a apresentação, quem é o Âncora é o de Curitiba.

Pergunta 10: Depois do giro, às 11h e 30min tem o Repórter CBN e depois o programa esportivo?

Resposta 10: O Repórter CBN tem uma coisa que principalmente os de 10h e 30min, a rede ela aproveita para colocar repórteres de praças após o Repórter CBN. Se a gente tem um assunto que interessa para a rede, eles usam o horário de 10h e 30min, para que Repórter CBN 10h e 30min, termina o Repórter CBN e eles, daí entra o âncora de São Paulo, tipo, eles falam assim, ainda na rede CBN vamos chamar a repórter Luiza de Ponta Grossa, daí a repórter Luiza vai falar sobre o assunto que interessou a rede. Porque todo dia o setor de jornalismo lá da rede CBN, eles mandam um *e-mail*, alguém tem para mandar as pautas, daí jornalistas de todas as praças mandam as pautas e eles vão lá e vão filtrar, ah, isso aqui interessou, Ponta Grossa interessou daí eles vão entrar em contato com a repórter de Ponta Grossa para ver se, não para ver se tem possibilidade de entrar, eles querem que entre. Eles vão falar, tipo, vocês têm que entrar 10h e 30min, é o horário que geralmente é 10h e 30min que eles reservam. E se acontece algo no meio do dia também podem mandar um *e-mail* para lá para avisar, mas tem que ser algo extraordinário.

Pergunta 11: E quando vocês fazem as ligações, por exemplo aquele dia que eu estava aqui observando e eu acompanhei o repórter na feira, ele entrou ao vivo por telefone e você quem fez essa ligação. Quando é um entrevistado, também é você quem faz a ligação?

Resposta 11: Sim, às vezes a gente gera um *link* de *Meet* para ele, né? Geralmente eu faço ligação pelo *WhatsApp*. Daí eu já mando, quando eu sei já quando preciso ligar para entrevistado, daí eu já mando uma mensagem antes para ele, né, dizendo do horário da entrevista e dizendo que eu vou ligar, o horário para ele ficar atento e daí chegou o horário da entrevista, aí eu já passo, eu faço a ligação geralmente no meio do bloco comercial ou assim,

iniciando o bloco comercial que às vezes o jornalista precisa falar e combinar o que, como vai ser a entrevista, né? Daí eles ficam ali batendo aquela bola enquanto o comercial “tá” rolando.

Pergunta 12: O que muda no seu trabalho quando entra o programa de esporte?

Resposta 12: O esporte é mais tranquilo assim, sabe? Mais sossegado que o jornalismo, o jornal é ele é mais corrido. Ele é mais tipo assim, mas pegado mesmo, você tem que estar bem mais atento, não que o esporte não tem que, mas assim, tipo, você não precisa, como o esporte aqui é meia hora, então ele não tem tempo de colocar uma entrevista, de colocar umas sonoras, entende? Daí o locutor tem que falar, ainda tem um intervalo comercial nesse meio de meia hora, no meio ali tem um intervalo comercial, então é bem corrido para o locutor. Então ele não tem tempo de chamar uma entrevista. Quando era 1h de esporte na tarde, daí tinha, dava para entrar comercial, dava “pra” entrar entrevistado, era mais, tinha mais tempo, mas mais tranquilo mesmo pela manhã é o esporte. E aí depois que termina eu fico só, eu dou uma olhada ali nas pastas de matérias, o que foi, o que não foi, né? Dou uma recauchutada ali e daí esperando sempre o aviso da rede para comercial.

Pergunta 13: No período da manhã tem as matérias que os jornalistas gravaram no dia anterior, essas você também encaixa na programação?

Resposta 13: Isso daí eu pego essas matérias, os colunistas que mandam por *e-mail*, né? As colunas, e daí eu vou pegando e vou colocando, já vou avisando a [nome] jornalista aqui, olha, hoje quem vai falar sobre sustentabilidade é o [nome] e daí tem a previsão do tempo também que vem, que eu pego o áudio, baixo o áudio da previsão do tempo, daí eu faço a edição da previsão e passo para o jornalista o nome da pessoa que vai falar a previsão e tal, né? A previsão do tempo vem do SIMEPAR pelo grupo do *WhatsApp*. Como que a gente conseguiu viver sem *WhatsApp*? Hoje fazer uma transmissão é muito fácil, você gera um *link* no *Meet* e faz, mas eu, na minha época, eu já subi em poste para amarrar fio de telefone, porque a gente instalava o fio no poste, no dia anterior, mas daí um abençoado de um caminhão passava e arrebentava um fio, e aí chegava no outro dia cedo, não tinha linha. Daí a gente tinha que ir procurando, olhando assim para cima no fio, um cara dirigindo e eu olhando para cima para ver aonde que “tava” arrebentado.

Pergunta 14: E agora falando um pouco da sua relação com os seus colegas da época que eu estava fazendo a observação. Como é a relação de vocês?

Resposta 14: Com eles? Com o pessoal que “tava” na tua época?

Comentário 1 (entrevistadora): Isso com o diretor de jornalismo, com o repórter, com o comentarista, jornalista-entrevistador e com o proprietário.

Resposta: A relação de amizade nossa, o [nome] diretor de jornalismo e o [nome] repórter são uns irmãos para mim. A gente se deu muito bem, a gente ficou pouco tempo trabalhando junto, acho que desde 2021, não deu três anos, mas a gente se deu muito bem, tipo a parceria, sabe? Até mesmo uma jornalista que no começo da TVM veio para cá que foi a [nome] que hoje ela “tá” na RPC, a gente até hoje, a gente conversa e brinca, tem, a gente se deu, tive uma relação de amizade muito ótima, assim, sabe? Um ajudava sempre o outro, foi muito legal e eu senti muito a saída dos dois, principalmente da [nome] ex-jornalista que deixou, ficou uma marca assim, eles são muito, muito parceiros, porque o rádio tem que ter parceria. Às vezes se você não pode o outro tem que poder, porque um dia esse que vai precisar também, né? Então, e o [nome] diretor de jornalismo e o [nome] repórter sempre foram assim, tipo a gente foi muito parceiro.

Pergunta 15: E com o dono qual é a relação de vocês?

Resposta 15: O [nome] proprietário da Rádio CBN de Ponta Grossa é padrinho do meu casamento. Eu conheci ele na Garagem da Esperança, quando [nome] era prefeito, ele foi vereador, presidente da Câmara, então eu já conhecia ele de lá, já fizemos campanha para ele.

Pergunta 16: Você falou da TVM, como que aconteceu a sociedade entre as rádios?

Resposta 16: Eles começaram em 2021, eles já estavam em 2019 dando uma namorada lá, conversando, a CBN com a CBN Maringá, que lá é do [nome]. E daí eles já “tavam” dando essa namorada, principalmente com o [nome] dono da Rádio CBN de Maringá e com [nome] diretor da Rádio CBN Maringá e tal e daí o [nome] proprietário da Rádio CBN de Ponta Grossa, ele sentiu muito o falecimento do pessoal que foi, que faleceu pela covid lá na CBN lá na rua XV e ficou um pouco desanimado e daí ele ficou “pra” baixo, daí de repente entraram com essa proposta, daí eles estavam vindo de uma parceria com com CBN Maringá, CBN Cascavel e CBN Londrina, né? E daí faltava CBN Ponta Grossa. Daí eles fizeram uma parceria CBN União da Vitória até na época, né com o [nome], então daí eram os três. Daí eles formaram essa parceria os três e daí eles foram arrendando as CBNs das cidades, daí eles arrendaram primeiramente a CBN Cascavel, daí a de União da Vitória e daí Ponta Grossa. Então em 2014

era Pitangui. Em 2021 foi a sociedade da TVM, Cascavel, União da Vitória e Ponta Grossa e eles não chegaram a fazer Londrina, foram essas três. E Maringá. Então os três fizeram uma parceria, fizeram uma sociedade os três, né? E foram arrendando, eles não arrendavam a rádio, arrendavam os horários, entende? Com tudo, tipo com funcionário. Eles arrendavam o horário, tipo vieram aqui em Ponta Grossa. Acho que vai fazer, vai assumir os horários lá e vamos pagar funcionário, vamos colocar água, café, vamos fazer de tudo. Então quem bancava, quem pagava os custos das rádios era a TVM. Só que daí a primeira que caiu foi Cascavel, né? E que daí, o que que aconteceu? Aconteceu que o comercial não começou a dar muito retorno de todas. Tanto que a de União da Vitória fechou em 2022. Por que que foi o fechamento? União da Vitória é menor do que Ponta Grossa. Se Ponta Grossa está capengando com comercial, com propaganda, imagine União da Vitória.

Pergunta 17: Então União da Vitória fechou, mas ainda tem alguns funcionários trabalhando?

Resposta 17: É porque daí ela só, a CBN fechou, né? O sinal da CBN saiu, tipo e ficou daí no lugar da CBN com a mesma direção ficou a Massa.

Pergunta 18: E como funciona o seu trabalho no sábado?

Resposta 18: O horário é o mesmo, chego às 7h e a gente começa com o local nosso aqui 10h. Que tem no dia de semana 9h e 30min, né? No nosso local e no sábado 10h. 10h eu tenho um programete que é sobre educação que chama Papo de Vestiba, então depois da rede tem o Repórter CBN, entra o que tiver de comercial que geralmente é 2min, 1min e meio e daí entra esse programetezinho que é um papo apresentado pelos professores do SEPAM vestibulares, geralmente 5min, 6min, terminando esse programa do Papo de Vestiba, já na sequência eu coloco o Sábado CBN que sempre vem um entrevistado que o sábado da CBN é das 10h e 10min até meio-dia, esse horário de 10h e 10min até meio-dia, a gente divide dois ou três entrevistados. Pode vir no primeiro horário dois ou no segundo três, mas a gente divide, na verdade é dividido por assuntos, né? É muito, é muito difícil a gente pegar um programa de 10h e 10min e levar até meio-dia, porque é muito maçante, fica muito maçante, então a gente acaba dividindo. O assunto até rende, mas às vezes é cansativo.

Pergunta 19: E como acontece a sua comunicação com o jornalista-entrevistador?

Resposta 19: Da mesma forma. Esse quem apresenta é o [nome], esse ele já vem com o programa elaborado então tipo, é só pôr no ar e só ficar atento ao Repórter CBN de meia em

meia hora e gravando a entrevista do entrevistado para depois a gente poder reproduzir, se o assunto é bom, né? Todos os assuntos são bons, mas tem uns, tem uns mais relevantes, tipo, plano diretor que agora estão discutindo, aumento da passagem, contrato da VCG, contrato da Sanepar. Então esses assuntos podem render durante a semana, entende? Tem uns que não rendem, mas isso é normal no jornalismo.

Pergunta 20: Nem todas as entrevistas da semana são gravadas?

Resposta 20: Todas as entrevistas são gravadas de manhã no local. Daí a gente reproduz isso aí no *site*. Então, sentou naquela cadeira, eu já “tô” gravando.

Pergunta 21: E como é a sua relação com o jornalista-entrevistador?

Resposta 21: É, boa, é ótima, então, é parceiro, amizade. Somos todos amigos aqui. Dá uns perrengues, mas é normal. Mas eu já trabalhei em lugar assim bem terrível. Bem assim, tipo um querer ser maior que o outro e que é ruim, é horrível. E a minha relação com o pessoal, com os colegas desse grupo da rede que ficou ainda Maringá, Cascavel, Curitiba e Londrina, né? Que formam o CBN Paraná, eu acho que eu tenho mais uma relação mais de conversa e brincadeira com o pessoal, o grupo da CBN do Brasil, a gente tem mais um, no *WhatsApp* mesmo faz brincadeira, tipo, nada de mau gosto. E eles estão nesse meio, né? Então eu tenho mais relação lá por São Paulo do que por, pelo aqui do Paraná mesmo.

Pergunta 22: No dia em que deu problema no *Playlist*, como foi resolvido o problema?

Resposta 22: Depois teve mais um problema. *Playlist* é um aplicativo, né? Agora o Aires é uma mesa de som, também é um aplicativo que precisa de registro e registro pago. Naquele episódio que você “tava” aqui, eu não sei o que que havia acontecido, mas eu cheguei aqui, não “tava” autorizado eu trabalhar na *Playlist* e aquele dia a rádio estava fora do ar, porque daí ela não recebia som, a gente ficou fora do ar, tipo até perto das, de que horas? Perto das 10h? Foi bastante, né? Então, a gente ficou sem comunicação, tipo sem colocar nada no ar, porque eu precisava desse registro do aplicativo para eu poder, para poder receber o som de São Paulo. Esse que é o problema dos aplicativos, se o cara esquecer de pagar o registro que é anual, né? Os caras não querem nem saber, eles vão cortar. E daí para você, aí vai ter que ligar lá para *Playlist*, parece que foi de Minas Gerais que é a fábrica da *Playlist*, tem que ligar lá e daí tem que passar todos os dados da empresa para fazer a renovação, daí gerar um boleto. Então é bem, então foi isso que aconteceu, tipo alguém eu acho que esqueceu de pagar o registro, né? Venceu

e eles cortaram e daí após foi a mesma coisa, foi acho que mês passado que aconteceu, travou tudo ali, saiu meu, não consegui entrar, né? E daí teve mais um problema, porque daí o registro quando deu aquela primeira vez era a TVM que era responsável. Então, era com eles, alguém lá esqueceu, então ele se acerta com eles.

Pergunta 23: Foi porque esqueceram? Não foi causa da finalização da sociedade?

Resposta 23: Não, a primeira vez foi porque esqueceram. Agora, nessa outra vez, nessa segunda vez, teve a mudança no cadastro lá da *Playlist*, né? Daí parou. Daí eles tinham o contrato com a TVM tinha encerrado com a *Playlist*, parou de rodar. Daí a Pitangui teve que ligar lá, passar tudo CNPJ, tudo estranho, fazer a geração de um boleto, fazer o pagamento, para depois.

Comentário 2: E você estava tentando contato com o técnico de informática da Rádio T.

Resposta: O [nome], ele que montou o estúdio, instalou os programas, é ele que gerencia essa parte técnica, deu um problema no computador tem que ligar para ele, né? Algumas coisas eu resolvo por mim, entendeu? Vou ali e resolvo. Mas eu tento não fazer isso, porque eu não sou responsável por isso. Eu sei fazer, mas a gente tem que seguir uma ordem, né comunicar lá, o Fernando e tal. A não ser que “tá” precisando mesmo, né? Precisa entrar no ar. Então eu vou lá e faço e acabou. Logo que eu cheguei, mandei mensagem, quando eu cheguei já vi que “tava” mensagem na minha tela que precisava do registro. Eu não tenho registro. Daí eu já comuniquei ele, mas ele demorou a me responder. Até o [nome] diretor de jornalismo demorou um pouco, né? Daí lá foi umas 9h e 30min, 10h que ele conseguiu fazer. A rádio ficou vazia. Não tocou nem a rede. Ligava o *dial* lá, até mesmo na *internet*, porque na minha mesa é assim, eu recebo o som ali nos equipamentos via satélite, cai na antena, da antena vem para cá e dali dos equipamentos vai para mesa e vai para o rádio. Daí se não chegar o som, o som poderia até ter chego no satélite, né? Mas aí na hora de subir para mesa de som para eu distribuir para o rádio não tinha. Não deu para fazer isso, o comercial atrasou tudo. Tem empresa que contrata comercial para sair 7h, para sair 8h, a Copel tem um contrato de 11 vezes ao dia, os governos, os comerciais do governo do Estado, por exemplo Detran, FIEP, essas coisas, eles são auditados pelo governo. Então tem que sair. A não ser que dê algum problema mesmo. Daí a gente vai ter que compensar depois, entende? Mas como eu tinha resolvido o problema, como o problema tinha sido resolvido ali no meu horário mesmo, eu falei para o [nome] diretor de jornalismo, eu vou começar a tocar da onde eu parei, né? E você vai falando o menos possível para eu poder não deixar muito. Teve que diminuir a distância e diminuir também notas de jornal. E daí eles

querem comprovante de que nossa, é bem, é auditado mesmo. Primeiro, então, eu fiquei sem registro do *Playlist* que faz, que toca os comerciais, que toca as trilhas, que toca, entendeu? Eu fiquei sem registro do Aires que é a minha mesa de som. Daí eles, eu estava sem acesso aos dois e o primeiro que eles registraram lá, fizeram o registro foi da mesa. Aí eu estava sem *Playlist* mesmo, sem os comerciais, mas eu já estava com a rede. Que eu falei [nome] diretor de jornalismo, eu vou pegar e vou abrir o *Sound Forge* que não precisa, já foi pago uma vez o registro e vou tocando pelo *Sound Forge*, é tipo bem com uma perna mesmo. Eu vou abrir o microfone, você vai falando, se você chamar uma matéria, você dá um espaçozinho para eu poder, porque eu tenho que dar um *stop* e acionar o *play* na outra, porque daí é o que a gente aprendeu lá atrás, né? Acaba usando, você acaba usando e daí a gente fez isso até o nosso *Playlist* lá, “tá” bem tranquilo. Aí depois eles registraram tudo certinho, daí eu passei para o *Playlist* que daí é mais fácil, né? Daí já vai caindo a programação, não precisa ficar parando uma coisa para tocar outra.

Pergunta 24: E para finalizar, o que você mudaria no seu trabalho?

Resposta 24: Eu mudaria no meu trabalho? Se eu pudesse, não estou desdenhando nada, mas se eu pudesse mudar para facilitar mesmo, a mesa de som. Porque tem mesa física muito moderna. O equipamento, o aplicativo é moderno, tem muito recurso ótimo ali, mas como eu falei para você, para melhorar o trabalho eu preciso de resposta dos equipamentos, porque se não tiver a resposta do equipamento fica ruim para mim, eu me bato, porque se eu encosto, se eu coloco o dedo no botão ali da mesa, some o cursor do computador, porque “tá” tudo ligado. Então isso para mim me atrapalha. Eu queria mexer na mesa, mas “tá” olhando no computador. Como eu sempre fiz.

Pergunta 25: E na forma de trabalho, você mudaria alguma coisa?

Resposta 25: Eu acho que não. Mas assim, geralmente o jornalismo é de manhã, né? Também agora tem jornal à tarde tudo, às vezes faz uma revista à tarde, né? Mas o jornal mesmo é de manhã, né? E eu sempre trabalhei em jornal. Eu sempre aprendi como eu falei para você raro, raras as vezes eu trabalhei com música, entende? Foi muito pouco, mas em jornalismo mesmo eu sempre trabalhei. Então sempre trabalhei de manhã e sempre acordei 5h da manhã, desde quando comecei. Nunca pensei nessa assim, mudar alguma coisa. Acho que “tá” legal assim, mudaria a mesas. Colocar uma mesa moderna e física, não digital.

APÊNDICE O – ENTREVISTA COM O TÉCNICO 2

Entrevista com o técnico 2.

Data: 17 de novembro de 2023.

Horário: 20h e 30min.

Local: Cafeteria.

Tempo de duração da entrevista: 29min e 41s

Pergunta 1: Pode começar falando um pouco sobre você, de onde você é?

Resposta 1: Eu sou daqui de Ponta Grossa, nascido e criado. Nasci em 2000, vou fazer 24 anos.

Pergunta 2: Qual é a sua formação?

Resposta 2: Eu sou formado no ensino médio, só, estou cursando o superior agora.

Pergunta 3: Qual curso você está fazendo na faculdade?

Resposta 3: Eu faço Publicidade e Propaganda na Unicesumar. Comecei este ano.

Pergunta 4: Você já tinha trabalhado em rádio antes? Ou trabalhou em algum lugar antes da Rádio CBN de Ponta Grossa?

Resposta 4: A CBN foi meu primeiro emprego CLT e foi bem por acaso que eu entrei. Meu primo, ele sempre trabalhou em rádio, desde que ele tinha uns 17 anos, ele trabalhava como sonoplasta também, meu primo é [nome]. Ele trabalhou na Clube, trabalhou na MZ, trabalhou em mais uma, acho que na Lagoa Dourada também e daí em 2015, o [nome] técnico 1, no auge da pandemia, no auge não, mas estavam bem altos os índices, o [nome] técnico 1 pegou covid, daí o [nome de dois antigos profissionais da Rádio CBN de Ponta Grossa] também pegou, o [nomes] faleceram, né, não sei se você já ficou sabendo desses dois. O [Nome] era o sonoplasta, acho que era da tarde, da manhã e o [nome] era o cara que ficava lá no lugar onde a [nome] fica, você não conheceu a rádio antiga, né? Ela substituiu o [nome] que ficava lá na frente. Aí o técnico 1 pegou covid, ele precisou se afastar por uma semana, eles me chamaram, eles chamaram meu primo na verdade, meu primo “tava” trabalhando na época e não pode, só que daí ele falou que eu lidava com áudio, assim, eu nunca trabalhei com rádio, mas eu fazia músicas no computador em casa e ele sabia que eu gostava bastante de equalização, daí ele falou que não podia, mas o primo dele sabia mais ou menos, que no caso sou eu, sabia mais ou menos

lidar com áudio. E daí ele me levou numa manhã lá, eu conheci o [nomes] proprietário, sócios e técnico 1. Aí eles me levaram lá para o estúdio, antigo estúdio. Daí eu fiz uma ligação de vídeo para o [nome] técnico 1 para ele me explicar mais ou menos como funcionava, daí meu primo já tinha me dado umas dicas do *Playlist*, né? Que é o *software* que eles usam ali na rádio. Aí eu fiquei essa semana eles gostaram da minha sonoplastia e daí no outro mês, eles falavam que, eles falaram né, que o antigo sonoplasta tinha falecido e precisavam de alguém.

Pergunta 5: Quando você começou na Rádio CBN ninguém te ensinou pessoalmente, você aprendeu por chamada de vídeo com o [nome] técnico 1?

Resposta 5: Eu aprendi na prática mesmo. Meu primo me ensinou uns 20 minutinhos, tipo aqui as coisas que vão tocar, daí aqui você procura, coisas que você aprende na prática assim, mas é bem intuitivo. E daí depois desse mês que eu já tinha saído, eles me chamaram definitivo para ficar na rádio. Daí foi quando eu fiquei o período de dois anos, de agosto de 2021 até este ano. Nessa primeira semana eu fiz o horário do [nome] técnico 1 de manhã e à tarde ficou sem ninguém. E a tarde tinha os dois [nomes]. O [nome] faleceu e daí o [nome] técnico 1 passou para a manhã. E daí eles me chamaram para substituir o [nome] técnico 1.

Pergunta 6: Agora pensando naquela semana que eu passei observando o trabalho de vocês na Rádio CBN. Me conte um pouco sobre o trabalho que você realizava na rádio, qual era a sua função?

Resposta 6: A minha função era fazer com que a programação fique no ar, né, basicamente, e daí a montagem dos programas locais e [silêncio] basicamente é isso.

Pergunta 7: Você chegava que horas?

Resposta 7: Eu chegava 1h e saía às 6h [referia-se às 18h].

Pergunta 8: Quando você chegava, o que você fazia?

Resposta 8: Quando eu chegava “tava” começando a programação, “tava” na segunda hora do CBN Brasil que é programação de rede e daí a partir das 2h nesses últimos acho que quatro meses daí “tava” a programação completa local, das 2h às 5h, assim, antes a gente fazia apenas das 3h às 5h, que daí as 3h começava o jornal com o [nome] repórter e daí das 4h às 5h esporte com o [nomes] diretor de jornalismo e com o comentarista esportivo.

Pergunta 9: Você chegava, abria o *e-mail*, o *WhatsApp* da rede?

Resposta 9: Na verdade eu não tinha muito contato, eu não tinha muita outra função além da sonoplastia. Era mais na sonoplastia mesmo, muito de vez em quando eu fazia alguma coisa de ter que baixar algum áudio ou alguma coisa, geralmente já chegava a programação já “tava” pronta, a minha função era fazer com que tudo corresse certo ali nos intervalos da rede e montar a programação local. E daí quando eu quando eu fosse embora eu largar para a rede, para daí ficar tocando ou se tivesse alguma queda de sinal, eu tocava pela internet para evitar que ficasse sem nada no ar que era o maior medo do [nome] proprietário, principalmente.

Pergunta 10: Mas você não ficava em contato com a rede, por causa do Repórter CBN ou para receber os avisos?

Resposta 10: Ah, sim. Daí tinha os grupos no *WhatsApp*, né com operadores do Brasil inteiro, tinha acho que mais de 200 ali com todas as filiais e daí a gente tinha a caixinha que daí a gente ouve direto o contato de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e Brasília que são os 4 assim no Brasil e daí eles mandavam alguma informação, por exemplo, se tinha uma notícia de última hora para colocar um plantão, eles avisavam pela caixinha, se ia cair o Repórter CBN, porque estava acontecendo alguma outra transmissão no momento, eles avisavam por ali.

Pergunta 11: Então o contato com a rede não era só São Paulo, são quatro, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília?

Resposta 11: Não, são as quatro que são os principais centros, mas a rede que a gente transmitia mesmo era de São Paulo, daí o sinal vinha sempre de São Paulo.

Pergunta 12: Você ficava com o fone de ouvido ouvindo a rede e o local?

Resposta 12: Sim, eu colocava, eu ficava variando para eu sempre ter uma noção do que “tava” acontecendo, tanto na rede, quanto com a nossa programação. Para eu entender como que “tava” a trilha, se “tava” muito alta, cobrindo a voz do [nomes] comentarista esportivo e diretor de jornalismo ou se a voz dele tivesse muito baixa, eu aumentava para ficar tudo equilibrado, né, ficar uma coisa boa de se ouvir. E daí eu ficava também ouvindo a rede para saber os momentos de sair do local para ir para programação de rede, por exemplo o Repórter CBN. O [nome] ex-presidente da AERP me falou uma vez achei interessante que foi uma coisa que me deu, acho que ele é o diretor de jornalismo da GMC. Ele falou que a cada Repórter CBN, é como se fosse

uma página passando, daí no total são 48 páginas do dia, são 24 horas, uma a cada meia hora, e daí isso me deu, me ajudou assim, não sei, não sei explicar muito bem, mas ritmicamente isso me deu, mudou um pouco uma chave para me ajudar a encaixar melhor a programação. Já aconteceu alguns problemas um dia caiu o Repórter CBN, caiu o sinal. Ou em vez de cair o sinal da rede, para a gente caiu o nosso sinal para transmissão local e a gente ficava fora do ar e ficava só na internet, o que “tá” fora, mas eram os problemas que aconteciam, daí o [nome] proprietário ligava perguntando o que estava acontecendo que a rádio estava fora do ar. A maioria parte do sinal mesmo ou às vezes uma babadinha ali no ar de colocar uma coisa errada ou colocar uma sonora errada ou colocar fora do tempo ou colocar uma trilha errada.

Pergunta 13: Os comerciais já estavam certinhos na grade quando você chegava?

Resposta 13: Da programação em rede ficava, daí na parte da programação local, às vezes eu tinha que adicionar um ou outro, mas a divisão daí era eu que fazia com o [nome] repórter ou com o [nome] diretor de jornalismo que daí a gente ia calculando assim, ah, vamos fazer quantos esse bloco? Vamos fazer um ou dois nessa meia hora? Daí faz tudo de uma vez.

Comentário 1: Vocês reorganizavam a grade na hora quando necessário.

Resposta: É na parte local sim.

Pergunta 14: Como acontecia a comunicação entre vocês no ar?

Resposta 14: A maioria sinal com a mão, nem lembro os sinais direito, mas a gente tinha o comercial, a gente fazia sinalzinho com a mão assim de dinheiro, daí Repórter CBN eles sabiam, né? Que eu fazia um minuto, dois minutos, [entrevistado faz sinal com a mão indicando os números correspondentes à fala], era mais sinal com a mão mesmo. E funcionava, a gente já “tava” bem entrosado.

Pergunta 15: Como que era a sua relação com os seus colegas?

Resposta 15: Ah, sempre bem harmoniosa, né? Nunca teve muita treta assim. A gente brincava bastante fora do ar, fazia piadinha, mas era divertido. Ria bastante, deu saudade, bateu uma nostalgia.

Pergunta 16: E a sua relação com o dono da rádio, como era?

Resposta 16: Era meio distante, o [nome] proprietário e o [nome] sócio, nunca apareciam muito na rádio, mas a relação com o [nome] sócio e com o [nome] sócio 2, era mais, era mais amigável do que com o [nome] dono.

Pergunta 17: Quando as entrevistas eram realizadas com por telefone ou *Meet*, era você quem fazia as ligações?

Resposta 17: Sim, eu fazia e passava para o [nome], repórter. Eu acho que o técnico 1 já falou bastante, né, daí tem o CBN Paraná de manhã que eles fazem por *Meet* também, as colunas de vinho têm na parte da manhã, daí de tarde agora por último, “tava” as colunas semanais, era um tema por dia, daí tinha coluna de psicologia e português, finanças, de economia, de recursos humanos, né? Que daí era sempre por *WhatsApp* ou pessoalmente, não fugia disso.

Pergunta 18: Você tinha contato com as Rádios CBNs do Paraná que fazem parte do Giro Regional? Porque o programa era só de manhã.

Resposta 19: Eu “tava” no grupo por eu ter feito alguns dias de manhã no lugar do [nome] técnico 1, mas eu não tinha mais muito contato com eles, era mais com o pessoal da rede mesmo. Às vezes estava meio parado o grupo. Daí, às vezes eu pedia alguma coisa lá no grupo, ninguém respondia, mas daí o pessoal que “tava” lá nos polos principais, eles ou, eles viam a mensagem e respondiam pela caixinha. Eu já mandava uma mensagem lá esperando uma resposta. Se não chegasse lá eu já “tava” com a caixinha no ouvido para eu ter retorno, que não era garantido eles responderem pelo *Whats*. Eles eram bem atenciosos assim, até com pessoas que que falavam tipo, ah eu “to” começando agora, aí o pessoal ajudava, eles auxiliavam bastante.

Pergunta 20: Você ficou sabendo do dia que deu problema no *Playlist* no período que eu estava fazendo a observação na Rádio?

Resposta 20: Ah já deu várias vezes problema, eu geralmente reiniciava, só fechava, reiniciava o *Playlist*, deixava ele tocando. Mas já deu problema de bloquear o computador e eu ficar sem acesso a nada, daí eu precisava voltar para rede, “tava” tocando comercial, por exemplo, eu precisar voltar para a rede, daí tinha sumido até a mesa do computador e daí eu fiquei totalmente perdido, a rádio ficou fora do ar, o [nome] dono ficou maluco. Aí eu liguei para todo mundo para tentar descobrir a senha do computador que eles não tinham deixado a senha lá disponível, tinha que descobrir, daí nesse dia foi *punk*. O [nome] sócio, no dia foi, ele levou lá, ele levou lá

o aviso prévio, ele já avisou que já tinha dado. Eu acho que uma semana depois que você estava lá.

Comentário 2: Na sexta-feira que eu estava na rádio parou de funcionar o programa com técnico 1. Então depois aconteceu de novo esse problema?

Resposta: Acho que não aconteceu comigo, era mais problema de *software* mesmo. Aí o [nome] sócio foi lá e ele me mandou embora. Não tive mais nenhuma atualização de como “tava” a minha situação pelo [nome] dono.

Pergunta 21: Na época me que você trabalha na rádio, o que você teria mudado para melhorar o seu trabalho?

Resposta 21: Eu acho que eu queria ter feito mais na parte da minha área agora que eu “tô” estudando. Só que eu sinto que eu não tive muita voz assim para algumas coisas, tipo, eu queria ter participado um pouco mais na arte do *Instagram* deles. Eu queria ter feito mais divulgação, tipo eu queria, eu queria ter feito tráfego pago para eles que é tipo um tráfego com anúncio do *Facebook*, do *Instagram*, do *Google*. Aparecer para ter uma visibilidade melhor na internet mesmo.

Comentário: E isso ia ajudar o jornalista que estava sobrecarregado.

Resposta: Isso. Ia ajudar o [nome] jornalista, ia me dar mais ensinamentos e ia ter possibilidade de trazer mais resultado para o comercial da rádio, também com mais visibilidade com a integração digital, né? De aparecer, por exemplo, posso procurar alguma coisa do Operário, vai aparecer alguma coisa lá no patrocinado da rádio. Eu falei para o [nome] diretor de jornalismo, ele, eu não sei se ele passou para alguém ou não passou, mas eu sei que eu nunca cheguei a concretizar esse plano que eu tinha para quando eu trabalhava na rádio.

Pergunta 22: E em relação aos equipamentos, você trabalhou com mesa de som física?

Resposta 22: Sim, quando a rádio era na rua XV, era uma mesa de bailão, os botões desgastados já. Nesse final, eu senti falta de uma mesa física, por causa que a mesa física não dá problema, eu já tive alguns problemas com essa mesa [refere-se à mesa digital]. Então acho que eu colocaria uma mesa física. Eu acho que seria interessante a transmissão por vídeo também, que já tinha feito essa ideia, só que nunca se concretizou. [Pensando]. Vou falar de forma bem geral

assim mesmo, as luzinhas do microfone que nunca chegou a ter, né, que era uma coisa que às vezes complicava, às vezes tinha saído do ar, mas eu não tinha fechado o microfone e saía uma, vazava alguém falando alguma coisa. O estúdio de gravação né, nessa última sede nossa que eles não fizeram, simplesmente não saiu tipo.

No antigo [sede] eles tinham um estúdio de gravação, quando acabava o programa que acabava às 4h, acabava às 5h na época, eles iam ali gravar e ali é dentro do estúdio. Isso muda isso porque às vezes eles querem fazer uma coisa, fazer uma gravação no momento que “tá” um programa local, já impossibilita. Daí eles tem que gravar no celular, já diminui a qualidade do áudio no dia a dia assim, a gente vai sentir falta em algum momento, não é sempre mas é uma coisa que o [nome] repórter sempre reclamava, ele tinha um estúdio dele ali [sede antiga] para gravar separado, ali [sede nova] já não tinha, ele tinha que gravar junto com a gente, por exemplo, ele ia gravar a agenda cultural, que é uma gravação toda semana e é meio extensa assim porque ele tem que gravar e ele tem que editar. Ele que fazia as edições também, daí complicava para ele gravar porque eu “tava” ouvindo o Ponto Final e tinha que ouvir aquilo. Então as coisas que faltavam, era o estúdio de gravação mesmo, a lojinha do microfone, as câmeras que eu sempre quis e a mesa.

Pergunta 23: E a sua relação com o comentarista esportivo?

Resposta 23: Nossa, era uma relação de pai e filho. Ele que chamou meu primo e daí ele trabalhou com meu primo na Clube e daí quando acabou aquela semana que eu fiquei substituindo técnico 1, [engasgo de emoção] “tá” nostálgico por causa que realmente trabalhar com áudio é uma coisa que me cativa assim, só que eu acho que “tava” se tornando monótono, mas ao mesmo tempo eu sempre gostei muito, porque tipo a monotonia da rádio daquela rotina, assim você saber tudo que vai ter, mas sempre você está ouvindo coisa diferente, né? Não é que nem rádio de música que você ouve a mesma música.

Comentário: Você estava falando sobre o comentarista esportivo.

Resposta: Ah sim, daí o [nome] comentarista esportivo chamou meu primo, daí no final daquele mês o [nome] proprietário falou, a gente vai precisar de mais alguém para a mesa, e daí o [nome] comentarista esportivo que incentivou o [nome] dono, mesmo ele não indo muito com a minha cara, foi convencido pelo [nome] comentarista esportivo. Talvez tenha sido alguma coisa que eu fiz que deu uma má impressão, sei lá.